UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ARTUR RAFAEL AGOSTINHO THEODORO

Elaboração do passado e indústria cultural:
possibilidades de esclarecimento a respeito
dos bombardeios às cidades de Hiroshima e Nagasaki.

São Paulo
2015

ARTUR RAFAEL AGOSTINHO THEODORO

Elaboração do passado e indústria cultural:
possibilidades de esclarecimento a respeito
dos bombardeios às cidades de Hiroshima e Nagasaki.

(Versão corrigida)

Dissertação apresentada ao
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de
Mestre em Psicologia

Área de Concentração:
Psicologia do desenvolvimento humano

Orientador: Prof. Dr.
Pedro Fernando da Silva

São Paulo
2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Theodoro, Artur Rafael Agostinho.

Elaboração do passado e indústria cultural: possibilidades de esclarecimento a respeito dos bombardeios às cidades de Hiroshima e Nagasaki / Artur Rafael Agostinho Theodoro; orientador Pedro Fernando da Silva. -- São Paulo, 2015.

207 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Hiroshima 2. Nagasaki 3. Bomba atômica 4. Teoria crítica 5. Elaboração do passado 6. Indústria cultural I. Título.

B809.3

Nome: Theodoro, Artur Rafael Agostinho.

Título: Elaboração do passado e indústria cultural: possibilidades de esclarecimento a respeito dos bombardeios às cidades de Hiroshima e Nagasaki.

Dissertação apresentada
ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo
para obtenção do título de
Mestre em Psicologia

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Julgamento: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Julgamento: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Julgamento: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

À Cristiane, minha esposa, e à Ingrid, minha filha, pertence este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pelos anos de formação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, por acolher esta pesquisa.

À Biblioteca Dante Moreira Leite, cujo acervo é essencial para a formação dos alunos e para as pesquisas desenvolvidas no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, e também pelo apoio na realização do evento “Hiroshima e Nagasaki em São Paulo: testemunho, inscrição e memória das catástrofes”, abrigando em suas dependências a exposição que integra o presente estudo.

À Cristiane Izumi Nakagawa, companheira de todas as horas, por contribuir para que me aproximasse de meu objeto de estudo, compartilhando impressões e descobertas.

À Ingrid Mai Theodoro, por sua alegria, por seu afeto, pelo aprendizado cotidiano e pela renovação da vida que sua existência representa.

Ao Décio Issamu Nakagawa, com quem pude partilhar momentos que estão gravados em minha memória e que de alguma forma fazem face a sua dolorosa ausência.

Ao Prof. Dr. Pedro Fernando da Silva, pelo trabalho desenvolvido em disciplinas ministradas durante meu curso de graduação, contribuindo para minhas escolhas no campo da pesquisa, pelas indicações de leitura, pelas observações no desenvolvimento deste trabalho, por propiciar minha participação em estágio vinculado à atividade docente, por participar de evento sobre o tema desta pesquisa em setembro de 2012, contribuições que considero de grande relevância para minha formação como pesquisador.

Ao Professor Paulo Cesar Endo, pelo incentivo nos passos iniciais nos estudos relacionados a Hiroshima.

À Professora Maria Helena Souza Patto, pelo compromisso com a docência e pelas obras que produziu.

À Professora Iray Carone, ao Professor Gil Gonçalves e ao Professor Luis Guilherme Galeão, pela zelosa atenção que dedicaram a esta pesquisa.

Ao Professor José Leon Crochík, pelo trabalho que desenvolve como docente, por meio do qual fui apresentado a autores e pesquisas vinculadas à Teoria Crítica.

À Kyoko Nakagawa, pelo incentivo na viagem a Hiroshima para o estudo do Memorial da Paz e também pelas traduções que realizou, essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

À minha família, pelo apoio.

Aos amigos Raphael Almeida, Priscila de Araújo, Luiz Eduardo Moreira, Davi Mamblona, Vanessa Passarelli, Helena Rizzi, João Gonçalves, Renato Malkov, Luiz Moreno Guimarães Reino, pelas conversas sobre esta pesquisa e também sobre seus trabalhos, contribuindo para o desenvolvimento deste estudo.

À Joseli Rodrigues, por cuidar com carinho de minha família.

À equipe do Memorial da Paz de Hiroshima, pelo inestimável trabalho de preservação da memória da catástrofe atômica e pelas ações voltadas à abolição das armas nucleares no mundo.

Ao Ken Harada, voluntário da Paz do Memorial da Paz de Hiroshima, pela notável dedicação ao Museu Memorial da Paz de Hiroshima, pelas explicações durante nossa permanência em Hiroshima e pelas informações que nos fornece até os dias de hoje.

À Professora Sutou, que nos recebeu em Hiroshima em duas oportunidades, propiciou encontros com sobreviventes, nos permitiu conhecer muitas pessoas ligadas à pesquisa sobre a bomba atômica, nos acompanhou em eventos ligados ao tema, nos apresentou a cidade.

Aos sobreviventes do bombardeio atômico, pela dedicação em evitar que outros sofram o que eles sofreram.

À Associação *Hibakusha* pela Paz do Brasil, por propiciar o contato com sobreviventes residentes em São Paulo e por contribuir com a participação de alguns deles no evento “Hiroshima e Nagasaki em São Paulo: testemunho, inscrição e memória das catástrofes”.

RESUMO

THEODORO, A. T. **Elaboração do passado e indústria cultural: possibilidades de esclarecimento a respeito dos bombardeios às cidades de Hiroshima e Nagasaki.** 2015. 207 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o potencial de esclarecimento de dois conjuntos de materiais. O primeiro consiste em uma exposição a respeito do ataque nuclear às cidades de Hiroshima e Nagasaki. Essa exposição é composta por 30 painéis contendo desenhos, fotografias, textos e gráficos. O segundo conjunto de materiais consiste em matérias jornalísticas recentemente publicadas pela mídia impressa a respeito da bomba atômica. Tais matérias, por sua vez, utilizam-se de textos, fotografias e gráficos. A partir de contribuição de autores vinculados à Teoria Crítica da Sociedade, em especial Theodor W. Adorno, Max Horkheimer e Herbert Marcuse, os materiais são analisados levando-se em conta as noções de elaboração do passado, racionalidade técnica e indústria cultural. Embora recorram à utilização de elementos semelhantes, procura-se demonstrar que os dois conjuntos de materiais acabam por diferir entre si quanto aos seus limites ou, em outras palavras, quanto ao seu potencial de esclarecimento. Isto porque a influência que recebem da indústria cultural, materializada pela presença de elementos característicos desta última no material analisado, nos parece diversa, preponderando em relação às produções da mídia impressa.

Palavras-chave: Hiroshima. Nagasaki. Bomba atômica. Teoria crítica. Elaboração do passado. Indústria cultural.

ABSTRACT

THEODORO, A. T. **Working through the past and cultural industry: enlightenment possibilities about the atomic bombing of Hiroshima and Nagasaki.** 2015. 207 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

This research has the purpose of analyzing the potential of enlightenment in two groups of materials. The first one consists in an exposition about the nuclear attack to the cities of Hiroshima and Nagasaki, composed by thirty panels with drawings, photographs, texts and graphics. The second group of materials consists in newspaper's news recently published by the printed media referring to the atomic bomb. These news, in its turn, uses texts, photographs and graphics. From the contribution of the authors from Frankfurt School, in special Theodor W. Adorno, Max Horkheimer and Herbert Marcuse, the materials are analyzed taking into account the notions of working through the past, technical rationality and cultural industry. Although they resort to the utilization of similar elements, we try to demonstrate that the two groups of materials turn out to differ among themselves as to their limits or, in other words, as to their potential of enlightenment. This is explained by the diverse influence that they receive from the cultural industry, materialized by the presence of characteristic elements of the later in the analyzed material, which seems to us more prevalent in relation to the printed media productions.

Keywords: Hiroshima. Nagasaki. Atomic bomb. Critical theory. Working through the past. Cultural industry.

SUMÁRIO

1. Introdução	p. 19
2. Delineamento de pesquisa	p. 21
2.1. Pergunta	p. 21
2.2. Objetivos	p. 21
2.3. Método	p. 21
2.3.1. Revisão bibliográfica	p. 22
2.3.2. Estudo do material empírico	p. 22
2.3.2.1. Estudo da exposição itinerante	p. 22
2.3.2.2. Estudo de notícias sobre a bomba atômica	p. 23
3. Desenvolvimento	p. 25
3.1. O debate entre Einstein e Freud sobre a guerra	p. 25
3.2. A Segunda Guerra Mundial	p. 28
3.2.1. O lançamento das bombas atômicas	p. 30
3.3. A criação do Parque Memorial da Paz de Hiroshima	p. 34
3.4. Memória	p. 35
3.4.1. Barbárie	p. 38
3.4.2. Racionalidade tecnológica	p. 40
3.4.3. Esclarecimento	p. 47
3.4.4. Indústria cultural: os limites do esclarecimento no âmbito da cultura de massas	p. 49
4. Análise da Exposição Itinerante	p. 61
5. Análise das notícias	p. 92
5.1. Desenvolvimento das armas atômicas	p. 97
5.1.1. Desenvolvimento da bomba atômica pela Alemanha nazista	p. 98
5.1.2. Envolvimento dos cientistas no desenvolvimento das bombas atômicas	p. 99
5.2. Bombardeio de Hiroshima e Nagasaki	p. 102
5.2.1. Vítimas dos bombardeios de Hiroshima e Nagasaki	p. 103
5.2.2. Memória dos bombardeios de Hiroshima e Nagasaki	p. 103
5.3. Armas nucleares nos dias atuais	p. 110
5.3.1. Testes nucleares	p. 111
5.3.2. Guerra Fria	p. 118
5.3.3. Programas nucleares	p. 123
5.3.4. Relações diplomáticas	p. 150
6. Considerações finais	p. 155

7. Referências	p. 157
APÊNDICE A	p. 160
ANEXO A	p. 191

1. Introdução

Ao longo de sua história, a humanidade produziu instrumentos que, em maior ou menor grau, ameaçam a sua própria existência. Poderíamos a princípio estabelecer o rol desses instrumentos, e muito provavelmente teríamos uma relação de armamentos tais como fuzis, bombas dos mais variados tipos, embarcações, aeronaves, dentre outros. Entretanto, talvez se fizesse necessário incluir neste rol de instrumentos não apenas os aparatos utilizados nas frentes de batalha, mas os próprios sistemas político-econômicos que levam a cabo tais batalhas.

Nesse sentido, ao se debruçar sobre materiais empíricos que tratam sobre bombas atômicas, esta pesquisa pretende realizar uma análise que, além de descrever situações em que esses artefatos foram utilizados, permita refletir sobre formas de se contrapor aos mesmos. Para tanto, colocam-se algumas questões. Em primeiro lugar, a importância de se discutir sobre a formação do indivíduo no que diz respeito à destrutividade e ao risco de aniquilação. Situar essa reflexão apenas no plano da subjetividade poderia nos levar ao engano, o que não significa admitir que não há destrutividade nos indivíduos. Em segundo lugar, a importância de se aprender com a história e de se formar para a autonomia e para a paz.

A formação é aqui entendida como “a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva” (ADORNO, 1996, p. 389). A cultura possui um caráter contraditório. Quando a formação se congela em categorias fixas, sejam elas do espírito ou da natureza, de transcendência ou acomodação, cada uma delas se coloca em contradição com o seu sentido, fortalecendo a ideologia e promovendo uma formação regressiva. Este segundo aspecto, de conformação da cultura à vida real, historicamente destacou o momento da adaptação, impedindo que os homens se educassem uns aos outros. A sociedade inteiramente adaptada é história natural darwinista, que premia a sobrevivência do mais adaptado (ADORNO, 1996, p. 390).

A subjetividade, segundo a teoria burguesa, era constituída pela experiência e pelo conceito. Em condições pouco propícias à formação, a experiência – entendida como “a continuidade da consciência em que perdura o ainda não existente e em que o exercício e a associação fundamentam uma tradição no indivíduo” (ADORNO, 1996, p. 405) – é substituída por informações pontuais, desconectadas, intercambiáveis e efêmeras, e que logo serão borradas por outras informações. Caberia à memória a mediação que realiza na consciência a síntese da experiência que caracterizou a formação cultural em outros tempos. O conceito, por sua vez, fica substituído pela aplicação de clichês, de categorias estabelecidas de antemão e subtraídas da correção dialética (ADORNO, 1996, p. 406). Nesse sentido, no âmbito da cultura de massas, nada resta ao consumidor que não tenha sido previamente classificado pelo esquematismo da produção.

Com vistas a nos contrapormos a esse estado de coisas, é necessário considerar que “não é possível mudar isoladamente o que é produzido e reproduzido por situações objetivas dadas que mantêm impotente a esfera da consciência” (ADORNO, 1996, p. 408). De todo o modo, há que se postular a importância da auto-reflexão crítica, a qual não pode abrir mão do sujeito. A

memória enquanto mediação que realiza na consciência a síntese da experiência também remete à subjetividade, assim como as noções de experiência e conceito tal como apresentadas acima.

Há que se considerar ainda a importância da reflexão histórica, evitando que recaia na mera referência de datas e fatos, pois dessa maneira se assemelharia às classificações arbitrárias às quais nos referimos. Por outro lado, a reflexão histórica pode abarcar a memória, a experiência e o conceito com vistas à formação para a autonomia e para a paz. Nesse contexto, a paz é entendida como “um estado de diferenciação sem dominação, no qual o diferente é compartilhado” (ADORNO, 1995, p. 184).

Esta pesquisa adota como referência a teoria crítica da sociedade, tradição do pensamento que se contrapõe à dominação e aos meios para mantê-la. Segundo Horkheimer (2003), essa teoria, assim como a teoria tradicional, também parte de determinações abstratas na medida em que caracteriza a época atual como uma economia baseada na troca. Conceitos encontrados em Marx tais como mercadoria, valor e dinheiro podem ser considerados como conceitos genéricos quando as relações da vida social concreta são julgadas como relações de troca e se fala do caráter de mercadoria dos bens. Entretanto, a teoria não se limita a relacionar os conceitos hipotéticos com a realidade. A concepção do intercâmbio entre a sociedade e a natureza, a ideia de uma época unitária da sociedade e de sua autoconservação, dentre outras, surge da análise do transcorrer histórico, análise que está orientada pelo interesse no futuro. A relação dos primeiros nexos conceituais com o mundo dos fatos não é a que estabelece a mediação entre o geral e o particular. A teoria crítica também tem que introduzir elementos específicos para alcançar a realidade diferenciada, mas essas determinações não ocorrem por simples dedução, como naquela teoria encapsulada em si mesma como especialidade.

A teoria crítica da sociedade é, em sua totalidade, um juízo de existência desenvolvido. Em termos gerais, esse juízo afirma que a forma básica da economia historicamente dada, sobre a qual repousa a história moderna, guarda em si mesma os antagonismos da época, renova-os continuamente de maneira mais aguda e, após um período de desenvolvimento das forças humanas, de emancipação do indivíduo, após uma fabulosa expansão do poder do homem sobre a natureza, termina por impedir a continuidade desse desenvolvimento e conduz a humanidade a uma nova barbárie (HORKHEIMER, 2003).

2. Delineamento da pesquisa

2.1. Pergunta

Esta pesquisa orienta-se pelas seguintes perguntas: na exposição itinerante a respeito das bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki¹ e na amostra de notícias sobre a bomba atômica existem características que se relacionam com a indústria cultural? Se tais características podem ser identificadas, em que medida favorecem ou se opõe ao esclarecimento?

2.2. Objetivos

O emprego da bomba atômica contra as cidades de Hiroshima e Nagasaki não marcou o fim do desenvolvimento desse tipo de arma. Ainda hoje, são desenvolvidas pesquisas e testes com bombas atômicas e relatos a esse respeito continuam chegando até nós por diversos meios, como por exemplo através da mídia impressa. Sendo assim, estabelecemos como objetivo de pesquisa analisar o potencial de esclarecimento da exposição itinerante e de um rol de matérias recentes a respeito da bomba atômica veiculadas através da mídia impressa. Em outras palavras, pretende-se investigar os limites do material empírico quanto ao seu potencial para produção de esclarecimento, procurando na medida do possível caracterizar tais limites.

2.3. Método

O desenvolvimento da pesquisa envolveu as seguintes tarefas: a) uma revisão bibliográfica a respeito dos conceitos de esclarecimento, indústria cultural e memória; b) o estudo da exposição itinerante sobre as bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki; c) o estudo de uma amostra de notícias sobre a bomba atômica publicadas pela mídia impressa nos últimos dez anos.

2.3.1. Revisão bibliográfica

A revisão bibliográfica contemplou principalmente trabalhos de autores ligados à teoria crítica da sociedade, em especial de Theodor W. Adorno, Max Horkheimer e Herbert Marcuse. Além dos trabalhos citados no item 6 abaixo, recorreremos aos textos “O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”, “Pequena história da fotografia” e “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica”, de Walter Benjamin, “Posição do narrador no romance contemporâneo”, de Theodor W. Adorno, “Ascensão e declínio do indivíduo”, de Max Horkheimer, e “Temas básicos da sociologia”, de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer.

1 Descrevemos esse material nos itens 3.3 e 4 abaixo.

2.3.2. Estudo do material empírico

Dedicando-se ao estudo da televisão, Adorno (1954) propõe como método de análise a elaboração de um quadro de referência (*frame of reference*) sócio-psicológico. Para tanto, desenvolve, de forma sistemática, categorias que permitam determinar a unidade estrutural das mesmas e interpretar seus dispositivos específicos, símbolos e estereótipos em relação a esse quadro de referência.

Também nos estudos que desenvolveu a respeito do rádio, em especial aqueles que deram origem ao trabalho “On popular music”, Adorno elaborou um método de análise que se concentrou sobretudo na identificação das propriedades imanentes do aparato técnico, propondo, a partir dessas propriedades, categorias de análise do material empírico. (CARONE, 2011, 2013).

Esse método pode ser útil ao presente estudo na medida em que oferece diretrizes para a definição de características do material empírico que orientem sua análise. Desse modo, a investigação envolverá a busca nos materiais de pesquisa de características que possam indicar a influência da indústria cultural. A identificação dessas características será realizada por meio da definição das propriedades essenciais do material empírico. Para tanto, serão analisadas a forma como estão estruturados os materiais bem como seu conteúdo.

Notamos inicialmente que a exposição itinerante utiliza desenhos, fotografias, textos e gráficos. Já as notícias empregam fotografias, textos e gráficos, o que permitiria estabelecer uma comparação entre essas duas fontes. A investigação se concentra, portanto, na análise dos estímulos. De todo o modo, não se trata apenas de estabelecer uma comparação entre esses materiais, mas de investigar como são retratadas as situações em que houve a utilização de bombas atômicas ou foram relatadas ocorrências envolvendo esse tipo de armamento.

2.3.2.1. Estudo da exposição itinerante

Amostra

- exposição itinerante sobre as bombas atômicas lançadas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki.

Materiais

- conjunto de trinta painéis medindo 90 cm x 62 cm. Os textos neles contidos estão em inglês. Temos em mãos um exemplar dessa exposição. Esse material está descrito nos itens 3.3 e 4 abaixo².

² As imagens desses painéis integram o apêndice A.

Procedimentos

- A análise dos painéis foi realizada a partir dos seguintes aspectos:

a) Análise da forma

Através desta análise procuramos identificar:

- os elementos que compõem os painéis, a exemplo de fotografias, gráficos, textos, desenhos, entre outros;
- o modo como esses elementos estão organizados nos painéis;
- o destaque conferido aos elementos nos painéis.

b) Análise do conteúdo

Compreende a definição dos temas tratados pelo material de pesquisa em questão tendo em vista os eixos indicados a seguir.

Desenvolvimento das armas atômicas	Segunda Guerra Mundial
	Desenvolvimento da bomba atômica pela Alemanha nazista
	Projeto Manhattan
	Envolvimento de cientistas
Bombardeios de Hiroshima e Nagasaki	Ataque
	Consequências
	Vítimas
	Reconstrução das cidades
	Memória
Armas nucleares nos dias atuais	Testes nucleares
	Guerra Fria
	Programas nucleares
	Relações diplomáticas
	Tratados internacionais

2.3.2.2. Estudo de notícias sobre a bomba atômica

Amostra

- Conjunto de 198 notícias publicadas pelo jornal Folha de São Paulo, selecionadas a partir da palavra chave “bomba atômica”, no período compreendido entre 01/07/2003 a 01/07/2013. Trata-se de uma amostra do conjunto total de cerca de 1100 notícias publicadas pelo jornal Folha de São Paulo a respeito do tema “bomba atômica” durante o referido período.

Materiais

- Páginas do jornal Folha de São Paulo disponíveis para consulta aos assinantes do periódico através da internet.

Procedimentos

- A análise das notícias foi realizada a partir dos seguintes aspectos:

a) Análise da forma

Através desta análise procuramos identificar:

- os elementos que compõem as notícias, a exemplo de textos, fotografias, gráficos, entre outros;
- o modo como esses elementos estão organizados;
- o destaque conferido aos elementos nas notícias.

b) Análise do conteúdo

Em termos de conteúdo, também consideramos o tema abordado pelas notícias. A definição desses temas seguiu os mesmos critérios adotados para análise dos painéis.

Desenvolvimento das armas atômicas	Segunda Guerra Mundial
	Desenvolvimento da bomba atômica pela Alemanha nazista
	Projeto Manhattan
	Envolvimento de cientistas
Bombardeios de Hiroshima e Nagasaki	Ataque
	Consequências
	Vítimas
	Reconstrução das cidades
	Memória
Armas nucleares nos dias atuais	Testes nucleares
	Guerra Fria
	Programas nucleares
	Relações diplomáticas
	Tratados internacionais

Dentro da amostra de notícias, os textos foram ainda divididos em quatro grupos: a) artigos, escritos por colunistas do jornal ou por autores que não integram os quadros do veículo, com caráter interpretativo e opinativo; b) reportagens; c) entrevistas; d) editoriais, compostos por textos não assinados, de caráter opinativo, que expressam o ponto de vista do jornal.

3. Desenvolvimento

3.1. O debate entre Einstein e Freud sobre a guerra

No início da década de 1930, a Liga das Nações e o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual patrocinaram uma série de cartas abertas em que intelectuais partilhavam seus pontos de vista sobre grandes questões, sendo a mais crucial delas a ameaça da guerra. Albert Einstein foi um dos intelectuais contatados e, escolhendo Sigmund Freud como seu interlocutor, enviou-lhe uma carta em 30 de julho de 1932³. Nela, propôs a seguinte questão: “há alguma forma de afastar a humanidade da ameaça da guerra?”⁴. Einstein considerava que, com o avanço da ciência moderna, a questão se tornara um problema de vida ou morte para a civilização. Tendo como objetivo esclarecer a questão em debate, afastando as soluções mais óbvias, Einstein visava permitir a Freud “lançar a luz do seu abrangente conhecimento a respeito da vida instintual do homem sobre o problema.”⁵ Afirmando a existência de certos obstáculos psicológicos, o físico alemão – que tinha em mente a existência do instinto de morte, como veremos adiante – estava convicto de que Freud poderia sugerir métodos educativos capazes de eliminar os referidos obstáculos.

Einstein sugere uma forma simples de lidar com o aspecto superficial ou administrativo do problema: a criação, por consenso internacional, de um corpo legislativo e judicial para resolver os conflitos entre nações. Mas a falta de êxito dos esforços realizados nesse sentido ao longo da década precedente não deixava dúvidas quanto à existência de fatores psicológicos que se contrapunham a tais esforços. O físico alemão aponta para três desses fatores. O primeiro se refere ao desejo de poder da classe dominante em toda nação hostil à limitação da soberania nacional. Esse desejo de poder político em geral recebe o apoio de outro grupo cujas aspirações são meramente econômicas, notadamente a indústria de armamentos. O segundo fator se refere à possibilidade desse pequeno grupo submeter a vontade da maioria que só tem a perder nessas circunstâncias. Einstein afirma que uma resposta óbvia a essa questão parece ser o fato de a minoria, a classe dominante, ter sob seu domínio as escolas, a imprensa e geralmente também a igreja, o que lhe permite organizar e influenciar as emoções das massas. O terceiro fator envolve o sucesso desses dispositivos no sentido de despertar um entusiasmo selvagem, levando os homens até mesmo a sacrificar a própria vida. Einstein considera que

“[o] homem tem dentro de si um desejo por ódio e destruição. Em tempos normais essa paixão existe em estado latente, emerge apenas em circunstâncias incomuns; mas é uma tarefa relativamente fácil colocá-la em cena e alçá-la ao

3 Sob o título “Por que a guerra?”, as correspondências trocadas por Albert Einstein e Sigmund Freud nessa ocasião foram publicadas pela primeira vez em 1933.

4 No original: Is there any way of delivering mankind from the menace of war?

5 No original: to bring the light of your far-reaching knowledge of man’s instinctive life to bear upon the problem.

poder de uma psicose coletiva. Aqui reside, talvez, o ponto crucial de todos os complexos fatores que estamos considerando, um enigma que só o perito no conhecimento dos instintos humanos pode resolver.”⁶

Em sua resposta a Einstein, enviada no mês de setembro de 1932, Freud (1933/2010) procura indicar como se apresenta o problema da prevenção da guerra segundo uma abordagem psicológica. Para tanto, propõe remontar aos primórdios para averiguar como o direito se desenvolveu a partir da violência.

Segundo Freud (1933/2010), a princípio, os conflitos entre os homens se resolviam pelo emprego da violência. No início, através da força muscular. Com a introdução das armas, a superioridade intelectual passa a tomar o lugar da força física. Entretanto, esse regime teria sido alterado. O autor procura então demonstrar o caminho da violência para o direito, qual seja o fato de que a maior força de um poderia ser compensada pela união de vários fracos. Nesse sentido, “o direito é o poder de uma comunidade. É ainda violência, pronta a se voltar contra todo indivíduo que a ela se oponha; trabalha com idênticos meios, persegue os mesmos fins. A diferença está apenas em que não é mais a violência de um só indivíduo que se impõe, mas da comunidade.” (FREUD, 1933/2010, p. 421).

Mas Freud (1933/2010) sustenta que, para se realizar a transição da violência para o direito, uma condição psicológica deve ser satisfeita. A união de muitos tem que ser duradoura. Em outras palavras, a manutenção da comunidade deve ser permanente, precisa se organizar, criar leis que previnam rebeliões e órgãos que velem pela obediência dessas leis, cuidando dos atos de violência considerados legítimos. “O reconhecimento de uma comunidade de interesses produz vínculos afetivos entre os membros de um grupo unido de pessoas, sentimentos comunitários que são a base de sua autêntica força.” (FREUD, 1933/2010, p. 421).

Mesmo ponderando que, também no interior de uma comunidade, a solução de conflitos por meio da violência não foi evitada, Freud (1933/2010) afirma que as necessidades e as coisas em comum, surgidas a partir da convivência no mesmo solo, favorecem a rápida solução desses conflitos, aumentando a probabilidade de soluções pacíficas nessas condições. Entretanto, a história da humanidade mostra uma série infindável de conflitos entre comunidades. Nesse contexto, a prevenção da guerra só é possível “se os homens se unirem na instituição de um poder central, ao qual seja transferida a decisão em todos os conflitos de interesses.” (FREUD, 1933/2010, p. 424). Para o autor, isso envolve duas exigências: a criação da referida instância e que lhe seja conferido o poder necessário. A Liga das Nações, pensada como uma instância desse tipo, não teria preenchido a segunda exigência. Ela só teria poderio próprio se os Estados individuais o cedessem, algo que à época Freud julgava pouco provável. Ainda segundo o autor, o significado da instituição da Liga das Nações não poderia ser compreendido se não

6 No original: man has within him a lust for hatred and destruction. In normal times this passion exists in a latent state, it emerges only in unusual circumstances; but it is a comparatively easy task to call it into play and raise it to the power of a collective psychosis. Here lies, perhaps, the crux of all the complex factors we are considering, an enigma that only the expert in the lore of human instincts can resolve.

se levasse em conta tratar-se de uma iniciativa ousada, talvez nunca empreendida nessa escala até então. Buscava-se conquistar, por meio da invocação de certas atitudes ideais, a autoridade que ordinariamente se baseia na posse da força. Freud retoma os dois elementos que, alternativamente ou em conjunto, mantêm uma comunidade: a coação da violência e as ligações afetivas (identificações) entre os seus membros. Afirma que aquelas ideias (certas atitudes ideais) apenas teriam significado se expressassem importantes coisas em comum entre os membros. Freud questiona, então, que força aquelas ideias poderiam ter. O autor considera não existir, em nosso tempo, uma ideia a que se possa atribuir uma autoridade unificadora, e que os ideais nacionais então em vigor entre os povos tinham o efeito contrário. “Assim, parece mesmo que a tentativa de substituir o poder real pelo poder das ideias ainda se acha condenado ao fracasso” (Freud, 1933/2010, p. 426).

Referindo-se à suposição de Einstein de haver nos homens um instinto de ódio e destruição que favorece a mobilização dos homens para a guerra, Freud (1933/2010) afirma sua crença na existência de tal instinto. Nesse sentido, apresenta sua teoria a esse respeito, remetendo à distinção entre os instintos eróticos e os instintos de agressão ou destruição. No que se refere à reflexão sobre a prevenção da guerra, este último assume papel importante:

Especulando livremente, chegamos à concepção de que esse instinto age no interior de cada ser vivo e se empenha em levá-lo à desintegração, em fazer a vida retroceder ao estado de matéria inanimada. Ele merece, com toda a seriedade, o nome de instinto de destruição, enquanto os instintos eróticos representam os esforços de vida. O instinto de morte se torna instinto de destruição ao ser dirigido, com a ajuda de órgãos especiais, para fora, para os objetos. O ser vivo como que conserva sua própria vida ao destruir a vida alheia. Mas uma parte do instinto de morte permanece ativa dentro do ser vivo, e nós procuramos derivar toda uma série de fenômenos normais e patológicos dessa internalização do instinto de destruição. Cometemos até a heresia de explicar a gênese de nossa consciência moral mediante esse voltar-se para dentro da agressividade. O senhor deve notar que de modo nenhum é insignificante que este processo ocorra em medida muito grande, é positivamente malsão; enquanto o direcionamento dessas forças instintuais para a destruição do mundo externo desafoga o ser vivo, deve ter efeito benéfico. Isto serviria como desculpa biológica para todos os impulsos feios e perigosos que combatemos. É preciso conceder que estão mais próximos da natureza do que nossa resistência a eles, para a qual também precisamos achar uma explicação. [...] O que retiramos para nossos fins imediatos, das afirmações precedentes, é que não há perspectiva de poder abolir as tendências agressivas do ser humano. (FREUD, 1933/2010, pp. 428-429)

Para Freud, não se trata de buscar eliminar as tendências humanas agressivas, mas tentar desviá-las a ponto de não terem que se manifestar na guerra.

A partir da teoria dos instintos, Freud propõe uma fórmula para os meios indiretos de combater a guerra. Nesse sentido, afirma: “Se a disposição para a guerra é uma decorrência do instinto de destruição, então será natural recorrer, contra ela, ao antagonista desse instinto, a Eros.” (FREUD, 1933/2010, p. 430). Freud parte do argumento de que tudo o que produz laços emocionais entre as pessoas tem efeito contrário à guerra. Para o autor, esses laços podem ser de dois tipos: em primeiro lugar, as relações com um objeto amoroso, embora sem objetivos sexuais; em segundo lugar, a ligação emocional que se dá pela identificação, produzidas a partir de tudo o que estabelece importantes coisas em comum entre as pessoas. Para Freud, nessas identificações se baseia, em grande medida, o edifício da sociedade humana.

Por fim, destacamos a última questão abordada por Freud a respeito da prevenção da guerra, e que não havia sido levantada por Einstein em sua carta. Trata-se do processo de evolução da cultura ou da civilização. Freud sustenta que mudanças psíquicas acompanham esse processo. Nesse sentido:

Duas parecem ser as mais importantes características psicológicas da cultura: o fortalecimento do intelecto, que começa a dominar a vida instintual, e a internalização da tendência à agressividade, com todas as suas consequências vantajosas e perigosas. Ora, a guerra contraria de forma gritante as atitudes psíquicas que o processo cultural nos impõe, e por isso temos de nos revoltar contra ela, simplesmente não mais a suportarmos, não se trata apenas de uma rejeição intelectual e afetiva; para nós, pacifistas, é uma intolerância constitucional, como que uma idiosincrasia ampliada ao extremo. Parece, inclusive, que as degradações estéticas inerentes à guerra não contribuem muito menos para nossa revolta do que suas crueldades.

E quanto tempo teremos de esperar até que os outros também se tornem pacifistas? Não há como dizer, mas pode não ser uma esperança utópica que a influência desses dois fatores, da atitude cultural e do justificado medo das consequências de uma guerra futura, venha a terminar com as guerras num tempo não muito distante. Por quais meios ou rodeios não chegamos a perceber. Enquanto isso, uma coisa podemos dizer: tudo o que promove a evolução cultural também trabalha contra a guerra. (FREUD, 1933/2010, pp. 434-435)

Parece haver neste ponto a concordância com a proposta de Adorno no que diz respeito a um programa de esclarecimento contra a barbárie, ao qual faremos referência em tópicos posteriores.

3.2. A Segunda Guerra Mundial

Em 02 de agosto de 1939, Einstein enviou uma carta a Franklin D. Roosevelt, à época presidente dos Estados Unidos, na qual fazia referência ao trabalho dos físicos Enrico Fermi e

Leo Szilard no sentido de tornar o urânio uma nova fonte de energia. Apontava a possibilidade de se criar, em um futuro próximo, reações nucleares em cadeia a partir de uma grande massa de urânio, gerando grandes quantidades de energia e grandes quantidades de novos elementos radioativos.

Este novo fenômeno levaria também à construção de bombas, e é concebível – embora muito menos certo, que bombas extremamente poderosas de um novo tipo possam assim ser construídas. Uma única bomba desse tipo, levada por barco ou explodida em um porto, poderia muito bem destruir todo o porto e parte das redondezas. (EINSTEIN, 1932, tradução nossa).

Nessa carta, Einstein também fazia considerações sobre as reservas de urânio americanas e sobre a localização de outras fontes desse minério. Além disso, sugeria que o governo americano mantivesse contato permanente com o grupo de físicos que trabalhava com as reações em cadeia nos Estados Unidos, designando-se uma pessoa da confiança do presidente para: a) manter a administração informada sobre desenvolvimentos futuros e apresentar recomendações para ações do governo, conferindo atenção particular para garantir o suprimento de urânio aos Estados Unidos; b) acelerar o trabalho experimental até então restrito ao orçamento das Universidades, financiando tais pesquisas através da contribuição de pessoas interessadas na causa ou através da cooperação de laboratórios industriais que possuíssem os equipamentos necessários. Einstein afirmava ainda que a Alemanha havia suspendido as vendas de urânio das minas da então Tchecoslováquia cujo controle havia assumido. Interpretava esse fato referindo-se à ligação de setores do governo alemão com o Instituto Kaiser Wilhelm, onde algumas das pesquisas americanas sobre o urânio estavam sendo replicadas.

A discussão mantida por Einstein e Freud no sentido de afastar a humanidade da ameaça da guerra talvez pudesse ser contraposta ao teor da carta enviada pelo próprio físico alemão ao presidente dos Estados Unidos Franklin D. Roosevelt. Embora esta última iniciativa possa ser objeto de crítica, em especial após os acontecimentos que se seguiram, as informações que circulavam à época sobre a possibilidade de a Alemanha estar desenvolvendo pesquisas que pudessem levar à fabricação da bomba atômica, fossem elas verdadeiras ou não, tiveram um papel importante para que os Estados Unidos implementassem um programa de desenvolvimento da bomba atômica. Nesse contexto, o desenvolvimento de uma bomba atômica pela Alemanha nazista foi objeto de notícias na imprensa, como veremos mais à frente.

Pouco menos de um mês depois do envio da referida carta, teve início a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Hobsbawm (1995) considera que suas origens remontam à instabilidade da situação mundial criada pela Primeira Guerra Mundial, em especial na Europa, mas também no Extremo Oriente. A insatisfação não se restringia aos Estados derrotados, notadamente a Alemanha, mas alcançava também o Japão e a Itália, integrantes do lado vencedor. No caso alemão, da esquerda à direita do campo político, todos condenavam o Tratado de Versalhes

como injusto e inaceitável. Para os italianos, os ganhos territoriais posteriores à Primeira Guerra eram insuficientes, o que foi sublinhado pelo fascismo ultranacionalista e imperialista. O Japão, cuja industrialização avançava consideravelmente, julgava merecer uma fatia maior do Extremo Oriente do que as potências imperiais brancas estavam dispostas a lhe conceder. Entretanto, apesar da influência militar na esfera política, o Japão teria preferido alcançar o objetivo de criar um império leste-asiático sem uma guerra geral, na qual se envolveu por seu embate com os Estados Unidos. Diante da perspectiva de mudanças no que se refere à influência política no sudeste asiático, propiciada pelo triunfo de Hitler na Europa em 1940, o Japão se lançou sobre áreas de domínio francês na Indochina. Entretanto, a opinião pública americana julgava o Pacífico como um campo para sua ação, e os Estados Unidos consideraram intolerável essa extensão de poder, aplicando severa pressão econômica sobre o Japão. Esse conflito levou à guerra entre os dois países, deflagrada pelo ataque japonês a *Pearl Harbour* em 7 de dezembro de 1941, o que tornou mundial a guerra em questão. Mas, ainda que em poucos meses os japoneses tenham tomado o Sudeste Asiático, continental e insular, e ameaçassem invadir a região oeste da Índia e o norte da Austrália, isso significou trazer para a guerra um oponente cujas forças e recursos eram esmagadoramente superiores. Nesse sentido, ainda segundo Hobsbawm, a partir do final de 1942 não restava dúvida sobre a vitória da Grande Aliança sobre o Eixo. Dois de seus episódios finais ocorreram nos dias 6 e 9 de agosto de 1945, com o lançamento pelos Estados Unidos de bombas atômicas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki.

3.2.1. O lançamento das bombas atômicas

Voltemos então a 18 de julho de 1945, quando o Major General Leslie Groves encaminhou um memorando ao então Secretário de Guerra dos Estados Unidos Henry Stimson. O assunto desse memorando era “o teste”. Transcrevemos os dois primeiros parágrafos desse documento:

Este não é um relatório militar formal e conciso, mas uma tentativa de narrar o que eu teria dito a você se estivesse aqui em meu retorno do Novo México. Às 05:30, 16 de julho de 1945, em um setor isolado da Base Aérea de Alamogordo, Novo México, o primeiro teste em grande escala da bomba de fissão nuclear foi realizado. Pela primeira vez na história houve uma explosão nuclear. E que explosão! (WAR DEPARTMENT, 1945, p. 01, tradução minha).

Segundo o memorando, o teste superou as expectativas dos cientistas mais otimistas. Dessa forma, em 25 de julho de 1945 o General Thomas Handy, Chefe do Estado Maior, encaminhou a seguinte ordem ao General Carl Spaatz, Comandante Geral das Forças Aéreas Estratégicas do Exército dos Estados Unidos:

1. A 509ª Unidade de Combate Aéreo, 20ª Força Aérea lançará sua primeira bomba especial tão logo as condições climáticas permitam bombardeio visual após 3 de agosto de 1945 em um destes alvos: Hiroshima, Kokura, Niigata e Nagasaki. Para transportar pessoal científico militar e civil do Departamento de Guerra para observar e registrar os efeitos da explosão, aeronaves adicionais acompanharão o avião transportando a bomba. [...]
2. Bombas adicionais serão lançadas nos alvos acima assim que tenham sido finalizadas pela equipe do projeto. Instruções posteriores serão emitidas sobre outros alvos além dos listados acima. [...] (HIROSHIMA PEACE MEMORIAL MUSEUM, 1999, p. 25, tradução minha).

Em 6 de agosto de 1945, às 08h15min da manhã, horário local, a primeira bomba atômica utilizada contra seres humanos foi lançada sobre a cidade de Hiroshima. Ela explodiu a cerca de 600 metros de altura, criando uma bola de fogo que em um segundo atingiu o diâmetro máximo de 280 metros. A temperatura da superfície nas áreas próximas ao epicentro da explosão alcançou de 3000° a 4000° Celsius. Raios de calor e de radiação expandiram o ar em torno da bola de fogo, criando uma onda de choque de alta pressão. O calor, a radiação e a onda de choque interagiram de forma complexa⁷ ocasionando enormes danos (HIROSHIMA PEACE MEMORIAL MUSEUM, 1999). Estima-se que 350.000 pessoas estavam em Hiroshima quando a bomba explodiu. O número preciso de pessoas mortas pelo ataque é desconhecido. A cidade de Hiroshima estima que, no final de dezembro de 1945, quando o índice de doenças agudas decorrentes da exposição à bomba diminuiu, cerca de 140.000 pessoas haviam morrido. Estima-se que aproximadamente 50% das pessoas que se encontravam em um raio de 1,5 km do epicentro morreram no dia da explosão, e que 80 a 100% das pessoas próximas ao epicentro morreram. A probabilidade de morte para aqueles que inicialmente sobreviveram variou de acordo com a proximidade em relação ao epicentro e a gravidade de seus ferimentos (HIROSHIMA PEACE MEMORIAL MUSEUM, 1999).

Em 09 de agosto de 1945, às 11h02min da manhã, outra bomba atômica foi lançada sobre a cidade de Nagasaki. De uma população total de 240.000 pessoas, estima-se que 74.000 pessoas morreram em decorrência desse ataque.

No dia seguinte ao ataque a Hiroshima, o jornal “O Estado de São Paulo” publicou em sua primeira página esta manchete: “Anunciadas a invenção e as experiências da bomba atômica”. A notícia reproduzia o pronunciamento feito pelo presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, dezesseis horas após o lançamento da bomba. Segundo o jornal,

Na primeira notícia oficial sobre o emprego da bomba atômica, o presidente Truman revelou hoje, sensacionalmente, que esse novo tipo de bomba vem revolucionar completamente a concepção dos explosivos e dos seus resultados

⁷ Estima-se que, da energia emitida pela explosão, cerca de 50% se disseminou na forma de onda de choque, 35% na forma de raios de calor e 15% na forma de radiação (HIROSHIMA PEACE MEMORIAL MUSEUM, 1999, p. 40).

destruidores. [...] “A nova bomba congrega o poder básico do universo. E a força da qual retira seu poder já foi lançada contra os senhores da guerra do Extremo Oriente.” A declaração do presidente foi dada na Casa Branca aos correspondentes de imprensa convidados para “esperar uma boa notícia”. De uma advertência tão modesta surgiu a notícia do mais espantoso progresso das técnicas de guerra ocorrido desde a descoberta da pólvora. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1945, p. 01, aspas no original).

A edição do dia 07 de agosto de 1945 do jornal Correio da Manhã, publicado no Rio de Janeiro, trouxe a seguinte manchete na primeira página: “Fantastico engenho de destruição: lançada sobre Hiroshima uma bomba atômica – 2000 vezes mais poderosa que o maior petardo aéreo.” A matéria reproduzia em sua maior parte declarações do governo norte-americano a respeito do ataque.

Também no dia 07 de agosto de 1945, o jornal Folha da Manhã publicou notícias a respeito do lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima. Um dos textos da primeira página do periódico, intitulado “Fruto de longas e pacientes pesquisas a sensacional descoberta – lançado sobre Hiroshima o violento explosivo”, também reproduziu a declaração do presidente dos Estados Unidos divulgada horas após a explosão.

Apesar da ênfase sobre o caráter inédito dos eventos, algumas menções ao desenvolvimento da bomba atômica haviam sido feitas pela imprensa brasileira entre 1940 e 1944, como afirmamos anteriormente. Encontramos neste período três notícias sobre o tema no acervo do jornal “O Estado de São Paulo”. Todas elas especulam sobre a possibilidade de emprego do referido armamento durante a Segunda Guerra Mundial, sendo que duas tratam do desenvolvimento da bomba atômica por parte da Alemanha.

A primeira notícia foi publicada em 03 de outubro de 1941 sob o título “Progressos da aviação militar”. Tratando principalmente do aumento do alcance dos aviões de guerra no que diz respeito à altitude e da crescente capacidade de transporte de bombas, enunciava a seguinte pergunta: “Não entrará ainda em guerra a própria bomba atômica, caso a luta se prolongue e a técnica consiga realizar as previsões da ciência?”. (p. 4).

A segunda notícia foi publicada em 04 de outubro de 1944. Intitulada “A ‘bomba atomica’, nova arma secreta dos alemães”, afirmava: “A bomba atômica cuja explosão produzirá efeitos devastadores, é a nova arma secreta que os cientistas alemães estão procurando inventar antes que a Alemanha seja derrotada” (p. 2, aspas no original).

A terceira notícia, publicada em 08 de outubro de 1944 sob o título “A nova arma secreta alemã ‘V-3’”, reproduziu declarações de um cientista britânico não identificado sobre o desenvolvimento da bomba atômica pela Alemanha:

“Li o que se disse – afirmou – e o que um observador neutro declarou a respeito dessa bomba e dos danos que causou durante uma experiência. O que li carece de todo o senso real e não creio em uma só palavra. Não quero dizer que não

seja possível a fabricação de uma bomba como a descrita, mas o que vou fazer, conservo-me cético.” (p. 2, aspas no original).

Segundo Miyaki (1973), após os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki, os Estados Unidos foram extremamente cautelosos em manter o segredo em torno da sua nova arma. Nesse sentido, no início de setembro de 1945, uma equipe norte-americana entrou nas duas cidades para verificar os níveis de radiação residual. Após constatar que não havia risco de contaminação, um grupo de estudos foi enviado no mês de outubro de 1945 para realizar pesquisas em larga escala, mantendo em sigilo os resultados dessas investigações. Além disso, as forças de ocupação norte-americanas passaram a exercer o controle sobre as publicações relacionadas à bomba atômica. Também foram impostas restrições à publicação de pesquisas desenvolvidas por cientistas japoneses relacionadas às doenças decorrentes da exposição à arma nuclear. Um comitê japonês foi criado nesse período para realizar estudos nas duas cidades, mas mesmo realizando pesquisas de forma independente, os seus principais relatórios e materiais foram confiscados pelas forças norte-americanas.

Em janeiro de 1946, os materiais recolhidos pelas forças de ocupação foram enviados ao Instituto de Patologia das Forças Armadas em Washington. Estima-se que foram confiscados cerca de 20.000 itens relacionados à explosão de Hiroshima e Nagasaki. Tratava-se principalmente de espécimes patológicos, relatórios de autópsia e fotografias (MIYAKI, 1973).

A discussão a respeito da devolução desse material teve início no começo da década de 1950. Em fevereiro de 1972, o governo japonês requereu oficialmente a devolução do material confiscado. Embora o governo americano tenha concordado rapidamente com o pedido, a devolução só ocorreu em maio de 1973. À época houve a suspeita de que nem todo o material confiscado teria sido efetivamente devolvido. Entretanto, como não foi feito um registro prévio do mesmo, não havia como determinar com precisão se de fato não houve a devolução de todos os itens (MIYAKI, 1973).

A recuperação, no ano de 2000, de mais de 700 fotografias retratando a destruição de Hiroshima logo após o bombardeio reforça tais suspeitas. Esse material, encontrado dentro de uma mala numa calçada na cidade de Michigan, nos Estados Unidos, estava junto a outros materiais residenciais destinados ao lixo. As fotografias a princípio se encontravam sob a guarda de Robert L. Corsbie, um oficial americano que integrou o grupo de pesquisas que realizou levantamentos em Hiroshima nos meses de outubro a novembro de 1945 e que foi responsável pela produção de tais imagens. Um incêndio ocorrido em 1967 na casa do oficial resultou na morte deste e de sua esposa. As fotografias, que estavam no porão do imóvel, foram preservadas, mas se perderam durante a década de 1970. Após a divulgação do achado em meados dos anos 2000, o acervo de fotos foi adquirido pelo International Center of Photography, sediado na cidade de Nova Iorque. Em 2011, essa instituição organizou uma exposição com parte do referido material. (INTERNATIONAL CENTER OF PHOTOGRAPHY, 2011; LEVY, 2005).

A preservação e a exibição pública de artefatos relacionados ao ataque à cidade de

Hiroshima tem sido parte do trabalho do Museu Memorial da Paz de Hiroshima. Trataremos a seguir da criação dessa instituição, que está sediada no Parque Memorial da Paz de Hiroshima.

3.3. A criação do Parque Memorial da Paz de Hiroshima

Através de uma lei promulgada em 06 de agosto de 1949, a área próxima ao epicentro da explosão em Hiroshima foi destinada a abrigar instalações memoriais para a paz. Esse foi o início do que hoje é o Parque Memorial da Paz de Hiroshima⁸. Uma das instituições que ali se encontram é o Museu Memorial da Paz de Hiroshima. Inaugurado em agosto de 1955, ele tem como objetivo informar sobre os fatos relacionados ao bombardeio atômico e assim contribuir para a abolição das armas nucleares e a realização da paz mundial genuína e duradoura (HIROSHIMA PEACE MEMORIAL MUSEUM, 1999).

O Museu Memorial da Paz de Hiroshima possui duas Divisões: a Divisão de Curadoria e a Divisão de Divulgação. A Divisão de Curadoria é responsável pelas exposições realizadas nas dependências do museu. Há uma exposição permanente sobre o bombardeio atômico de Hiroshima que contempla a história da cidade de antes do evento, o contexto desse acontecimento, os efeitos decorrentes da explosão da bomba atômica, a situação atual das armas nucleares no mundo e as ações da cidade de Hiroshima relacionadas ao tema. São exibidos documentos, objetos atingidos pela explosão, maquetes, pinturas, fotos e arquivos de áudio e vídeo. Há também vídeos com testemunhos de sobreviventes da bomba atômica e livros onde os visitantes podem escrever suas impressões e mensagens. Já a Divisão de Divulgação é responsável por desenvolver atividades educacionais. Dentre elas está promover ou apoiar exposições sobre a bomba atômica dentro do Japão ou em outros países do mundo. Isso se dá através do envio de um conjunto de painéis sobre as bombas atômicas lançadas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki às cidades em que se realizam tais exposições. Este conjunto de painéis, aos quais nos referiremos como “exposição itinerante”, é um dos materiais desta pesquisa e será descrito a seguir.

A organização da exposição itinerante teve início em julho de 1977, quando um comitê composto por representantes das cidades de Hiroshima e Nagasaki foi formado com o objetivo de promover exposições de fotos sobre a bomba atômica em cidades do Japão e de outros países. Em maio de 1978 essa exposição foi realizada nas dependências da Organização das Nações Unidas em Nova Iorque. Após 1995, a realização da exposição itinerante passou a ser buscada através de parcerias com entidades ou grupos de cidadãos no Japão e ao redor do mundo (HIROSHIMA PEACE MEMORIAL MUSEUM, 1999, p. 109). Trata-se, portanto, de uma ação educacional abrangente, e que parece atender a uma das recomendações de Adorno em “Educação após Auschwitz”: o esclarecimento geral. Abordaremos esta questão em tópicos posteriores.

⁸ O pesquisador esteve no Parque Memorial da Paz de Hiroshima em duas ocasiões, nos dias 24 e 25 de julho de 2009 e entre os dias 07 de julho e 06 de agosto de 2010.

Atualmente, a exposição itinerante é composta por trinta painéis. Eles tratam inicialmente da explosão das bombas nucleares sobre Hiroshima e Nagasaki, da destruição que provocaram e do funcionamento desse tipo de arma. Há fotografias, gráficos e pequenos textos a esse respeito. Após a apresentação de breves informações sobre as características das duas cidades anteriormente ao bombardeio, são apresentadas fotos e informações sobre mortos e feridos nos ataques, além de seis desenhos feitos por sobreviventes retratando eventos logo após as explosões. Descrevem-se os efeitos da explosão da bomba atômica e suas consequências sobre os seres humanos. Tratando da reconstrução das duas cidades, a exposição faz referência ao auxílio de cidadãos ou instituições de outros países às vítimas do bombardeio atômico. Na parte final, encontramos referência à situação atual das armas nucleares no mundo, com informações a respeito dos países que as possuem. Também são indicadas as áreas livres de armas nucleares, além de diretrizes para alcançar a abolição desse tipo de arsenal. Por fim, são apresentados alguns artefatos atingidos pelas bombas atômicas, relacionando-os à história de vida de seus possuidores ou ao local em que se encontram.

3.4. Memória

Segundo Adorno (1995c), o assassinato planejado de milhões de pessoas inocentes não pode ser minimizado, caracterizado como uma aberração no curso da história. Nesse âmbito, a existência de Auschwitz constitui uma tendência social imperativa e remete ao assassinato, já na Primeira Guerra Mundial, de mais de um milhão de armênios por parte do movimento turco jovem dirigido por Enver Pascha e Talaat Pascha. Também “a invenção da bomba atômica, capaz de matar centenas de milhares literalmente de um só golpe, insere-se no mesmo nexos histórico que o genocídio.” (ADORNO, 1995c, p. 120). A partir do argumento de que o genocídio constitui uma tendência social imperativa e de que a invenção da bomba atômica se insere nesse contexto histórico, faremos referência a duas ideias de Adorno relacionadas a esse tema, a questão do esclarecimento geral e a elaboração do passado.

Adorno (1995a) chamou a atenção para uma vigorosa tendência histórica de destruição da memória, de perda da história, por meio da qual a lembrança, única coisa que nossa impotência poderia oferecer aos assassinados, seria subtraída, remetendo à imagem terrível de uma humanidade sem memória:

Não se trata meramente de um produto da decadência, da forma de reagir de uma humanidade sobrecarregada de estímulos e que não consegue mais dar conta dos mesmos, como se costuma dizer, mas refere-se a algo vinculado necessariamente à progressividade dos princípios burgueses. A sociedade burguesa encontra-se subordinada de um modo universal à lei da troca, do “igual por igual” de cálculos que, por darem certo, não deixam resto algum. Conforme sua própria essência, a troca é atemporal, tal como a própria razão, assim como, de acordo com sua forma pura, as operações da matemática

excluem o momento temporal. Nesses termos, o tempo concreto também desapareceria da produção industrial. Esta procede sempre em ciclos idênticos e pulsativos, potencialmente de mesma duração, e praticamente não necessita mais da experiência acumulada. Economistas e sociólogos como Werner Sombart e Max Weber atribuíram o princípio do tradicionalismo às formas sociais feudais, e o princípio da racionalidade às formas burguesas. O que é o mesmo que dizer que a memória, o tempo e a lembrança são liquidados pela própria sociedade burguesa em seu desenvolvimento, como se fossem uma espécie de resto irracional, do mesmo modo como a racionalização progressiva dos procedimentos da produção industrial elimina junto aos outros restos da atividade artesanal também categorias como a aprendizagem, ou seja, do tempo de aquisição de experiência no ofício. Quando a humanidade se aliena da memória, esgotando-se sem fôlego na adaptação ao existente, nisto reflete-se uma lei objetiva do seu desenvolvimento. (ADORNO, 1995a, p. 32-33).

Ao comentar essa passagem, Marcuse (1991) afirma que se o progresso da racionalidade da sociedade industrial tende a liquidar como um resto irracional os elementos perturbadores do Tempo e da Memória, também tende a liquidar a racionalidade perturbadora contida nesse resto irracional. Segundo o autor, confrontado com uma dada sociedade, o pensamento crítico se torna consciência histórica e, como tal, é essencialmente julgamento. Esse pensamento busca na história real do homem o critério de verdade e falsidade, progresso e regressão. A mediação do passado com o presente revela os fatores que determinaram o modo de vida, que estabeleceram os mestres e os servos; tal mediação projeta os limites e as alternativas.

A ideia de que o desenvolvimento da sociedade burguesa liquida a memória, o tempo e a lembrança permite refletir a respeito das repercussões desse desenvolvimento sobre o indivíduo. Adorno e Horkheimer (1985a) forneceram alguns elementos acerca da repercussão do processo econômico sobre a constituição do indivíduo.

A racionalidade econômica, esse princípio tão enaltecido do menor meio, continua incessantemente a remodelar as últimas unidades da economia: tanto a empresa quanto os homens. A forma mais evoluída a cada momento torna-se a forma dominante. Assim, a antiga loja especializada foi expropriada pela loja de departamentos. Liberada da regulamentação mercantilista, ela havia absorvido a iniciativa, a disposição e a organização e se transformara, como o velho moinho e a velha forja, numa livre empresa. Mas nela, tudo se passava ainda de maneira complicada, dispendiosa e cheia de riscos. Por isso, a competição acabou por impor a forma centralizada mais eficaz do comércio varejista, que é a loja de departamentos. Com a pequena empresa psicológica, isto é, com o indivíduo, as coisas não se passam diferentemente. Ele surgira como uma célula dinâmica da atividade econômica. Emancipado da tutela imposta em fases econômicas anteriores, ele cuidava de si mesmo:

como proletário, assalariando-se no mercado de trabalho e adaptando-se continuamente às novas condições técnicas, ou como empresário, realizando incansavelmente o tipo ideal do *homo oeconomicus*. A psicanálise apresentou a pequena empresa interior que assim se constituiu como uma dinâmica complicada do inconsciente e do consciente, do id, ego e superego. No conflito com o superego, a instância de controle social no indivíduo, o ego mantém as pulsões dentro dos limites da autoconservação. As zonas de atrito são grandes e as neuroses, os *faux fraix* dessa economia pulsional, são inevitáveis. Não obstante, a complicada aparelhagem psíquica possibilitou a cooperação relativamente livre dos sujeitos em que se apoiava a economia de mercado. Mas, na era das grandes corporações e das guerras mundiais, a mediação do processo social através das inúmeras mônadas mostra-se retrógrada. Os sujeitos da economia pulsional são expropriados psicologicamente e essa economia é gerida mais racionalmente pela própria sociedade. A decisão que o indivíduo deve tomar em cada situação não precisa mais resultar de uma dolorosa dialética interna da consciência moral, da autoconservação e das pulsões. Para as pessoas na esfera profissional, as decisões são tomadas pela hierarquia que vai das associações até a administração nacional; na esfera privada, pelo esquema da cultura de massa, que desapropria seus consumidores forçados de seus últimos impulsos internos. As associações e as celebridades assumem as funções do ego e do superego, e as massas, despojadas até mesmo da aparência da personalidade, deixam-se modelar muito mais docilmente segundo os modelos e palavras de ordem dadas, do que os instintos pela censura interna. Se, no liberalismo, a individuação de uma parte da população era uma condição da adaptação da sociedade em seu todo ao estágio da técnica, hoje, o funcionamento da aparelhagem econômica exige uma direção das massas que não seja perturbada pela individuação. A orientação economicamente determinada da sociedade em seu todo (que sempre prevaleceu na constituição física e espiritual dos homens) provoca a atrofia dos órgãos do indivíduo que atuavam no sentido de uma organização autônoma de sua existência. Desde que o pensamento se tornou um simples setor da divisão do trabalho, os planos dos chefes e especialistas competentes tornaram supérfluos os indivíduos que planejam sua própria felicidade. A irracionalidade da adaptação dócil e aplicada à realidade torna-se, para o indivíduo, mais racional do que a razão. Se, outrora, os burgueses introjetavam a coação em si mesmos e nos trabalhadores como um dever de consciência, agora o homem inteiro tornou-se o sujeito-objeto da repressão. O progresso da sociedade industrial, que devia ter eliminado como que por encanto a lei da pauperização que ela própria produzira, acaba por destruir a idéia pela qual o todo se justificava: o homem enquanto pessoa, enquanto portador da razão. A dialética do esclarecimento transforma-se objetivamente na loucura. (p. 167-168).

Em outro trabalho, Adorno (1995a) também reflete sobre o impacto da ordem econômica sobre os indivíduos, afirmando que a mesma obriga a maioria das pessoas a depender de situações diante das quais são impotentes e a se manter em uma situação de não-emancipação. Se quiserem sobreviver, não há alternativa senão se adaptar à situação existente, abrindo mão da subjetividade autônoma que remete à ideia de democracia; a sobrevivência é alcançada apenas pela abdicação do próprio eu. A oposição a isso implicaria em um doloroso esforço de conhecimento que é impedido pela própria situação da vida. A necessidade de tal adaptação, de identificação com o existente, gera o potencial totalitário de que se alimenta a barbárie.

3.4.1. Barbárie

A menção à barbárie demanda considerações a respeito dessa questão, ainda que de maneira sucinta, levando em conta aspectos que remetem à sociedade e ao indivíduo.

A barbárie é caracterizada por Adorno (1995b, p. 155) da seguinte forma:

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação com a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás, uma tendência imanente que a caracteriza.

Nesse contexto, referindo-se à tese freudiana sobre o mal-estar na civilização – a civilização origina e fortalece progressivamente o que é anticivilizatório – Adorno (1995c) pondera que ela é mais abrangente do que Freud supunha, sobretudo porque a pressão civilizatória observada por este último aumentou em uma escala insuportável. Diante disso, as tendências à explosão atingiram uma violência que Freud dificilmente poderia imaginar, sendo possível falar em uma claustrofobia das pessoas no mundo administrado, um sentimento de enclausuramento numa situação cada vez mais socializada, como uma rede densamente interconectada⁹. Segundo Adorno (1995c, p. 122), “Quanto mais densa é a rede, mais se procura escapar, ao mesmo tempo em que precisamente a sua densidade impede a saída. Isto aumenta a raiva contra a civilização, que se torna alvo de uma rebelião violenta e irracional.”

Um dos aspectos dessa rebelião violenta e irracional envolve a posição decisiva ocupada pela técnica nos dias de hoje, o que segundo Adorno (1995c) produz pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica. O aspecto racional disso é que tais pessoas serão, em seu plano mais

⁹ No mesmo sentido se dirige a argumentação de Marcuse (1982, p. 14): “o alcance da dominação da sociedade sobre o indivíduo é incomensuravelmente maior do que nunca dantes.”

restrito, menos influenciáveis, com consequências no plano geral. O aspecto irracional se vincula ao que o autor chamou de “véu tecnológico”:

Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. Os meios – e a técnica é um conceito de meios dirigidos à auto-conservação da espécie humana – são fetichizados, porque os fins – uma vida humana digna – encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas. Afirmções gerais como essas são até convincentes. Não se sabe com certeza como se verifica a fetichização da técnica na psicologia individual dos indivíduos, onde está o ponto de transição entre uma relação racional com ela e aquela supervalorização, que leva, em última análise, quem projeta um sistema ferroviário para conduzir as vítimas a Auschwitz com maior rapidez e fluência, a esquecer o que acontece com estas vítimas em Auschwitz. (ADORNO, 1995c, pp. 132-133).

Acrescentamos que a supervalorização da técnica também pode ser um elemento importante no rol de motivos que leva os que projetam uma bomba atômica a esquecer o que acontece com suas vítimas. Adorno (1995c, p. 120) ressalta que “o simples fato de citar números já é humanamente indigno, quanto mais discutir quantidades.” De todo o modo, no que concerne à bomba atômica, não bastasse o poder de assassinar milhares de pessoas em um só golpe, os seus efeitos posteriores, em especial aqueles decorrentes da contaminação por radiação, podem atingir os sobreviventes alguns dias, meses, anos ou mesmo décadas após o evento e, além deles, seus descendentes, tendo em vista as mutações genéticas que a radiação provoca.

Ainda sobre a fetichização da técnica, Adorno (1995c) afirma que seu tipo característico remete a pessoas incapazes de amar, denotando com isso a carente relação libidinal com outras pessoas. Inteiramente frias, elas precisam negar em seu íntimo a possibilidade de amor, recusando de antemão o seu amor nas outras pessoas antes que o mesmo se instale. A capacidade de amar que subsiste acaba por ser aplicada aos meios. Essa tendência, entretanto, está vinculada ao conjunto da civilização, de modo que contrapor-se a ela significa ir contra o espírito do mundo, o que configura o aspecto mais obscuro de uma educação contra a barbárie. A sociedade em sua configuração atual não repousa em atração, em simpatia, mas na busca pelos próprios interesses frente aos interesses dos demais, o que se sedimentou de modo profundo no caráter das pessoas. Sua contradição, a massa solitária, é na verdade uma reação, uma reunião de pessoas frias que não suportam a própria frieza, mas que não podem fazer nada para alterá-la. Adorno é enfático a esse respeito: hoje qualquer pessoa, sem exceção, sente-se mal-amada, uma vez que cada um é deficiente na capacidade de amar. Este é o pano de fundo da incapacidade para a identificação. A frieza da mônada social, do concorrente isolado, enquanto indiferença a respeito do destino do outro, constituía (e julgamos que ainda constitui) o pressuposto para a mobilização de apenas alguns poucos diante da barbárie. Combater a frieza como condição da desgraça envolve, dentre

outros aspectos, o conhecimento dos seus pressupostos. Em outras palavras, envolve ajudar a frieza a adquirir consciência de si própria, das razões pelas quais foi gerada. De todo modo, sabemos que o próprio Adorno (1973) problematiza essa questão ao lembrar que o indivíduo, produto desta sociedade, que se imagine livre da frieza burguesa abriga ilusões sobre si mesmo e sobre o mundo, pois sem essa frieza ninguém poderia sobreviver. Nesse sentido, aquele que conhece os fatos à distância tem que reconhecer os limites, objetivamente impostos, de uma identificação contrária à sua exigência de auto-conservação e felicidade, e não se comportar como um tipo de homem que só se realizará em um estado de liberdade, ou seja, em um estado ausente de angústia.

Segundo Adorno (1973), depois de Auschwitz e Hiroshima, projetar no futuro o retorno à barbárie obedece ao pobre consolo de que é possível algo ainda pior. A humanidade que pratica o mal e o suporta resignadamente ratifica o pior. Nesse contexto, uma prática oportuna seria unicamente o esforço para se libertar da barbárie. Se a parcela de culpa da sociedade e a perspectiva da catástrofe se tornaram totais, a única possibilidade de contraposição é aquilo que denuncia essa parcela de não-consciência.

3.4.2. Racionalidade tecnológica

O tema da preponderância da técnica ao qual nos referimos a pouco enseja algumas considerações sobre a noção de racionalidade tecnológica. Desse modo, introduzimos inicialmente a distinção proposta por Marcuse (1999) entre a tecnologia e a técnica. Segundo o autor, a técnica propriamente dita ou, em outras palavras, o aparato técnico da indústria, dos transportes e da comunicação é um fator parcial da tecnologia. Esta, por sua vez, é considerada um processo social. Nesses termos:

A tecnologia, como modo de produção, como a totalidade dos instrumentos, dispositivos e invenções que caracterizam a era da máquina, é assim, ao mesmo tempo, uma forma de organizar e perpetuar (ou modificar) as relações sociais, uma manifestação do pensamento e dos padrões de comportamento dominantes, um instrumento de controle e dominação. (MARCUSE, 1999, p.73).

A ênfase sobre o aspecto social da noção de racionalidade tecnológica remete à investigação de seus pressupostos históricos. Marcuse (1999) atribui a uma nova racionalidade e a novos padrões de individualidade um papel fundamental para o desenvolvimento da maquinaria e da produção em massa. Para a compreensão desse processo, o autor propõe o exame da racionalidade tradicional e dos padrões de individualidade atualmente em vias de dissolução.

O indivíduo característico dos séculos XVI e XVII, segundo Marcuse (1999, p. 75), poderia ser definido como “o sujeito de certos padrões e valores fundamentais que nenhuma autoridade externa deveria desrespeitar.” Esses padrões e valores eram estabelecidos tendo

como referência o desenvolvimento total das qualidades e habilidades do homem. Como ser racional, o indivíduo era considerado capaz de encontrar formas de vida que pudessem propiciar tal desenvolvimento, cabendo à sociedade conceder liberdade de pensamento ao indivíduo bem como eliminar restrições à sua ação racional.

Havia neste contexto um pressuposto fundamental, qual seja, que o interesse próprio era racional, ou seja, orientado pelo pensamento autônomo. Essa colocação não impede Marcuse (1999) de distinguir e até mesmo opor o interesse próprio racional ao interesse próprio imediato do indivíduo. Isto porque este último encontrava-se vinculado a padrões e demandas da ordem social, a qual não havia sido instituída pelo pensamento autônomo ou pela consciência, mas por autoridades externas.

A realização desse tipo de racionalidade pressupunha um ambiente socioeconômico adequado, notadamente a sociedade liberal em que as realizações do indivíduo, que transformava em necessidades sociais seus produtos e ações, eram as marcas da sua individualidade. Entretanto, a base econômica que sustentava a racionalidade individualista foi arruinada pelo processo de produção capitalista. Nesse sentido, diante da crescente mecanização e racionalização, acentuou-se a submissão do competidor mais fraco ao domínio das grandes empresas, culminando com a abolição do sujeito econômico livre. (MARCUSE, 1999).

Tendo em vista a influência das instituições, dispositivos e organizações da indústria em sua situação social dominante¹⁰, houve a transformação da racionalidade individual em racionalidade tecnológica. Esta racionalidade, segundo Marcuse (1999), caracteriza um modo de pensamento bastante disseminado, que alcança até mesmo algumas formas de protesto e rebelião, estabelecendo padrões de julgamento e atitudes que tornam os homens predispostos a aceitar e incorporar os ditames das instâncias acima mencionadas.

Entretanto, isso não implica dizer que a individualidade tenha desaparecido. Segundo Marcuse (1999, p. 78):

O sujeito econômico livre, em vez disso, tornou-se objeto de organização e coordenação em larga escala, e o avanço individual se transformou em eficiência padronizada. Esta última se caracteriza pelo fato de que o desempenho individual é motivado, guiado e medido por padrões externos ao indivíduo, padrões que dizem respeito a tarefas e funções predeterminadas. O indivíduo eficiente é aquele cujo desempenho consiste numa ação somente enquanto seja a reação adequada às demandas objetivas do aparato, e a liberdade do indivíduo está confinada à seleção dos meios mais adequados para alcançar uma meta que ele não determinou. Enquanto o avanço individual independe de reconhecimento e se consuma no próprio trabalho, a eficiência é um desempenho recompensado e consumado apenas em seu valor para o aparato. Para a maioria da população, a liberdade anterior do sujeito econômico foi

¹⁰ Marcuse emprega o termo “aparato” para se referir às instituições, dispositivos e organizações da indústria em sua situação social dominante.

gradualmente submersa na eficiência com a qual ele desempenhava serviços a ele atribuídos. O mundo tinha se racionalizado a tal ponto, e esta racionalidade se tornou tal poder social, que o indivíduo não poderia fazer nada melhor do que adaptar-se sem reservas.

Nesse sentido, Marcuse (1999) sustenta que não são os fatos da natureza que dirigem o pensamento e a ação do homem, tampouco os fatos da sociedade. Na verdade, esta nova atitude se caracteriza por uma submissão altamente racional aos fatos vinculados ao processo da máquina, os quais, segundo o autor, aparecem como a personificação da racionalidade e da eficiência.

O ponto decisivo é que esta atitude - que dissolve todas as ações em uma sequência de reações semi-espontâneas a normas mecânicas prescritas - não é apenas perfeitamente racional, mas também perfeitamente razoável. Todo protesto é insensato e o indivíduo que persistisse em sua liberdade de ação seria considerado excêntrico. Não há saída pessoal do aparato que mecanizou e padronizou o mundo. É um aparato racional, combinando a máxima eficiência com a máxima conveniência, economizando tempo e energia, eliminando o desperdício, adaptando todos os meios a um fim, antecipando as conseqüências, sustentando a calculabilidade e a segurança. (MARCUSE, 1999, p. 80).

Tendo em vista que as leis e mecanismos da racionalidade tecnológica se encontram difundidos por toda a sociedade, é possível que se desenvolva aquilo que Marcuse denomina de um conjunto de valores de verdade próprios, o qual abrange as condutas humanas nas mais diversas áreas. Esses valores de verdade são considerados verdadeiros ou falsos em termos de instrumentalidades que ditam seus próprios fins, sendo testados e perpetuados pela própria experiência. Segundo Marcuse (1999, p. 84),

A racionalidade aqui pede submissão e coordenação incondicional e, conseqüentemente, os valores de verdade relacionados a esta racionalidade implicam a subordinação do pensamento a padrões externos preestabelecidos. Podemos chamar verdade tecnológica este conjunto de valores de verdade, tecnológica no duplo sentido de que é um instrumento de eficácia em vez de um fim em si, e de que segue o padrão do comportamento tecnológico.

O autor observa o aspecto heterônomo desse estado de coisas, o qual se contrapõe aos valores mais caros à sociedade individualista. Nesse sentido, se a busca pelo interesse próprio parece estar orientada pela heteronomia, a autonomia se revela como um obstáculo à ação racional. Há ainda outro aspecto relacionado à noção de verdade ora discutida. Segundo Marcuse (1999), a verdade propriamente dita parece dividida em dois conjuntos de valores de

verdade distintos. Um deles constitui a racionalidade tecnológica dominante, que governa os comportamentos por ela preconizados. O outro constitui a racionalidade crítica, que embora derivada dos princípios de autonomia declarados como verdadeiros pela própria sociedade individualista, julga-os tendo em vista a forma como tal sociedade procurou realizá-los, o que a permite denunciar a injustiça social.

A distinção entre racionalidade tecnológica e racionalidade crítica, entretanto, pode ser problemática. Poderíamos apontar, por exemplo, o seu suposto caráter não dialético. Ainda que sinteticamente, Marcuse (1999, p. 85) procura enfrentar essa questão afirmando que:

1. Os dois conjuntos de valores de verdade não são nem totalmente contraditórios, nem complementares um ao outro; muitas verdades da racionalidade tecnológica são preservadas ou transformadas em racionalidade crítica.
2. A distinção entre os dois conjuntos não é rígida; o conteúdo de cada conjunto muda no processo social, de modo que o que antes eram valores de verdade críticos se tornam valores tecnológicos. Por exemplo, a afirmação de que todo indivíduo possui certos direitos inalienáveis é uma afirmação crítica, mas freqüentemente foi interpretada em favor da eficiência e da concentração do poder.

Essas considerações permitem sustentar que a racionalidade tecnológica exerce influência sobre os valores de verdade críticos, sendo que a padronização do pensamento exerce aqui uma função importante. Isso porque tal padronização está sob controle da racionalidade tecnológica. Os exemplos fornecidos por Marcuse a esse respeito remetem a situações em que valores de verdade críticos são retirados de seu contexto original e, portanto, transformados, sendo a partir de então amplamente divulgados. Nesse sentido o emprego de afirmações oriundas do movimento operário em países fascistas, seja para atacar os inimigos do regime, seja para justificar ações expansionistas. Entretanto, essas afirmações tendem a perder a sua força crítica quando passam a fazer parte da cultura estabelecida. Segundo Marcuse (1999, p. 86), “as categorias do pensamento crítico preservam seu valor de verdade somente quando levam à completa realização das potencialidades sociais que vislumbram, e perdem seu vigor se determinam uma atitude de submissão fatalista ou assimilação competitiva.”. Dentre os fatores que contribuíram para aquilo que denomina de impotência social do pensamento crítico, Marcuse sustenta que o mais importante foi o crescimento do aparato industrial e de seu controle, o qual se estendeu por todas as esferas da vida. Há, no entanto, outros fatores, tal como a incorporação de importantes setores da oposição ao próprio aparato sem que com isso tenham deixado de ser identificados com o título “oposição”.

O trecho a seguir de certa maneira resume as considerações de Marcuse a respeito da noção de racionalidade técnica apresentadas até aqui:

A hierarquia crescente da grande empresa e a decantação dos indivíduos

em massas determinam as tendências da racionalidade tecnológica atual. O resultado é a forma madura dessa racionalidade individualista, que caracteriza o sujeito econômico livre da revolução industrial. A racionalidade individualista nasceu como uma atitude crítica e de oposição que derivava a liberdade de ação da liberdade irrestrita de pensamento e consciência e media todos os padrões e relações sociais pelo interesse próprio racional do indivíduo. Ela transformou-se na racionalidade da competição em que o interesse racional foi substituído pelo interesse do mercado, e a conquista individual foi absorvida pela eficiência. Acabou em submissão padronizada ao aparato que ela própria criou e que tudo abrange. Este aparato é a personalização e o tûmulo da racionalidade individualista, mas esta última exige agora que a individualidade desapareça. Racional é aquele que mais eficientemente aceita e executa o que lhe é determinado, que confia seu destino às grandes empresas e organizações que administram o aparato. (MARCUSE, 1999, p. 97).

Como se disse, algumas condições características da sociedade industrial avançada tornaram a individualidade desnecessária. Nesse sentido, ao promover a superação da escassez, o processo tecnológico tende a transcender a individualidade quando esta concorre com a escassez. Em outras palavras, a produção em massa tende a preencher os espaços que poderiam ser ocupados pela individualidade. Outro aspecto relacionado ao desaparecimento da individualidade envolve a padronização, que poderia indicar o quanto a criatividade e a originalidade se tornaram desnecessárias. A princípio, essas qualidades foram desaparecendo da esfera da produção material, restringindo-se ao âmbito das produções intelectuais mais elevadas. Neste momento, entretanto, as formas tradicionais de arte, literatura e filosofia também parecem estar sendo dissolvidas pela cultura de massa juntamente com a personalidade que teria se desenvolvido ao produzi-las e aprecia-las. (MARCUSE, 1999).

De todo o modo, há um aspecto que aproxima a racionalidade tradicional da racionalidade tecnológica: a dominação do homem pelo homem. Entretanto, a transformação da natureza que cada vez mais se vale de meios tecnológicos para operar transforma também a dominação ao gradativamente substituir a dependência pessoal pela dependência da ordem objetiva das coisas. Nesse contexto, a dominação passa a produzir uma racionalidade mais elevada e, ao mesmo tempo em que explora os recursos naturais e humanos com maior eficiência e distribui os produtos dessa exploração numa escala cada vez maior, preserva a sua estrutura hierárquica. A escravização progressiva do homem pelo aparato produtor, que perpetua a luta pela existência numa situação em que tal luta poderia ser abolida, revela os limites dessa racionalidade. (MARCUSE, 1982).

A integração ao sistema estabelecido de forças sociais que anteriormente poderiam ser caracterizadas como negativas e transcendentais, à qual já nos referimos brevemente, é um aspecto da organização social em questão que merece destaque. Essa integração implica numa mudança da própria oposição, que segundo Marcuse (1982) se transforma de negativa em

positiva, o que significa dizer que a referida organização social refuta as alternativas. Segundo o autor:

Nascemos e morremos racional e produtivamente. Sabemos que a destruição é o preço do progresso, como a morte é o preço da vida, que a renúncia e a labuta são os requisitos para a satisfação e o prazer, que os negócios devem prosseguir e que as alternativas são utópicas. Essa ideologia pertence ao aparato social estabelecido; é um requisito para o seu funcionamento contínuo e parte de sua racionalidade.

Contudo, o aparato derrota o seu próprio objetivo se este é criar uma existência humana com base numa natureza humanizada. E se esse não é o seu propósito, sua racionalidade se torna ainda mais suspeita. Mas ela é também mais lógica porque, de início, o negativo está no positivo, o desumano está na humanização, a escravidão na libertação. Essa dinâmica é a da realidade e não da mente, mas de uma realidade na qual a mente científica teve papel decisivo em unir a razão teórica e prática. (MARCUSE, 1982, p. 143)

Nesse contexto, o autor ressalta a relevância do duplo significado da racionalização. Se a organização do trabalho pautada por critérios científicos propiciou o aumento da produtividade e, conseqüentemente, a possibilidade de elevação do padrão de vida, ao mesmo tempo “esse empreendimento racional produziu um padrão de mente e comportamento que justificou e absolveu até mesmo as particularidades mais destrutivas e opressivas do empreendimento. A racionalidade e a manipulação técnico-científicas estão fundidas em novas formas de controle social.” (MARCUSE, 1982, p. 144).

De maneira mais ampla, a organização da sociedade, os rumos da transformação da natureza e a própria experiência dos indivíduos são predeterminados por uma concepção segundo a qual os limites à transformação do homem e da natureza restringem-se àqueles impostos pela própria realidade da natureza ou, em outras palavras, à resistência que a natureza ainda impõe ao conhecimento e ao controle. A natureza, tomada como instrumento de controle e organização, constitui aquilo que Marcuse denomina como um *a priori* tecnológico. Tendo em vista que a transformação da natureza envolve a transformação do homem, e que as obras humanas são influenciadas pela sociedade mas também a influencia, há que se considerar o aspecto político do referido *a priori*. O autor pondera que os instrumentos produzidos pelo universo tecnológico poderiam ser considerados indiferentes a finalidades políticas, ou seja, poderiam atender aos mais variados propósitos políticos. Entretanto, segundo Marcuse (1982, p. 150), “quando a técnica se torna a forma universal de produção material, circunscreve toda uma cultura; projeta uma totalidade histórica — um ‘mundo’”.

A reflexão a respeito da neutralidade dos instrumentos produzidos pelo universo tecnológico pode em alguma medida ser estendida para o campo das ciências. Nesse sentido, ainda que se afirme que a racionalidade da ciência pura é neutra em relação a valores que

possam lhe ser impostos, por ser livre de valores e por não estipular finalidades práticas, a racionalidade científica elabora projeções que podem atender a praticamente todos os fins, o que em última análise tende a favorecer uma determinada organização social.

Os princípios da ciência moderna foram (sic) uma estrutura apriorística de tal modo que puderam servir de instrumentos conceptuais para um universo de controle produtor automotor; o operacionalismo teórico passou a corresponder ao operacionalismo prático. O método científico que levou à dominação cada vez mais eficaz da natureza forneceu, assim, tanto os conceitos puros como os instrumentos para a dominação cada vez maior do homem pelo homem *por meio* da dominação da natureza. A razão teórica, permanecendo pura e neutra, entrou para o serviço da razão prática. A fusão resultou benéfica para ambas. Hoje, a dominação se perpetua e se estende não apenas através da tecnologia, mas *como* tecnologia, e esta garante a grande legitimação do crescente poder político que absorve todas as esferas da cultura. (MARCUSE, 1982, pp. 153-154).

Como se disse anteriormente, a dominação assume nesse contexto uma aparência altamente racional. O caráter irracional e político da ausência de liberdade seria obscurecido pela submissão ao aparato técnico que, além de aumentar a produtividade do trabalho, amplia as comodidades da vida. Sendo assim, a racionalidade tecnológica contribui para a manutenção da dominação. (MARCUSE, 1982).

De todo o modo, o vínculo entre a dominação da natureza e a dominação do homem é característico de um universo projetado e promovido pelo próprio método e pelos conceitos elaborados pela ciência. Segundo Marcuse (1982), a compreensão e o domínio científico da natureza permitem preservar e aprimorar a vida dos indivíduos, mas ao mesmo tempo os subordina aos senhores do aparato, o que implicaria na fusão entre a hierarquia racional e a hierarquia social. Dessa forma, a mudança na direção do progresso, que poderia romper o vínculo entre a dominação da natureza e a dominação do homem, teria condições de afetar a própria estrutura do projeto científico em questão. No contexto experimental de um mundo apaziguado, as hipóteses científicas poderiam ser desenvolvidas de tal forma que seria possível formular conceitos de natureza e estabelecer fatos essencialmente diversos.

A natureza, tomada como objeto universalmente controlável, revela-se como um conceito científico que a projeta como um mero objeto da teoria e da prática. Esta seria a forma assumida pelo mundo no âmbito da construção do universo tecnológico, um universo caracterizado por instrumentos mentais e físicos que, tendo em vista o seu caráter hipotético, depende de um sujeito validador e verificador. Mas ainda que os processos de validação e verificação possam ser puramente teóricos, eles não podem ser atribuídos tão somente a uma única mente individual.

O sistema hipotético de formas e funções se torna dependente de outro sistema

— um universo preestabelecido de fins, no qual e *para* o qual se desenvolve. O que pareceu estranho, alheio ao projeto teórico se revela como parte de sua própria estrutura (método e conceito); a objetividade pura se revela como *objeto para uma subjetividade* que garante o *Telos*, os fins. Na construção da realidade tecnológica, não há uma ordem científica puramente racional; o processo da racionalidade tecnológica é um processo político. (MARCUSE, 1982, pp. 162).

Nesse sentido, é possível sustentar que os critérios de eficácia e produtividade aos quais são submetidos o homem e a natureza atendem aos interesses daqueles que organizam o aparato. A tecnologia, portanto, torna-se veículo da espoliação em sua forma mais madura e eficiente. No que diz respeito ao indivíduo e suas relações com os demais, as qualidades e leis objetivas que parecem determinar sua posição social aparecem como manifestações previsíveis da racionalidade científica, o que implica dizer que o mundo tende a se transformar em objeto da administração total. Nesse contexto, o pensamento científico se caracteriza por um formalismo puro e autossuficiente e também por um empirismo total. No que diz respeito ao âmbito da linguagem e do comportamento, a não-contradição e a não-transcendência são os denominadores comuns. (MARCUSE, 1982).

3.4.3. Esclarecimento

Tendo em vista a limitada possibilidade de mudança nos pressupostos objetivos, ou seja, sociais e políticos, que propiciam a barbárie, Adorno (1995a, 1995c) observa a necessidade de uma inflexão em direção ao sujeito com vistas ao esclarecimento geral e à elaboração do passado.

No âmbito do esclarecimento geral, a inflexão em direção ao sujeito envolve o reconhecimento dos mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer atos de barbárie e revelá-los a elas próprias, de modo a evitar que se repitam, na medida em que se desperta uma consciência geral sobre esses mecanismos. O esclarecimento racional, ainda que não dissolva os mecanismos inconscientes, ao menos fortalece instâncias de oposição na pré-consciência, propiciando a criação de um clima desfavorável ao extremismo. A educação contra a barbárie se dirige, portanto, a uma auto-reflexão crítica, que através do esclarecimento geral, produz um clima intelectual, cultural e social que não permite a repetição da barbárie, “portanto, um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes.” (ADORNO, 1995c, p. 123).

A elaboração do passado como esclarecimento, segundo Adorno (1995a), é essencialmente uma inflexão em direção ao sujeito no sentido de reforçar sua autoconsciência e, por esta via, também o seu eu. Considera que elaborar o passado significa romper o seu encanto por meio de uma consciência clara, em oposição à tentativa de encerrar a questão

do passado, no limite riscando-o da memória. Tratando da dimensão em que é adequado se referir ao passado em experiências de esclarecimento público, se uma insistência nesse sentido não poderia provocar uma resistência obstinada, produzindo o contrário do que se pretendia, Adorno (1995a, p. 46) afirma que “tudo dependerá do modo pelo qual o passado será referido no presente; se permanecemos no simples remorso ou se resistimos ao horror com base na força de compreender até mesmo o incompreensível.”

A respeito deste último texto, destacamos algumas considerações feitas por Gagnebin (2006):

Mesmo quando Adorno fala nesse ensaio da “destruição da lembrança” (*Zerstörung der Erinnerung*) e da necessária resistência a essa destruição, devemos ressaltar novamente que, aqui, a palavra-chave não é memória ou lembrança, mas *Aufklärung*, esclarecimento. Lembro que essa palavra também é usada no sentido cotidiano, comum, de explicação, explicitação, clarificação ou atividade pedagógica racional de colocar claramente um problema (por exemplo, quando se fala em “*sexuelle Aufklärung*”, educação sexual). Enfim, *Aufklärung* designa o que fala com clareza à consciência racional, o que ajuda a compreensão clara e racional — contra a magia, o medo, a superstição, a denegação, a repressão, a violência. (GAGNEBIN, 2006, p. 101-102).

A autora acrescenta:

Essa defesa do poder esclarecedor da consciência racional, esse belo gesto iluminista por parte de um filósofo que, melhor que qualquer outro, soube denunciar os limites do Esclarecimento, tem um alvo certo. Não se trata de lembrar o passado, de torná-lo presente na memória para permanecer no registro da queixa, da acusação, da recriminação. O filho que recrimina o pai coloca-se a si mesmo, desde o início, numa posição superior, de juiz, e o outro, na de réu; assim, ele se poupa um esforço doloroso de explicitação ou de esclarecimento — *Aufklärung* — a respeito do passado, esforço que deve se transformar num gesto de explicitação, igualmente, a respeito do próprio presente, do presente do filho. (GAGNEBIN, 2006, p. 102).

Por fim, a autora ressalta que, no texto de Adorno, “a exigência de não esquecimento não é um apelo a comemorações solenes; é, muito mais, uma exigência de análise esclarecedora que deveria produzir — e isso é decisivo — instrumentos de análise para melhor esclarecer o presente” (GAGNEBIN, 2006, p. 103). Não deixa, entretanto, de se referir aos limites de uma pedagogia iluminista (*aufklärende Pädagogik*) apontados pelo próprio Adorno, quais sejam, a importância da ordem econômica para a adesão dos indivíduos a ideologias racistas e fascistas e o fato de uma pedagogia emancipadora em geral só atingir aqueles já abertos a ideais emancipatórios, ou seja, aqueles que para sobreviver não precisam se identificar a qualquer custo com o dado, com o existente.

A partir do que foi dito sobre as experiências de esclarecimento geral e a elaboração do passado, julgamos ser possível a articulação entre as duas ideias na medida em que, no contexto de uma educação contra a barbárie, é desejável que as referidas experiências contemplem a elaboração do passado no sentido de romper o seu encanto por meio de uma consciência clara. Um dos aspectos a ser considerado, portanto, é a forma como o passado é referido no presente. Isso porque, como apontado anteriormente, é possível que experiências cujo objetivo seja propiciar o esclarecimento se transformem em seu contrário, levando ao remorso, à culpabilização ou até mesmo ao apaziguamento. Nesse sentido, uma das possibilidades de encaminhamento do estudo do que podemos chamar de limites ao esclarecimento quanto à questão nuclear é investigar se essas iniciativas estariam sofrendo a influência da indústria cultural. Sendo assim, é necessário tecer algumas considerações a respeito desta noção e apontar, ainda que sucintamente, porque a sua influência seria prejudicial ao esclarecimento.

Tomaremos como ponto de partida o trabalho “Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”, de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, buscando neste texto elementos que orientem a análise do material empírico objeto desta pesquisa.

3.4.4. Indústria cultural: os limites ao esclarecimento no âmbito da cultura de massas.

Através da noção de indústria cultural, Adorno e Horkheimer realizam a crítica do esclarecimento no sentido de apontar seus limites no âmbito da cultura de massas. Dessa forma, no prefácio do livro “Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos”, afirmam:

O segmento sobre a “indústria cultural” mostra a regressão do esclarecimento à ideologia, que encontra no cinema e no rádio sua expressão mais influente. O esclarecimento consiste aí, sobretudo, no cálculo da eficácia e na técnica de produção e difusão. Em conformidade com seu verdadeiro conteúdo, a ideologia se esgota na idolatria daquilo que existe e do poder pelo qual a técnica é controlada. No tratamento dessa contradição, a indústria cultural é levada mais a sério do que gostaria. Mas como a invocação de seu próprio caráter comercial, de sua profissão de uma verdade atenuada, há muito se tornou uma evasiva com a qual ela tenta furtar-se à responsabilidade pela mentira que difunde, nossa análise atém-se à pretensão, objetivamente inerente aos produtos, de serem obras estéticas e, por isso mesmo, uma configuração da verdade. Ela revela, na nulidade dessa pretensão, o caráter maligno do social. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985b, p. 15).

No trecho acima, os autores expõem a contradição materializada pela regressão do esclarecimento em ideologia. Convém, portanto, atentar para aquilo que destacam em relação a estes dois elementos. Quanto ao esclarecimento, a ênfase recai sobre o cálculo da eficácia e a técnica de produção e difusão. Quanto à ideologia, destaca-se a idolatria daquilo que existe

e do poder pelo qual a técnica é controlada. A análise dos autores se concentra na pretensão inerente aos produtos da indústria cultural de serem obras estéticas, atribuindo-se dessa forma um conteúdo de verdade. A referência ao texto em questão procurará abordar aspectos da referida contradição que possam auxiliar na análise do material empírico objeto desta pesquisa. Além disso, três elementos que também poderão servir à referida análise serão destacados: a padronização, o esquematismo e a diversão. Sobre a diversão, convém assinalar que o termo assume o sentido de entretenimento, usualmente associado à ideia de lazer, relaxamento, prazer, por exemplo.

Tal abordagem enseja uma observação. Adorno e Horkheimer afirmam que o cinema e o rádio constituem a expressão mais influente da indústria cultural, o que poderia representar um impedimento para que o texto mencionado fosse utilizado como parâmetro inicial de um estudo que se dedica à análise de uma exposição e de matérias jornalísticas. Entretanto, afirmar que aqueles meios constituem a expressão mais influente da indústria cultural não implica tomá-las como as únicas expressões da mesma, mas sim o contrário, abrindo a possibilidade de refletir sobre os outros meios que a integram. Nesse sentido, Adorno e Horkheimer (1985c, p. 99) afirmam: “Pois a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto.” Além de se referirem ao cinema, ao rádio e às revistas, Adorno e Horkheimer (1985c, p. 102) fazem menção à televisão, que segundo eles visa uma síntese entre o rádio e o cinema.¹¹

Um dos elementos característicos desse sistema é a padronização. Adorno e Horkheimer (1985c, p. 100) apresentam a explicação fornecida pelos interessados, que procura encontrar nos receptores a sua justificação:

Os interessados inclinam-se a dar uma explicação tecnológica da indústria cultural. O fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais. O contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção dispersa condicionaria a organização e o planejamento pela direção. Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência. De fato, o que o explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa.

Nessa passagem são destacados os métodos adotados pela indústria cultural, a sua forma de administração e os receptores aos quais se dirige. Quanto aos métodos, a explicação por parte dos interessados sustenta que os mesmos seriam impostos pela participação de milhões

¹¹ Ao mesmo tempo, é necessário considerar que cada um desses meios possui propriedades específicas, a partir das quais é possível identificar efeitos característicos de cada um deles. Essa observação é importante para a definição do método desta pesquisa.

de pessoas. A disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades seria uma decorrência necessária da adoção de tais métodos. O surgimento dos padrões, entretanto, remeteria originariamente às necessidades dos consumidores, o que seria comprovado por sua aceitação. Por fim, a forma de administração centralizada característica da indústria cultural seria atribuível ao contraste técnico entre os centros de produção e uma recepção dispersa. O trecho final da citação apresenta o que se poderia opor inicialmente a esses argumentos, a manipulação dos receptores e suas necessidades retroativas.

Adorno e Horkheimer aprofundam a crítica aos argumentos fornecidos pela indústria cultural ao apontar que o poder exercido pelos economicamente mais fortes sobre a sociedade assume papel central para compreendermos o poder que a técnica exerce sobre a sociedade:

O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. Os automóveis, as bombas e o cinema mantêm coeso o todo e chega o momento em que seu elemento nivelador mostra sua força na própria injustiça à qual servia. Por enquanto, a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social. Isso, porém, não deve ser atribuído a nenhuma lei evolutiva da técnica enquanto tal, mas à sua função na economia atual. A necessidade que talvez pudesse escapar ao controle central já é recalcada pelo controle da consciência individual. A passagem do telefone ao rádio separou claramente os papéis. Liberal, o telefone permitia que os participantes ainda desempenhassem o papel do sujeito. Democrático, o rádio transformava todos igualmente em ouvintes, para entregá-los autoritariamente aos programas, iguais uns aos outros, das diferentes estações. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985c, p. 100)

A técnica exerce um poder sobre a sociedade. Tal poder, entretanto, está intrinsecamente vinculado ao poder exercido sobre a sociedade pelos economicamente mais fortes, o que permite aos autores sustentar a estreita identidade entre a racionalidade técnica e a racionalidade da dominação. A coesão do todo e o que os autores chamam de elemento nivelador são aspectos dessa racionalidade, alcançados por meio da indústria em geral (automóveis), pela guerra (bombas) e pela própria indústria cultural (cinema). A técnica desta última propicia dois efeitos, a padronização e a produção em série, contribuindo para a mencionada coesão do todo ao suprimir a diferença entre a lógica da obra e a lógica do sistema social. Em outras palavras, a obra passa a refletir tal como um espelho o próprio sistema social. Isso não se deve, ressaltam os autores, à evolução da própria técnica, mas à sua função econômica. Há por fim um aspecto da consciência individual a ser destacado. Esta recalca a necessidade que por ventura pudesse

escapar do controle central, o que pode ser relacionado às próprias características dos meios técnicos, neste caso o telefone e o rádio. Conforme sustentado pelos autores, o telefone ainda permitia que o papel de sujeito fosse desempenhado, o que não poderia ser alcançado por meio do rádio na medida em que transmite programas padronizados por meio de diferentes estações.

A relação entre a padronização e as necessidades dos receptores não se restringe ao âmbito das semelhanças na programação veiculada pelas diferentes estações de rádio. Ela pode ser estendida aos demais ramos da indústria cultural:

A atitude do público que, pretensamente e de fato, favorece o sistema da indústria cultural é uma parte do sistema, não sua desculpa. Quando um ramo artístico segue a mesma receita usada por outro muito afastado dele quanto aos recursos e ao conteúdo; quando, finalmente, os conflitos dramáticos das novelas radiofônicas tornam-se o exemplo pedagógico para a solução de dificuldades técnicas, que à maneira do *jam*, são dominadas do mesmo modo que nos pontos culminantes da vida jazzística; ou quando a “adaptação” deturpadora de um movimento de Beethoven se efetua do mesmo modo que a adaptação de um romance de Tolstoi pelo cinema, o recurso aos desejos espontâneos do público torna-se uma desculpa esfarrapada. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985c, p. 101).

A crítica dos autores aos argumentos dos interessados, que recorrem aos receptores para justificar a padronização, novamente remete à influência do poder econômico e também às instâncias de comando, tais como os executivos responsáveis pelas decisões administrativas:

Uma explicação que se aproxima mais da realidade é a explicação a partir do peso específico do aparelho técnico e do pessoal, que devem todavia ser compreendidos, em seus menores detalhes, como partes do mecanismo econômico de seleção. Acresce a isso o acordo, ou pelo menos a determinação comum dos poderosos executivos, de nada produzir ou deixar passar que não corresponda a suas tabelas, à ideia que fazem dos consumidores e, sobretudo, que não se assemelha a eles próprios. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985c, p. 101).

Em algumas das passagens acima transcritas, os autores fazem menção à condição de consumidores assumida pelos receptores no âmbito da indústria cultural. Também fazem referência à condição de clientes e empregados. Procuramos a seguir caracterizá-las sinteticamente.

Para Adorno e Horkheimer (1985c, p. 110), os consumidores são os trabalhadores, os empregados, os lavradores e os pequenos burgueses mantidos sob controle pela produção capitalista que sucumbem ao que lhes é apresentado sem oferecer resistência. Segundo os autores, as massas sucumbem ao mito do sucesso mais facilmente do que os bem sucedidos, insistido

com obstinação na ideologia que as escraviza. Nesse sentido, ao reiterar com astúcia a demanda por porcarias, a indústria inaugurou a harmonia total, e o conformismo dos compradores se contenta com a reprodução do que é sempre o mesmo.

Acrescente-se que, segundo os autores, a indústria reduziu a humanidade inteira, assim como cada um de seus elementos, a uma fórmula que toma os homens como clientes ou empregados. Enquanto empregados, os homens são lembrados da organização racional e convocados a nela se inserir com bom senso. Enquanto clientes, observam a liberdade de escolha demonstrada pelo cinema e pela imprensa a partir de acontecimentos da vida privada das pessoas. Em ambos os casos, encontram-se na posição de objetos. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985c, p. 121).

Nesse âmbito, o primeiro serviço prestado pela indústria ao cliente é o esquematismo. Segundo os autores, no esquematismo kantiano ainda se atribuía ao sujeito a função de referir de antemão a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais. Na alma devia atuar um mecanismo para preparar os dados imediatos de modo a se ajustarem ao sistema da razão pura. Para o consumidor, entretanto, não há mais nada a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção. Ainda que o planejamento do mecanismo pela indústria cultural seja imposto a ela pelo peso da sociedade, que permanece irracional apesar de toda a racionalização, essa tendência é transformada pelas agências do capital de modo a aparecer como desígnio dessas mesmas agências.

Não somente os tipos das canções de sucesso, os astros, as novelas ressurgem ciclicamente como invariantes fixos, mas o conteúdo específico do espetáculo é ele próprio derivado deles e só varia na aparência. Os detalhes tornam-se fungíveis. A breve sequência de intervalos, fácil de memorizar, como mostrou a canção de sucesso; o fracasso temporário do herói, que ele sabe suportar como *good sport* que é; a boa palmada que a namorada recebe da mão forte do astro; sua rude reserva em face da herdeira mimada são, como todos os detalhes, clichês prontos para serem empregados arbitrariamente aqui e ali e completamente definidos pela finalidade que lhes cabe no esquema. Confirmá-lo, compondo-o, eis aí sua razão de ser. Desde o começo do filme já se sabe como ele termina, quem é recompensado, e, ao escutar a música ligeira, o ouvido treinado é perfeitamente capaz, desde os primeiros compassos, de adivinhar o desenvolvimento do tema e sente-se feliz quando ele tem lugar como previsto. O número médio de palavras da *short story* é algo em que não se pode mexer. Até mesmo as *gags*, efeitos e piadas são calculados, assim como o quadro em que se inserem. Sua produção é administrada por especialistas, e sua pequena diversidade permite reparti-las facilmente no escritório. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985c, p. 103).

É possível que a leitura de uma notícia de jornal ocorra de maneira semelhante. Em outras palavras, uma notícia pode ser considerada tão previsível quanto o roteiro de um filme

de sucesso. Nesses termos, um dos recursos empregados pelo jornalismo para indicar o tema da cobertura jornalística é a inserção de uma pequena linha acima dos títulos das notícias, conhecido no jargão jornalístico como “chapéu”, e que pode implicar em um direcionamento prévio da leitura. Tomemos como exemplo a cobertura jornalística relacionada ao tema da bomba atômica produzida pelo jornal Folha de São Paulo nos últimos dez anos. No período compreendido entre 30 de agosto de 2003 e 08 de maio de 2006 encontramos em treze oportunidades a utilização do recurso acima mencionado. O “chapéu” dessas notícias era a expressão “eixo do mal”, grafado em caixa alta. O próprio periódico se encarrega de informar sobre o sentido da expressão em matéria publicada em 05 de fevereiro de 2004:

Os últimos dois países [Irã e a Coréia do Norte] integram o chamado “eixo do mal”, termo criado pelo presidente americano, George W. Bush, para reunir os países do mundo que, segundo os EUA, estariam desenvolvendo armas de destruição em massa. O Iraque integrou o “eixo” até a queda do ditador Saddam Hussein, em abril de 2003. (p. A15).

Nas edições de 18 de abril de 2004, 15 de novembro de 2004 e 06 de dezembro de 2007, a expressão é empregada em notícias veiculadas pelo jornal Folha de São Paulo no corpo do texto jornalístico reafirmando o sentido apontado acima.

Segundo Adorno e Horkheimer (1985c, p. 106), o que vêm a público exhibe de antemão os traços do jargão e se credencia à aprovação do primeiro olhar. O ideal do natural, exemplificado pela facilidade, espontaneidade e alegria com que os grandes astros produzem e reproduzem o jargão, impõe-se de forma mais imperiosa à medida em que a técnica aperfeiçoada reduz a tensão entre a obra produzida e a vida quotidiana. Segundo os autores, a rotina travestida de natureza pode ser notada em todas as manifestações da indústria cultural.

Com o termo “jargão”, Adorno e Horkheimer (1985c, p. 106-107) fazem menção a uma linguagem altamente padronizada, que em boa medida serve à idolatria daquilo que existe. Os autores o caracterizam como um idioma tecnicamente condicionado, produzido pelos emissores (atores e produtores, por exemplo) como algo natural, de modo que os receptores possam transformá-lo no seu próprio idioma. De todo o modo, esse idioma possui nuances, e a rara capacidade de satisfazer de forma minuciosa as exigências do idioma da naturalidade se torna padrão de competência da indústria cultural. Nesse contexto, o que é dito e a forma como é dito deve ser passível de controle pela linguagem cotidiana. Nesses termos, o estilo da indústria cultural é, segundo os autores, a própria negação do estilo. O que poderia dar substância ao estilo, a reconciliação do universal e do particular, da regra e da pretensão específica do objeto, é vazia uma vez que não há tensão entre os polos. Há uma turva identidade entre os extremos, podendo o universal substituir o particular e vice-versa.

Num plano mais geral, Adorno e Horkheimer (1985c, p. 108) afirmam que caberia à obra de arte, ao menos enquanto promessa, instituir a verdade através das próprias formas

transmitidas pela sociedade. Isso implica conferir às formas existentes um caráter absoluto, e nessa medida a pretensão da arte pode ser considerada ideologia. Entretanto, através do confronto com a tradição, sedimentado no estilo, a arte encontra expressão para o sofrimento. A obra de arte transcende a realidade através de um elemento vinculado ao estilo. Segundo os autores, entretanto, esse elemento não consistiria na chamada realização da harmonia, ou seja, a unidade problemática da forma e do conteúdo, do interior e do exterior, do indivíduo e da sociedade, mas nos traços que revelam a discrepância, no necessário fracasso do esforço em busca da identidade. A indústria cultural torna a imitação algo absoluto, revelando desse modo o seu segredo, a obediência à hierarquia social. Os autores sustentam que, desde o momento em que as criações do espírito foram reunidas e neutralizadas a título de cultura, pairou sobre elas uma ameaça, tendo em vista que o termo “cultura” agrega o levantamento estatístico, a catalogação, a classificação que insere a cultura no domínio da administração. Ao subordinar todos os setores da produção espiritual à finalidade de ocupar os sentidos dos trabalhadores desde o fim de sua jornada ao início do trabalho na manhã seguinte com a marca da tarefa que devem realizar ao longo do dia, realiza-se o conceito de cultura unitária.

Nesse contexto, a exclusão do novo é uma contribuição característica da cultura de massas em relação ao liberalismo avançado. Mesmo no plano do consumo, o que ainda não foi experimentado é descartado porque representa um risco. Tome-se como exemplo a desconfiança dos cineastas em relação a manuscritos que não se baseiam em um *best-seller*. A contínua referência à ideia, à novidade, à surpresa refere-se a algo ao mesmo tempo familiar a todos sem que jamais tenha ocorrido. Tudo deve estar em constante movimento porque só a vitória do ritmo da produção e da reprodução mecânica é a garantia de que nada mudará, de que nada surgirá sem se adaptar. Segundo os autores, o *sketch*, a história curta, o filme de tese, o êxito de bilheteria são a média do gosto característico do liberalismo avançado, e tudo se passa como se o material tivesse sido examinado por uma instância onipresente, estabelecendo o catálogo oficial dos bens culturais e registrando de maneira clara e concisa as séries disponíveis. As ideias encontram-se registradas no céu cultural, encerradas sem a possibilidade de aumento ou transformação. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985c, p. 111).

Ao mesmo tempo, os autores consideram que as supostas inovações provenientes da indústria cultural constituem aperfeiçoamentos da produção em massa:

Mas o que é novo é que os elementos irreconciliáveis da cultura, da arte e da distração se reduzem mediante sua subordinação ao fim a uma única fórmula falsa: a totalidade da indústria cultural. Ela consiste na repetição. O fato de que suas inovações características não passem de aperfeiçoamentos da produção em massa não é exterior ao sistema. É com razão que o interesse de inúmeros consumidores se prende à técnica, não aos conteúdos teimosamente repetidos, ociosos e já em parte abandonados. O poderio social que os espectadores adoram é mais eficazmente afirmado na onipresença do estereótipo imposta pela técnica do que nas ideologias rançosas pelas quais os conteúdos efêmeros

devem responder. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985c, p. 112).

Avançando na reflexão sobre os conteúdos teimosamente veiculados pela indústria cultural, os autores discutem aspectos relacionados à apologia da ordem existente, a qual subsiste a despeito de sua manifesta irracionalidade:

A indústria cultural tem a tendência de se transformar num conjunto de proposições protocolares e, por isso mesmo, no profeta irrefutável da ordem existente. Ela se esgueira com mestria entre os escolhos da informação ostensivamente falsa e da verdade manifesta, reproduzindo com fidelidade o fenômeno cuja opacidade bloqueia o discernimento e erige em ideal o fenômeno onipresente. A ideologia fica cindida entre a fotografia de uma vida estupidamente monótona e a mentira nua e crua sobre o seu sentido, que não chega a ser proferida, é verdade, mas, apenas sugerida, e inculcada nas pessoas. Para demonstrar a divindade do real, a indústria cultural limita-se a repeti-lo cinicamente. Uma prova fotológica como essa, na verdade, não é rigorosa, mas é avassaladora. Quem ainda duvida do poderio da monotonia não passa de um tolo. A indústria cultural derruba a objeção que lhe é feita com a mesma facilidade com que derruba a objeção ao mundo que ela duplica com imparcialidade. Só há duas opções: participar ou omitir-se. [...] A nova ideologia tem por objeto o mundo enquanto tal. Ela recorre ao culto do fato, limitando-se a elevar – graças a uma representação tão precisa quanto possível – a existência ruim ao reino dos fatos. [...] O simples fato de continuar a existir e continuar a operar converte-se em justificação da permanência cega do sistema e, até mesmo, de sua imutabilidade. O que é salutar é o que se repete, como os processos cíclicos da natureza e da indústria. Eternamente sorriem os mesmos bebês nas revistas, eternamente ecoa o estrondo da máquina de jazz. Apesar de todo o progresso da técnica de representação, das regras e das especialidades, apesar de toda a atividade trepidante, o pão com que a indústria cultural alimenta os homens continua a ser a pedra da estereotipia. Ela se nutre do ciclo, do assombro sem dúvida justificado – de que as mães apesar de tudo continuem a parir filhos, de que as rodas ainda não tenham parado. É isso que fortalece a imutabilidade das situações. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985c, pp. 122-123).

Os autores também sustentam que, no âmbito da cultura de massas, aquilo que ultrapassa a correlação com o evento é proscrito como obscuro e metafísico. A palavra, que nada mais deve significar e agora só pode designar, fica tão fixada na coisa que se torna uma fórmula petrificada. Isso afeta tanto a linguagem quanto o objeto. A palavra, ao invés de trazer o objeto à experiência, exhibe-o como instância de um aspecto abstrato, e tudo o mais se atrofia também na realidade, desligado da expressão (que não existe mais) pela busca compulsiva de uma

impiedosa clareza. Antes a palavra permitia não só a nostalgia mas também a mentira. A palavra racionalizada, por sua vez, transformou-se em uma camisa de força para a nostalgia, muito mais do que para mentira. Nesse âmbito, a linguagem se limita ao registro dos dados e, dessa forma, as próprias designações se tornam impenetráveis, adquirem uma contundência, uma força de adesão e repulsão que as assimila a seu extremo oposto, as fórmulas de encantamento mágico. Elas operam como manipulação, seja para criar o nome da diva no estúdio com base na experiência estatística, seja para condenar o governo voltado para o bem-estar social recorrendo a nomes tabus como “burocratas” e “intelectuais”, seja acobertando a infâmia com o nome da Pátria. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985c, p. 136).

A significação se consuma no sinal, o que se reforça com a rapidez com que os modelos linguísticos são colocados em circulação de cima para baixo. A repetição universal dos termos designando as decisões tomadas as torna familiares, do mesmo modo que, na época do livre mercado, a divulgação do nome de uma mercadoria fazia aumentar a sua venda. A repetição cega e rapidamente difundida de certas palavras liga a publicidade à palavra de ordem totalitária. O tipo de experiência que personalizava as palavras, ligando-as às pessoas que as pronunciavam, foi esvaziado. A pronta apropriação das palavras faz com que a linguagem assuma a frieza que a caracterizava apenas nos cartazes e na seção de classificados dos jornais. Inúmeras pessoas usam palavras e expressões que elas ou não compreendem mais totalmente ou empregam segundo seu valor behaviorista, tal como marcas comerciais, que acabam por aderir tanto mais compulsivamente a seus objetos quanto menos seu sentido linguístico é captado. Alguns estereótipos, como *memory*, ainda são de certa maneira compreendidos, mas escapam à experiência que poderia lhes dar um sentido. Eles se inserem como enclaves na linguagem falada. Essas expressões rompem o último laço entre a experiência sedimentada e a linguagem, laço este que durante o século dezenove ainda exercia uma influência conciliatória no interior do dialeto. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985c, pp. 137-138).

Nesse sentido, a linguagem e os gestos dos ouvintes e espectadores, até mesmo nos detalhes que, segundo os autores, nenhum método experimental havia conseguido até então captar, encontram-se impregnados pelos esquemas da indústria cultural. Todos são livres para dançar e se divertir, do mesmo modo que, desde a neutralização histórica da religião, são livres para entrar em qualquer uma das inúmeras seitas. Mas a liberdade de escolha da ideologia, que sempre reflete a coerção econômica, revela-se como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa. As mais íntimas reações das pessoas estão tão completamente reificadas para elas próprias que a ideia de algo que lhes seja peculiar só perdura na mais extrema abstração: personalidade significa para elas pouco mais do que possuir dentes deslumbrantemente brancos e estar livres das emoções e do suor nas axilas. Este seria o triunfo da publicidade na indústria cultural, a mimese compulsiva dos consumidores, pela qual se identificam às mercadorias culturais que eles, ao mesmo tempo, compreendem muito bem. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985b, p. 138).

Como dissemos anteriormente, a referência ao texto ora discutido pretende destacar

três elementos: a padronização, o esquematismo e a diversão. No que diz respeito a este último elemento, Adorno e Horkheimer (1985c, pp. 112-113) afirmam que o controle exercido pela indústria cultural sobre os consumidores é mediado pela diversão. Seu limite encontra-se na hostilidade por tudo aquilo que seja mais do que a própria diversão. Segundo os autores, a reorganização da indústria cinematográfica no início do século XX, por exemplo, consistiu em adaptar-se às necessidades do público a partir dos dados da bilheteria, necessidades estas que o próprio público duvidava ter que leva em conta à época.

A verdade em tudo isso é que o poder da indústria cultural provém de sua identificação com a necessidade produzida, não da simples oposição a ela, mesmo que se tratasse de uma oposição entre a onipotência e impotência. A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo. Mas, ao mesmo tempo, a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão, que esta pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho. O pretensão conteúdo não passa de uma fachada desbotada; o que fica gravado é a sequência automatizada de operações padronizadas. Ao processo de trabalho na fábrica e no escritório só se pode escapar adaptando-se a ele durante o ócio. Eis aí a doença incurável de toda diversão. O prazer acaba por se congelar no aborrecimento, porquanto, para continuar a ser um prazer, não deve mais exigir esforço e, por isso, tem de se mover rigidamente nos trilhos gastos das associações habituais. O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige o pensamento –, mas através de sinais. Toda ligação lógica que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada. Os desenvolvimentos devem resultar tanto quanto possível da situação imediatamente anterior, e não da Idéia do todo. Não há enredo que resista ao zelo com que os roteiristas se empenham em tirar de cada cena tudo o que se pode depreender dela. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985b, p. 113).

Embora a indústria cultural continuamente prometa o prazer aos espectadores por meio do enredo e da encenação, não cessa de lográ-los a esse respeito. A promessa a que se reduz o espetáculo significa que jamais se chegará à coisa mesma. Segundo os autores, tudo se passa como se o convidado tivesse que se contentar com a leitura do cardápio. Mesmo excitado por nomes e imagens cheios de brilho, o desejo tem que se contentar com o simples elogio do cotidiano cinzento ao qual ele queria escapar. Nesse tópico, Adorno e Horkheimer (1985c, p. 115) estabelecem uma contraposição entre as obras de arte e as produções da indústria cultural:

De seu lado, as obras de arte tampouco consistiam em exposições sexuais. Todavia, apresentando a renúncia como algo de negativo, elas revogavam por assim dizer a humilhação da pulsão e salvavam aquilo a que se renunciara como algo mediatizado. Eis aí o segredo da sublimação estética: apresentar a satisfação como uma promessa rompida. A indústria cultural não sublima, mas reprime. Expondo repetidamente o objeto do desejo, o busto no suéter e o torso nu do herói desportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado que o hábito da renúncia há muito mutilou e reduziu ao masoquismo. Não há nenhuma situação erótica que não junte à alusão e à excitação a indicação precisa de que jamais se deve chegar a esse ponto. O Hays Office apenas confirma o ritual que a indústria cultural de qualquer modo já instaurou: o de Tântalo. As obras de arte são ascéticas e sem pudor, a indústria cultural é pornográfica e puritana.

De todo o modo, para Adorno e Horkheimer (1985c, p. 117) o que é decisivo não é o puritanismo, mas a necessidade do sistema de não soltar o consumidor, de sequer suscitar o pressentimento da possibilidade da resistência. As necessidades devem ser apresentadas a ele como podendo ser satisfeitas pela indústria cultural, mas organizadas de tal modo que ele se veja nelas unicamente como um eterno consumidor, como objeto da indústria cultural. Além de fazer crer que o logro que ela oferece seria a satisfação, a indústria cultural também dá a entender que o consumidor teria que se arranjar com o que lhe é oferecido. A fuga do cotidiano, prometida pela indústria cultural em todos os seus ramos, reconduz ao ponto de partida. Como se disse, a indústria cultural oferece como paraíso o mesmo cotidiano. Nesse contexto, a apologia da sociedade revela a afinidade entre os negócios e a diversão:

Divertir-se significa estar de acordo. Isso só é possível se isso se isola do processo social em seu todo, se idiotiza e abandona desde o início a pretensão inescapável de toda obra, mesmo da mais insignificante, de refletir em sua limitação o todo. Divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A impotência é a sua própria base. É na verdade uma fuga, mas não, como afirma, uma fuga da realidade ruim, mas da última idéia de resistência que essa realidade ainda deixa subsistir. A liberação prometida pela diversão é a liberação do pensamento como negação. O descaramento da pergunta retórica: “Mas o que é que as pessoas querem?” consiste em dirigir-se às pessoas como sujeitos pensantes, quando sua missão específica é desacostumá-las da subjetividade. Mesmo quando o público se rebela contra a indústria cultural, essa rebelião é o resultado lógico do desamparo para o qual ela própria o educou. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985c, p. 119).

Como dissemos anteriormente, a discussão a respeito da indústria cultural visa fornecer

elementos para a análise do material empírico. Assim sendo, procuramos destacar os aspectos que julgamos ter ressonância com esse material, notadamente a padronização, o esquematismo e diversão (entretenimento).

4. Análise da Exposição Itinerante

A exposição itinerante sobre os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki abarca os três grupos temáticos propostos com o intuito de analisar o material de pesquisa. Apresentamos a seguir a composição geral da exposição no que se refere aos grupos temáticos e aos temas que os integram. Posteriormente, tecemos considerações sobre cada um dos painéis.

Grupo temático “Bombardeios de Hiroshima e Nagasaki”

O grupo temático “bombardeios de Hiroshima e Nagasaki” abrange a maior parte da exposição, alcançando os painéis 01 a 25, 29 e 30¹². Esses painéis abordam os ataques, suas consequências, o registro das vítimas, o processo de reconstrução das cidades e a memória desses eventos. Indicamos a seguir a composição dos temas dentro do referido grupo de painéis.

O painel número 1 é dedicado ao ataque às cidades de Hiroshima e Nagasaki, apresentando fotos aéreas da explosão das bombas atômicas lançadas sobre as mesmas. As imagens são acompanhadas por duas legendas. As fotografias e suas legendas ocupam 65,5% da área total do painel¹³. Podemos indicar como elemento de destaque a nuvem de fumaça que se formou após as explosões, cuja forma se assemelha a um cogumelo e que passou a ser associada às bombas atômicas.

Os painéis 02 a 05 apresentam as consequências do ataque atômico. Eles contêm imagens de Hiroshima e Nagasaki pouco tempo depois das explosões. Algumas dessas imagens são acompanhadas por legendas e em todas elas há indicações sobre os locais nelas retratados. As fotografias, suas legendas e as indicações sobre os locais nelas retratados ocupam 59,9% da área dos painéis, destacando deste modo a imagem da terra arrasada.

Os painéis 06 e 07 contêm explicações a respeito dos danos causados pelas bombas atômicas e sobre o funcionamento das mesmas. Em outras palavras, o conteúdo desses painéis descreve a composição e o funcionamento das bombas nucleares de modo a integrá-la à explicação sobre efeitos da explosão desses artefatos, remetendo nesse sentido ao tema das consequências do ataque nuclear.

O painel número 08, ainda que apresente imagens de Hiroshima e Nagasaki antes da explosão atômica, traz também duas imagens que mostram os danos causados pelas bombas nucleares, permitindo em alguma medida vislumbrar os seus efeitos. Nesse sentido, as imagens das cidades anteriormente ao ataque e suas respectivas legendas, assim como os textos que descrevem as principais atividades nelas desenvolvidas, mesmo que a princípio se encontrem em contraposição aos registros das cidades destruídas, compõe o quadro da destruição decorrente dos ataques atômicos. Tais estímulos ocupam 62,4% da área total do painel.

12 Os números dos painéis aos quais nos referimos aqui estão indicados na parte inferior direita de cada um deles.

13 A porcentagem foi obtida através da divisão da área ocupada pelo estímulo pela área total do painel.

Os painéis 09 a 12 também descrevem as consequências devastadoras das explosões sobre Hiroshima e Nagasaki. Neste conjunto de painéis, entretanto, a ênfase recai sobre as suas vítimas. Há basicamente três tipos de estímulos sobre esse tema: fotografias, desenhos feitos por sobreviventes da tragédia e legendas vinculadas a tais elementos.

Os painéis 13 a 15 retomam a descrição dos efeitos provocados pela explosão das bombas atômicas, abordando os raios de calor, a onda de choque e os incêndios causados pelas explosões. Predomina neste trecho o emprego de fotografias com evidências de tais efeitos, as quais, juntamente com suas legendas, ocupam 66,0% da área desses painéis.

Os painéis 16 a 19, por sua vez, retomam a ênfase sobre as vítimas da catástrofe atômica, descrevendo os efeitos das explosões sobre os seres humanos. Destacam-se as doenças agudas que acometeram as pessoas expostas às explosões desde os primeiros dias após os eventos até alguns meses depois.

Os painéis 21 e 22 recorrem principalmente a registros fotográficos que retratam os trabalhos de reconstrução das cidades atingidas. Já o painel 23 faz referência ao auxílio prestado por cidadãos ou instituições de outros países às vítimas do bombardeio atômico. Emprega-se principalmente fotografias, acompanhadas por legendas, as quais ocupam 58,9% da área do painel, destacando a solidariedade em relação às vítimas do ataque. Os painéis 24 e 25 apresentam as cidades de Hiroshima e Nagasaki em fases mais avançadas de recuperação. O primeiro deles traz registros fotográficos dessas cidades feitos em meados da década de 1950. O segundo apresenta fotografias feitas na década de 1990. As fotografias e suas legendas ocupam 59,2% da área desses dois painéis.

Os painéis 29 e 30 compõe o grupo temático denominado “memória”. Esses painéis apresentam registros fotográficos de objetos e construções atingidos pelas bombas atômicas. Além desses registros, o painel número 29 traz textos que vinculam os objetos fotografados à história de vida de seus possuidores.

Grupo temático “Armas nucleares nos dias atuais”

Os painéis 26 e 27 estão inseridos no grupo temático denominado “armas nucleares nos dias atuais”. Ambos tratam da situação atual das armas nucleares no mundo e de iniciativas para a sua abolição. No que se refere aos estímulos empregados nesses painéis, há uma distribuição entre fotografias, legendas, textos e gráficos, conforme os dados da tabela abaixo.

PAINÉIS	FOTOGRAFIAS	LEGENDAS DE FOTOGRAFIAS	TEXTOS	GRÁFICOS
26	7,9%	1,1%	8,2%	2,5%
27	5,2%	1,2%	5,9%	6,3%
TOTAL	13,1%	2,3%	14,1%	8,8%

Tabela 4.1 – Porcentagem da área dos painéis 26 e 27 ocupadas pelos estímulos fotografias, legendas e textos.

Grupo temático “Desenvolvimento das armas atômicas”

O painel número 28 integra o grupo temático “desenvolvimento das armas atômicas”, e trata do primeiro teste nuclear realizado pelos Estados Unidos em 16 de julho de 1945. O painel apresenta uma reprodução de uma carta datada de 17 de julho de 1945, dirigida ao presidente dos Estados Unidos por um grupo de cientistas, em que condenam o uso de armas nucleares contra o Japão ao final da Segunda Guerra Mundial. No que se refere aos estímulos empregados nesses três painéis, há uma distribuição entre fotografias e legendas, textos e gráficos, conforme os dados da tabela abaixo.

Tendo apresentado a composição dos grupos temáticos no âmbito da exposição itinerante, procederemos a seguir à análise pormenorizada dos painéis que a integram.

Painel 1

O painel número 1 intitula-se “Billowing mushroom cloud”. O termo “mushroom cloud” é uma referência ao formato da nuvem de gases formada em decorrência da explosão de uma bomba atômica, semelhante a um cogumelo. A palavra “bellow” refere-se à ação de se espalhar por uma grande área. Abaixo do título encontram-se as datas e os horários em que as bombas atômicas explodiram sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki. Como em todos os demais painéis que compõem a exposição, os nomes das duas cidades encontram-se na parte inferior, grafados em letras maiúsculas.

Quanto às imagens, o painel número 1 pode ser dividido em duas partes. Na metade superior há uma fotografia em preto e branco da nuvem provocada pela explosão atômica sobre a cidade de Hiroshima. A legenda informa que o registro foi feito cerca de uma hora após a detonação a partir de um dos três aviões que participaram da missão de bombardeio a Hiroshima, a uma altitude de cerca de 9.000 metros e a uma distância de cerca de 80 quilômetros do hipocentro. Por se tratar de um registro aéreo, feito à grande distância do local da explosão, a imagem ressalta a magnitude do evento. O contraste entre o branco de certas áreas, em especial da nuvem de fumaça, e o preto, que se estende por quase todo o céu, compõem um quadro de catástrofe.

Na metade inferior esquerda do painel, por sua vez, há uma sequência de oito fotografias retratando a explosão da bomba atômica sobre a cidade de Nagasaki e a formação da nuvem em formato de cogumelo. Do lado direito, a ampliação de uma das imagens da sequência anterior retrata a porção superior da nuvem em forma de cogumelo. As imagens são coloridas. A parte inicial da legenda repete o título do painel, e descreve a sequência de imagens apontando o aspecto branco e circular da nuvem que se formou instantes após a explosão e a cor avermelhada da bola de fogo que então começou a se espalhar. A legenda também informa que as imagens em questão foram feitas pelo exército americano. Trata-se também de registros aéreos que, como sustentamos acima, tendem a ressaltar a magnitude do evento.

Painel 2

Os painéis de número 2 a 5 possuem, do ponto de vista da estrutura, uma organização semelhante à do painel número 1. Assim, no que se refere às imagens, podem ser divididos em duas partes. Na parte superior há imagens retratando a destruição da cidade de Hiroshima. Na parte inferior, as fotografias registram a destruição de Nagasaki. As fotografias, feitas no nível do solo, estão em preto e branco. Cumpre também destacar que os painéis de número 2 a 5 apresentam imagens panorâmicas da área retratada, as quais se estendem por mais de um painel. No caso de Hiroshima, temos uma única fotografia panorâmica dividida em quatro partes. No caso de Nagasaki, temos duas fotografias panorâmicas divididas em duas partes cada uma. A seguir, tratamos cada um desses painéis de maneira individualizada, contemplando desse modo alguns de seus elementos específicos.

O painel número 2 intitula-se “The vanished cities”. O verbo “vanish” refere-se a algo que deixou de existir abruptamente, inesperadamente. O título, portanto, poderia ser traduzido como “As cidades que desapareceram abruptamente”. A imagem situada na parte superior do painel retrata a destruição em Hiroshima na área próxima ao hipocentro da explosão. Nesse sentido, a legenda informa que a fotografia foi feita a partir do telhado do edifício da Câmara de Comércio e Indústria de Hiroshima, situado a 260 metros ao norte do hipocentro da explosão. O registro foi feito pelo fotógrafo Shigeo Hayashi em 05 de outubro de 1945. A fotografia traz indicações de pontos de referência, a exemplo de bancos ou lojas de departamentos, os quais ou se encontram em ruínas ou completamente destruídos, restando neste caso não mais do que a própria referência inscrita na imagem. Uma avenida corta a porção esquerda da imagem a partir do primeiro plano até o horizonte. Nela é possível identificar algumas pessoas caminhando e também o trânsito de ao menos dois bondes. Esses dois elementos a indicar a presença humana no local oferecem um contraste com a destruição que se estende por praticamente toda a área.

A imagem situada na parte inferior do painel retrata a destruição em Nagasaki, também registrando a área próxima ao hipocentro da explosão. A legenda informa que a fotografia foi feita a 260 metros a leste do hipocentro numa área próxima à que atualmente abriga o Museu da Bomba Atômica de Nagasaki. O registro, também de autoria de Shigeo Hayashi, foi feito em meados de outubro de 1945. A fotografia traz indicações de pontos geográficos e de escolas que se situavam na área atingida. Nesta imagem há apenas dois edifícios remanescentes, nos quais estavam instaladas escolas. Quanto às outras construções, restam apenas ruínas. Um trem em movimento transita pelo local, podendo ser distinguido pela cor preta da composição e da fumaça expelida pela locomotiva, igualmente indicando a presença humana no local e assim contrastando com a destruição à sua volta.

Painel 3

O painel 3, assim como os painéis 4 e 5, não possui título. A imagem situada na parte

superior também não possui legenda, pois como dissemos compõe uma única fotografia que se estende por quatro painéis. Em seu centro, a imagem retrata o edifício à época denominado “Prefectural Industry Promotion Hall”. Há informação sobre o nome do edifício à época do ataque e também sobre o nome pelo qual passou a ser conhecido após a explosão, qual seja, “A- Bomb Dome”. Esse termo pode ser traduzido como Domo da Bomba Atômica. O edifício encontra-se às margens do Rio Motayasu, que se estende ao longo da parte central imagem. A fotografia também retrata o Rio Honkawa, situado do lado direito da imagem. Há ruínas de alguns edifícios de maior porte, mas predomina na fotografia o registro da terra arrasada. A destruição se estende desde o primeiro plano até o horizonte. Há várias indicações de pontos de referência além dos que mencionamos acima, o que contribui para a percepção de se tratar de uma área até então densamente ocupada. Além dos nomes dos rios e das montanhas retratados pela imagem, há referência a escolas, bancos, pontes e hospitais. Nesse sentido, indica-se a localização do Hospital Shima, sobre o qual a bomba atômica explodiu, razão pela qual é considerado o hipocentro da mesma.

A fotografia situada na parte inferior do painel, igualmente sem legenda por se tratar de uma continuação da imagem do painel número 2, retrata resquícios de construções. Também predomina a imagem da terra arrasada desde o primeiro plano até o horizonte, o qual é demarcado por uma cadeia de montanhas. Há indicações de algumas instituições que se encontravam instaladas em edifícios da região à época do bombardeio e que constituem as poucas ruínas que restaram após a explosão.

Painel 4

O painel número 4, na sua parte superior, traz uma fotografia que retrata em primeiro plano o Rio Honkawa e a ponte Aioi. A parte posterior da imagem retrata uma grande área devastada, em que são identificados três edifícios cuja estrutura externa resistiu à explosão da bomba atômica e ao incêndio que se seguiu. Tratava-se de duas escolas e do escritório de uma companhia telefônica. É possível observar algumas pessoas caminhando sobre a ponte. Na parte inferior esquerda da fotografia também é possível observar o que parece ser duas casas, construídas em madeira após a explosão.

A fotografia situada na parte inferior do painel 4 compõe a segunda imagem retratando a destruição provocada pela bomba atômica em Nagasaki, e se estende também pelo painel 5. Segundo informa a legenda, foi feita a 900 metros na direção oeste do hipocentro. O registro, de autoria de Shigeo Hayashi, data de meados de outubro de 1945. Há indicações de pontos geográficos, de uma escola, de um hospital e de uma prisão, bem como das ruínas de uma catedral.

Painel 5

O painel 5 apresenta na parte superior a última parte da imagem que retrata a destruição de Hiroshima a partir das áreas próximas ao hipocentro da bomba atômica. Predomina a imagem da terra arrasada, sendo possível observar poucos resquícios de edificações que se encontravam no local antes da explosão. Um dos indícios do incêndio provocado pela bomba atômica são as várias árvores queimadas. Há indicações da localização de algumas instituições instaladas na região, mas delas não há sequer ruínas.

A imagem situada na parte inferior do painel destaca as ruínas de uma escola, chamada “Shiroyama Elementary School”, o edifício de uma instituição de ensino superior, chamada “Nagasaki Medical College”, e um hospital vinculado a esta última instituição, o “Nagasaki Medical College Hospital”. As ruínas da “Shiroyama Elementary School”, situadas no centro da fotografia sobre uma elevação no terreno, contrastam com uma pequena construção, provavelmente feita com madeira, no lado inferior esquerdo da imagem.

Painel 6

Diferentemente dos cinco painéis anteriores, o painel 6, intitulado “A-bomb Damage”¹⁴, não emprega fotografias, utilizando outros elementos para tratar dos danos causados pela explosão da bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki. O painel possui um texto de três parágrafos, uma tabela, um gráfico e dois mapas. O referido texto ocupa espaço semelhante àquele destinado à tabela e ao gráfico tomados em conjunto. Os dois mapas ocupam espaço um pouco maior que aquele dedicado aos outros elementos mencionados.

ESTÍMULO	ÁREA TOTAL	ÁREA RELATIVA
MAP OF DAMAGE IN HIROSHIMA	1093,3	19,6%
MAP OF DAMAGE IN NAGASAKI	1093,3	19,6%
TEXTO	679,8	12,2%
TABELA PROFILE OF A-BOMB DAMAGE	409,0	7,3%
GRÁFICO ENERGY RELEASED	176,6	3,2%
TÍTULO	80,3	1,4%
HIROSHIMA & NAGASAKI	65,4	1,2%
LEGENDA MAP OF DAMAGE IN HIROSHIMA	8,0	0,1%
LEGENDA MAP OF DAMAGE IN NAGASAKI	7,2	0,1%
ÁREA TOTAL	5580,0	

Tabela 4.2 – Espaço ocupado pelos estímulos que compõem o painel 6.

O texto informa que as bombas atômicas utilizam a energia gerada pela fissão nuclear para causar destruição e mortes em grandes proporções, sendo tal energia dissipada na forma de calor, onda de choque e radiação. O painel informa que duas bombas desse tipo destruíram completamente as cidades de Hiroshima e Nagasaki, e que os sobreviventes desses eventos

¹⁴ “Danos provocados pela bomba atômica”.

sofrem com os efeitos da exposição à radiação, embora desconheçam quando esses efeitos possam vir a se manifestar. O trecho final do texto em questão sustenta que as bombas atômicas resultam em um trauma psicológico e emocional, tendo em vista a completa destruição do tecido das sociedades urbanas atingidas. Nesse sentido, a principal característica dos danos provocados pela bomba atômica seria a interação complexa de efeitos destrutivos produzidos pelas perdas nos planos individual e social.

A tabela apresentada pelo painel número 6 intitula-se “Profile of A-bomb Damage”¹⁵. Dividida em três colunas, informa na primeira delas, sob o título de categorias, o horário da explosão, o número de mortos e os danos causados aos edifícios. Os dados referentes à Hiroshima estão na segunda coluna e os de Nagasaki na terceira coluna.

Já o gráfico que integra o painel em questão intitula-se “Energy released”, ou “Energia liberada”. Através de porcentagens, quantifica-se o montante de energia liberada pela explosão da bomba atômica na forma de calor, onda de choque e radiação.

Os dois mapas do painel 6 indicam a extensão e o tipo de dano provocado pelas bombas atômicas às construções situadas nas imediações do hipocentro. Ambos recorrem a um esquema de cores para indicar as áreas em que houve o desabamento e o incêndio completo das edificações e as áreas em que os desabamentos e os incêndios foram parciais. No mapa dedicado à Nagasaki, há indicação de uma área atingida somente por incêndios. Observa-se que, em comparação com Nagasaki, a área devastada em Hiroshima foi maior. Entretanto, não há neste painel explicações a respeito.

Painel 7

O painel número 7 apresenta estrutura semelhante ao painel anterior no que se refere ao emprego de textos, tabelas e ilustrações, ainda que também faça uso de fotografias. Sob o título “The atomic bomb”¹⁶, descreve através de um texto de um parágrafo a reação em cadeia que pode produzir uma explosão nuclear. Um esquema ao lado desse texto ilustra tal reação.

Logo abaixo, outro texto trata do chamado “Projeto Manhattan”. O painel informa que, durante a Segunda Guerra Mundial, o presidente americano Franklin Roosevelt determinou o desenvolvimento da bomba atômica, o que ocorreu sob sigilo e consumiu grande quantidade de recursos financeiros e humanos. O programa de desenvolvimento da bomba atômica, iniciado em agosto de 1942, ficou conhecido como “Projeto Manhattan”.

O texto a respeito do projeto Manhattan situa-se no centro do painel. A sua esquerda encontra-se uma fotografia que, segundo a legenda, foi feita pelo exército americano em 16 de julho de 1945, retratando o primeiro teste atômico em Alamogordo. Predomina na imagem a nuvem esbranquiçada formada pela explosão da bomba atômica. Uma nuvem de poeira a circunda próximo ao que parece ser a linha do solo. A parte inferior da imagem, bem como a

15 “Perfil dos danos da bomba atômica”.

16 “A bomba atômica”.

área acima da nuvem esbranquiçada, encontra-se quase completamente escurecida.

À direita do painel há duas fotografias e dois esquemas retratando as bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki. As fotografias das bombas atômicas captaram os artefatos em posição semelhante, ambos em preto e branco. As legendas dessas imagens também se assemelham. No caso da bomba de Hiroshima, a legenda informa: “The atomic bomb dropped on Hiroshima (Little boy)¹⁷”. Quanto à bomba de Nagasaki, a legenda informa: “The atomic bomb dropped on Nagasaki (Fat boy)¹⁸”. Os esquemas referentes às duas bombas ilustram o mecanismo responsável pela detonação das mesmas, indicando o emprego de urânio 235 na bomba lançada sobre Hiroshima e de plutônio 239 na bomba lançada sobre Nagasaki. As legendas dos dois desenhos informa tratar-se de um corte esquemático dos artefatos.

O painel número 7 traz, por fim, um quadro com informações a respeito das bombas atômicas. São descritos o tipo de cada artefato, o peso e o poder explosivo dos mesmos, a altura em que foram detonados, apresentando-se ainda dados a respeito da sua estrutura.

Painel 8

O painel número 8 possui estrutura semelhante aos painéis 1 a 5 no que diz respeito à disposição das imagens e das informações nele contidas. Intitulado “Before the atomic bomb”¹⁹, traz na parte superior um pequeno texto e três fotografias com suas respectivas legendas a respeito de Hiroshima. Na parte inferior do painel há também um pequeno texto, acompanhado por três fotografias com legendas, a respeito da cidade de Nagasaki. Todas as fotografias estão em branco e preto. Dentre as seis imagens, duas delas ocupam a maior parte da área do painel. As outras quatro imagens possuem tamanho semelhante e se encontram nas laterais.

O pequeno texto situado na parte superior direita do painel, intitulado Hiroshima, informa que aquela cidade possuía uma dupla característica à época do bombardeio. Era considerada uma cidade militar, em razão da alta concentração de instalações militares. Por outro lado, também era considerada uma cidade vinculada à educação, por nela estar sediada a instituição “Hiroshima Higher School of Education”.

A imagem situada na parte superior esquerda do painel retrata a região central de Hiroshima, próxima ao epicentro da explosão. A maior parte da fotografia retrata construções feitas em madeira, ainda que seja possível identificar alguns edifícios em alvenaria. Observa-se pela imagem que a região era densamente ocupada, com edificações bastante próximas umas das outras. Uma avenida corta a imagem na parte inferior direita, ao longo da qual se deslocava um bonde. Também se observam pedestres caminhando do lado esquerdo da avenida. A legenda informa que a fotografia foi feita por Noboru Watanabe em 13 de junho de 1936. Também informa sobre a localização do edifício à época chamado de “Hiroshima Prefectural Industry

17 “A bomba atômica lançada sobre Hiroshima (Menino pequeno, garoto)”.

18 “A bomba atômica lançada sobre Nagasaki (Menino gordo)”.

19 “Antes da bomba atômica”.

Promotion Hall”, atualmente conhecido como “A-Bomb Dome”.

Na coluna situada no lado superior direito do painel há uma fotografia registrando uma das ruas próximas ao epicentro da explosão atômica. Destaca-se o fluxo de pedestres pelo local. Uma armação aparentemente feita de metal sustenta luminárias que se estendem ao longo da rua. A legenda informa que a fotografia foi feita por volta de 1935.

Também na coluna situada no lado superior direito do painel, outra fotografia retrata a região central de Hiroshima próxima ao epicentro da explosão. A fotografia se assemelha às imagens dos painéis 2 a 5, tendo em vista retratar a área devastada pela explosão da bomba atômica. Há ruínas de alguns prédios de maior porte, mas predomina a imagem da terra arrasada. Segundo a legenda, o registro foi feito após o bombardeio a partir do mesmo local em que a imagem situada à esquerda foi capturada. A legenda também indica a localização do edifício conhecido como A-Bomb Dome, e que a fotografia foi feita por Yoshita Kishimoto no outono de 1945.

Já na parte inferior esquerda do painel, um texto informa brevemente sobre as transformações da atividade econômica em Nagasaki. Antes concentrada no comércio, a cidade passou a desenvolver atividades relacionadas à indústria naval.

Abrangendo a maior parte da porção inferior do painel, uma fotografia retrata a região em que se encontrava a Catedral Urakami. Esta edificação era cercada por outras construções, indicando a densidade da ocupação humana no local. Observa-se ao fundo uma cadeia de montanhas e, em primeiro plano, uma área descampada. A legenda da fotografia informa se tratar de uma imagem de Nagasaki antes do bombardeio, informando sobre a localização da catedral mencionada. Não há indicação sobre a data do registro e sobre a sua autoria.

Na coluna situada no lado inferior direito do painel, uma fotografia registra a área em que se encontrava a Catedral Urakami após o bombardeio. A imagem destaca essa edificação, que se encontra reduzida a ruínas. Na área ao redor não se observam mais as construções retratadas pela imagem descrita no parágrafo anterior. A legenda informa tratar-se de um registro da Catedral Urakami após o bombardeio feito por Shigeo Hayashi em meados de outubro de 1945.

Também na coluna situada no lado inferior direito do painel, acima da imagem descrita no parágrafo anterior, uma fotografia registra uma rua pela qual transitavam bondes em Nagasaki. Além desses veículos e de algumas construções, é possível observar o trânsito de alguns pedestres. A legenda nomeia a localidade retratada, informando se tratar de um registro anterior à guerra. Não há indicações sobre a data em que a imagem foi feita ou sobre a sua autoria.

Painel 9

O painel número 9, intitulado “Immediately after the bombings”²⁰, é composto por três fotografias e por suas legendas. As imagens retratam eventos ocorridos logo após o bombardeio

²⁰ “Imediatamente após os bombardeios”.

de Hiroshima.

A imagem situada na porção superior ocupa metade do painel. Sua posição e dimensão conferem-lhe uma condição de destaque. No âmbito da exposição, é o primeiro momento em que são retratadas vítimas da explosão atômica. Nesse sentido, é possível identificar dois grupos. O primeiro grupo, que se encontra do lado esquerdo, é composto por pessoas sentadas ou deitadas no chão. Suas roupas estão em farrapos. O segundo grupo encontra-se mais próximo ao centro da imagem, em pé. Suas roupas estão em farrapos e os pés descalços. Logo atrás dessas pessoas e também mais ao fundo há construções em ruínas e, acima delas, fumaça proveniente de incêndios provocados pela explosão. A legenda informa tratar-se de sobreviventes acometidos por queimaduras e outros ferimentos que se encontravam em local a cerca de 2,4 quilômetros do hipocentro da explosão. Também informa que a fotografia, de autoria de Yoshito Matsushige, foi feita por volta das 11 horas da manhã do dia 06 de agosto de 1945, ou seja, aproximadamente 3 horas após a explosão.

A imagem situada na parte inferior esquerda do painel retrata pessoas feridas ao redor de uma mesa. Sentado, um homem com a cabeça enfaixada faz anotações em folhas de papel. A legenda informa tratar-se de um policial escrevendo certificados de desastre. A fotografia, também de autoria de Yoshito Matsushige, foi feita a cerca de 2,5 quilômetros do hipocentro da explosão, por volta das 5 horas da tarde do dia 06 de agosto de 1945.

Na parte inferior direita do painel, outra fotografia retrata um adulto prestando auxílio a uma criança. Ao fundo há outras pessoas feridas. Segundo a legenda, essa criança, uma menina ferida por queimaduras, não tinha forças para beber água. A imagem foi feita a cerca de 920 metros do hipocentro da explosão. Não há indicação de autoria.

Painel 10

O painel número 10 não possui título. Contendo quatro fotografias e suas respectivas legendas, aborda eventos ocorridos logo após o bombardeio de Nagasaki.

A imagem situada na parte superior do painel retrata oito pessoas. Duas estão sentadas e as demais estão deitadas no chão. Todas possuem ferimentos, algumas com marcas de queimaduras no rosto, braços e pernas. No caso das vítimas deitadas não é possível saber se estão vivas ou mortas. Ao redor das vítimas há pequenos pedaços de escombros. A legenda informa tratar-se de feridos do ataque a Nagasaki a cerca de 1,1 quilômetro do hipocentro, e que o registro foi feito por Yosuke Yamahata no dia 10 de agosto de 1945.

Na parte inferior esquerda do painel, uma fotografia retrata um cavalo morto próximo a uma charrete. Ao redor do animal há muitos escombros. Ao fundo, é possível observar algumas ruínas. A fotografia ressalta o cenário de devastação decorrente da explosão da bomba atômica. Segundo a legenda, a imagem retrata uma área próxima ao hipocentro da explosão, e foi feita por Yosuke Yamahata no dia 10 de agosto de 1945.

Na parte inferior direita do painel, duas imagens retratam corpos de vítimas da bomba

atômica em Nagasaki. A primeira registra um adulto e uma criança deitados no chão. Seus corpos estão calcinados. O adulto está deitado sobre uma espécie de colchão. Ao redor das duas vítimas há pedaços de entulho. A legenda informa tratar-se dos corpos de uma mãe e de um bebê na plataforma da estação Urakami, a cerca de 1 quilômetro do hipocentro da explosão. O registro também foi feito por Yosuke Yamahata no dia 10 de agosto de 1945. A segunda imagem retrata o corpo calcinado de uma criança. Seus braços estão flexionados junto ao peito. O corpo está cercado por escombros. Segundo a legenda, a imagem foi feita a cerca de 700 metros do hipocentro no dia 10 de agosto de 1945. A autoria também é de Yosuke Yamahata.

Painel 11

O painel número 11 é composto por três fotografias e por suas legendas. As imagens retratam eventos ocorridos em Hiroshima e Nagasaki após os ataques atômicos.

A fotografia situada na parte superior retrata inúmeros corpos de vítimas da bomba atômica em Hiroshima, dispostos lado a lado no chão. Três homens, dois deles segurando uma espécie de maca, estavam aparentemente transportando os corpos. Ao redor desses corpos há pedaços de madeira. Segundo a legenda, os mortos estavam sendo reunidos para serem cremados, situação comum na cidade após o bombardeio. A fotografia foi feita em 09 de agosto de 1945. Não há indicação de autoria.

A imagem localizada na parte inferior esquerda do painel retrata o fluxo de pessoas através da região atingida pela bomba atômica em Nagasaki. Na porção inferior direita da fotografia, uma mulher carrega uma mala e alguns pertences. Um homem mais jovem parece acompanhá-la. Ao centro, um grupo de cinco homens leva uma maca que parece transportar uma vítima. Ao redor dessas pessoas há muitos escombros. Ao fundo encontram-se ruínas de construções de maior porte, das quais provém uma fumaça branca. Fios de eletricidade pendem até o chão. Segundo a legenda, o grupo ao centro estava transportando uma vítima gravemente ferida. Também informa que a imagem foi feita um dia após a explosão, próximo à estação Urakami, a cerca de 1,1 quilômetro de distância do hipocentro. O autor da fotografia é Yosuke Yamahata.

A imagem situada na parte inferior direita do painel retrata inúmeras vítimas da explosão atômica em Hiroshima. A maior parte delas está deitada no chão. Em primeiro plano, uma vítima encontra-se com o rosto envolto por gaze, numa tentativa de tratamento para as queimaduras que sofrera na região. Algumas vítimas estão com a cabeça enfaixada, outras sem camisa. A grande quantidade de feridos acomodados num espaço bastante reduzido, desprovido de condições mínimas de atendimento, contribuem para a imagem de caos da situação retratada. A legenda apresenta o local como uma estação de socorro lotada e caótica. Informa que, diante da falta de suprimentos médicos, a aplicação de óxido de zinco e de uma camada de gaze sobre as faces queimadas das vítimas era o melhor que se podia fazer. A imagem foi feita em 07 de agosto de 1945 a cerca de 1,2 quilômetros do hipocentro. A autoria é de Yotsugi Kawahara.

Painel 12

O painel número 12, intitulado “Conditions immediately after the bombing as drawn by survivors”²¹, apresenta seis desenhos de autoria de sobreviventes do bombardeio retratando as condições após o evento. Os desenhos estão organizados em duas colunas. À esquerda são retratadas situações ocorridas em Hiroshima e à direita são retratados eventos que se passaram em Nagasaki. Os desenhos são coloridos e estão acompanhados por legendas, as quais contêm o título, a cidade e a autoria das produções.

O desenho “August 6”, de autoria de Kanemitsu e Chieko Ikeda, apresenta imagens de um rio, uma ponte, incêndios e pessoas dentro e próximas ao referido rio. As vítimas estão nuas e algumas delas estão em posição de oração. Predomina a tonalidade vermelha, remetendo aos incêndios que sucederam a explosão da bomba atômica. Algumas frases também compõem o desenho, mas não há tradução para as mesmas.

O desenho intitulado “Dead victims clustered around a fire cistern”²², de autoria de Akira Onoki, retrata sete vítimas em torno de um reservatório de água. A maior parte parece estar morta, com feridas espalhadas pelo corpo. Uma das vítimas, boiando sobre a água, parece ser uma mulher grávida. O céu ao fundo da imagem é retratado em azul escuro, em contraste com as feridas das vítimas. Há também algumas frases sem tradução na porção inferior direita do desenho.

O desenho “A woman trapped under a collapsed house and calling for help”²³, de autoria de Shoichi Furukawa, retrata uma mulher presa sob escombros de um desabamento. Seu corpo está queimado e suas roupas em farrapos. A vítima está estendendo um dos braços e parece gritar na direção de outra vítima. Esta, retratada mais ao fundo do desenho, estende os braços avermelhados para o alto. Próximo a ela observam-se as chamas de um incêndio. Algumas frases sem tradução na porção esquerda também compõem o desenho.

O desenho “Destroyed Steel Mill”²⁴, de autoria de Hiroshi Matsuzoe, retrata ao fundo os escombros de uma instalação industrial aparentemente destruída por um incêndio. Em primeiro plano é retratado o fluxo de vítimas da bomba atômica nas proximidades de uma ponte. Algumas delas são socorridas por soldados enquanto outras, desacompanhadas, caminham ou permanecem sentadas no chão. Na porção central da gravura há vítimas deitadas às margens de um rio.

O desenho intitulado “Children crying as their Mother is taken away on a stretcher”²⁵, de autoria de Sakae Ikeda, retrata a separação entre uma mãe e seu filho. Três soldados estão transportando uma mulher com ferimentos no braço e na perna, enquanto seu filho estende os braços na direção da mãe. Outra pessoa, aparentemente uma mulher, encontra-se ao lado da

21 “Condições imediatamente após o bombardeio como desenhadas pelos sobreviventes”.

22 “Vítimas mortas reunidas ao redor de uma cisterna de incêndio”.

23 “Uma mulher presa sob uma casa que desabou e pedindo socorro”.

24 “Usina siderúrgica destruída”.

25 “Criança chorando enquanto sua mãe é levada em uma maca”.

maca segurando uma criança.

O desenho “The Urakami District after the Bombing”²⁶, de autoria de Mura Ashizuka, retrata incêndios em edifícios bem como a destruição nos arredores de uma linha de trem situada às margens de um rio. Há vítimas deitadas nas proximidades de um dos edifícios mencionados. Uma frase sem tradução na margem inferior esquerda também compõe o desenho.

Painel 13

O painel número 13 intitula-se “Heat Rays”²⁷. Ele é composto por um texto de um parágrafo, por quatro fotografias e suas respectivas legendas.

O texto informa que as temperaturas no epicentro após a explosão da bomba atômica alcançaram mais de um milhão de graus célsius. Além disso, afirma que a bola de fogo decorrente da explosão expandiu-se a 280 metros de diâmetro, gerando raios de calor que elevaram as temperaturas nas áreas próximas ao hipocentro a cerca de 3000 a 4000 graus célsius.

A fotografia “Shadows of Railings Cast by the Heat Rays”²⁸ retrata a diferença de coloração em partes do chão que foram atingidas pelos raios de calor e as áreas que foram protegidas pelas colunas e grades de proteção de uma ponte. A legenda informa que a imagem foi feita em Hiroshima pelo exército norte-americano, a cerca de 890 metros do hipocentro, no mês de novembro de 1945.

A fotografia intitulada “Shadow of a man and Ladder Remain on a Wooden Wall”²⁹ retrata a sombra de uma pessoa e de uma escada sobre uma parede de madeira. A marca teria sido provocada pelos raios de calor emitidos pela explosão da bomba atômica em Nagasaki. A legenda informa que o local se encontra a cerca de 4,4 quilômetros de distância do hipocentro da explosão. Não há indicação de autoria.

A fotografia “Human Shadow Etched in Stone”³⁰ retrata uma mancha negra sobre uma escada de pedra em Hiroshima. Ao lado desta mancha há uma pessoa em pé, ainda que só as suas pernas tenham sido capturadas pela imagem. A legenda informa que o local encontrava-se a 260 metros do hipocentro, e que os raios de calor queimaram os degraus de pedra, conferindo-lhes uma coloração esbranquiçada. Apenas o local onde uma pessoa estava sentada permaneceu escuro. O registro, de autoria de Yoshito Matsushige, foi feito no final de 1946.

A fotografia intitulada “Charred Remains of a Fence Ignited by the Heat Rays”³¹, retrata pedaços de madeira queimados ao longo de trilhos de uma ferrovia. Segundo a legenda, o local se encontrava a 2,1 quilômetros do hipocentro, e os raios de calor emitidos pela bomba atômica teriam incendiado a cerca retratada, situada ao longo da Linha Principal Sanyo. A imagem foi

26 “O Distrito Urakami após o bombardeio”.

27 “Raios de calor”.

28 “Sombras de Grades Moldadas pelos Raios de Calor”.

29 “Sombra de um homem e vestígios de uma escada em uma parede de madeira”.

30 “Sombra humana gravada na pedra”.

31 “Restos carbonizados de uma cerca incendiados pelos raios de calor”.

feita por Isao Kita no final de agosto de 1945.

Painel 14

O painel número 14 intitula-se “Blast”³², e é composto por um texto de um parágrafo, por cinco fotografias, sendo quatro delas coloridas, e suas respectivas legendas. As imagens estão organizadas em duas colunas.

O texto mencionado informa que a explosão da bomba atômica gerou pressão de ar equivalente a milhares de atmosferas. A expansão do ar ao redor criou uma poderosa onda de choque com velocidade superior à do som. No hipocentro, a pressão gerada pela explosão alcançou 35 toneladas por metro quadrado e a velocidade do vento alcançou 440 metros por segundo. A onda de choque esmagou todas as construções de madeira num raio de 2 quilômetros do hipocentro. Nas áreas próximas ao hipocentro, até prédios feitos de concreto foram destruídos.

Um desses edifícios é retratado pela fotografia “Building Directly beneath the Epicenter”³³. O telhado da construção encontra-se curvado, como se tivesse sido comprimido. Uma mancha escura na cobertura do edifício parece ser água acumulada. A área ao redor da construção está completamente destruída. Um rio passa pela parte posterior do prédio, ocupando a porção superior da imagem. A legenda informa que o local retratado encontra-se a 210 metros do epicentro, e que o telhado do edifício, atingido pela explosão que ocorreu logo acima, acumulava água da chuva. O registro é de autoria do exército norte-americano, não havendo indicação sobre a data em que foi feito.

A fotografia “Looking North from the Hyocenter” retrata os escombros de edifícios que foram totalmente destruídos em Hiroshima. Há grandes blocos de tijolos e concreto. No centro da imagem, à direita, é possível observar um portão tradicional japonês (Torii). Ao redor dos escombros há resquícios de árvores incendiadas. Ao fundo, observam-se cadeias de montanhas. Segundo informa a legenda, em primeiro plano está o Hospital Shima, localizado no hipocentro da explosão, e à direita o portão para “Gokoku Shrine”. A fotografia foi feita pelo exército norte-americano em novembro de 1945.

A fotografia intitulada “Statues of St. Maria and St. John in the Ruins of Urakami Cathedral”³⁴ retrata os escombros de um edifício, destacando as duas estátuas situadas na entrada e os escombros acumulados no interior. A legenda informa que a Catedral Urakami se encontrava em Nagasaki, a 500 metros do hipocentro da explosão atômica, tendo sido totalmente destruída. Informa que todos os que se encontravam no local à época morreram. A foto foi feita pelo exército norte-americano em 1945.

A fotografia “The Aioi Bridge Buckled by the Blast”³⁵ retrata em primeiro plano a

32 “Explosão”.

33 “Edifício diretamente abaixo do epicentro”.

34 “Estátuas de Santa Maria e São João nas Ruínas da Catedral Urakami”.

35 “A Ponte Aioi Curvada pela Explosão”.

destruição provocada pela explosão da bomba atômica em uma construção de concreto, a qual se encontra dobrada como uma folha. Ao fundo observa-se um edifício de maior porte, também atingido pela explosão mas aparentemente em melhores condições. Uma pessoa caminha pelo que restou da calçada, do lado direito da imagem. Trata-se da única fotografia do painel em preto e branco. A legenda informa que a Ponte Aioi, situada na região central de Hiroshima, encontra-se a 300 metros do hipocentro e teria sido escolhida como alvo do bombardeio. A calçada de concreto de 30 centímetros de espessura foi levantada pela intensa explosão refletida pelo rio que corre sob a referida construção. A fotografia foi feita por Toshio Kawamoto em outubro de 1945.

A fotografia “Shiroyama National Elementary School in Ruins”³⁶ retrata as ruínas de um edifício de três andares. Parte do telhado desabou, comprimindo os dois andares superiores. Os arredores do prédio encontram-se totalmente devastados. Segundo a legenda, o edifício está localizado em Nagasaki, a 500 metros do hipocentro da explosão. Por causa de um alarme de ataque aéreo, o edifício abrigava estudantes e funcionários da Fábrica de Armamentos Mitsubishi Nagasaki, os quais estavam utilizando as instalações da escola. Praticamente todos morreram. A fotografia foi feita em 1945 pelo exército norte-americano.

Painel 15

O painel número 15, intitulado “Super-High-Temperature Fire”³⁷, é composto por um texto de dois parágrafos, quatro fotografias e suas respectivas legendas. Duas delas estão em preto e branco e duas são coloridas.

A imagem intitulada “Burned Corpses Scattered near the Hipocenter”³⁸ retrata corpos de vítimas que foram carbonizados pelo incêndio provocado pela explosão da bomba atômica. Ao redor dos corpos a imagem é de terra arrasada. À esquerda, algumas pessoas parecem caminhar. Um homem uniformizado faz anotações olhando na direção de um dos corpos. Ao fundo da imagem há fumaça. À direita observam-se trilhos de trem. A legenda informa que o local situa-se em Nagasaki, a 110 metros do hipocentro, e que os edifícios desta região foram reduzidos a cinzas. A fotografia foi feita por Yosuke Yamahata em 10 de agosto de 1945.

O texto contido no painel em questão informa que os raios de calor emitidos pela bola de fogo incendiaram casas e todo o material combustível próximos ao hipocentro. Os incêndios provenientes das casas desabadas pela cidade se espalharam sem controle. Em Hiroshima, a área incendiada alcançou cerca de 13 quilômetros quadrados. Em Nagasaki, alcançou cerca de 6,7 quilômetros quadrados. Embora a energia total da bomba lançada sobre Nagasaki fosse maior em comparação com aquela lançada em Hiroshima, esta teve uma área maior incendiada devido à topografia e à distribuição das edificações.

36 “Escola de Ensino Fundamental Nacional Shiroyama em Ruínas”.

37 “Incêndio de alta temperatura”.

38 “Corpos carbonizados espalhados próximos ao hipocentro”.

A imagem “Downtown Hiroshima in Flames”³⁹ retrata em primeiro plano uma série de construções situadas próximas umas das outras. Ao fundo, uma cortina de fumaça ocupa a maior parte da imagem, indicando a ocorrência de um incêndio de grandes proporções. A legenda informa que o registro foi feito a partir de instalações do exército, a cerca de 4 quilômetros ao sul do hipocentro. A imagem, de autoria de Gonichi Kimura, é de 6 de agosto de 1945.

A fotografia intitulada “Ruins of the Nagasaki Medical College Hospital”⁴⁰ retrata em primeiro plano as ruínas de um edifício. No centro da imagem, em posição mais elevada, um conjunto de edifícios apresenta sinais de destruição parcial. Ao fundo estende-se uma cadeia de montanhas. Como dissemos, o título da imagem informa que as ruínas retratadas são resquícios de um hospital universitário, localizado em Nagasaki a cerca de 700 metros do hipocentro. Mais de 1000 pessoas, entre estudantes, pacientes e visitantes, estavam no hospital. Não há informação sobre vítimas, mas pelas condições do edifício e pela proximidade e relação ao hipocentro, é possível considerar que as chances de sobrevivência eram remotas. A imagem foi feita em 1945 pelo exército norte-americano.

A fotografia intitulada “The Burned Plain”⁴¹ é um retrato da terra arrasada. Não é possível identificar praticamente nenhuma construção remanescente, apenas vestígios de árvores cujos troncos estão calcinados. Uma rua corta a porção direita da imagem e ao fundo observam-se algumas montanhas. A legenda informa que a visão a partir do hipocentro estende-se sem obstrução até a ilha Ninoshima, situada a cerca de 10 quilômetros de distância na baía de Hiroshima. A fotografia foi feita pelo exército norte-americano em outubro de 1945.

Painel 16

O painel número 16 intitula-se “Damage to Human Bodies/Acute Disorders”⁴² apresenta um esquema composto por um pequeno texto de dois parágrafos e um gráfico, além de duas fotografias e outro texto de dois parágrafos.

O texto que integra o esquema acima mencionado informa sobre os sintomas decorrentes da exposição à bomba atômica, os quais em geral são divididos em doenças agudas e efeitos posteriores. A maior parte das doenças agudas foi causada por interações complexas entre raios de calor e queimaduras causadas pelo fogo, ferimentos e lacerações causadas pela explosão e danos decorrentes da radiação. Os efeitos posteriores, por sua vez, referem-se a sintomas que se manifestam posteriormente às doenças agudas. Acredita-se que eles são causados principalmente pela radiação.

O gráfico inserido no esquema em questão acrescenta algumas informações em relação ao texto que acabamos de descrever. Nesse sentido, apresenta exemplos de ferimentos incluídos

39 “Centro de Hiroshima em chamas”.

40 “Ruínas do Hospital Universitário de Nagasaki”.

41 “A planície queimada”.

42 “Danos ao corpo humano/Doenças agudas”.

no grupo de doenças agudas, relacionando-os aos efeitos decorrentes da explosão da bomba atômica. Trata-se de queimaduras causadas pelos raios de calor e fogo, contusões, lacerações e fraturas causadas pela explosão, fadiga, náuseas, queda de cabelos e pelos, hemorragias. Relaciona também exemplos de efeitos posteriores, tais como queloides, leucemia, catarata, câncer e má-formação de bebês.

O segundo texto do painel 16, localizado logo abaixo do esquema descrito no parágrafo anterior, intitula-se “Burns from Heat Rays and Fire”⁴³. Ele informa que os intensos raios de calor gerados pela bola de fogo causaram queimaduras inimagináveis. Em casos graves, a camada superficial da pele foi queimada e se soltou do corpo, expondo tecidos e às vezes até os ossos. As queimaduras de vítimas diretamente expostas num raio de 1,2 quilômetros do hipocentro alcançaram tecidos internos e órgãos, e a grande maioria morreu em poucos dias. Tendo em vista que a maior parte dos edifícios desabou, milhares de pessoas ficaram presas sob escombros, sendo queimadas vivas.

A imagem à direita do texto acima descrito, intitulada “A Boy of 16 Exposed while Riding His Bicycle”⁴⁴, retrata um garoto deitado de bruços, sem camisa. Suas costas estão queimadas e uma extensa área parece não ter mais a camada superficial da pele. Segundo a legenda, a imagem foi feita em Nagasaki a 1,8 quilômetros do hipocentro. O menino sobreviveu, mas permaneceu deitado de bruços em uma cama por 1 ano e 9 meses. A fotografia foi feita pelo exército norte-americano em janeiro de 1946.

A imagem situada na parte inferior do painel intitula-se “Man Burned over His Entire Body”⁴⁵. A fotografia retrata um homem deitado de bruços sobre uma espécie de colchonete. Sua cabeça, suas costas, braços e pernas estão severamente queimados. Uma pessoa parcialmente retratada permanece ao lado da vítima. A legenda informa que a imagem foi feita a cerca de 1 quilômetro do hipocentro, e que a cintura da vítima, única região do seu corpo que havia sido preservada, foi protegida por uma espécie de faixa. A legenda não informa se a vítima sobreviveu aos ferimentos. A fotografia foi feita por Masami Onuka em 7 de agosto de 1945.

Painel 17

O painel número 17, que não possui título, apresenta dois textos e quatro fotografias organizadas em duas colunas. As imagens são acompanhadas por legendas.

O primeiro texto, intitulado “Damage from the blast”⁴⁶, informa que a explosão arremessou pessoas no ar e as esmagou sob edifícios que desabaram, e que muitas vítimas foram atingidas por estilhaços de vidro provenientes de janelas destruídas pela explosão.

43 “Queimaduras causadas por raios de calor e fogo”.

44 “Um menino de 16 exposto enquanto andava em sua bicicleta”.

45 “Homem com o corpo inteiramente queimado”.

46 “Dano causado pela explosão”.

A imagem intitulada “Patient with Hundreds of Glass Fragments in His Back”⁴⁷ retrata uma vítima deitada de bruços, com inúmeras feridas em suas costas, braços e cabeça. O título da legenda, como dissemos, informa que os ferimentos foram causados por fragmentos de vidro. A imagem foi feita em 10 de agosto de 1945, em Nagasaki, por Masao Shiotsuki.

A imagem intitulada “Body with Eyes Popped Out by the Blast”⁴⁸, por sua vez, retrata um corpo estirado no chão. Seus braços encontram-se flexionados. A pele apresenta sinais de queimaduras e as órbitas dos olhos se projetam para fora. A legenda informa que o corpo se encontrava em Hiroshima a cerca de 500 metros do hipocentro. A fotografia é de autoria de Satsuo Nakata, e foi feita em 10 de agosto de 1945.

O texto intitulado “Damage from radiation”⁴⁹ informa que a bomba atômica liberou grande quantidade de radiação, muito além dos níveis normais encontrados na natureza. Essa característica tornou a bomba atômica qualitativamente diferente das bombas convencionais. As vítimas expostas à radiação sofreram sérias lesões, e muitas sofrem até hoje com os seus efeitos. Os efeitos imediatos da contaminação por radiação, segundo o texto, incluem destruição de células, prejuízos à medula óssea e a outros órgãos, enfraquecimento da imunidade e perda de cabelo.

A fotografia “A Soldier on the Verge of Death”⁵⁰ retrata um homem sofrendo os efeitos da contaminação por radiação emitida pela bomba atômica. Sua pele e seus dentes apresentam manchas avermelhadas. De acordo com a legenda, tratava-se de um soldado que foi exposto à bomba lançada sobre Hiroshima a uma distância de 1 quilômetro do hipocentro. A vítima apresentava hemorragias internas, inflamações na região da boca e perda de cabelo. A fotografia foi feita por Gonichi Kimura em 3 de setembro de 1945.

A fotografia intitulada “A Girl Who Has Lost Her Hair”⁵¹ mostra uma criança ajoelhada sobre um colchão estendido sobre o chão. Restam-lhe apenas poucos fios de cabelo. A legenda informa tratar-se de uma garota de Nagasaki, acrescentando que cerca de duas semanas após o bombardeio um grande número de sobreviventes começou a perder os cabelos. A imagem foi feita no final de agosto de 1945. Não há indicação de autoria.

Painel 18

O painel número 18, intitulado “Aftereffects”⁵², é composto por um texto de dois parágrafos, um gráfico a respeito da ocorrência de vários tipos de câncer entre as vítimas

47 “Paciente com centenas de fragmentos de vidro em suas costas”.

48 “Corpo com olhos saltados por causa da explosão”.

49 “Dano causado pela radiação”.

50 “Um soldado à beira da morte”.

51 “Uma garota que perdeu seus cabelos”.

52 “Efeitos posteriores”.

expostas à radiação proveniente da bomba atômica, três fotografias e suas legendas.

De acordo com o texto, a maioria das doenças agudas acometeram as vítimas num período de até 4 a 5 meses após o bombardeio. Os efeitos posteriores, incluindo o aumento da ocorrência de leucemia cinco ou seis anos após o bombardeio, continuaram a causar sérios problemas. Os efeitos posteriores mais comuns são queloides, catarata, leucemia, além de câncer na tireoide, mamas, pulmão, dentre outros. Alguns fetos sobreviventes nasceram com microcefalia, em geral acompanhado por problemas de desenvolvimento. Segundo o texto, ainda hoje há lacunas no conhecimento sobre o alcance dos efeitos produzidos ao longo dos anos pela exposição a substâncias radioativas. O que se sabe é que os sobreviventes continuam sofrendo os efeitos da radiação.

O gráfico inserido no painel 18 apresenta a ocorrência ao longo dos anos de diversos tipos de câncer nas vítimas do bombardeio. A leucemia e o câncer de tireoide são as manifestações mais imediatas, passando a ocorrer cerca de 5 anos após o bombardeio no caso da leucemia e após cerca de 10 anos no caso do câncer de tireoide. O câncer de mama e o câncer de pulmão, em geral, passaram a ocorrer após cerca de 10 a 20 anos do bombardeio. Já o câncer no estômago e também no intestino passaram a ocorrer cerca de 15 a 30 anos após o bombardeio. Por fim, o câncer de medula óssea passou a ser observado de 25 a 30 anos após o bombardeio.

A fotografia “A Man with Skin Cancer on His Right Hip”⁵³, por sua vez, apresenta o quadril de uma vítima ferida por graves queimaduras. Segundo a legenda, trata-se de um homem que sofria de câncer na região. A vítima foi exposta à bomba a uma distância de 1,2 quilômetros do hipocentro em Hiroshima. Não há indicação da data em que o registro foi feito ou de sua autoria.

A fotografia intitulada “A Man with Keloids on His Face and Neck”⁵⁴ retrata um homem empunhando uma lâmina de barbear. O rosto e parte do tronco estão acometidos por queloides. A legenda informa que a vítima foi exposta à bomba atômica em Nagasaki a uma distância de 1 quilômetro do hipocentro. O registro foi feito em junho de 1970. A autoria é atribuída à instituição “Nagasaki Chapter of the Japan Realist Photographers”.

A fotografia “A Woman with Microcephaly and Her Mother”⁵⁵ retrata uma mulher folheando uma revista acompanhada por sua mãe. Segundo a legenda, a radiação liberada pela bomba atômica teve muitos efeitos adversos em fetos expostos ainda dentro do útero das gestantes. Após o nascimento, os bebês apresentaram deficiência intelectual e também problemas físicos. Com a morte de seus pais e a dificuldade de muitos em viver de forma independente, o cuidado em relação aos mesmos tornou-se uma questão importante. A imagem foi feita em 1975. Não há indicação de autoria.

Painel 19

53 “Um homem com câncer de pele no lado direito do quadril”.

54 “Um homem com queloides em sua face e pescoço”.

55 “Uma mulher com microcefalia e sua mãe”.

O painel número 19, intitulado “Sadako A Young Girl’s Death”⁵⁶, é composto por três fotografias acompanhadas por legendas e por um texto de três parágrafos.

O texto conta a história de Sadako Sasaki, que foi exposta à bomba atômica aos dois anos de idade. Dez anos depois, Sadako desenvolveu leucemia. Ela acreditou que, se pudesse produzir 1000 “tsurus”⁵⁷, seria curada. Lamentavelmente, Sadako faleceu após oito meses após o diagnóstico. Segundo o texto, sua morte revela o grande horror da radiação, notadamente sua capacidade de ferir e matar muitos anos após a exposição. Os colegas de classe ficaram chocados com a morte de Sadako e com a história dos “tsurus”, iniciando uma campanha para construir um monumento em homenagem a ela e às muitas crianças mortas pela bomba atômica, além de expressar sua esperança de que não houvesse mais guerras. Essa campanha se espalhou por todo o Japão e por outros países. Em 1958, o Monumento Paz das Crianças foi construído no Parque Memorial da Paz de Hiroshima, retratando uma jovem menina levantando um “tsuru” sobre a cabeça. Sob o monumento, gravado em granito, estão as seguintes palavras: “Esses são os nossos gritos. Essa é nossa prece. Por paz neste mundo”. Ao redor da estátua, “tsurus” enviados por pessoas de várias partes do mundo são guardados em expositores.

No canto superior direito do painel há uma fotografia de Sadako, a qual destaca o seu rosto. A legenda informa que, à época do registro, Sadako estava na sexta série. Não há informação sobre a autoria da fotografia.

No canto superior esquerdo do painel são retratados alguns “tsurus” sobre um fundo azul. De acordo com a legenda, eles foram feitos por Sadako. A fotografia, datada de 20 de maio de 1997, é de autoria de Michio Ide.

A fotografia “Children’s Peace Monument” retrata o monumento construído em homenagem a Sadako e às outras crianças mortas em razão da bomba atômica. Um grupo de pessoas, em boa medida composto por estudantes, encontra-se ao redor do monumento. A fotografia também foi feita por Michio Ide em 5 de agosto de 2005.

Abaixo do texto que se encontra no painel 19, uma fotografia retrata em primeiro plano um grupo de crianças segurando cartazes. Dois adultos, um deles acompanhado por uma criança, conversam com o grupo. Ao fundo observa-se o movimento de pedestres e de veículos. A legenda informa tratar-se de crianças coletando fundos em 1956 para construir o Monumento Paz das Crianças. Não há indicação de autoria da imagem.

Painel 20

O painel número 20, intitulado “Under the Mushroom Cloud”⁵⁸, apresenta uma montagem fotográfica em que a nuvem em forma de cogumelo gerada pela explosão da bomba atômica é sobreposta a retratos de mais de 500 pessoas. A imagem intitula-se “People Who Lived beneath

56 “Sadako a morte de uma jovem menina”.

57 “Pequenos pássaros de papel”.

58 “Sob a nuvem em forma de cogumelo”.

the Epicenter”⁵⁹. Não há indicação de autoria da montagem ou informações sobre a data em que as imagens foram produzidas.

Painel 21

O painel 21 intitula-se “Revival from Ruins Getting Back on their Feet”⁶⁰, e é composto por quatro fotografias acompanhadas por legendas, além de um texto de um parágrafo.

A fotografia “A Boy Carrying His Injured Brother”⁶¹ retrata um garoto transportando seu irmão mais novo nas costas. Este último apresenta marcas de queimaduras no rosto e nos braços. Ambos se deslocam em meio a uma área aparentemente devastada. A fotografia foi feita em 10 de agosto de 1945 por Yosuke Yamahata. Não há indicação sobre a cidade em que o registro ocorreu.

A fotografia “Young Girls Hurrying Home with Bags of Rationed Food on Their Shoulders”⁶² mostra duas meninas caminhando por uma trilha. Ao redor há apenas escombros. Ao fundo observam-se árvores aparentemente calcinadas. De acordo com a legenda, o registro foi feito em Nagasaki no início de setembro de 1945. Não há indicação de autoria da imagem.

O texto que integra o painel em questão informa que os bombardeios atômicos foram seguidos por um período de caos e confusão. A rendição do Japão e a Ocupação Aliada trouxeram grandes mudanças. Informa ainda que, apesar da terrível escassez de comida, de recursos financeiros e de materiais de todo o tipo, os habitantes de Hiroshima e Nagasaki enfrentaram o desespero e lutaram para reconstruir suas vidas.

No canto inferior esquerdo do painel 21, a fotografia “Shacks near Nagasaki Station”⁶³ retrata uma grande área devastada pela explosão da bomba atômica. A maior parte das construções encontra-se reduzida a escombros. Em primeiro plano há alguns barracos de madeira. Ao fundo observam-se algumas construções e uma cadeia de montanhas. Segundo a legenda, a fotografia foi produzida um mês após o bombardeio. Informa ainda que os barracos retratados foram construídos com qualquer material disponível que não tivesse sido queimado. A imagem é de autoria de Torahiko Ogawa.

A fotografia “Shacks near Yokogawa Station”⁶⁴, por sua vez, registra uma rua situada em Hiroshima pela qual caminham algumas pessoas. Observam-se à esquerda alguns barracos em meio a escombros de outras construções. Segundo a legenda, as regiões mais afastadas se recuperaram mais rapidamente em comparação com o centro da cidade. A fotografia foi feita em 15 de outubro de 1945 por Shunkichi Kikuchi.

59 “Pessoas que viveram sob o epicentro”.

60 “Renascimento a partir das ruínas levantando novamente”.

61 “Um menino carregando seu irmão ferido”.

62 “Jovens meninas rumando para casa com sacos de comida racionada”.

63 “Barracos próximos à Estação Nagasaki”.

64 “Barracos próximos a Estação Yokogawa”.

Painel 22

O painel número 22, intitulado “Reviving the cities”⁶⁵, é composto por três fotografias acompanhadas por legendas.

A fotografia “Reconstruction of Aioi Bridge”⁶⁶ registra um grupo de operários trabalhando na reconstrução de uma via pública. Ao fundo encontram-se as ruínas do edifício que ficou conhecido como o Domo da Bomba Atômica. Um bonde transita pelo local, assim como alguns pedestres. A legenda informa que a imagem foi feita em Hiroshima, e que os trabalhadores faziam reparos temporários na Ponte Aioi. As grades da ponte foram arrancadas e boa parte do pavimento destruído pela explosão. A foto é de autoria de Yoshita Kishimoto, e teria sido feita em 1949.

A fotografia intitulada “Building a Temporary Urakami Cathedral”⁶⁷ retrata trabalhadores reconstruindo o edifício que abrigava a Catedral Urakami em Nagasaki. Em primeiro plano, à direita, um grupo de homens trabalha com vigas de madeira. À esquerda, próxima a esse grupo, uma mulher segura uma cruz. Ao fundo, observa-se o trânsito de outros trabalhadores e a estrutura da igreja. Segundo a legenda, as pessoas retratadas são membros da paróquia local que sobreviveram ao bombardeio atômico, dedicando-se à construção de um edifício temporário para a catedral. A imagem foi feita em agosto de 1946 por Yasuo Tomishige.

A fotografia intitulada “Replacing Streetcar Track”⁶⁸ retrata trabalhadores reconstruindo os trilhos pelos quais circulavam os bondes em Hiroshima. Além do grupo de trabalhadores envolvidos na obra, foi registrado à esquerda um desses veículos destruído pela bomba atômica. Observam-se também trilhos retorcidos. Segundo a legenda, a bomba atômica causou muitos danos às linhas de bondes locais. Entretanto, três dias após o bombardeio, o serviço foi parcialmente restabelecido. Em outubro, todas as linhas voltaram a operar. A fotografia foi feita por Shunkichi Kikuchi em outubro de 1945.

Painel 23

O painel número 23, intitulado “Assistance from Overseas”⁶⁹, é composto por quatro fotografias e por suas respectivas legendas. Três fotografias registram situações ocorridas em Hiroshima e uma delas se refere a Nagasaki.

A imagem intitulada “Norman Cousins and the Orphans”⁷⁰ retrata um homem com uma criança em seu colo, cercado por outras crianças. Todos estão sorridentes. A legenda informa que Norman Cousins, editor da revista americana “Saturday Review”, idealizou um movimento

65 “Recuperando as cidades”.

66 “Reconstrução da ponte Aioi”.

67 “Construindo uma Catedral Urakami temporária”.

68 “Substituindo os trilhos do bonde”.

69 “Ajuda do exterior”.

70 “Norman Cousins e os órfãos”.

chamado “Spiritual Adoption Movement”⁷¹. Ao final de novembro de 1951, ele enviou mais de US\$ 12.000,00 a 263 crianças. Em março de 1964, a cidade de Hiroshima concedeu a Norman Cousins o título de cidadão honorário. A fotografia foi feita em 9 de janeiro de 1951. Não há indicação de autoria.

A fotografia “One of the Female Survivors Receiving Treatment in the US”⁷² mostra uma mulher recebendo atendimento médico. Segundo a legenda, vinte e cinco jovens mulheres viajaram aos Estados Unidos para tratamento de cicatrizes decorrentes das queimaduras provocadas pela exposição à bomba atômica. A fotografia foi feita em 1955. Não há indicação de autoria.

A fotografia intitulada “Orphans at Seibo no Kishi Children’s Home”⁷³ retrata um grupo de crianças acompanhadas por alguns adultos. Segundo a legenda, muitas crianças perderam suas famílias durante a guerra, encontrando-se abruptamente abandonadas à própria sorte. O orfanato “Seibo no Kishien”, mantido por padres franciscanos, ofereceu abrigo a essas crianças. A fotografia foi feita em maio de 1947. Não há indicação de autoria.

A fotografia intitulada “Children’s Library”⁷⁴ retrata um grupo de crianças consultando livros em uma biblioteca. Segundo a legenda, sua construção foi financiada com recursos enviados pela “Hiroshima Prefecture Association of California”⁷⁵. A biblioteca foi posteriormente reconstruída, mas permaneceu como a “Municipal Children’s Library”⁷⁶. Não há indicação de data ou de autoria da imagem.

Painel 24

O painel número 24 intitula-se “Recovery”⁷⁷, e é composto por duas imagens acompanhadas por legendas. A imagem situada na porção superior do painel retrata Hiroshima e a fotografia situada na porção inferior retrata Nagasaki.

A imagem intitulada “The City Seen from Hijiyama Hill”⁷⁸ retrata a cidade de Hiroshima a partir de um ponto mais elevado em relação ao centro da cidade. Em primeiro plano, pessoas transitam por uma estrada enquanto outras se reúnem às margens da via. Em segundo plano, observa-se a cidade densamente povoada, com edifícios de maior porte ao fundo, cercada por cadeias de montanhas. Apenas uma faixa de terra à esquerda da imagem permanece desocupada. Segundo a legenda, essa faixa de terra constitui o Bulevar da Paz, que à época estava em construção. A fotografia foi feita por Yoshitaka Nakatani em abril de 1957.

71 “Movimento de Adoção Espiritual”.

72 “Uma das mulheres sobreviventes recebendo tratamento nos Estados Unidos”.

73 “Orfãos no Lar para Crianças Seibo no Kishi”.

74 “Biblioteca das crianças”.

75 “Associação Prefeitura de Hiroshima da Califórnia”.

76 “Biblioteca Municipal das Crianças”.

77 “Recuperação”.

78 “A cidade vista do Monte Hijiyama”.

A fotografia intitulada “South of the Hypocenter, Nine Years after the Bombing”⁷⁹ registra uma área com grande número de construções. Em primeiro plano há imóveis de menor porte, aparentemente residenciais. Na parte esquerda da imagem, bem como na parte direita ao fundo, observam-se edifícios de maior porte. Uma cadeia de montanhas também é registrada ao fundo. Segundo a legenda, a fotografia foi feita a partir do “International Culture Hall”⁸⁰, à época em construção, o qual atualmente abriga o “Nagasaki Atomic Bomb Museum”⁸¹. A área foi organizada em forma de grade para recuperação. A fotografia foi feita em agosto de 1954. Não há indicação de autoria.

Painel 25

O painel número 25, intitulado “Hiroshima and Nagasaki Today”, é composto por quatro fotografias com legendas, bem como por dois textos de um parágrafo.

O texto intitulado “Hiroshima” informa que esta cidade, tendo aprendido a partir de sua tragédia histórica, está lutando para oferecer esperança e coragem às pessoas ao redor do mundo.

A fotografia intitulada “Hiroshima Today”⁸², por sua vez, apresenta uma visão aérea da cidade. A área retratada é densamente ocupada, abrigando inúmeros edifícios. À esquerda observa-se uma grande área verde, delimitada por dois rios que a contornam, onde se situa o Parque Memorial da Paz de Hiroshima. Segundo a legenda, a imagem foi feita em 18 de abril de 1996 por Michio Ide.

A fotografia “Peace Memorial Ceremony” retrata a área do Parque Memorial da Paz de Hiroshima quando se realizava a cerimônia anual destinada a lembrar o dia 06 de agosto de 1945. Nesse sentido, nas áreas destinadas ao público, observa-se um grande número de pessoas. A imagem também é de autoria de Michio Ide. Não há indicação do ano em que o registro foi feito.

Já o texto intitulado “Nagasaki” informa que a cidade está aprofundando sua interação com pessoas ao redor do mundo e utilizando a energia gerada pelo intercâmbio e pela diversidade para avançar na causa da paz.

A fotografia intitulada “Nagasaki Today”⁸³ apresenta uma visão aérea da cidade nos dias atuais. A região retratada também é densamente povoada, sendo delimitada por cadeias de montanhas registradas principalmente ao fundo da imagem. Segundo a legenda, a fotografia foi feita em julho de 1997. Não há indicação de autoria.

A fotografia intitulada “Nagasaki Peace Ceremony”⁸⁴ retrata um grupo de pessoas

79 “Sul do hipocentro, nove anos após o bombardeio”.

80 “Salão Cultural Internacional”.

81 “Museu da Bomba Atômica de Nagasaki”.

82 “Hiroshima hoje”.

83 “Nagasaki hoje”.

84 “Cerimônia da Paz de Nagasaki”.

reunidas diante de uma estátua quando se realizava a cerimônia anual destinada a lembrar o dia 09 de agosto de 1945. Não há indicação da autoria da imagem ou do ano em que o registro foi feito.

Painel 26

O painel número 26, intitulado “Nuclear Weapons Now”⁸⁵, é composto por três textos, um gráfico, quatro fotografias e suas legendas.

O texto intitulado “Nuclear Deterrence Theory”⁸⁶ sustenta que a teoria da dissuasão nuclear é simples. Segundo ela, se o inimigo é ameaçado com armas poderosas, é possível evitar ser atacado pelo mesmo. Essa ideia leva as nações vinculadas a tal concepção a manter armas nucleares poderosas o bastante para destruir seus oponentes. Nesse sentido, por cerca de quarenta anos após a Segunda Guerra Mundial, a União Soviética e os Estados Unidos lideraram suas respectivas áreas de influência em uma corrida armamentista. Nesse período, eles acumularam poder nuclear suficiente para destruírem-se mutuamente diversas vezes, e também criaram o potencial para uma guerra nuclear que poderia aniquilar toda a espécie humana. Ainda segundo o texto, a comunidade internacional tem dispendido energia considerável em relação ao desarmamento, mas as potências nucleares ainda se agarram aos seus arsenais nucleares.

O gráfico intitulado “Number of Deployed Nuclear Warheads”⁸⁷ informa sobre o número de ogivas nucleares mantidas por oito países: Rússia, Estados Unidos, França, China, Reino Unido, Israel, Índia e Paquistão segundo dados de 2009. Para estes três últimos países, o número de ogivas é estimado, e o número de ogivas ativas provavelmente seria menor. O estoque de ogivas nucleares à época superava 23000 unidades. O gráfico também informa que a Coreia do Norte reportou o seu primeiro teste nuclear em 2006 e o segundo em 2009, e também declarou que possuía plutônio em quantidade suficiente para construir de cinco a seis armas nucleares.

O texto intitulado “Nuclear testing”⁸⁸ sustenta que houve uma escalada na corrida armamentista durante a Guerra Fria que sucedeu a Segunda Guerra Mundial. União Soviética, Inglaterra, França e China realizaram testes nucleares e se uniram aos Estados Unidos como potências nucleares. Em maio de 1998, a Índia realizou o seu primeiro teste em 24 anos, e o Paquistão conduziu o seu primeiro teste na história. Até 2009, mais de dois mil testes nucleares haviam sido realizados, segundo o texto em questão.

A fotografia intitulada “After the Nuclear Test in the Desert in the Western State of Rajasthan, India”⁸⁹ retrata uma grande cratera cercada por destroços. Conforme a legenda, trata-se dos vestígios deixados pelo teste nuclear realizado pela Índia no deserto do Rajastão. A imagem foi feita em 11 de maio de 1998. Não há indicação de autoria.

85 “Armas Nucleares Agora”.

86 “Teoria da Dissuasão Nuclear”.

87 “Número de ogivas nucleares ativas”.

88 “Teste nuclear”.

89 “Após o teste nuclear no deserto no Estado Ocidental do Rajastão, Índia”.

O texto intitulado “The Hidden Cost of Nuclear Testing and Development”⁹⁰ afirma que o processo de desenvolvimento, manufatura, teste e manutenção de armas nucleares gerou contaminação radioativa que resultou na morte de muitas pessoas inocentes ao redor do mundo, e que muitas outras sofrem com os efeitos da radiação. Além disso, em comparação com o que foi gasto com o desenvolvimento das armas nucleares, serão necessários muito mais tempo e dinheiro para descontaminar fábricas e locais de testes, lidar com material radioativo e armazenar, desmontar e descartar o lixo radioativo. Já o controle do lixo atômico, que permanecerá radioativo por dezenas de milhares de anos, oferece sérios riscos de vazamento de radiação em razão da corrosão ou explosão dos recipientes de armazenagem.

A imagem intitulada “17-year-old Girl Born and Raised Near the Semipalatinsk Nuclear Test Site in the Former Soviet Union”⁹¹ retrata um grupo de pessoas em torno de uma garota. De acordo com a legenda, ela nasceu e cresceu próximo a um campo de testes nucleares na antiga União Soviética. Apesar de não haver informações detalhadas sobre todos os danos causados pela radiação, observa-se que a vítima tem estatura reduzida em relação a sua idade. A imagem foi feita por Yuri Ivanovich Kuidin em 1994.

A imagem intitulada “Drums Filled with Radioactive Waste Left Exposed to the Elements”⁹² mostra inúmeros tambores armazenados sem maior proteção do que a sua própria estrutura. Um homem com roupas de proteção inspeciona alguns deles. Segundo a legenda, os tambores estão cheios de lixo radioativo. A fotografia foi feita em janeiro de 1994 pelo Departamento de Energia dos Estados Unidos.

A imagem intitulada “Land Contaminated by Radioactive Waste Stored in Underground Tanks”⁹³ retrata uma área descampada sendo inspecionada por uma pessoa, a qual aparentemente não utiliza equipamentos de proteção. Segundo a legenda, a área estava contaminada por lixo radioativo. O registro foi feito em janeiro de 1994 pelo Departamento de Energia dos Estados Unidos.

Painel 27

O painel número 27, intitulado “Toward a Peaceful World Free From Nuclear Weapons”⁹⁴, é composto por dois textos, duas fotografias acompanhadas por legendas, um mapa e um gráfico.

O texto intitulado “Expanding Nuclear-Free Zones”⁹⁵ informa que as zonas livres de armas nucleares são criadas através de compromissos formais segundo os quais os países que compõem determinadas áreas se comprometem a não fabricar, testar, adquirir ou possuir armas

90 “O custo oculto do teste e desenvolvimento nuclear”.

91 “Garota de 17 anos que nasceu e cresceu próximo ao campo de testes nucleares de Semipalatinsk na antiga União Soviética”.

92 “Tambores cheios de lixo radioativo deixados expostos a céu aberto”.

93 “Solo contaminado por lixo radioativo armazenado em tanques subterrâneos.

94 “Em direção a um mundo pacífico livre de armas nucleares”.

95 “Expandindo zonas livres de armas nucleares”.

nucleares. Dessa forma, esses tratados reduzem a ameaça de guerra nuclear e amenizam as tensões internacionais. Entretanto, a declaração de áreas livres de armas nucleares não soluciona o problema imediatamente, embora o aumento dessas áreas reforce o quadro para prevenir a proliferação. Ainda segundo o texto, os tratados são um meio efetivo no sentido de alcançar a abolição das armas nucleares em nível mundial.

O mapa intitulado “Nuclear-Free Zones around the world”⁹⁶ retrata as áreas livres de armas nucleares e os tratados existentes nessas regiões. Dentre essas áreas encontram-se o continente africano, parte da Ásia, Oceania, América Central, América Latina e Antártida. O mapa também informa sobre as nações que têm conduzido testes nucleares. Dentre estas estão Reino Unido, França, Rússia, Coreia do Norte, China, Índia, Paquistão e Estados Unidos.

O texto intitulado “Efforts by Citizens”⁹⁷ sustenta que a abolição de armas nucleares não pode ser deixada inteiramente nas mãos das nações. A opinião pública internacional deve se constituir de modo a influenciar as políticas nacionais no sentido do desarmamento. Os indivíduos, por sua vez, devem estar comprometidos com a paz e determinados a construir uma sociedade livre de armas nucleares. Pessoas ligadas a uma série atividades relacionadas à abolição das armas nucleares devem fortalecer sua solidariedade e trabalhar em conjunto com outras ao redor do mundo. De acordo com o texto, a eficácia dessa cooperação foi demonstrada pela influência de Organizações Não-Governamentais na criação do Tratado Internacional que banuiu as minas terrestres e na promoção do chamado “World Court Project”. Este último teria repercutido junto à Corte Internacional de Justiça, que se pronunciou no sentido de que a ameaça ou emprego de armas nucleares seria contrária às regras do direito internacional. O texto também sustenta que apenas o poder coletivo oriundo da população pode mover nações, bem como a Organização das Nações Unidas, em direção a um mundo pacífico livre de armas nucleares.

O gráfico localizado na parte inferior direita do painel 27 ilustra os argumentos apresentados pelo texto ao qual nos referimos no parágrafo anterior. O gráfico é composto por quatro níveis, numa escala ascendente de influência do nível inferior ao nível superior. O primeiro nível se refere à vontade da população determinada a ter paz. O segundo nível se refere à formação da opinião pública nacional, contemplando a solidariedade entre indivíduos e Organizações Não-Governamentais. O terceiro nível se refere às políticas de cada país e da Organização das Nações Unidas. O quarto nível se refere ao mundo pacífico livre de armas nucleares.

A fotografia intitulada “Peace Parade to Protest Nuclear Testing”⁹⁸ retrata um grupo de manifestantes portando faixas e bandeiras. Segundo a legenda, em setembro de 1995, uma reunião para protestar e suspender a retomada de teste nucleares pela França no sul do Oceano Pacífico ocorreu no Taiti, Polinésia Francesa. Legisladores de muitos países compareceram ao

96 “Zonas livres de armas atômicas ao redor do mundo”.

97 “Esforços por parte de cidadãos”.

98 “Parada da Paz para Protestar contra Testes Nucleares”.

encontro e a parada foi realizada pelos cidadãos locais. O registro foi feito em 2 de setembro de 1995. Não há indicação de autoria.

A fotografia intitulada “Protest Demonstration against Nuclear Testing”⁹⁹ retrata um grupo de manifestantes portando faixas. Segundo a legenda, o evento ocorreu em Semipalatinsk, na União Soviética, em 1989. Esta foi a primeira demonstração contra os testes no campo de Semipalatinsk. O local foi fechado em 1991. A imagem foi feita por Yuri Ivanovich Kuidin.

Painel 28

O painel número 28, intitulado “20th Century – Negative Heritage”¹⁰⁰, é composto por uma fotografia acompanhada por legenda, um texto de três parágrafos e pela imagem de um documento também acompanhada por uma legenda.

A fotografia situada na parte superior, intitulada “After the World’s First Nuclear Test”¹⁰¹, retrata um grupo de homens ao redor de resquícios de uma estrutura em uma área desértica. Todos estão vestindo uma espécie de proteção para os pés. Algumas pessoas observam vestígios no terreno, cuja superfície encontra-se rachada, assemelhando-se ao leito ressecado de um rio. Segundo a legenda, no centro da imagem, usando chapéu, o Dr. Oppenheimer examinava os destroços de uma torre de aço de trinta metros de altura em 1945. Não há identificação de outras pessoas retratadas tampouco do fotógrafo responsável pelo registro.

O texto situado logo abaixo informa que, às 05h29min30seg do dia 16 de julho de 1945, um clarão e uma onda de calor queimou o deserto próximo a Alamogordo, Novo México. Tratou-se da primeira explosão atômica na história humana. Segundo o texto, a maioria dos envolvidos nesse teste sentiu um grande alívio e gritou de alegria. Mas alguns temeram que o sucesso desse teste cobriria a Terra com uma nuvem negra. J. Robert Oppenheimer, que liderou o esforço científico que culminou nesse teste, teria supostamente citado uma frase de um texto sagrado do hinduísmo: “Eu me tornei a Morte. Destruidor dos Mundos.” Nos dias de hoje, subsistem dezenas de milhares de armas nucleares, a maioria delas incomparavelmente mais poderosas que esta primeira pequena bomba atômica. Ainda segundo o texto, no século 20 houve um grande progresso científico e tecnológico, mas este também teria sido o século da guerra. O texto propõe que se faça do século 21 o século da paz.

Na parte inferior direita do painel 28 encontramos a imagem de um documento intitulado “A PETITION TO THE PRESIDENT OF THE UNITED STATES”¹⁰², datado de 17 de julho de 1945, um dia após o teste acima mencionado. Na margem superior esquerda, o termo “SECRET” encontra-se riscado. A petição afirma que descobertas até então desconhecidas pela população dos Estados Unidos poderiam afetar o bem estar desse país num futuro próximo. Possuindo

99 “Protesto contra testes nucleares”.

100 “Século 20 – Herança negativa”.

101 “Após o primeiro teste nuclear”.

102 “Uma petição ao Presidente dos Estados Unidos”.

bombas atômicas, caberia ao Presidente, na condição de Comandante em chefe, autorizar ou não a sua utilização contra o Japão na fase em que a guerra então se encontrava. Os cientistas signatários afirmavam estar envolvidos no campo da energia atômica, considerando que até recentemente os Estados Unidos poderiam ser atacados por bombas atômicas durante a guerra, e que sua única defesa residiria em um contra-ataque através dos mesmos meios.

Com a derrota da Alemanha, os cientistas afirmavam que esse risco estava afastado. Mas diante da necessidade de concluir a guerra com sucesso e rapidamente, o uso de bombas atômicas poderia ser um método efetivo de campanha. Os cientistas temiam, entretanto, que eventual ataque contra o Japão não pudesse ser justificado, a não ser que os termos a serem impostos àquele país após a guerra se tornassem públicos de forma detalhada e que os japoneses tivessem a oportunidade de se render. Segundo os cientistas, se esse anúncio público assegurasse aos japoneses a possibilidade de se dedicarem a propósitos pacíficos em seu país e, mesmo assim, o Japão se recusasse a se render, então os Estados Unidos poderiam ser, em certas circunstâncias, forçados a recorrer ao uso da bomba atômica. Essa decisão, entretanto, não deveria se furtar a considerar com seriedade as responsabilidades morais envolvidas.

Os cientistas signatários da petição afirmaram que o desenvolvimento da bomba atômica forneceria às nações novos meios de destruição. Consideravam que as bombas atômicas então à disposição dos Estados Unidos representavam apenas o primeiro passo nessa direção, e quase não havia limite ao poder de destruição que se tornaria disponível futuramente. Por isso, entendiam que a nação que estabelecesse o precedente na utilização das forças da natureza recém liberadas para propósitos de destruição poderia ter que enfrentar a responsabilidade por abrir a porta para uma era de devastação em uma escala inimaginável.

Os cientistas também consideraram a possibilidade de potências rivais possuírem armas atômicas no futuro, o que colocaria cidades norte-americanas e também de outros países em risco contínuo de aniquilação repentina. Por isso, entendiam que os recursos materiais e morais dos Estados Unidos deveriam ser mobilizados para evitar o advento de tal situação. Preveni-la, segundo os cientistas, era naquele momento responsabilidade dos Estados Unidos unicamente, tendo em vista a sua liderança no campo da energia atômica. Além disso, a força material decorrente dessa liderança trazia consigo o dever de contenção. Caso esse dever não fosse observado, os cientistas consideravam que a posição moral dos Estados Unidos seria fragilizada aos olhos do mundo e do próprio país.

Diante dessas considerações, os cientistas signatários solicitavam ao presidente norte-americano que os Estados Unidos não decidissem pelo uso de bombas atômicas na Segunda Guerra Mundial a não ser que os termos a serem impostos ao Japão se fizessem públicos de forma detalhada, e que o Japão, tendo conhecimento desses termos, recusasse a rendição. Além disso, apelavam para que a decisão sobre o emprego da bomba atômica fosse tomada pelo presidente à luz das considerações contidas na petição e de todas as demais responsabilidades morais envolvidas.

Ao final do documento constam as assinaturas de doze cientistas. Há também um

carimbo com indicações sobre a sua liberação para consulta pública. A legenda informa se tratar de uma petição de cientistas contrários ao uso da bomba atômica, indicando ainda a instituição que disponibilizou o documento em questão.

Painel 29

O painel número 29, intitulado “Material Witnesses”¹⁰³, é composto por três textos, três fotografias e suas respectivas legendas.

O texto intitulado “Shigueru’s Lunch Box”¹⁰⁴ informa que Shigueru Orimen, aos 13 anos, era um estudante do primeiro ano da “Second Hiroshima Prefectural Junior High School”. Diariamente, ele e seus colegas de classe eram mobilizados para remover entulhos de edifícios demolidos. Em 06 de agosto ele saiu de casa carregando a merenda que sua mãe havia preparado. Era uma simples merenda, mas que lhe custara muito para providenciar.

O local de trabalho de Shigueru estava a 500 metros do hipocentro. Após o bombardeio, sua mãe percorreu a cidade destruída procurando por ele. No início da manhã de 09 de agosto, na margem do rio Honkawa, ela encontrou o corpo de Shigueru curvado, agarrado à lancheira. A merenda que ele nunca comeu estava carbonizada.

A imagem situada ao lado do texto acima mencionado retrata a lancheira de Shigueru Orimen. Sobre um fundo azulado, o objeto encontra-se aberto com a tampa apoiada sobre uma das extremidades. O metal está amassado, com alguns furos e marcas de queimado. O alimento armazenado ainda está dentro da lancheira, carbonizado pela explosão da bomba atômica. A legenda indica apenas tratar-se de uma lancheira. Não há informação sobre a data do registro ou sobre a autoria do mesmo.

O texto intitulado “Mother’s Rosary”¹⁰⁵ informa que, na manhã de 9 de agosto, a mãe de Misaki Ide foi para o trabalho na casa de um parente que vivia próximo à Catedral Urakami, a cerca de 600 metros do hipocentro. Após o bombardeio, Misaki se dirigiu à casa dos parentes para procurar sua mãe. Ele a encontrou morta na catedral. Ele encontrou o rosário de sua mãe na casa dos parentes. As miçangas de vidro derreteram. Misaki guardou o rosário por quarenta anos em memória de sua mãe, doando-o posteriormente ao Museu da Bomba Atômica de Nagasaki.

A fotografia intitulada “Melted Rosary” retrata alguns objetos religiosos sobre um fundo vermelho. Dentre esses objetos encontra-se o rosário que pertencia à mãe de Misaki Ide. Há ainda crucifixos, imagens de Jesus Cristo e pequenas medalhas. A legenda traz o título da imagem, não havendo informações sobre a autoria ou sobre a data do registro.

O texto intitulado “Shinichi’s Tricycle”¹⁰⁶ informa que Shinichi, então com 3 anos e 11 meses, gostava de andar em seu triciclo. Em 6 de agosto, ele estava passeando em frente à sua

103 “Testemunhas materiais”.

104 “Lancheira de Shigueru”.

105 “Rosário da mãe”.

106 “Triciclo de Shinichi”.

casa, distante 1,5 quilômetros do hipocentro. Quando a bomba atômica explodiu, Shinichi e seu triciclo foram severamente queimados. Ele morreu naquela noite. O pai de Shinichi sentiu que colocar um garoto de três anos de idade sozinho em um túmulo distante era muito doloroso, então ele enterrou seu filho com seu triciclo no quintal. Quarenta anos depois, o pai de Shinichi desenterrou os restos mortais de seu filho e os transferiu para o túmulo da família. Ele doou o triciclo de Shinichi, o brinquedo favorito do filho, para o Museu Memorial da Paz de Hiroshima.

A fotografia intitulada “Tricycle”¹⁰⁷ retrata um triciclo sobre um fundo branco e acinzentado. O objeto encontra-se bastante danificado pela ferrugem, mas sua forma geral encontra-se preservada. Assim como no caso da fotografia anteriormente descrita, a legenda traz o título da imagem, não havendo informações sobre a autoria ou sobre a data do registro.

Painel 30

O painel número 30, intitulado “Witnesses to History Conveying the Tragedy”¹⁰⁸ é composto por duas fotografias e suas respectivas legendas. A imagem superior se refere a Hiroshima e a imagem situada na parte inferior se refere a Nagasaki.

A imagem intitulada “A-bomb Dome (Hiroshima)”¹⁰⁹, como indica a legenda, retrata o edifício atualmente conhecido como o Domo da Bomba Atômica. O edifício é iluminado pelo pôr do sol, o que confere ao fundo da imagem uma coloração amarela e avermelhada. A composição da fotografia permite distinguir o edifício a partir dos seus contornos. Os galhos de uma árvore se sobrepõe à construção. A legenda informa que o registro foi feito em janeiro de 1995 por Michio Ide.

A imagem intitulada “One-legged Torii Gate of Sanno Shinto Shrine (Nagasaki)”¹¹⁰ retrata as ruínas de um portão Torii. Ao redor do mesmo observam-se várias construções. Ao fundo é retratado o céu azul com algumas nuvens. Segundo a legenda, a imagem foi feita por Michio Ide em 19 de outubro de 1995.

107 “Triciclo”.

108 “Testemunhas para a história transmitindo a tragédia”.

109 “Domo da bomba atômica”.

110 “Parte do Portão Torii do Santuário Xintoísta Sanno de Nagasaki”, em tradução livre.

5. Análise das notícias

A amostra de notícias que compõe o presente estudo foi retirada do jornal Folha de São Paulo. Este periódico foi criado em 1960, a partir da reunião dos jornais Folha da Noite, Folha da Manhã e Folha da Tarde. O jornal Folha da Noite surgiu em 19 de fevereiro de 1921, dirigindo-se principalmente a leitores da classe média urbana e da classe operária. Em julho de 1925, seus controladores lançaram a Folha da Manhã, administrando-os até 1931, quando uma alteração no controle dos periódicos modificou também a sua linha editorial, que passou a ser marcada pela defesa dos interesses dos produtores rurais paulistas. Em 1945 houve nova alteração no comando dos periódicos. Em 1949, este grupo criou o jornal Folha da Tarde e, em 1960, o jornal Folha de São Paulo, através da mencionada fusão dos outros três periódicos. Em 1962, enfrentando dificuldades financeiras, o jornal foi novamente vendido. Os novos controladores realizaram alterações na organização financeira e administrativa, bem como na infraestrutura do jornal. Em 1978, elaboraram o primeiro projeto editorial do periódico, que passou a norteá-lo do ponto de vista jornalístico. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013).

O processo de construção das edições diárias do periódico analisado, de acordo com o Manual da Redação elaborado pelo mesmo (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013), em termos gerais é composto pelas etapas do planejamento, produção, redação e edição das matérias.

O planejamento envolve a definição das pautas, que consistem no roteiro inicial para a produção de textos jornalísticos e de materiais iconográficos. A partir da definição das pautas, há um processo de hierarquização das mesmas. O jornal Folha de São Paulo afirma adotar os seguintes critérios para a definição de importância relativa das matérias. Os fatos de incontestável interesse geral e as notícias de utilidade pública encontram-se no topo da hierarquia das pautas. São considerados fatos de incontestável interesse geral acontecimentos que possam alterar estruturas políticas, econômicas e culturais nos planos local, nacional ou mundial, tais como a queda do muro de Berlim ou o impeachment de um presidente da república. Notícias de utilidade pública dizem respeito a questões que tenham repercussões na vida cotidiana dos leitores, no presente ou no futuro. Podem se referir a esferas diversas, tais como saúde, educação, ciência, economia, legislação ou organização urbana. O segundo patamar na hierarquia das pautas é ocupado por acontecimentos que provocam grande comoção pública, envolvem as relações entre instituições e seus integrantes, bem como reportagens com análises originais. A etapa do planejamento contempla ainda a definição de textos de apoio, que podem se revestir de caráter didático ou analítico. Os textos de apoio podem consistir em uma memória histórica dos fatos, mapas, gráficos, explicações, apresentação biográfica de personagens envolvidos na notícia, glossário de termos técnicos e indicações de leituras, dentre outros recursos.

A etapa da produção consiste, em primeiro lugar, na apuração de informações que servirão de base para as reportagens, textos de análise das notícias, infográficos e demais materiais jornalísticos que integrarão a edição. No que se refere às reportagens, três elementos principais são considerados: o gancho jornalístico, a hipótese de trabalho e a investigação

jornalística. O gancho jornalístico pode ser considerado como o fato principal que serve de objeto para determinada reportagem, a exemplo de uma eleição presidencial. A hipótese de trabalho, por sua vez, é o elemento que permite definir os conteúdos possíveis da reportagem. A notícia da liberação dos preços de planos de saúde, por exemplo, poderia adotar as seguintes hipóteses: o Estado pretende abandonar o controle de setores do mercado que prestam serviços essenciais (interpretação do fato); quais os possíveis efeitos imediatos dessa medida (ênfase de um aspecto do fato); relato por parte de um usuário de plano de saúde afetado pela medida e resposta por parte da respectiva operadora justificando aumentos implementados. A investigação jornalística, em síntese, é composta pela checagem das informações fornecidas por uma ou mais fontes, ouvindo-se fontes independentes a respeito do mesmo fato. Além disso, quando uma informação tem o potencial de prejudicar uma pessoa ou uma entidade, o jornal toma como procedimento obrigatório da investigação jornalística ouvir a versão da pessoa ou entidade envolvida e publicá-la com destaque proporcional, procedimento conhecido como ouvir o outro lado.

A partir do que se apurou na fase de produção, procede-se à redação da reportagem. Do ponto de vista estrutural, este tipo de texto jornalístico é composto pelo título, subtítulo, lide e corpo da reportagem. O jornal considera que os títulos devem ser capazes de, em poucas palavras e em ordem lógica, transmitir o objeto da notícia e despertar o interesse do leitor. Para tanto, preconiza que o título: a) contenha verbo, preferencialmente na voz ativa; b) seja escrito no tempo presente, exceção feita a situações em que faça referência a fatos distantes no futuro ou no passado; c) evite verbos no condicional; d) evite o emprego de siglas. Já o lide serve como uma introdução à reportagem, transmitindo o núcleo de interesse da notícia no início do texto jornalístico. Além da reportagem propriamente dita, podem também ser produzidos textos de análise da notícia, além do recurso a fotografias e infográficos.

Após a redação da reportagem e da elaboração e seleção de materiais de apoio, tem lugar a etapa da edição. Por meio deste processo são definidas a distribuição espacial das reportagens, análises, artigos, fotografias, desenhos, infográficos, e a sua contextualização segundo os critérios hierárquicos adotados pelo periódico. Como dissemos, o jornal possui regras para a elaboração dos títulos das notícias, bem como para a disposição dos textos, fotografias, infográficos e demais elementos que compõem a edição final, regras que estão compiladas em seu projeto gráfico. No que se refere à disposição das peças publicitárias, o periódico se coloca da seguinte forma:

Os anúncios são parte do conjunto de informações que o leitor procura todos os dias no jornal. A receita da **Folha** provém não apenas da venda do jornal, mas majoritariamente da venda do espaço para a publicidade. O interesse do leitor, entretanto, tem sempre prioridade sobre qualquer outro, inclusive o do anunciante.

A Redação e a Diretoria Comercial (área responsável pela publicidade) da Folha são departamentos autônomos, sem relação de subordinação.

Apenas a Direção de Redação está autorizada a manter contato com a Diretoria Comercial, que tem prioridade na divisão de espaço do jornal. É ela que determina a distribuição dos anúncios nas páginas. Mas não se deve subordinar o trabalho jornalístico aos interesses, presumidos ou manifestos, de anunciantes. A **Folha** não produz matéria paga. Também não publica informe publicitário sem deixar clara para o leitor essa condição. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 118, grifos no original).

Consideramos que, se a fonte majoritária de receita do jornal provém da venda do espaço para a publicidade, seu principal cliente são os anunciantes, não os leitores. Diante disso, é discutível afirmar que o interesse deste último prevalece em toda e qualquer situação. Nesse sentido, é emblemático que a Diretoria Comercial seja a responsável por definir a distribuição dos anúncios nas páginas e que tenha prioridade na divisão de espaço do jornal. Como será possível observar através das reportagens selecionadas a seguir, há inúmeras ocasiões em que peças publicitárias recebem maior destaque do que as reportagens situadas na mesma página. Isso se dá não apenas pelas próprias características dos anúncios – cores, letras, imagens, apelo econômico – mas também por sua localização e pelo espaço que ocupam na página, ambos definidos pelo próprio jornal principalmente em função do montante desembolsado pelo anunciante para a compra de espaço no periódico. Neste âmbito, um anúncio de página inteira em um dos cadernos diários de circulação nacional do jornal Folha de São Paulo custa, em dias úteis, R\$ 352.248,00¹¹¹. Considerando que o preço de capa de cada exemplar de circulação semanal custa R\$ 3,50, o valor de um anúncio de página inteira equivale à venda de 100.642 exemplares. Segundo dados do Instituto Verificador de Circulação divulgados em reportagem publicada pelo próprio jornal Folha de São Paulo (2015), a tiragem média mensal em 2014 foi de 351,7 mil exemplares, consideradas as edições impressa e digital. Os valores auferidos com a venda do jornal e com a publicidade são aproximados, pois não consideramos os descontos eventualmente concedidos aos anunciantes ou aos leitores que adquirem o periódico por meio de assinaturas, tampouco o fato de que as edições digitais avulsas podem ter valor diferente do preço de capa da versão impressa. De todo o modo, o exemplo ilustra a disparidade entre os valores que podem ser obtidos pelo periódico através de anúncios e aqueles auferidos pela venda de exemplares.

Ao discorrer sobre as mudanças observadas em periódicos franceses na primeira metade do século XIX, Benjamin (1989, p. 23) trata da crescente influência de questões econômicas sobre as matérias jornalísticas bem como da veiculação de peças publicitárias pelos jornais à época:

Em 1824 havia em Paris 47 mil assinantes de jornal; em 1836 eram 70 mil, e em 1846, 200 mil. *La Presse*, o jornal de Girardin, tivera papel decisivo

111 O anúncio de página inteira no jornal Folha de São Paulo ocupa seis colunas e 52 centímetros de altura na edição impressa. (EMPRESA FOLHA DA MANHÃ S.A., 2015, p. 05).

nesse aumento. Trouxera três importantes inovações: a redução do preço da assinatura para 40 francos, o anúncio e o romance-folhetim. Ao mesmo tempo, a informação curta e brusca começou a fazer concorrência ao relato comedido. Recomendava-se pela sua utilidade mercantil. O assim chamado “*réclame*” abria passagem; por esse termo se entendia uma nota, autônoma na aparência, mas, na verdade, paga pelo editor e com a qual, na seção redacional, se chamava a atenção para um livro que, na véspera ou naquele mesmo número, fora objeto de anúncio. Já em 1839, Sainte-Beuve lamentava seus efeitos desmoralizantes: “Como se pode condenar na parte crítica um produto ... do qual, duas polegadas abaixo, se lê que é a maravilha da época? Impunha-se a força atrativa das letras crescentes do anúncio; representa uma montanha magnética que desvia a bússola”. O “*réclame*” se encontra nos primórdios de uma evolução cujo final é a notícia da bolsa publicada nos jornais e paga pelos interessados. Dificilmente a história da informação pode ser escrita separando-a da história da corrupção da imprensa. (Itálicos no original).

Não nos parece exagero afirmar que o espaço físico de cada edição do jornal Folha de São Paulo está loteado de antemão aos anunciantes. Observemos com mais atenção a Tabela de Preços do Grupo Folha para o referido jornal (EMPRESA FOLHA DA MANHÃ S.A., 2015). Ela parece servir como indicativo dos critérios de valorização do espaço do periódico. Assim, o número de colunas e a altura em centímetros são dois aspectos levados em consideração para definir o valor cobrado por determinado anúncio. Além deles, o caderno em que se encontra, a página em que está inserido dentro do respectivo caderno e o dia da publicação da edição são outros critérios definidores do preço dos anúncios. O tipo de publicidade também pode ser considerado, havendo descontos para publicidade legal quando inserida em determinados cadernos. O próprio jornal oferece sugestões para o posicionamento dos anúncios segundo o seu tamanho. Reproduzimos abaixo os seis modelos para os cadernos diários de circulação nacional, acompanhados dos valores cobrados pelos anúncios:

Imagem 5.1. – Sugestões para o posicionamento dos anúncios para os cadernos diários de circulação nacional do jornal Folha de São Paulo. (EMPRESA FOLHA DA MANHÃ S.A., 2015, p. 05)

O posicionamento dos anúncios parece sugerir que, à medida em que diminui o seu custo e, conseqüentemente, o espaço destinado ao mesmo, tendem a ser reservados às peças publicitárias os setores inferiores da página, próximos às margens. Existe portanto um indicativo de que, ao menos segundo critérios econômicos, as porções superiores e centrais da página são consideradas localizações privilegiadas.

Há por fim uma tendência do jornal em equiparar as informações que compõem as matérias publicadas às mensagens publicitárias contidas nos anúncios. Isso se sustenta a partir de duas afirmações presentes no Manual da Redação. A primeira delas, transcrita a seguir, encontra-se no tópico destinado a apresentar a etapa do planejamento das edições diárias:

O planejamento é uma ferramenta técnica que precisa ser desenvolvida individualmente e em equipe. Ele propicia o domínio do tempo de trabalho, da prática jornalística e do material noticioso, evitando assim o improviso, a confusão, o erro e o mau acabamento da **mercadoria-informação**. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 19, grifos nossos).

A segunda afirmação, citada anteriormente, sustenta que os “anúncios são parte do conjunto de informações que o leitor procura todos os dias no jornal.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 118). Esta aproximação entre as matérias publicadas pelo jornal, caracterizadas pelo mesmo como “mercadoria-informação”, e os anúncios que integram as edições diárias pode sugerir que a produção jornalística é orientada pela ideologia do negócio, o que permite supor que nela haverá elementos característicos da indústria cultural.

Apresentamos abaixo a divisão da amostra segundo os principais eixos temáticos de análise apresentados no item 2.3.2.2.

	DESENVOLVIMENTO DAS ARMAS ATÔMICAS	BOMBARDEIOS DE HIROSHIMA E NAGASAKI	ARMAS NUCLEARES NOS DIAS ATUAIS	SUBTOTAL
ARTIGOS	4	3	23	30
REPORTAGENS	8	12	129	149
ENTREVISTAS	0	1	9	10
EDITORIAIS	0	0	9	9
TOTAL	12	16	170	198

Tabela 5.1 – Quantidade de artigos, reportagens, entrevistas e editoriais segundo a divisão temática proposta.

	DESENVOLVIMENTO DAS ARMAS ATÔMICAS	BOMBARDEIOS DE HIROSHIMA E NAGASAKI	ARMAS NUCLEARES NOS DIAS ATUAIS	SUBTOTAL
ARTIGOS	2,02%	1,52%	11,62%	15,15%
REPORTAGENS	4,04%	6,06%	65,15%	75,25%
ENTREVISTAS	0,00%	0,51%	4,55%	5,05%
EDITORIAIS	0,00%	0,00%	4,55%	4,55%
TOTAL	6,06%	8,08%	85,86%	100,00%

Tabela 5.2 – Porcentagem de artigos, reportagens, entrevistas e editoriais segundo a divisão temática proposta.

5.1. Desenvolvimento das armas atômicas

O grupo temático denominado “desenvolvimento das armas atômicas” é composto por artigos e reportagens. As tabelas abaixo indicam a distribuição desses textos segundo a subdivisão nelas indicada:

DESENVOLVIMENTO DAS ARMAS ATÔMICAS					
	SEGUNDA GUERRA	DESENV. BOMBA ALEMANHA NAZISTA	PROJETO MANHATTAN	ENVOLVIMENTO DE CIENTISTAS	SUBTOTAL
ARTIGOS	1	0	0	4	5
REPORTAGENS	0	1	0	6	7
ENTREVISTAS	0	0	0	0	0
EDITORIAIS	0	0	0	0	0
TOTAL	1	1	0	10	12

Tabela 5.3 – Quantidade de artigos, reportagens, entrevistas e editoriais segundo a divisão temática proposta.

DESENVOLVIMENTO DAS ARMAS ATÔMICAS					
	SEGUNDA GUERRA	DESENV. BOMBA ALEMANHA NAZISTA	PROJETO MANHATTAN	ENVOLVIMENTO DE CIENTISTAS	SUBTOTAL
ARTIGOS	0,51%	0	0	2,02%	2,53%
REPORTAGENS	0	0,51%	0	3,03%	3,54%
ENTREVISTAS	0	0	0	0	0,00%
EDITORIAIS	0	0	0	0	0,00%
TOTAL	0,51%	0,51%	0,00%	5,05%	6,06%

Tabela 5.4 – Porcentagem de artigos, reportagens, entrevistas e editoriais segundo a divisão temática proposta.

5.1.1. Desenvolvimento da bomba atômica pela Alemanha nazista

No que se refere ao desenvolvimento da bomba pela Alemanha nazista, uma reportagem publicada em 02 de junho de 2005 relata a descoberta, em um arquivo particular, de um diagrama de um projeto de bomba atômica alemã, o que sugeriria, segundo o jornal, que os nazistas teriam chegado mais perto do que se supunha de obter um artefato nuclear. Para enfatizar essa circunstância, a reportagem recorre ao já mencionado recurso do “chapéu”, neste caso com a expressão “por um triz”, grafada em letras maiúsculas. O diagrama inserido na reportagem, a legenda que o acompanha, segundo a qual o “desenho mostra como seria a bomba atômica nazista”, assim como a indicação razoavelmente precisa a respeito da massa crítica necessária para viabilizar a construção de uma bomba atômica acrescentam elementos a esse direcionamento. Há, entretanto, outras informações que podem suscitar interpretações contrárias. Afirma-se, por exemplo, que embora o diagrama ou o relatório do qual faz parte não tenham indicação de data, estima-se que foram produzidos após o fim da Segunda Guerra Mundial. Além disso, o texto informa que, como os dados a respeito da massa crítica contidos no diagrama diferiam daqueles utilizados pelos cientistas que à época da Segunda Guerra Mundial estariam conduzindo o programa nuclear nazista, supõe-se que o diagrama poderia ter sido produzido por uma equipe de cientistas independentes. Outro aspecto a ser ressaltado envolve a presença, logo abaixo da notícia em questão, de uma peça publicitária anunciando pacotes turísticos para o nordeste brasileiro. Embora situada na parte inferior da página, recebe destaque principalmente por suas cores, por sua diagramação, pelo recurso a imagens e por seu apelo econômico através da indicação de ofertas.

Imagem 5.1. – Reprodução da página A15 do jornal Folha de São Paulo de 02 de junho de 2005.

5.1.2. Envolvimento dos cientistas no desenvolvimento das bombas atômicas

O envolvimento dos cientistas no desenvolvimento das bombas atômicas é abordado por quatro artigos e seis reportagens. Dentre os artigos, o primeiro é de autoria de Boris Fausto, à época colunista do periódico. O texto, publicado na edição de 07 de julho de 2003 sob o título “O caso dos Rosenberg”, trata do envolvimento de Julius e Ethel Rosenberg, ambos cidadãos americanos, na venda de segredos militares relacionados às armas atômicas à antiga União Soviética na década de 1950. O segundo artigo, de autoria de Walter Sullivan, consiste na tradução de um texto originalmente publicado pelo jornal “The New York Times” contendo informações biográficas sobre o físico Edward Teller, defensor do desenvolvimento e do emprego de armas nucleares. Esse texto foi publicado pelo jornal Folha de São Paulo em 11 de setembro de 2003 por ocasião da morte do cientista. Retornaremos a este artigo a seguir para tratar da forma como o mesmo foi apresentado no periódico. O terceiro artigo é de autoria do repórter Ricardo Bonalume Neto. Foi publicado em 05 de outubro de 2003 sob o título “Fuga de cérebros desencadeada pelo nazismo mudou eixo da pesquisa ocidental da Alemanha para os EUA”. O artigo trata da migração de pesquisadores judeus alemães e de sua incorporação à ciência anglo-americana a partir de referências ao livro “O Presente de Hitler: Cientistas que Escaparam da Alemanha Nazista”, de Jean Medawar e David Pyke, então recentemente publicado no Brasil. O quarto artigo foi publicado em 18 de abril de 2005 sob o título “50 anos sem Einstein”. De autoria de Rogério Rosenfeld, o texto, escrito por ocasião do cinquentenário da morte de Albert Einstein, apresenta eventos da biografia do cientista alemão. O texto faz

referência ao seu envolvimento na criação do Projeto Manhattan. Tendo em vista o receio de que a Alemanha nazista pudesse desenvolver uma arma nuclear, Einstein teria sido convencido pelo físico Leo Szilard a enviar uma carta ao presidente norte-americano Franklin Roosevelt alertando sobre o perigo, conforme mencionamos no início deste texto. Iniciou-se dessa forma o Projeto Manhattan, que desenvolveu a bomba atômica e do qual, informa o artigo, Einstein não participou. O texto afirma ainda que, após a guerra, Einstein presidiu o Comitê Emergencial de Cientistas Atômicos, organização antinuclear que defendia um governo mundial.

Quanto às reportagens relacionadas ao envolvimento de cientistas no desenvolvimento das bombas atômicas, merecem destaque as peças publicitárias veiculadas em conjunto com as mesmas. Em 11 de setembro de 2003 foi publicada uma reportagem a respeito da morte do físico Edward Teller. O texto informa que o cientista de origem húngara participou do Projeto Manhattan e do desenvolvimento da bomba de hidrogênio. Mais recentemente, foi defensor do escudo antimísseis por meio de satélites que ficou conhecido como “Guerra nas Estrelas”. Apresentamos abaixo uma reprodução da referida reportagem bem como do artigo a respeito do cientista mencionado no parágrafo anterior.

Imagem 5.2. – Reprodução da página A15 do jornal Folha de São Paulo de 11 de setembro de 2003.

A tabela abaixo indica as áreas ocupadas pelo artigo, pela reportagem e pela peça publicitária em relação à área total da imagem:

Imagem 5.3. e 5.4. – Reprodução das páginas A13, de 05 de fevereiro de 2004, e A15, de 13 de janeiro de 2010, do jornal Folha de São Paulo.

ESTÍMULO	ÁREA TOTAL	ÁREA RELATIVA
REPORTAGEM	41261	17,98%
PROPAGANDA	126212	54,99%
PÁGINA	229518	100,00%

Tabela 5.6 – Área ocupada pelos estímulos que integram a imagem 5.3.

ESTÍMULO	ÁREA TOTAL	ÁREA RELATIVA
REPORTAGEM	63896	29,40%
PROPAGANDA	94136	43,32%
PÁGINA	217306	100,00%

Tabela 5.7 – Área ocupada pelos estímulos que integram a imagem 5.4.

Em ambos os casos, reportagens tratando do envolvimento de cientistas no desenvolvimento de armas nucleares, uma delas a respeito da venda de segredos nucleares e outra a respeito do assassinato de um cientista, dividem espaço com anúncios destinados à venda de aparelhos e planos de telefonia celular ou ainda de softwares com preços subsidiados que proporcionam o aumento da produtividade.

5.2. Bombardeios de Hiroshima e Nagasaki

O grupo temático denominado “bombardeios de Hiroshima e Nagasaki” é composto por artigos, reportagens e entrevistas. As tabelas abaixo indicam a distribuição desses textos dentro do referido grupo temático:

BOMBARDEIOS DE HIROSHIMA E NAGASAKI						
	ATAQUE	CONSEQUÊNCIAS	VÍTIMAS	RECONSTRUÇÃO DAS CIDADES	MEMÓRIA	SUBTOTAL
ARTIGOS	1	0	0	0	2	3
REPORTAGENS	0	0	4	0	8	12
ENTREVISTAS	0	0	0	0	1	1
EDITORIAIS	0	0	0	0	0	0
TOTAL	1	0	4	0	11	16

Tabela 5.8 – Quantidade de artigos, reportagens, entrevistas e editoriais segundo a divisão temática proposta.

BOMBARDEIOS DE HIROSHIMA E NAGASAKI						
	ATAQUE	CONSEQUÊNCIAS	VÍTIMAS	RECONSTRUÇÃO DAS CIDADES	MEMÓRIA	SUBTOTAL
ARTIGOS	0,51%	0	0	0	1,01%	1,52%
REPORTAGENS	0	0	2,02%	0	4,04%	6,06%
ENTREVISTAS	0	0	0	0	0,51%	0,51%
EDITORIAIS	0	0	0	0	0	0,00%
TOTAL	0,51%	0,00%	2,02%	0,00%	5,56%	8,08%

Tabela 5.9 – Porcentagem de artigos, reportagens, entrevistas e editoriais segundo a divisão temática proposta.

5.2.1. Vítimas dos bombardeios de Hiroshima e Nagasaki

Dentre as reportagens relacionadas às vítimas dos bombardeios de Hiroshima e Nagasaki, duas delas tratam do recebimento de indenizações por parte de três sobreviventes atingidos pela bomba lançada em Hiroshima, tendo sido publicadas em 09 de fevereiro de 2006 e 08 de fevereiro de 2007. Já a reportagem publicada em 10 de dezembro de 2006 relata passagens da vida de Manabu Ashihara, sobrevivente do bombardeio atômico à cidade de Nagasaki que, desde 1967, vive no Brasil. Por fim, a notícia publicada em 11 de setembro de 2012 consiste em uma nota de falecimento de Kazumi Ogawa, que também sobreviveu ao bombardeio de Nagasaki e se mudou para o Brasil na década de 1960.

5.2.2. Memória dos bombardeios de Hiroshima e Nagasaki

Conforme indica a tabela 5.8. acima, os textos que abordam o tema da memória dos bombardeios de Hiroshima e Nagasaki consistem em artigos, reportagens e entrevistas. No que se refere aos artigos, destacamos o texto publicado em 17 de agosto de 2003 intitulado “A lancheira e a bomba”, escrito por Tzvetan Todorov. Neste trabalho, Todorov (2003) sustenta que a memória não é neutra, e que toda narrativa histórica é moldada pelas perspectivas do benfeitor ou seu beneficiário e do malfeitor ou sua vítima. Centrando sua análise nesta última perspectiva, o autor sustenta que a condição de vítima confere ao seu portador um privilégio permanente. Isto porque, do seu ponto de vista, tal condição é acompanhada do direito a se queixar, protestar e exigir, sendo preferível conservar o papel de vítima ao invés de receber reparação. Essa dinâmica seria válida para indivíduos e, sobremaneira, para grupos, fato que o autor relaciona às reivindicações mais recentes de que seja escrita a história das vítimas e dos derrotados, ao menos ao lado da dos vitoriosos. Problemático seria, segundo o autor, extrair benefício moral da evocação do passado sem levar em conta os erros do próprio grupo, o que o leva a se referir a um episódio envolvendo o Instituto Smithsonian, em Washington, que em 1995 tentou rever o Enola Gay, avião responsável por lançar a bomba atômica sobre Hiroshima. Todorov (2003), fundamentando-se nas proposições do historiador norte-americano John Dower, afirma

que a história pode ser apresentada e avaliada de um ponto de vista americano ou japonês, por exemplo, mesmo sem a invenção de fatos ou a falsificação de fontes, sendo suficientes a seleção e a combinação dos dados. Nesse sentido, a narrativa a respeito da bomba atômica seria heroica ou triunfal, representando um golpe final contra um inimigo agressivo, fanático e selvagem. Do ponto de vista japonês, a perspectiva da história das bombas atômicas conteria um relato de vitimização, aproximando o sofrimento dessas vítimas ao suportado pelos judeus em relação ao Holocausto. Segundo o autor, o próprio Museu de Hiroshima explora o papel de vítima distorcendo a memória vinculada ao bombardeio ao não reconhecer adequadamente a responsabilidade do governo japonês pelo início e pela manutenção da guerra e o tratamento desumano que impingiu aos prisioneiros de guerra e às populações civis dominadas. A exposição do Instituto Smithsonian, segundo o autor, pretendia apresentar o bombardeio de Hiroshima em toda a sua complexidade. Nela o Enola Gay teria um papel de destaque, mas devido à oposição de grupos patrióticos americanos, a exposição foi cancelada por ser considerada uma ofensa à memória. Isto porque não apresentaria os americanos como heróis benfeitores, mas sim sugerindo que eles teriam sido responsáveis por um massacre injustificável em sua plenitude. Por fim, Todorov sustenta que a causa das forças aliadas era superior à dos nazistas ou dos japoneses e a guerra contra ambos foi justa e necessária. Isso não impediria que tragédias fossem cometidas e mesmo que se pudesse desconsiderá-las levianamente sob o argumento de que o inimigo as sofreu. Segundo o autor, a lancheira da criança de 12 anos morta pela bomba atômica em Hiroshima, com seu arroz e vagens calcinados pela explosão, pesaria tanto em nossa consciência quanto o Enola Gay, e a exibição dessa lancheira entre os artefatos cedidos pelo Museu de Hiroshima à instituição americana tornou a exposição inaceitável para aqueles que se consideram heróis. Todorov afirma que apenas a visão conjunta do bombardeio e da lancheira permitiria apreender a trágica visão da história que Hiroshima e de outros episódios que marcam nossa consciência moderna representa. A imagem a seguir reproduz a página do jornal Folha de São Paulo em que foi publicado o artigo em questão.

Imagem 5.5. – Página do jornal Folha de São Paulo contendo o texto de autoria de Tzvetan Todorov publicado em 17 de agosto de 2003.

Além do texto acima mencionado, a página em questão contém uma fotografia registrando visitantes observando uma imagem da explosão atômica em Hiroshima, imagem esta que integra o acervo da exposição permanente do Museu Memorial da Paz de Hiroshima.

Apresentamos os principais argumentos contidos no artigo destacado e a natureza da imagem que acompanha o texto – ainda que possamos discordar de algumas das afirmações contidas no referido trabalho – para contrapor-lo a outros textos aos quais nos referimos anteriormente, notadamente aqueles que parecem apontar um direcionamento prévio ao leitor ou que se fazem acompanhar por destacadas peças publicitárias cuja ênfase recai especialmente sobre o consumo e também sobre o entretenimento.

Dentre as oito reportagens a respeito da memória dos bombardeios de Hiroshima e Nagasaki, ao menos duas apresentam elementos que consideramos relevantes para a reflexão sobre aqueles eventos.

Nessa medida, em matéria publicada em 24 de julho de 2003, descreve-se brevemente a edição brasileira da reportagem elaborada pelo jornalista John Hersey sobre o bombardeio de Hiroshima, originalmente publicada em 1946 pela revista *New Yorker*. Este trabalho é considerado um dos primeiros relatos mais abrangentes sobre o referido ataque a alcançar o ocidente, além de ter inaugurado um novo gênero dentro do campo jornalístico. Ainda assim, a matéria publicada pelo jornal *Folha de São Paulo* enseja duas observações. Em primeiro lugar, é ambígua ao afirmar que o livro *Hiroshima* foi produzido quarenta anos após o evento. Na

verdade, tal livro contém a reportagem originalmente publicada em 1946 e um capítulo final, este produzido por Hersey quarenta anos depois do bombardeio. Além disso, reveste-se de certo caráter propagandístico ao indicar nas linhas finais a editora responsável pela publicação brasileira e o preço cobrado por cada exemplar do livro.

A segunda reportagem que destacamos foi publicada em 05 de agosto de 2005, e divulga uma exposição com oitenta e seis reproduções de desenhos além de depoimentos de sobreviventes do ataque a Hiroshima. Dois desses desenhos acompanham a matéria em questão, conforme se observa pela imagem a seguir:

Imagem 5.6. – Página do jornal Folha de São Paulo de 05 de agosto de 2005 informando sobre uma exposição a respeito do bombardeio de Hiroshima.

Em seu texto, a reportagem descreve os desenhos que integram a mostra e a forma como foram organizados, traz declarações de uma das curadoras do evento e informa sobre a origem dos desenhos originais. Eles pertencem ao acervo do Museu Memorial da Paz de Hiroshima, que os obteve a partir de uma campanha iniciada pela instituição em 1974 solicitando que sobreviventes do desastre elaborassem as obras e as enviassem à emissora japonesa NHK.

Novamente encontramos elementos relevantes para a reflexão a respeito dos bombardeios atômicos, em especial por apresentar produções de sobreviventes de um desses bombardeios, o que vai ao encontro da necessidade, mencionada anteriormente, de se escrever a história do pondo de vista dos vencidos.

Por outro lado, duas reportagens¹¹² publicadas em 06 de agosto de 2005 parecem seguir em direção diversa, principalmente por dividirem espaço com uma peça publicitária. Reproduzimos abaixo a página que abriga tais reportagens bem como uma tabela com informações sobre o espaço ocupado pelos estímulos em questão.

Imagem 5.7. – Reprodução das páginas A17, de 06 de agosto de 2005, do jornal Folha de São Paulo.

ESTÍMULO	ÁREA TOTAL	ÁREA RELATIVA
REPORTAGENS	283309 px.	43,55%
PROPAGANDA	289654 px.	44,53%
PÁGINA	650514 px.	100,00%

Tabela 5.10 – Área ocupada pelos estímulos que integram a imagem 5.7.

As reportagens e a peça publicitária ocupam espaço semelhante, sendo reservada a cada um dos dois grupos de estímulos pouco menos da metade de uma página do periódico. A peça publicitária, além de recorrer ao apelo econômico, às cores, às fotografias e a caracteres em formatos e tamanhos diversos, também faz menção a relações familiares como meio de convencimento do receptor no sentido de adquirir aparelhos celulares e serviços de telefonia móvel.

Quanto à reportagem dedicada à memória do bombardeio de Hiroshima, destacamos os seguintes elementos: a indicação do tema da reportagem, o título, a linha de apoio ou subtítulo,

¹¹² A reportagem a respeito da aceitação pelos Estados Unidos de um programa nuclear pacífico por parte do Irã pertence a outro eixo temático. Estamos incluindo tal notícia neste trecho por permitir explicitar a aproximação entre as matérias veiculadas pelo jornal e as práticas relacionadas ao consumo.

que neste caso encontra-se logo acima do título, a fotografia que integra a matéria e o conteúdo do texto jornalístico. O tema da reportagem é apresentado através da palavra “memória”, escrita em letras maiúsculas e impressa em negrito, acima do título e à frente da linha de apoio. O termo empregado parece sintetizar o assunto da matéria de maneira diversa em comparação com as notícias às quais nos referimos anteriormente. Lembramos que naqueles casos a indicação temática era feita pela expressão “eixo do mal”, criada por uma das partes envolvidas no próprio embate noticiado pela reportagem. O título da notícia encontra-se em posição de destaque, situado na parte superior da página e ocupando toda a sua extensão. As fontes foram utilizadas em tamanho maior em relação aos demais textos e sintetiza o tópico abordado nos dois primeiros parágrafos da notícia, uma pesquisa realizada nos Estados Unidos sobre a opinião dos americanos nos dias de hoje sobre os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki. O subtítulo da notícia acrescenta informações em relação ao título da matéria e é destacado pelo emprego de fontes em itálico. Outros sete parágrafos são destinados a informar sobre a cerimônia realizada por ocasião dos sessenta anos do ataque a Hiroshima. Embora ocupe a maior parte do texto jornalístico, não há referência direta ao evento no título ou no subtítulo da matéria. Tal referência é feita por meio da fotografia que integra a reportagem. Ela registra o momento em que, durante a cerimônia, houve uma revoada de pombas simbolizando a paz. A imagem retrata em primeiro plano o monumento em que são guardados os nomes das vítimas. Ao fundo observa-se o edifício conhecido como Domo da Bomba Atômica. A legenda da fotografia se restringe à descrição da revoada de pombos, não informando sobre o monumento ou sobre o edifício que mencionamos. Como dissemos, o texto jornalístico informa no trecho inicial que uma pesquisa realizada nos Estados Unidos apurou que 57% dos americanos aprovam o uso das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, enquanto 38% desaprovam a ação do seu país ao final da Segunda Guerra Mundial. Segundo o periódico, o levantamento foi feito por telefone pelo instituto Gallup com 1.010 adultos, e os resultados se aproximaram daqueles obtidos em pesquisa realizada dez anos antes pelo mesmo instituto, quando 59% dos entrevistados manifestaram concordância com os bombardeios e 38% manifestaram discordância. A parte seguinte da matéria se dedica a descrever a cerimônia realizada no Parque Memorial da Paz de Hiroshima, reproduzindo também parte das declarações do primeiro-ministro do Japão, do prefeito da cidade e do Secretário Geral da ONU. A matéria também informa sobre a quantidade de vítimas dos ataques a Hiroshima e Nagasaki à época dos bombardeios e também posteriormente, em decorrência dos efeitos da exposição à radiação. Em seu trecho final, a reportagem informa sobre a realização da Conferência Mundial contra a Bomba Atômica e de Hidrogênio e também sobre uma cerimônia promovida por coreanos. O jornal informa que cerca de vinte mil coreanos morreram na explosão atômica, muitos dos quais realizando trabalhos forçados no Japão, que até 1945 manteve domínio colonial sobre a Coreia.

Também relacionada à memória do bombardeio à cidade de Hiroshima, uma reportagem publicada em 10 de janeiro de 2013 merece destaque tendo em vista a ênfase conferida às informações veiculadas. A notícia trata da descoberta de uma fotografia da nuvem de fumaça

produzida pela bomba atômica lançada sobre a cidade de Hiroshima. Essa fotografia teria sido tirada do solo cerca de 20 a 30 minutos após a explosão, a aproximadamente 10 quilômetros a leste do epicentro. A notícia teve chamada na página A1 do jornal (capa) sob o título “Foto revela novo ângulo da bomba de Hiroshima”, acompanhada da reprodução da fotografia na parte central. A reportagem publicada na página A15 recebeu o seguinte título: “Encontrada nova foto da bomba de Hiroshima, tirada no chão”. As duas páginas mencionadas estão reproduzidas a seguir:

Imagens 5.8. e 5.9. – Reprodução das páginas A1 e A15, de 10 de janeiro de 2013, do jornal Folha de São Paulo.

O texto da página A1 do jornal afirma: “Em preto e branco, ela [a foto] mostra a nuvem vista do chão. Até então, as imagens conhecidas tinham sido capturadas de avião”. Já o texto da matéria na página A15 afirma: “Até então, as fotos difundidas haviam sido tiradas de aviões e mostravam o “cogumelo atômico” do alto.”

Os títulos e os textos acima mencionados sugerem que, até então, não havia ou não se conheciam outros registros do evento feitos do solo. Entretanto, na exposição permanente sobre a bomba atômica lançada sobre Hiroshima que se encontra no Museu Memorial da Paz de Hiroshima, há outras fotos feitas a partir do solo em locais diversos. Dentre elas podemos citar os registros feitos por Toshio Fukada cerca de 20 minutos após a explosão a 2,6 km do epicentro, na região de Kasumi-cho, Hiroshima; Seizo Yamada, cerca de 2 a 3 minutos após a explosão a 6,5 km do epicentro, na região de Fuchu-cho, Hiroshima; e Masami Ogi, cerca de 40

minutos após a explosão a 18 km do epicentro, Yoshiura-cho, Kure.

Evidentemente, essas considerações não diminuem a importância da fotografia encontrada recentemente, que passa a integrar o conjunto de documentos relacionados ao bombardeio de Hiroshima. Mas a forma como a reportagem apresenta o achado parece remeter a práticas também empregadas no âmbito da publicidade, notadamente a ênfase exagerada a certos aspectos de determinada mercadoria. Diante da afirmação do próprio periódico no sentido de que produz mercadoria-informação (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. 19), é possível considerar que este caso ilustra a circunstância em que uma notícia recebe o tratamento usualmente destinado às mercadorias. Poder-se-ia argumentar que a ênfase ao suposto caráter inédito da imagem tenha ocorrido por simples desconhecimento por parte do jornal da existência de outras imagens. Se este foi o caso, observa-se uma falha na checagem da informação antes de sua publicação, o que de certa forma permite ao jornal destacar o ineditismo da imagem. De todo o modo, o jornal publicou em 16 de janeiro de 2013, na seção “Erramos”, página A3, a seguinte nota: “Diferentemente do que afirmou a nota “Encontrada nova foto da bomba de Hiroshima, tirada do chão”, a nova imagem não é a primeira que mostra a bomba vista do chão. Há pelo menos outras duas.”. Entretanto, embora a notícia tenha recebido chamada de capa, a correção constou da parte inferior direita da terceira página do jornal, como de praxe neste periódico.

5.3. Armas nucleares nos dias atuais

O grupo temático denominado “armas nucleares nos dias atuais” é composto por artigos, reportagens, entrevistas e editoriais. As tabelas abaixo indicam a distribuição dos textos dentro deste grupo temático:

ARMAS NUCLEARES NOS DIAS ATUAIS						
	TESTES NUCLEARES	GUERRA FRIA	PROGRAMAS NUCLEARES	RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS	TRATADOS INTERNACIONAIS	SUBTOTAL
ARTIGOS	0	2	14	7	0	23
REPORTAGENS	9	4	99	15	2	129
ENTREVISTAS	0	0	8	1	0	9
EDITORIAIS	0	0	5	3	1	9
TOTAL	9	6	126	26	3	170

Tabela 5.11 – Quantidade de artigos, reportagens, entrevistas e editoriais segundo a divisão temática proposta.

ARMAS NUCLEARES NOS DIAS ATUAIS						
	TESTES NUCLEARES	GUERRA FRIA	PROGRAMAS NUCLEARES	RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS	TRATADOS INTERNACIONAIS	SUBTOTAL
ARTIGOS	0	1,01%	7,07%	3,54%	0,00%	11,62%
REPORTAGENS	4,55%	2,02%	50,00%	7,58%	1,01%	65,15%
ENTREVISTAS	0	0	4,04%	0,51%	0,00%	4,55%
EDITORIAIS	0	0	2,53%	1,52%	0,51%	4,55%
TOTAL	4,55%	3,03%	63,64%	13,13%	1,52%	85,86%

Tabela 5.12 – Porcentagem de artigos, reportagens, entrevistas e editoriais segundo a divisão temática proposta.

5.3.1. Testes nucleares

Quanto às reportagens que abordam o tema dos testes nucleares, é possível contrapor textos publicados pelo jornal a partir de seus próprios arquivos, datados de cinquenta anos atrás, e matérias dedicadas aos testes nucleares promovidos mais recentemente.

Nesses termos, em matéria de 21 de novembro de 2003, reproduzindo texto originalmente publicado em 1953, informa-se que, segundo o Ministério das Relações Exteriores da Inglaterra, o Canadá, os Estados Unidos e a Inglaterra passaram a trocar informações sobre os efeitos das explosões atômicas e sobre as experiências com bombas atômicas. Já em 22 de maio de 2006, reproduzindo um texto originalmente publicado em 1956, informa-se que os Estados Unidos detonaram em caráter experimental uma bomba de hidrogênio no atol de Biquíni¹¹³. Esta teria sido a primeira bomba deste tipo lançada de um avião e a oitava já detonada pelos Estados Unidos até então. Segundo a reportagem, cerca de 13,5 mil pessoas testemunharam a explosão a bordo de navios. Por fim, em 26 de abril de 2012, reproduzindo reportagem originalmente publicada em 1962, informa-se que os Estados Unidos retomaram uma série de testes nucleares lançando uma bomba atômica nas proximidades da ilha Christmas, no Oceano Pacífico. A reportagem afirma que a bomba possuía força explosiva equivalente a aproximadamente 100 mil toneladas de dinamite, informando ainda que, segundo a Comissão de Energia Atômica dos EUA, as experiências produziram menos efeitos radioativos do que os testes soviéticos realizados no ano anterior. Reproduzimos a seguir as páginas em que se encontram as três reportagens mencionadas:

113 O documentário Radio Bikini, de Robert Stone, retrata as experiências atômicas realizadas à época pelos Estados Unidos na referida região.

Imagens 5.10., 5.11. e 5.12. – Reprodução das páginas C2, de 21 de novembro de 2003, C2, de 22 de maio de 2006, e C2, de 26 de abril de 2012, do jornal Folha de São Paulo.

Ao menos no que tange à diagramação das reportagens, a ênfase conferida às mesmas é reduzida, tendo em vista a área relativa que ocupam e a posição em que se encontram, na parte inferior da página.

Já as matérias dedicadas aos testes nucleares promovidos recentemente recebem maior destaque se considerarmos os mesmos critérios de espaço e posição na página do periódico, tratados com mais detalhe no item 5 acima. Nesse sentido, reportagem publicada em 07 de maio de 2005 afirma que satélites dos Estados Unidos detectaram o que se supunham ser os preparativos para o primeiro teste nuclear pela Coreia do Norte, segundo informações fornecidas pelo Departamento da Defesa dos Estados Unidos. A reportagem também reproduz declarações do Ministro do Exterior japonês à época, Nobutaka Machimura, manifestando contrariedade por não haver negociações para o fim do programa nuclear norte-coreano, bem como do então chefe da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), Mohamed el Baradei, sobre as consequências políticas e ambientais do referido teste. Reproduzimos abaixo a imagem da página do periódico contendo a matéria em questão:

Imagem 5.13. – Reprodução da página A14, de 07 de maio de 2005, do jornal Folha de São Paulo.

Neste caso, a indicação do tema da reportagem através da expressão “ameaça nuclear” sugere, em conjunto com o título da matéria, um entendimento previamente definido segundo o qual um determinado país, os Estados Unidos, alerta sobre a ameaça representada pela possível realização de um teste nuclear por parte da Coreia do Norte. Em outras palavras, a ameaça se restringiria às ações deste último, embora o país do qual provém a mensagem de alerta detivesse à época o segundo maior arsenal nuclear do planeta (STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE, 2006, p. 640).¹¹⁴ Em 04 de outubro de 2006, a possibilidade da realização de um teste nuclear por parte da Coreia do Norte foi objeto de outra reportagem do jornal Folha de São Paulo. Reproduzimos a seguir a página do periódico em que consta a matéria:

Imagem 5.14. – Reprodução da página A17, de 04 de outubro de 2006, do jornal Folha de São Paulo.

O título da reportagem novamente remete à ameaça associada aos testes nucleares norte-coreanos, enquanto que o subtítulo transmite a visão dos Estados Unidos e do Reino Unido sobre esses testes, considerados como um ato de provocação. Duas outras informações são apresentadas em um parágrafo destacados em negrito que precede o corpo do texto da reportagem: a suposição da Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos (CIA, na sigla em inglês) de que a Coréia do Norte possuiria de seis a oito bombas atômicas, e a possibilidade de imposição de sanções pelo Conselho de Segurança da ONU diante da ameaça, também mencionada no corpo do texto jornalístico. Lembramos que os membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU são China, França, Rússia, Reino Unido e Estados Unidos, países que concentravam os maiores arsenais nucleares no mundo (STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE, 2006, p. 640). Uma fotografia retratando sul-coreanos observando o noticiário transmitido pela televisão sobre o teste norte-coreano ocupa a porção direita da página. Em sua primeira parte, o corpo da reportagem informa sobre o anúncio, pela Coréia do Norte, de que em breve promoveria seu primeiro teste nuclear. Também contempla as reações, qualificadas como enfurecidas, por parte dos Estados Unidos, Japão e Coréia do Sul. Reproduzem-se declarações da secretária de Estado americana, Condoleezza Rice, do embaixador americano na ONU, John Bolton, do premiê japonês, Shinzo Abe, e do ministro sul-coreano responsável pelas relações intercoreanas, Yang Chang-Seok, bem como do “Foreign Office” de Londres. Em contraposição, a matéria informa que o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Serguei Lavrov, embora tenha manifestado preocupação, apelou para que as reações

No que se refere à diagramação, esta reportagem se apresenta de modo semelhante à matéria acima discutida. Além de título, subtítulo e um parágrafo em negrito colocado antes do corpo da reportagem, uma fotografia ocupa boa parte do espaço dedicado à notícia. Além desses elementos, um gráfico relacionando os últimos eventos do programa nuclear norte-coreano e um mapa indicando o local dos testes nucleares integram a reportagem. O título da matéria confere ênfase ao resultado do teste nuclear realizado pela Coreia do Norte. O termo sucesso é grafado entre aspas, aparentemente para relativizar o significado da palavra diante de sua relação com um teste nuclear promovido por Pyongyang. O título também informa tratar-se do

terceiro teste realizado pelo governo norte-coreano. O subtítulo, por sua vez, menciona uma reunião do Conselho de Segurança da ONU para definir sanções à Coreia do Norte. Novamente não há menção ao fato de os membros com assento permanente no referido conselho possuírem os maiores arsenais nucleares do planeta. No parágrafo em negrito situado antes do corpo da reportagem, duas outras informações são apresentadas: que outros dois testes foram realizados em 2006 e 2008 pela Coreia do Norte e que a bomba atômica detonada em 2013 possuía metade da capacidade do artefato detonado em Hiroshima em 1945. Não há informação clara de que a explosão em Hiroshima não consistiu em um teste atômico, mas sim num ataque a uma cidade aberta. Também não é informado neste trecho da matéria que o bombardeio de Hiroshima foi realizado pelos Estados Unidos. Esta última informação é apresentada no quarto parágrafo da reportagem. De modo semelhante à notícia acima discutida, a fotografia que integra a matéria retrata um telão instalado em local público onde se exhibe o comunicado do teste nuclear. Neste caso, o registro foi feito em território norte-coreano. Uma criança aparece em primeiro plano, na porção direita da imagem. O corpo da reportagem fornece, em seu trecho inicial, informações sobre o teste nuclear. Além disso, reproduz manifestações do Conselho de Segurança da ONU, do ministro das Relações Exteriores da Coreia do Sul, Kim Sung-hwan, e da embaixadora dos EUA na ONU, Susan Rice. Nos dois últimos parágrafos é mencionada a uma nota elaborada pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Nela, o órgão expressa preocupação com o teste nuclear norte-coreano e conclama o país a cumprir as resoluções do Conselho de Segurança aplicáveis ao caso e contribuir para a retomada das negociações para a paz e segurança na Península Coreana.

Ainda no que concerne ao tema dos testes nucleares, destacamos duas notícias a respeito da realização de testes de mísseis balísticos por parte do Irã. A primeira delas foi publicada em 10 de julho de 2008 e a segunda em 04 de julho de 2012. Reproduzimos abaixo as respectivas páginas do periódico:

Imagens 5.16. e 5.17. – Reprodução das páginas A13, 10 de julho de 2008, e A15, de 04 de julho de 2012, do jornal Folha de São Paulo.

O título das reportagens é semelhante, informando que o Irã realizara testes de mísseis capazes de atingir Israel. Tal como nas reportagens anteriormente mencionadas, a ameaça parte de um país que está supostamente desenvolvendo armas nucleares em face de outra nação que já possui tais armas. Quanto aos elementos que compõem as matérias, em ambos os casos, além do texto jornalístico, apresentam-se imagens retratando os mísseis testados. A reportagem publicada em 2008 traz ainda um mapa ilustrando o alcance dos mísseis em questão, relacionando os países que poderiam ser afetados por um eventual ataque. Além de descreverem os testes realizados, as duas reportagens tratam das tensões políticas na região.

Entretanto, diferentemente das outras matérias discutidas neste item, as duas reportagens dividem espaço com peças publicitárias em destaque, ambas situadas na parte central da página. Observe-se a seguir a distribuição de espaço para os estímulos discutidos:

ESTÍMULO	ÁREA TOTAL	ÁREA RELATIVA
REPORTAGEM	64005 px.	30,10%
PROPAGANDA	74814 px.	35,18%
PÁGINA	212660 px.	100,00%

Tabela 5.13 – Área ocupada pelos estímulos que integram a imagem 5.16.

ESTÍMULO	ÁREA TOTAL	ÁREA RELATIVA
REPORTAGEM	559318 px.	20,79%
PROPAGANDA	823716 px.	30,62%
PÁGINA	2690174 px.	100,00%

Tabela 5.14 – Área ocupada pelos estímulos que integram a imagem 5.17.

A peça publicitária que integra a página A13, de 10 de julho de 2008, apresenta um navio de cruzeiro. Duas fotografias ocupam a maior parte do espaço publicitário: acima, o referido navio é retratado navegando em águas calmas num dia ensolarado, tendo ao fundo paisagens da cidade do Rio de Janeiro; abaixo, é retratada a parte superior do navio, com destaque para uma piscina cercada por espreguiçadeiras, tendo ao fundo a cabine de comando. Referindo-se ao prêmio que conferiu à embarcação o título de melhor navio de cruzeiro, o anúncio também recorre ao apelo econômico, às cores, aos caracteres em tamanhos e formatos diversos para a convencer o receptor a adquirir os pacotes turísticos anunciados. Enfatiza-se desse modo a promessa de lazer, de relaxamento. Em suma, comercializa-se o entretenimento.

Já a peça publicitária localizada na página A15, de 04 de julho de 2012, do jornal Folha de São Paulo, também emprega cores vibrantes, imagens – neste caso com destaque para um homem sorridente falando ao telefone – e caracteres em diversos tamanhos e formatos, utilizando-se ainda do apelo econômico para comercializar planos de telefonia móvel e aparelhos celulares destinados a empresas ou a grupo de pessoas.

Do modo como tradicionalmente se apresenta, o jornal possui um caráter fragmentário. Ainda assim, existe um trabalho de organização temática, em geral implementado pela divisão dos periódicos em diferentes cadernos. Os anúncios, entretanto, instauram uma ruptura de outra natureza. A fragmentação se dá na medida em que o receptor – independentemente da seção em que concentre sua leitura, uma vez que todas podem abrigar peças publicitárias – é remetido à esfera do consumo e também do entretenimento, esferas que procuramos caracterizar no item 3.4.4. Assim, ao mesmo tempo em que é informado sobre a realização de novos testes nucleares por determinados países, o que no limite nos informa sobre o quanto estamos próximos da possibilidade de aniquilação da própria vida na Terra, o receptor contempla anúncios divulgando as vantagens de adquirir um pacote turístico para um cruzeiro em alto mar, ou ainda, a conveniência de um plano de serviços de telefonia móvel que eventualmente pode se fazer acompanhar por um aparelho celular.

5.3.2. Guerra Fria

Conforme indica a tabela 5.11. acima, no âmbito da amostra objeto deste trabalho o tema “guerra fria” é abordado por dois artigos e quatro reportagens.

O primeiro artigo, publicado em 06 de dezembro de 2003, tem como objeto a revelação por parte do Reino Unido de que levou armamento nuclear para a região das Ilhas Malvinas

durante conflito travado com a Argentina em 1982. O referido artigo, identificado pelo termo “análise” e intitulado “Hipótese de uso era remota”, foi escrito pelo repórter Ricardo Bonalume Neto. Segundo o autor, a ideia de que os britânicos pudessem empregar armas nucleares no contexto do conflito em questão não teria cabimento. A primeira razão teria cunho político: a reação dos demais países ao emprego de armamento nuclear só valeria a pena em casos de sobrevivência nacional, e não para retomar ilhas remotas. A segunda razão, de cunho militar, diria respeito à suposta ausência de alvos, uma vez que atacar as tropas argentinas com armas atômicas implicaria também aniquilar as áreas que os próprios britânicos pretendiam reconquistar. O artigo faz ainda considerações a respeito do tipo de armamento nuclear de que dispunha o Reino Unido naquele momento, discorrendo sobre a forma e viabilidade de sua utilização. Também compara o poder destrutivo de tais armamentos com a capacidade de destruição da bomba atômica lançada pelos Estados Unidos sobre Hiroshima. Já o segundo artigo, publicado em 22 de fevereiro de 2011, consiste em uma nota de autoria do crítico de cinema Inácio Araújo a respeito do filme “Dr. Fantástico”, de Stanley Kubrick, por ocasião de sua exibição em um canal de televisão por assinatura. Segundo o autor, a partir do surgimento da bomba atômica talvez tenha sido possível pensar que o apocalipse somos nós, ou que o progresso técnico traria consigo a catástrofe. O autor também aponta que o filme trata do assunto como uma comédia, ainda que macabra, e o considera um eloquente documento do temor de uma época, pois, no seu ponto de vista, o mundo de hoje aparentemente não acabará pela bomba.

Quanto às reportagens a respeito do tema “guerra fria”, abordaremos inicialmente a matéria dedicada à informação, divulgada pelo Reino Unido, de que teria enviado armamento atômico à região das Ilhas Malvinas durante o conflito travado na região com a Argentina no início da década de 1980. Apresentamos a seguir a reprodução da página do periódico em que constou tal notícia e o também artigo já mencionado a respeito desse evento, além de uma tabela contendo a distribuição de espaço para os estímulos discutidos:

Imagens 5.18. – Reprodução da página A15, 06 de dezembro de 2003, do jornal Folha de São Paulo.

ESTÍMULO	ÁREA TOTAL	ÁREA RELATIVA
REPORTAGEM	255498 px.	41,31%
ARTIGO	67232 px.	10,87%
PÁGINA	618492 px.	100,00%

Tabela 5.13 – Área ocupada pelos estímulos que integram a imagem 5.18.

Do ponto de vista da diagramação, a reportagem encontra-se em posição de destaque. O título da matéria está posicionado na parte superior da página, grafado em caracteres maiores em comparação com os demais títulos ao redor, e sintetiza a informação divulgada à época pelo Reino Unido. Emprega-se o termo “história” para indicar, de forma genérica, o tema da reportagem. Uma linha de apoio, situada acima do título e grafada em itálico, é utilizada para informar que as suspeitas argentinas foram confirmadas e que a utilização do armamento atômico era negada pelos britânicos. O corpo do texto jornalístico apresenta mais informações sobre o comunicado emitido pelo Reino Unido, por meio do qual admite, após 20 anos de negativas, ter enviado armas nucleares à região do Atlântico Sul em navios que participaram da Guerra das Malvinas. Segundo a reportagem, o informe intitulado “Pontos sobre incidente com armamento

nuclear em 1982” sustenta que as armas não adentraram em águas territoriais argentinas ou das Malvinas e não chegaram a ser utilizadas. A matéria traz declarações do ministro da Defesa da Argentina à época, José Pampurro, informando ainda que o presidente argentino Néstor Kirchner se reunira com alguns de seus ministros para avaliar a situação. Parte da preocupação do governo argentino seria a possibilidade de navios carregados com armamento nuclear terem sido afundados durante o conflito. Segundo a reportagem, o Ministério da Defesa britânico negou essa possibilidade. O texto também informa sobre o tipo de armamento de que se tratava, reproduz justificativas fornecidas pelo governo britânico para o seu transporte, segundo o qual não teria havido tempo hábil para retirar tais armamentos das embarcações antes que elas zarpasssem rumo à região do conflito, afirmando ainda que não se considerou em nenhum momento a possibilidade de um ataque nuclear. Por fim, são reproduzidas declarações do Reino Unido no sentido de minimizar os riscos envolvidos no transporte de tais armamentos.

Também integram a reportagem três fotografias, um mapa da região do conflito e um quadro explicativo. As fotografias retratam tropas britânicas em combate, um exemplar da bomba atômica que equipou os navios britânicos durante o conflito e o então presidente argentino, Leopoldo Galtieri. O quadro explicativo elaborado pelo periódico engloba a invasão da Malvinas, as razões do conflito, a rendição por parte da Argentina e as suspeitas deste país de que o Reino Unido tivesse trazido armas nucleares para a região do conflito.

Uma das relações que se pode estabelecer entre a notícia acima e outras matérias anteriormente discutidas neste item diz respeito aos riscos representados pela manutenção de arsenais nucleares. No caso envolvendo o conflito nas Ilhas Malvinas, ao menos dois aspectos podem ser destacados: primeiro, o país detentor das armas nucleares, o Reino Unido, historicamente uma das potências nucleares; segundo, as afirmações no sentido de minimizar tais riscos. Como dissemos, ao menos três argumentos foram apresentados pela reportagem no sentido de ao menos atenuar a convicção sobre os riscos decorrentes da presença de arsenais nucleares em uma zona de conflito militar. Aparentemente, há neste caso uma mudança de enfoque, o que implica em certo direcionamento do entendimento quanto ao que se considera uma ameaça diante da posse de arsenais nucleares. Em outras palavras, tais arsenais não representariam um risco em si mesmos, independentemente dos agentes que os detenham. A ameaça estaria ligada à posição destes últimos no cenário geopolítico mundial. Esta diferença de enfoque, que alguns poderiam qualificar como evidente, estaria traduzida, com maior ou menor clareza, na composição dos textos jornalísticos e na manipulação de seus elementos segundo as conveniências mencionadas. Seja qual for o caso, transparece o direcionamento prévio do entendimento.

Dentre as três reportagens restantes a respeito do tema “guerra fria”, duas remetem ao banco de dados do jornal Folha de São Paulo. A primeira foi publicada em forma de nota em 31 de março de 2004, sob o título “EUA defendem armas atômicas”. A matéria, originalmente publicada em 1954, reproduzia declarações do então secretário da Defesa dos Estados Unidos, Charles Wilson, que qualificara como “incríveis” os efeitos da bomba atômica, considerando

que, diante das experiências com a bomba termonuclear realizadas à época, qualquer inimigo enfrentaria forte reação caso decidisse atacar o seu país. A segunda reportagem, intitulada “Estados Unidos querem bomba ‘limpa’”, data de 12 de julho de 2007. Também em forma de nota, a matéria originalmente publicada em 1957 contém declarações do então presidente norte-americano Dwight Eisenhower sobre a intenção dos EUA de construir bombas nucleares supostamente “limpas”, sustentando que um dos maiores objetivos do presidente seria evitar a morte maciça de seres humanos durante uma guerra atômica. Também são reproduzidas declarações do então secretário do Partido Comunista Soviético, Nikita Kruschchev, que segundo o jornal qualificara como “estúpidas” as declarações do presidente norte-americano.

A última reportagem a respeito do tema “guerra fria” foi publicada em 01 de julho de 2006. A matéria trata de documentos revelando que, em 1961, os Estados Unidos e o Reino Unido discutiram a possibilidade de usar armas nucleares contra a China caso o país comunista tentasse invadir Hong Kong. Segundos tais documentos, líderes britânicos como o então ministro da Defesa, Harold Watkinson, consideravam ser necessário incutir na China o medo de “uma retaliação nuclear americana” para manter sua colônia.

Além dos principais países envolvidos, notadamente Estados Unidos e Reino Unido, outro aspecto aproxima as três últimas notícias. Ele diz respeito ao destaque reduzido que as mesmas receberam por parte do periódico, o que se afirma considerando a área dedicada às matérias e sua posição nas laterais inferiores da página. Observe-se a seguir a reprodução das referidas páginas. As notícias encontram-se na parte inferior.

Imagens 5.19., 5.20. e 5.21. – Reprodução das páginas C2, de 31 de março de 2004, C2, de 12 de julho de 2007, e A15, de 01 de julho de 2006, do jornal Folha de São Paulo.

O destaque conferido às referidas matérias permite considerar que, de fato, a ameaça representada pelos arsenais nucleares não está vinculada à sua existência em si mesma, mas aos países que os detém. Esta concepção parece exercer influência sobre a forma como as respectivas matérias são apresentadas, afetando o conteúdo da reportagem e também a sua diagramação, indicando certo direcionamento do entendimento a respeito desse tema.

5.3.3. Programas nucleares

O tema “programas nucleares” é objeto de artigos, reportagens, entrevistas e editoriais, conforme indicado na tabela 5.11. acima. Dentre os quatorze artigos que o compõe, discutiremos inicialmente nove textos que se dedicam à análise do programa nuclear iraniano. Sua leitura permite apontar ao menos dois direcionamentos interpretativos. O primeiro deles envolve a condenação do programa nuclear desenvolvido pelo país persa. O segundo, presente especialmente em Camargos (2011, p. A3), tende a colocar tal programa nuclear em perspectiva.

Em artigo publicado em 12 de janeiro de 2006 (FOLHA DE SÃO PAULO, 2006, p. A13), o jornal Folha de São Paulo reproduziu artigo originalmente publicado pelo jornal inglês Financial Times. Sob o título “Teerã testa ao limite a paciência das potências mundiais”, o texto sustenta que, ao retomar os trabalhos de pesquisa e desenvolvimento nuclear na usina de Natanz, o Irã teria acirrado sua disputa nuclear com o Ocidente. Como consequência, haveria o endurecimento do comportamento internacional, favorecendo as tentativas de levar a questão ao conselho de segurança da ONU, o que poderia representar a aplicação de sanções econômicas. De acordo com o texto, a retomada das pesquisas mencionadas representou mais um passo no sentido de tornar irrelevante o acordo de Paris, selado em novembro de 2004 entre o Irã e o Reino Unido, a França e a Alemanha. Esse acordo previa a suspensão de todo trabalho nuclear “sensível” pelo Irã. O artigo pondera que os trabalhos planejados pelo Irã não teriam a finalidade de produzir material destinado à fabricação de uma bomba atômica. Entretanto, afirma que, segundo diplomatas citados de forma anônima, aproximariam o país do domínio de tecnologias que permitiriam a produção de tais armamentos. Reproduzindo avaliação do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, o texto afirma que, em cinco anos, Teerã poderia desenvolver uma quantidade suficiente de urânio enriquecido para fabricar uma arma nuclear. No trecho final, o texto apresenta algumas ponderações. A primeira, que apesar de já ter sido iniciado, o enriquecimento poderia ser interrompido. A segunda, que as autoridades iranianas, negando a intenção de fabricar armas nucleares, já teriam destacado que o país não abriria mão do direito de enriquecer urânio, o que é garantido pelo Tratado de Não-Proliferação Nuclear desde que seja para uma finalidade energética pacífica. Por fim, que a Agência Internacional de Energia Atômica não teria provas da existência de um programa iraniano de armas nucleares.

Em 14 de janeiro de 2006, o jornal Folha de São Paulo reproduziu artigo originalmente publicado pelo periódico britânico “The Independent” (HAMILTON, A. 2006, p. A12). O texto em questão estrutura-se em torno da seguinte pergunta: por que o Irã não deveria enriquecer

urânio? O argumento iraniano é que, como signatário do Tratado de Não-Proliferação, teria direito de manter um programa nuclear e desenvolver o enriquecimento de urânio para finalidades pacíficas e que fosse fiscalizado pela ONU. Estados Unidos, Reino Unido, França e Alemanha, por sua vez, acreditam que o verdadeiro objetivo do Irã seria desenvolver a bomba atômica. Segundo o artigo, o problema desse argumento é que ele se baseia no receio de uma intenção, e não em fatos. Além disso, considera que o Irã não aceitaria abrir mão do enriquecimento de urânio, notadamente depois das pouco tentadoras ofertas europeias para que desistisse.

Em 01 de fevereiro de 2006, o jornal Folha de São Paulo publicou o artigo intitulado “Contagem regressiva” (CARLOS, 2006, p. A11). Reproduzimos abaixo a página em que o texto se encontra por ser integralmente dedicada ao programa nuclear do Irã:

Imagens 5.22. – Reprodução da página A11, 01 de fevereiro de 2006, do jornal Folha de São Paulo.

A página ilustra os diversos elementos que podem integrar a cobertura de determinado tema por parte do periódico em questão. No alto da página observa-se a reportagem principal, com título em destaque, linha de apoio e indicação do tema da reportagem (nuclear) situados acima do título. Abaixo do texto principal, que ocupa as seis colunas da página, há dois textos de apoio e uma fotografia do então presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, orando diante do túmulo do aiatolá Khomeini. Abaixo, dois infográficos abordam trâmites envolvendo o

Conselho de Segurança da ONU bem como as principais instalações nucleares do Irã. A parte inferior da página contém, à esquerda, uma reportagem de apoio. À direita encontra-se o artigo ora discutido. A partir do título sugestivo, o texto trata da mudança de posição de países europeus, de moderada a agressiva, diante de um relatório produzido pelos serviços de inteligência francês, alemão, britânico e belga. Segundo informações contidas no suposto documento, o governo iraniano estaria em busca de equipamentos necessários ao desenvolvimento da bomba atômica, adquirindo tecnologia e produtos químicos para programas de construção de foguetes e enriquecimento de urânio. O Irã teria ainda organizado uma rede de empresas de fachada, intermediários e institutos acadêmicos com o objetivo de obter conhecimento e equipamentos relacionados a programas nucleares, desenvolvimento de foguetes e armas químicas e biológicas. Segundo o artigo, a impotência do Conselho de Segurança da ONU diante da falta de consenso internacional aproximaria os europeus da convicção de que a ação militar seria a única alternativa, posição declarada abertamente em Washington. Nessa medida, o que viesse a acontecer no Conselho de Segurança da ONU poderia aproximar a contagem regressiva de seu fim.

Em 02 de fevereiro de 2006, o artigo intitulado “Por que não atacar o Irã?” (SANGER, 2006, p. A12), originalmente publicado pelo jornal norte-americano “The New York Times”, retoma a questão da chamada “opção militar”¹¹⁵. O texto afirma que, segundo diplomatas, não haveria opção militar para retardar ou ainda suspender as supostas ambições do Irã de obter a bomba atômica. Assim se posicionariam os europeus, os chineses, que precisariam do petróleo iraniano, e os russos, que estariam suprindo o setor nuclear civil iraniano em troca de bilhões. Entretanto, lança a seguinte pergunta: se a diplomacia fracassar, os Estados Unidos teriam uma opção militar? E se não a tiverem, o que fazer? Segundo o artigo, a partir de uma política implementada em 2002 pelo presidente norte-americano George W. Bush, o Irã poderia ser o alvo de uma ação militar preventiva contra uma ameaça crescente. Entretanto, ainda que a destruição das instalações iranianas retardasse o acesso do país a armas nucleares, a iniciativa afastaria os aliados dos Estados Unidos e provavelmente transformaria em inimigos muitos iranianos que hoje rejeitam seu governo teocrático. Além disso, o Irã poderia responder com retaliações no mercado petrolífero e supostamente através do Hizbollah. O cálculo sobre a opção entre a diplomacia e a força levaria em consideração o que ocorrera alguns anos antes com a Coreia do Norte. Durante o governo de Bill Clinton, em 1994, um acordo foi firmado para o congelamento das instalações de produção nuclear daquele país. Em 2003, no entanto, tudo foi descongelado, e segundo estimativas da CIA, a Coreia do Norte já possuiria combustível suficiente para pelo

115 O termo “opção militar” sugere que um ataque militar seria uma alternativa entre tantas outras, dentre elas as negociações diplomáticas. Em outras palavras, a escolha entre o ataque ou a negociação envolveria um cálculo de conveniência no qual a preservação da vida humana parece ter pouca influência, o que em certa medida remete à decisão que determinou o bombardeio atômico de Hiroshima e Nagasaki. Note-se que, no âmbito do artigo, estava em discussão a possibilidade de bombardear instalações nucleares, o que no limite poderia trazer consequências semelhantes à própria detonação de uma bomba atômica, ou seja, a morte de inúmeras pessoas pelo próprio ataque e, posteriormente, pela contaminação por radiação, além dos efeitos nefastos desta contaminação sobre o meio ambiente.

menos meia dúzia de bombas. Israel, por sua vez, veria o programa nuclear iraniano como ameaça a sua existência, tendo se colocado muito mais abertamente sobre a opção militar, embora afirmasse não possuir o poder bélico necessário. De todo o modo, o texto pondera sobre os custos políticos de tais ações militares. Novamente considera o impacto sobre a opinião pública iraniana, que provavelmente se uniria em torno dos seus líderes políticos, qualificados como radicais. Isto seria o oposto do que o governo norte-americano estaria pretendendo, ou seja, convencer uma população instruída e, em alguns casos, pró-americana, a instaurar uma liderança de outra natureza. No trecho final, questiona-se por que o Irã abriria mão do seu programa de armas se considera que os EUA e seus aliados não recorreriam a meios militares para forçá-lo a concordar com suas exigências. Além disso, o artigo aponta que as ameaças de retaliação iranianas, embora exageradas, poderiam ser eficazes. Observe-se que, se no início do texto o desenvolvimento da bomba atômica pelo Irã era tomado como uma suposição, na parte final ela é vista como um fato.

No dia 06 de março de 2006, o jornal Folha de São Paulo (BROAD, 2006, p. A9) reproduziu artigo originalmente publicado pelo periódico norte-americano “The New York Times”. Intitulado “País ainda está bem longe da primeira bomba”, o texto discute quais seriam as perspectivas de o Irã vir a produzir em um futuro próximo uma bomba atômica tendo em vista a retomada do seu programa nuclear. O texto menciona argumentos de especialistas que ora apontam para as dificuldades técnicas enfrentadas pelo Irã para produzir armamento nuclear, ora sustentam que o país poderia, em um curto período de tempo, alcançar o conhecimento e os meios técnicos necessários para tanto. O artigo sustenta que o Irã se encontraria na fase inicial de desenvolvimento das centrífugas necessárias para enriquecer o urânio a níveis que permitam a produção de armas atômicas. Nessa medida, embora apresente estimativas de especialistas segundo as quais o país persa poderia produzir armamento nuclear dali a poucos meses, o texto parece filiar-se ao grupo dos que viam nas dificuldades técnicas envolvidas um indicativo de que anos seriam necessários para que tal produção fosse iniciada. Retomando o título do artigo, conclui-se que, para o autor, existia a intenção por parte do Irã de produzir armamento atômico, a qual estaria sendo postergada por limitações técnicas.

Em 29 de abril de 2006, o jornal Folha de São Paulo reproduziu o artigo “Ocidente ajudou o programa nuclear do Irã a ser o que é.” (NOUGAYREDE, 2006, p. A18), originalmente publicado pelo periódico francês “Le Monde”. Reproduzimos a seguir a página em que o mesmo se encontra:

Imagem 5.23. – Reprodução da página A18, 29 de abril de 2006, do jornal Folha de São Paulo.

Do ponto de vista formal, observa-se que o artigo ocupa metade da página do periódico, estendendo-se do topo à base da folha e distribuindo-se em três colunas. O título do texto estabelece relação entre o ocidente e o programa nuclear iraniano, com o qual teria contribuído. A linha de apoio, situada acima do título, informa sobre a origem deste programa, que teria ocorrido em 1974 como forma de obter fontes de energia alternativas ao petróleo. O “chapéu”, entretanto, é composto pelo termo “eixo do mal”, ao qual nos referimos anteriormente destacando a sua origem e o seu significado. É possível identificar a contraposição entre este elemento do texto e os dois anteriores. Isto porque, se o título e a linha de apoio procuram apontar para as origens da questão, indicando um dos objetivos do programa nuclear iraniano e assinalando a contribuição de atores internacionais para o seu desenvolvimento, o emprego da expressão “eixo do mal” tende a restringir as possibilidades de interpretação, tendo em vista ter sido produzida a partir das concepções do governo dos Estados Unidos sobre um grupo de países com o qual tem travado embates no plano da política internacional. Em outras palavras, o termo “eixo do mal” congrega significações que se encontram em estreita conformidade com certas concepções do governo norte-americano, especialmente no que se refere às relações entre países no campo da política internacional, concepções estas que não parecem valorizar os fóruns internacionais

multilaterais, a equidade e a livre determinação dos povos. A diagramação do artigo também destaca um trecho do corpo do texto, inserido em negrito na coluna central da matéria. Nesse trecho enfatiza-se que o programa nuclear iraniano contou com o auxílio de diversas nações para ser desenvolvido, em conformidade portanto com o que é afirmado no título da matéria. Na mesma coluna central observam-se as fotografias do então presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, sorrindo e com as mãos unidas sobre a cabeça, e do físico paquistanês Abdul Qadeer Khan, aparentemente fotografado enquanto falava a interlocutores. Por fim, o corpo do texto é dividido por três intertítulos: usina francesa, pai da bomba e lista confidencial.

De acordo com o artigo, o início do programa nuclear iraniano se deu em 1974, a partir da assinatura de um decreto imperial pelo então xá do Irã, Mahamad Reza Pahlevi. Esse decreto previa a produção de 23 mil megawatts de eletricidade a partir de centrais nucleares. Crises diplomáticas decorrentes da empreitada têm acompanhado o país desde então. Nos dias de hoje, o Irã estaria ameaçado de isolamento, sendo acusado de ter procurado desenvolver de forma clandestina armas nucleares entre 1985 e 2003, não obstante os compromissos assumidos com a assinatura do Tratado sobre a Não Proliferação de Armas Nucleares em 1970. O texto sustenta ainda que alguns setores norte-americanos e israelenses cogitaram uma solução por meios militares, tal como ocorrera com o ataque de Israel à central nuclear de Osinarak, no Iraque, que por sua vez havia sido adquirida junto à França.

Diante disso, o texto coloca as seguintes questões: como o Irã conseguiu driblar a vigilância internacional durante tantos anos? Quem forneceu equipamentos nucleares ao Irã? Quem teria permitido que o Irã de hoje – que segundo o artigo manifestaria um nacionalismo exaltado e rancoroso – pudesse agitar diante do mundo o espectro da arma nuclear, com a possibilidade de que ela caia nas mãos de islâmicos fanáticos? Para respondê-las, o artigo recorre às informações fornecidas em janeiro de 2006 por um diplomata francês citado anonimamente. Segundo o diplomata, muitos países contribuíram para o desenvolvimento da capacidade nuclear civil por parte do Irã. A França, por exemplo, teria auxiliado o Irã por meio do programa Eurodif a partir de 1974. Este programa inseria a França no mercado de enriquecimento de urânio, estabelecendo concorrência com os Estados Unidos. O Irã teria contribuído com US\$ 1 bilhão para a construção de uma usina para enriquecimento de urânio na região francesa de Drome. Os Estados Unidos, por sua vez, já haviam assinado em 1957 um acordo de cooperação nuclear civil com o Irã dentro do programa “Átomos pela Paz”. O xá Reza Pahlevi era considerado aliado de Washington, mas segundo o artigo não afastava a possibilidade de desenvolver a bomba atômica, embora seu interesse a respeito fosse considerado moderado por autoridades norte-americanas. Outros países da região já possuíam tais armamentos, a exemplo de Israel, que teria montado treze ogivas nucleares durante a guerra do Yom Kipur, em 1973, assim como a Índia, que realizara sua primeira explosão atômica em 1974. Entretanto, com o advento da Revolução Islâmica, em 1979, projetos iranianos teriam sido suspensos pela saída do país da empresa alemã Kraftwerk Union, filial da Siemens que desde 1976 participava da construção de uma central nuclear em Bouchehr, além da firma francesa Framatome. Apenas em 1995, com

celebração de um contrato com a Rússia, a atividade nuclear civil iraniana teria encontrado um apoio de grande porte. Segundo o artigo, até hoje não se sabe se o apoio ao programa nuclear civil seria ou não uma fachada para mascarar objetivos militares inconfessáveis.

De acordo com o texto, a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) tem investigado o programa nuclear desenvolvido pelo Irã desde 2003. A conclusão dos especialistas da agência seria praticamente a mesma nos relatórios elaborados desde então: o Irã teria mentido, omitido informações e negado explicações claras sobre suas ações. O artigo sustenta que, se o Conselho de Segurança da ONU optasse por sanções, fundamentaria seus argumentos nas falhas atribuídas às explicações do Irã. Afirmar ainda que, ao contrário do caso envolvendo as supostas armas de destruição em massa do Iraque em 2003, não se trataria de uma distorção de dados por parte da CIA, mas de uma análise conduzida por especialistas internacionais cuja autoridade, imparcialidade e competência seria incontestável.

Nesse contexto, segundo declarações de um representante do Instituto de Ciências e Segurança Internacional, o Irã teria reconhecido perante a AIEA que recorrera ao físico paquistanês Abdul Qadeer Khan, o qual teria fornecido a Teerã planos de centrífugas para enriquecimento de urânio. Também haveria indicações da participação de China e Rússia, bem como de empresas europeias que, aproximadamente entre 1985 e 1993, teriam vendido ao Irã equipamentos para a construção de centrífugas. Tais empresas, especialmente alemãs e suíças, teriam violado acordos da AIEA, pois esses fornecimentos não foram declarados à Agência.

O texto sustenta ainda que o Irã teria estabelecido contatos clandestinos na Europa, em Pequim, Moscou e Dubai, aproveitando-se nos últimos 20 anos das muitas falhas existentes no sistema internacional de não-proliferação. Os Estados Unidos seriam o país com maior preocupação diante disso, tendo impedido a China de vender uma central de conversão de urânio a Teerã em 1996.

Em seu parágrafo final, o artigo questiona a quem caberia a maior parcela de responsabilidade. Informa que, à época da publicação, a AIEA não sabia se o Irã dispunha de planos de uma arma nuclear capaz de ser adaptada a certos mísseis de seu arsenal, fornecidos pela Coreia do Norte. Segundo o texto, o grande depositário desse segredo seria o físico Abdul Qadeer Khan, responsável por proliferar armamentos nucleares em direção ao Irã, Líbia e Coreia do Norte, e que à época estaria recluso no Paquistão.

Em 01 de maio de 2006, o jornal “Folha de São Paulo” reproduziu o artigo “Estratégia do Irã faz lembrar a Guerra Fria” (SANGER; SCIOLINO, 2006, p. A20), publicado pelo periódico norte-americano “The New York Times”.

O texto parte da divulgação de um relatório por parte da AIEA segundo o qual o programa nuclear iraniano estaria em pleno desenvolvimento e cada vez mais envolto em sigilo. Para a agência, o Irã teria conseguido despistar seus inspetores, negando acesso a locais cruciais e se recusando a responder questões sobre supostas ligações entre os programas nucleares civil e militar do país. De acordo com declarações do chefe da Organização Atômica do Irã, Gholamreza Aghazadeh, e de outras autoridades do país, o programa iraniano de enriquecimento de urânio

seria irreversível, e os Estados Unidos deveriam aceitar isso como um fato, assim como aceitam abertamente que Índia e Paquistão jamais abandonarão seus programas nucleares. De todo o modo, o texto sustenta não se tratar de uma disputa entre potências nucleares, tendo em vista a crença de que o Irã ainda não houvesse construído uma bomba. À época, os serviços de inteligência estimavam entre cinco e dez anos o prazo necessário para tanto, ponderando que esse prazo considerava não haver nenhum esforço clandestino por parte do Irã. O artigo afirma que os Estados Unidos e algumas outras nações procuravam modificar as regras nucleares. Segundo esses países, ainda que amparado pelo Tratado de Não-Proliferação Nuclear para enriquecer urânio no âmbito de um programa nuclear com finalidade civil, não seria possível acreditar no presidente Mahmoud Ahmadinejad, que teria manifestado a intenção de destruir Israel e reconduzir o Irã à condição de maior potência do Oriente Médio. Segundo os governos dos Estados Unidos, França e Reino Unido, ao não ser transparente com a AIEA, o Irã teria abdicado de qualquer direito que um dia pudesse ter tido¹¹⁶. O governo dos Estados Unidos teria dito publicamente que, se o Conselho de Segurança fracassasse, organizaria nações que pensassem da mesma forma de modo a punir o Irã. Este, por sua vez, teria respondido com ameaças, sabendo que eventual confronto provocaria instabilidade no mercado de petróleo, elevando preços e assim beneficiando o próprio Irã, transferindo os problemas para o governo nos Estados Unidos e para os consumidores norte-americanos.

A questão, entretanto, envolveria mais do que transparência. Também diria respeito ao orgulho nacional e à busca pelo Irã de autossuficiência e independência, o que contribuiria para explicar por que o país celebrou o enriquecimento de urânio com dançarinos em roupas tradicionais na rede de televisão nacional. De acordo com o relatório dos inspetores da AIEA mencionado pelo artigo, o Irã de fato teria alcançado o enriquecimento de urânio em um estágio baixo, mas seria preciso muito mais para enriquecê-lo aos níveis necessários para a produção de uma bomba atômica. O que supostamente preocuparia as autoridades norte-americanas seria o que ocorrera com a Coreia do Norte, que à época já teria várias armas nucleares sem que houvesse conduzido testes nucleares. Esse procedimento diferiria daquele adotado pela então União Soviética no final dos anos 1940, pelos chineses no início dos anos 1960 ou ainda pelos indianos e paquistaneses no final dos anos 1990, que realizaram explosões nucleares para demonstrar seu poderio.

Segundo o artigo, diante da limitada capacidade de a AIEA examinar atividades clandestinas, não seria possível comprovar as afirmações do Irã. E devido ao risco de o Irã vir a construir uma bomba, o governo norte-americano teria adotado a posição de que o Irã deveria abandonar tudo. Segundo declaração do presidente dos Estados Unidos George W. Bush reproduzida pelo artigo, “Os iranianos não devem ter uma arma nuclear, a capacidade de construir uma arma nuclear ou o conhecimento para fazer uma arma nuclear”. (SANGER; SCIOLO, 2006, p. A20).

¹¹⁶ Lembramos que Israel, apesar de manter um programa nuclear com finalidades militares, dispondo inclusive de arsenal atômico, não é signatário do Tratado sobre a Não-Proliferação de Armas Nucleares e não se submete às inspeções da AIEA.

Por outro lado, o texto afirma que russos e chineses não concordariam com essa posição, referindo-se às declarações de uma autoridade do governo chinês, citada anonimamente, segundo a qual já seria tempo de um abrandamento em relação ao Irã. Em direção semelhante apontaria o então diretor-geral da AIEA, Mohamed El Baradei. Para ele, o pragmatismo sugeria que o Irã pudesse realizar o enriquecimento de urânio de forma limitada, sendo constantemente monitorado por sua agência. O artigo pondera, contudo, que a AIEA poderia estar considerando apenas parte do programa iraniano, e que as respostas evasivas aos seus questionamentos teriam como objetivo ocultar um suposto programa clandestino em algum lugar sob o deserto. Como o Irã alegadamente restringe o acesso às suas instalações, seria difícil saber com que o país mais se assemelha: com o programa nuclear paquistanês, perseguido pelos iranianos durante a década de 1990, ou com a miragem nuclear no Iraque.

Em 12 de novembro de 2011 foram publicados na seção “Tendências / debates”, do jornal Folha de São Paulo, dois artigos destinados a discutir a seguinte questão proposta pelo periódico: a capacidade nuclear do Irã representa uma ameaça para a região? Reproduzimos abaixo a página em que se encontram os referidos artigos:

Imagem 5.24. – Reprodução da página A3, 12 de novembro de 2011, do jornal Folha de São Paulo

A referida seção ocupa três colunas verticais, estendendo-se do topo à base da página.

Abaixo do título da seção, o jornal informa que os artigos com assinatura não traduzem a sua opinião, e que a publicação dos textos busca estimular o debate sobre problemas brasileiros e mundiais, bem como refletir as diferentes tendências do pensamento contemporâneo. Entre os dois artigos há uma caricatura do presidente do Irã à época da publicação, Mahmoud Ahmadinejad. Ele é retratado com duas cabeças. Ambas possuem expressão semelhante, embora tenham o olhar voltado para direções distintas. À esquerda e à direita há esquemas do que provavelmente são armamentos nucleares.

O artigo intitulado “Cortina de fumaça” (CAMARGOS, 2011, p. A3), responde negativamente à questão formulada pelo jornal. Segundo a autora desse trabalho, o programa nuclear iraniano atualmente em curso seria pacífico, visando solucionar um grave déficit energético. O primeiro centro de pesquisas nucleares do país teria sido construído em 1967 sob a orientação do “Stanford Institute”, planejando-se a construção de até vinte usinas nucleares. Com o advento da Revolução Islâmica, os Estados Unidos teriam suspenso o seu apoio, impedindo a cooperação por parte de empresas francesas e alemãs bem como a manutenção de acordos com a África do Sul, China e Argentina.

De acordo com o texto, o relatório da AIEA que apontou indícios de atividade com propósitos militares por parte do Irã não comprovou que o país estivesse em vias de produzir a bomba atômica. E ainda que o Irã um dia viesse a dominar sua tecnologia, a autora sustenta que ela atuaria como fator de dissuasão e autodefesa, pois o Irã não teria histórico de invasão de países próximos. A última guerra de que participou teria sido desencadeada pelos Estados Unidos ao apoiar Saddam Hussein contra a República Islâmica, à época ainda vulnerável por se encontrar no período pós-revolução. Esse conflito teria servido aos dirigentes iranianos como pretexto para endurecer seu discurso e consolidar a teocracia.

A autora também sustenta que o Irã abrigaria uma colônia judaica das mais antigas do mundo, formada por cerca de 25 mil pessoas cuja liberdade de fé seria respeitada, a despeito de declarações de alguns dos governantes iranianos negando o Holocausto. Nesse contexto, a oposição ao programa nuclear iraniano manifestada por Israel serviria para evitar um contrapeso ao poderio atômico deste último e o aumento do poder político do Irã. Além disso, o governo israelense empregaria a retórica para distrair a opinião pública em relação às suas ações na Palestina. Em outras palavras, Israel manteria em alto nível a tensão com o Irã para ocultar as suas constantes agressões.

A construção de uma bomba atômica pelo Irã, na opinião da autora, seria uma questão estratégica, e não bélica, tendo em vista o interesse iraniano em assumir o papel de potência regional. Ela sustenta que, mesmo chegando ao ponto de produzir algumas delas, o Irã dificilmente atacaria um vizinho com mais de 200 ogivas nucleares, livres das leis internacionais e de inspeções periódicas, tendo em vista que Israel não é signatário do Tratado sobre a Não Proliferação de Armas Nucleares e não integra a AIEA. A região, por sua vez, não ficaria menos segura se o Irã possuísse a bomba atômica. Já a sociedade civil, que tem exigido democracia e liberdade de expressão, perderia. Para a autora, ao dispor de armas nucleares, o

governo iraniano – que recorre a Israel como bode expiatório para desviar a atenção de seus profundos problemas internos – seria fortalecido, e vice-versa. Entretanto, a autora afirma que o desarmamento mundial, questão central e sintomaticamente esquecida, não é debatida.

O artigo intitulado “Regime é perigoso para o mundo todo” (SZTULMAN, 2011, p. A3), por sua vez, considera que a capacidade nuclear do Irã representa uma ameaça para a região. O seu autor, que à época da publicação ocupava o cargo de cônsul-geral de Israel em São Paulo, destaca inicialmente a situação dos direitos humanos no Irã, que considera desastrosa e lamentável. Nesse contexto, faz menção a execuções em função da orientação sexual, à violência contra mulheres, à repressão de minorias religiosas e à repressão política por parte do Estado. Também afirma que o Irã fomentaria grupos e atentados terroristas em todo o mundo. A comprovada corrida por Teerã para obter a bomba atômica seria, segundo a opinião do autor, outra razão de indignação contra o que qualifica como regime extremista dos aiatolás. O relatório da AIEA, publicado à época, comprovaria que o governo persa estava desenvolvendo sua capacidade de criar armas nucleares, ao mesmo tempo que seus líderes refutavam tal fato. Segundo o autor, seria papel da comunidade internacional alarmar-se e entender que o regime iraniano representaria um perigo para toda a humanidade, uma ameaça a todos os valores humanos em que estaria baseada a sociedade moderna.

Ainda tratando dos artigos sobre o tema “programas nucleares”, destacamos quatro textos que dividem espaço com peças publicitárias. Apresentamos abaixo a reprodução das respectivas páginas.

A10 mundo • 11 DE JULHO DE 2012

Iraniano rejeitou acordo nuclear por pressões internas
Documento obtido pelo WikiLeaks diz que o presidente Mahmoud Ahmadinejad defendia pacto com potências

Líder do Sudão promete que respeitará independência do sul
Omar al-Bashir visita região a 5 dias do referendo de separação

Amistoso pra quem?
Venda vai a leilão Brasil e França ao vivo em Paris.

Presidente aceita negociar saída para crise na Costa do Marfim
Intervenção militar continua a ser opção para encerrar impasse

The New York Times
FUNDAMENTAL MUNDIAL

Combate ao terrorismo à francesa

Não ELA, o sistema contra os franceses

Fantasma do Iraque assombram a CIA

Experiência Business Plus
você pode comer à hora que quiser

BUSINESS PLUS
Tudo no Brasil Business Plus é pensado para quem quer viver bem e viajar bem. Desde a primeira viagem até a última, tudo é pensado para você. Quer saber mais? Visite www.iberia.com.br/businessplus ou ligue 0800 000 000.

IBERIA

Brasil nuclear

MAÍAS SPENTRO

Seu plano para o Brasil nuclear é ambicioso: até 2030, o país terá 10 reatores nucleares em operação, produzindo energia suficiente para abastecer 10 milhões de famílias. O plano também prevê a construção de uma usina nuclear para a produção de energia elétrica, o que permitirá ao Brasil se tornar um dos principais produtores de energia nuclear do mundo. O plano também prevê a construção de uma usina nuclear para a produção de energia elétrica, o que permitirá ao Brasil se tornar um dos principais produtores de energia nuclear do mundo.

Seu plano para o Brasil nuclear é ambicioso: até 2030, o país terá 10 reatores nucleares em operação, produzindo energia suficiente para abastecer 10 milhões de famílias. O plano também prevê a construção de uma usina nuclear para a produção de energia elétrica, o que permitirá ao Brasil se tornar um dos principais produtores de energia nuclear do mundo.

Seu plano para o Brasil nuclear é ambicioso: até 2030, o país terá 10 reatores nucleares em operação, produzindo energia suficiente para abastecer 10 milhões de famílias. O plano também prevê a construção de uma usina nuclear para a produção de energia elétrica, o que permitirá ao Brasil se tornar um dos principais produtores de energia nuclear do mundo.

Seu plano para o Brasil nuclear é ambicioso: até 2030, o país terá 10 reatores nucleares em operação, produzindo energia suficiente para abastecer 10 milhões de famílias. O plano também prevê a construção de uma usina nuclear para a produção de energia elétrica, o que permitirá ao Brasil se tornar um dos principais produtores de energia nuclear do mundo.

Seu plano para o Brasil nuclear é ambicioso: até 2030, o país terá 10 reatores nucleares em operação, produzindo energia suficiente para abastecer 10 milhões de famílias. O plano também prevê a construção de uma usina nuclear para a produção de energia elétrica, o que permitirá ao Brasil se tornar um dos principais produtores de energia nuclear do mundo.

Seu plano para o Brasil nuclear é ambicioso: até 2030, o país terá 10 reatores nucleares em operação, produzindo energia suficiente para abastecer 10 milhões de famílias. O plano também prevê a construção de uma usina nuclear para a produção de energia elétrica, o que permitirá ao Brasil se tornar um dos principais produtores de energia nuclear do mundo.

Sindicatos veem manobra de Cristina ao congelar preços

Para trabalhadores, objetivo do governo argentino é conter reajuste salarial

Os sindicatos argentinos estão preocupados com a manobra de Cristina Kirchner de congelar os preços. Eles acreditam que o objetivo do governo é conter o reajuste salarial. Os sindicatos acreditam que o objetivo do governo é conter o reajuste salarial.

Os sindicatos argentinos estão preocupados com a manobra de Cristina Kirchner de congelar os preços. Eles acreditam que o objetivo do governo é conter o reajuste salarial. Os sindicatos acreditam que o objetivo do governo é conter o reajuste salarial.

Os sindicatos argentinos estão preocupados com a manobra de Cristina Kirchner de congelar os preços. Eles acreditam que o objetivo do governo é conter o reajuste salarial. Os sindicatos acreditam que o objetivo do governo é conter o reajuste salarial.

SALE PRORROGADO

Até 31 de março de 2011. Confira os produtos e condições de compra.

Até 31 de março de 2011. Confira os produtos e condições de compra.

Até 31 de março de 2011. Confira os produtos e condições de compra.

MS

NÃO IMPORTA QUAL SEJA O SEU DESTINO. A RING É SUA MELHOR OPÇÃO DE CRUZEIROS.

NÃO IMPORTA QUAL SEJA O SEU DESTINO. A RING É SUA MELHOR OPÇÃO DE CRUZEIROS.

NÃO IMPORTA QUAL SEJA O SEU DESTINO. A RING É SUA MELHOR OPÇÃO DE CRUZEIROS.

Até 31 de março de 2011. Confira os produtos e condições de compra.

Até 31 de março de 2011. Confira os produtos e condições de compra.

Até 31 de março de 2011. Confira os produtos e condições de compra.

Até 31 de março de 2011. Confira os produtos e condições de compra.

Até 31 de março de 2011. Confira os produtos e condições de compra.

Até 31 de março de 2011. Confira os produtos e condições de compra.

A tabela a seguir informam sobre a área ocupada pelos artigos e pelos anúncios nas páginas em questão:

IMAGEM 5.25			IMAGEM 5.26		
ESTÍMULO	ÁREA TOTAL	ÁREA RELATIVA	ESTÍMULO	ÁREA TOTAL	ÁREA RELATIVA
ANÚNCIOS	126528 px.	20,06%	ANÚNCIO	1177342 px.	43,55%
ARTIGO	77805 px.	12,34%	ARTIGO	448125 px.	16,58%
PÁGINA	630600 px.	100,00%	PÁGINA	2703212 px.	100,00%
IMAGEM 5.27			IMAGEM 5.28		
ESTÍMULO	ÁREA TOTAL	ÁREA RELATIVA	ESTÍMULO	ÁREA TOTAL	ÁREA RELATIVA
ANÚNCIOS	621820 px.	23,11%	ANÚNCIOS	1068648 px.	39,72%
ARTIGO	553608 px.	20,58%	ARTIGO	554600 px.	20,62%
PÁGINA	2690174 px.	100,00%	PÁGINA	2690174 px.	100,00%

Observamos que, nos quatro exemplos apresentados, os anúncios ocupam espaço maior em relação aos artigos. A título de comparação, a área ocupada pelos anúncios na imagem 5.25 é 62.6% maior que aquela destinada ao artigo; na imagem 5.26, essa área é 162.7% maior; na

imagem 5.27, 12,3% maior; e na imagem 5.28, a área ocupada pelos anúncios é 92,7% maior que a área ocupada pelo artigo. Quanto à localização, os artigos assinados por colunistas do jornal estão em posição de destaque, situados no alto da página e ocupando toda a extensão horizontal disponível. Os outros dois textos encontram-se mais abaixo, ocupando parte da extensão horizontal da página.

Atentando para o conteúdo dos artigos e dos anúncios, observamos que o texto intitulado “Ações secretas aumentam pressão sobre regime de Teerã” (ANTUNES, 2011, p. A10) discute os efeitos do ataque à usina iraniana de enriquecimento de urânio de Natanz. De acordo com o artigo, esse ataque ocorreu entre o final de 2009 e início de 2010 por meio da propagação de um vírus cibernético chamado Stuxnet, que teria destruído mais de 10% das centrífugas instaladas no local, segundo informações contidas em relatório do Instituto para Ciência e Segurança Internacional, sediado em Washington. O artigo em questão divide espaço com um anúncio de um pacote de viagem à França por ocasião de uma partida amistosa de futebol entre Brasil e França. A partir da frase “amistoso para quem?”, que confere ênfase à suposta rivalidade entre as equipes embora o jogo não faça parte de competição alguma, a peça publicitária elenca os itens que compõe o pacote turístico, a exemplo do hotel que abrigaria os viajantes, a possibilidade de usufruir de café da manhã, seguro de viagem e guia turístico, além de incluir um ingresso para a partida. A informação sobre o preço do pacote é acompanhada da possibilidade de parcelamento da importância em algumas parcelas.

Já o artigo “Fantasmas do Iraque assombram a CIA” (RISEN, J., 2012, p. 3) discute as ações da Agência Central de Inteligência norte-americana em relação ao programa nuclear iraniano, sustentado que a credibilidade do órgão estaria em jogo tendo em vista o modo como conduziu a questão das armas de destruição em massa supostamente mantidas pelo Iraque. Isto teria como reflexo uma maior cautela por parte da agência com relação ao Irã. O artigo em questão, por sua vez, divide espaço com um anúncio de uma companhia aérea que oferece um pacote de serviços chamado “Business Plus”. A partir da frase “você pode comer à hora que quiser”, apresenta os itens de conforto oferecidos aos clientes, tais como uma poltrona que se transforma em cama, uma tela sensível ao toque, uma requintada adega de vinhos e pratos da cozinha espanhola. No centro do anúncio, uma fotografia retrata duas mulheres sorridentes dentro de uma aeronave durante uma refeição.

O artigo “A ‘solução final’, versão iraniana” (ROSSI, 2012, p. A15), por sua vez, discute declarações de dirigentes iranianos que teriam defendido não haver lugar para os judeus no Oriente Médio. Esse texto divide espaço com um anúncio do próprio jornal a respeito das vantagens de uma assinatura digital do periódico. Segundo a peça publicitária, o assinante tem acesso ilimitado às informações produzidas, enquanto que os não assinantes, chamados de visitantes, podem ter acesso gratuito a quarenta reportagens por mês. O anúncio também enfatiza um desconto concedido sobre o valor do primeiro mês da assinatura.

Por fim, o artigo “Brasil nuclear” (SPEKTOR, 2013, p. A11), discute o programa nuclear

brasileiro a partir do fato de o país ser o único integrante do grupo conhecido como Brics¹¹⁷ que jamais construiu uma arma nuclear. Na parte inferior da respectiva página encontramos duas peças publicitárias. A primeira divulga a venda de cruzeiros marítimos pela Europa, exaltando a beleza dos destinos disponíveis e as qualidades da empresa anunciante. Destacam-se também as facilidades de pagamento pelo cruzeiro oferecido. Na parte superior da propaganda, uma fotografia retrata em primeiro plano a cúpula do que parece ser uma igreja. Ao fundo, um navio navega por uma baía com águas calmas num dia de céu azul. A segunda peça publicitária anuncia uma promoção de bebidas. São enfatizados os descontos oferecidos na compra de vinhos e espumantes, cujas fotografias ocupam boa parte do anúncio.

Conforme indica a tabela 5.11. acima, noventa e nove reportagens da amostra selecionada para o presente estudo relacionam-se com o tema “programas nucleares”, o que representa 50% dos textos que compõe a amostra (ver tabela 5.12). Dentro deste grupo de estímulos, duas das tendências também indicadas em outros grupos de notícias podem ser destacadas: o direcionamento do entendimento, caracterizado pela forma como os temas das reportagens são indicados, e a presença de peças publicitárias dividindo espaço com as notícias. A primeira tendência pode ser observada em reportagem publicada pelo jornal Folha de São Paulo em 30 de agosto de 2003 (Caderno Mundo, p. A16). A indicação temática emprega a expressão “eixo do mal” para tratar de um encontro para discutir o programa nuclear norte-coreano, do qual participaram a Coreia do Norte, os Estados Unidos, a China, a Rússia, o Japão e a Coreia do Sul. A mesma expressão surge em reportagem do dia 13 de setembro de 2003 (Folha de São Paulo, Caderno Mundo, p. A13) que trata da ordem emitida pela Agência Internacional de Energia Atômica ao Irã para que provasse que não mantinha um programa nuclear sigiloso para fins militares. A página em que se encontra essa notícia também é representativa da segunda tendência mencionada, e encontra-se reproduzida a seguir:

117 Grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

FORNHEIRO MUNDO sábado, 13 de setembro de 2003 A 13

GUERRA SEM LIMITES Vozes existentes na fita divulgada pela Al Jazeera seriam do líder da Al Qaeda e de seu braço direito

Voz é 'provavelmente' de Bin Laden, diz CIA

que o presidente Bush não tem certeza se a voz é realmente dele ou não. A análise é feita por especialistas da CIA, que dizem que a voz é provavelmente de Bin Laden, mas não há certeza absoluta. Segundo a CIA, a voz é provavelmente de Bin Laden, mas não há certeza absoluta. Segundo a CIA, a voz é provavelmente de Bin Laden, mas não há certeza absoluta.

Novo fim A Al Qaeda divulgou uma fita de vídeo de Bin Laden, o líder da Al Qaeda, em um vídeo de 11 minutos. A fita mostra Bin Laden e seu braço direito, o líder da Al Qaeda, em um vídeo de 11 minutos. A fita mostra Bin Laden e seu braço direito, o líder da Al Qaeda, em um vídeo de 11 minutos.

'KIKO DO MAL' Agência cobra prova de que Irã não terá a bomba

A Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) cobrou prova de que o Irã não terá a bomba nuclear. A AIEA cobrou prova de que o Irã não terá a bomba nuclear. A AIEA cobrou prova de que o Irã não terá a bomba nuclear.

Para que deixar para Segunda o que você pode experimentar hoje. Nova Coca-Cola Light Lemon. Neste sábado e domingo, somente no Pão de Açúcar.

Pão de Açúcar Lugar de gente feliz.

Valido somente para as lojas Pão de Açúcar do Capital, ABC e Baixada.

Imagem 5.29. – Reprodução das páginas A13, de 13 de setembro de 2003, do jornal Folha de São Paulo.

A peça publicitária, que divulga a venda de um refrigerante com exclusividade por uma rede de supermercados, ocupa a maior parte da página, como ilustra a tabela abaixo:

ESTÍMULO	ÁREA TOTAL	ÁREA RELATIVA
REPORTAGEM	47310 px.	7,65%
PROPAGANDA	391314 px.	63,27%
PAINEL	618492 px.	100,00%

Tabela 5.14 – Área ocupada pelos estímulos que integram a imagem 5.29.

Além da área ocupada, a posição em que se encontra a reportagem, em uma única coluna próxima à margem interna do jornal, não favorece a sua visualização. O anúncio, por sua vez, confere destaque à embalagem do refrigerante anunciado. A lata prateada, com gotas de água em sua superfície para sugerir que está gelada, é enfatizada pela sombra amarelada sobreposta ao fundo verde. Acima da imagem do produto, a mensagem publicitária conclama os consumidores a experimentar – ou em outras palavras comprar – o refrigerante anunciado durante aquele fim de semana, não deixando para fazê-lo apenas na segunda-feira. Abaixo da

imagem do produto, o logotipo do anunciante traz consigo o slogan publicitário da rede de supermercados: lugar de gente feliz. Duas observações são acrescentadas em letras miúdas: próximo à margem direita, a informação de que a foto é meramente ilustrativa, ou seja, pode não corresponder ao produto tal como será entregue aos consumidores nos pontos de venda; próximo à margem inferior do anúncio, a informação das lojas que dispõe da mercadoria.

Retomando a reflexão sobre a expressão “eixo do mal”, observamos que a mesma também foi utilizada em reportagens publicadas em 03 de agosto de 2005 (Caderno Mundo, p. A18), 09 de agosto de 2005 (Caderno Mundo, p. A13), 07 de janeiro de 2006 (Caderno Mundo, p. A14), 10 de março de 2006 (Caderno Mundo, p. A10), 03 de abril de 2006 (Caderno Mundo, p. A13), 09 de abril de 2006 (Caderno Mundo, p. A19) e 18 de abril de 2006 (Caderno Mundo, p. A11), 29 de abril de 2006 (Caderno Mundo, p. A17), 02 de maio de 2006 (Caderno Mundo, p. A11) e 06 de maio de 2006 (Caderno Mundo, p. A24) no contexto de reportagens a respeito do programa nuclear iraniano. O termo é utilizado em 23 de setembro de 2005 (Caderno Mundo, p. A16) em nota a respeito do programa nuclear da Coreia do Norte.

Outra expressão empregada para indicar o tema das reportagens, e que parece se enquadrar na tendência ao direcionamento do entendimento dos receptores, é a expressão “ameaça nuclear”. Ela é utilizada em reportagens relacionadas aos programas nucleares da Líbia e do Irã. No primeiro caso, a matéria publicada em 24 de janeiro de 2004 (Folha de São Paulo, Caderno Mundo, p. A10) trata do anúncio feito pela AIEA de que Líbia teria entregue a inspetores da ONU desenhos de armas nucleares. Segundo a matéria, esses desenhos poderiam dar indícios do estágio do país no desenvolvimento de armas nucleares e também se este teria obtido auxílio internacional em seu programa nuclear. No segundo caso, o termo “ameaça nuclear” é utilizado em reportagem publicada no dia 13 de fevereiro de 2004 (Folha de São Paulo, Caderno Mundo, p. A11). Segundo a matéria, a AIEA teria descoberto no Irã desenhos de máquinas que poderiam ser utilizadas para a produção de material usado em bombas nucleares, o que colocaria em questão a cooperação do país com o órgão. Em 03 de dezembro de 2004 (Caderno Mundo, p. A10) e 31 de março de 2005 (Caderno Mundo, p. A15), a mesma expressão integrou matérias sobre o programa nuclear iraniano.

Há também o emprego das expressões “proliferação” e “proliferação nuclear” em matérias relacionadas ao programa nuclear iraniano, a exemplo das reportagens publicadas em 15 de novembro de 2004 (Caderno Mundo, p. A11), 12 de março de 2005 (Caderno Mundo, p. A20), 15 de outubro de 2005 (Caderno Mundo, p. A23), 11 de janeiro de 2006 (Caderno Mundo, p. A13) e 17 de junho de 2006 (Caderno Mundo, p. A11). Por fim, o termo “tensão nuclear” integra matéria do jornal Folha de São Paulo, publicada em 24 de maio de 2005, sobre os programas nucleares da Coreia do Norte e da Líbia (Caderno Mundo, p. A8), e também em duas reportagens sobre o programa nuclear iraniano, publicadas em 19 de novembro de 2005 (Caderno Mundo, p. A25) e 08 de novembro de 2009 (Caderno Mundo, p. A22).

Entendemos que as expressões elencadas acima qualificam um grupo de países em relação ao qual são levantadas suspeitas sobre a finalidade militar de seus programas nucleares,

suspeitas que apresentam variados graus de consistência. De todo o modo, aceitando-se a interpretação que acompanha tais expressões, seria possível sustentar, como dissemos anteriormente, que o risco da manutenção de programas nucleares com finalidades militares só se estabelece a partir da definição dos países que os mantém. Dessa forma, o programa nuclear mantido pelos Estados Unidos e pela União Soviética desde os anos 1940 não representaria riscos, o que só se poderia afirmar uma vez apagados os momentos em que tais países estiveram muito próximos de um conflito nuclear em escala mundial. Tampouco representariam riscos os programas nucleares mantidos pelas demais potências atômicas, notadamente a França, a China, o Reino Unido, Israel, Índia e Paquistão. Esta é uma diferença que podemos indicar em relação à exposição itinerante sobre os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki. Em especial nos painéis 26 e 27, a partir da apresentação de dados sobre a situação atual das armas nucleares no mundo, defende-se a abolição das armas nucleares, e não apenas a manutenção de arsenais atômicos nas mãos de certos países, cuja posse ou se considera inevitável, como no caso da Rússia, ou aceitável, tendo em vista o alinhamento a uma das principais potências militares do planeta, os Estados Unidos.

Quanto à presença de peças publicitárias nas páginas em que há reportagens sobre o tema “programas nucleares”, podemos destacar, do ponto de vista dos programas discutidos, referências ao Irã, objeto da maior parte dessas matérias, e em menor proporção à Coreia do Norte. Os programas nucleares desenvolvidos por Índia e Brasil também são mencionados. Já as peças publicitárias guardam semelhança entre si pelo considerável espaço que ocupam e também pelo emprego de variados recursos de diagramação, aos quais já nos referimos anteriormente, tais como a utilização de cores vibrantes, letras com tamanho e cores diversificadas, fotografias enaltecendo produtos ou pessoas, e ainda pelo apelo econômico, com ênfase sobre os preços supostamente reduzidos dos produtos anunciados. Reproduzimos abaixo algumas das páginas que contém as referidas propagandas.

PROLIFERAÇÃO *Paratido de sanções, países em "quase todas as atividades" no setor: agência da OIE já faz comunicação*

Irã abandona enriquecimento de urânio

... (text continues) ...

AFRICA *Conselho de Segurança da ONU: dois vetos rejeitam hoje*

Líderes africanos decidem apoiar embargo de armas à Costa do Marfim

... (text continues) ...

Chegou a sua vez.

vivo

Vivo. O presente que vem com muito mais presentes neste Natal.

Vivo Pré 3G-R5242 por R\$ 199* à vista ou 10x R\$ 19,90

NATAL VIVO

Sábado sem desculpa

HOJE VOCÊ NÃO TEM DESCULPA PARA NÃO COMPRAR

CONSUL REFRIGERADOR CONSUL PREÇO À VISTA R\$ 899,00

DEGELO CONSUL

OU 20 NO CARNE R\$ 59,90

SEM ENTRADA

AMANHÃ

12x sem juros

BÁHIA

PROLIFERAÇÃO NUCLEAR *Enviado americano na ONU, John Bolton, afirma que Irã entregaria artefatos a terroristas*

Irã busca a bomba há 18 anos, dizem EUA

... (text continues) ...

RUSSIA *Enfermeiros duram 2 dias*

Cerco a tchetchenos acaba com 108 mortos

... (text continues) ...

PRONTO

Teste para saber quando chegar para em 1 hora no Jardim Sol.

TERRENO DE 11.834m² COM LAZER COMPLETO

1 por andar • 4 suítes • 261m² privativos

Visite decorado

FOLHA DE S. PAULO

Imagens 5.30., 5.31. e 5.32. – Reprodução das páginas A11, de 15 de novembro de 2004; A20, de 12 de março de 2005; e A23, de 15 de outubro de 2005, do jornal Folha de São Paulo.

FÉRIAS TEMPO DE SOBRA PARA VOCE COMPLETAR SUA COLEÇÃO

NAS RANÇAS

FOLHA

CIA erra e entrega ao Irã agentes e dados sobre bomba nuclear

... (text continues) ...

Ajuda de Chávez vem de fundos que só ele controla

... (text continues) ...

Irã abandonou em 2003 a produção da bomba, dizem EUA

... (text continues) ...

Acesso agora à ArcelorMittal Inox Brasil. Uma transformação que vai muito além do nome.

ArcelorMittal

Ajuda de Chávez vem de fundos que só ele controla

... (text continues) ...

Irã abandonou em 2003 a produção da bomba, dizem EUA

... (text continues) ...

Acesso agora à ArcelorMittal Inox Brasil. Uma transformação que vai muito além do nome.

ArcelorMittal

Irã abandonou em 2003 a produção da bomba, dizem EUA

... (text continues) ...

Acesso agora à ArcelorMittal Inox Brasil. Uma transformação que vai muito além do nome.

ArcelorMittal

SPORTAGE

COM 5 ANOS DE GARANTIA E 5 ANOS PARA PAGAR. SEM ENTRADA.

MODELO 2008

KIA

Imagens 5.33., 5.34. e 5.35. – Reprodução das páginas A14, de 07 de janeiro de 2006; A11, de 15 de março de 2007; e A17, de 04 de dezembro de 2007, do jornal Folha de São Paulo.

Imagens 5.36., 5.37. e 5.38. – Reprodução das páginas A22, de 08 de novembro de 2009; A13, de 09 de fevereiro de 2010; e A23, de 16 de outubro de 2011, do jornal Folha de São Paulo.

Também neste caso parece haver a cisão entre o tema das reportagens e as mensagens trazidas pelos anúncios. Essas mensagens, que neste caso acompanham matérias sobre o tema “programas nucleares”, divulgam uma variada gama de produtos e serviços, a exemplo de pacotes de telefonia móvel e aparelhos celulares, eletrodomésticos, aparelhos eletrônicos, apartamentos, álbum de figurinhas, programas televisivos, coletânea de *compact discs* de música clássica, palestras, cursos pré-vestibulares, automóveis, concursos públicos, agências de publicidade, pacotes turísticos, locadoras de veículos, estações de rádio, *softwares* e faculdades.

A imagem 5.30, por exemplo, traz a notícia da suspensão por parte do Irã de atividades relacionadas ao seu programa nuclear, comunicada pelo país à Agência Internacional de Energia Atômica. Segundo a reportagem, esta seria uma forma de evitar sanções de natureza econômica por parte do Conselho de Segurança da ONU. As negociações teriam ocorrido entre o país persa e a França, o Reino Unido e a Alemanha. O movimento faria com que o Irã escapasse, nas palavras do jornal, de retaliações por parte dos Estados Unidos, para o qual o programa nuclear iraniano teria finalidades militares. Teerã, por seu turno, afirma o caráter civil de seu programa nuclear, buscando enriquecer urânio como forma de obter combustível para seus reatores nucleares. Sobre a posição norte-americana em relação aos programas nucleares mantidos pelo Irã, e também pela Líbia e Paquistão, a reportagem afirma:

Enquadrado pela administração Bush no “eixo do mal”, o Irã poderia se tornar um novo regime hostil ao Ocidente a dispor de armas nucleares. O outro país

com esse perfil é a Coreia do Norte, possivelmente já capacitada a produzir a bomba.

O risco de proliferação ficou menor em 2003 com o desmonte do programa nuclear da Líbia, convencida pelo Reino Unido de que poderia se tornar o próximo alvo da política de desarme forçado dos Estados Unidos.

A Líbia comprou equipamentos de enriquecimento de combustível no mercado paralelo, mantido pelo Paquistão, que já explodiu sua primeira arma nuclear e não é hostilizado pelos EUA em razão de sua participação na luta contra o terrorismo islâmico. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2004, p. A11)

O trecho acima ilustra a dubiedade das posições assumidas diante da manutenção de programas nucleares por determinados países. Novamente, o risco de programas nucleares com finalidades militares só se define a partir da identificação do país que os mantém e da sua posição no âmbito da geopolítica global. No contexto das matérias jornalísticas em foco, esta concepção se manifesta através de elementos gráficos usualmente utilizados na diagramação das notícias e também no próprio corpo das reportagens. No primeiro caso, a passagem acima transcrita é ilustrativa pois informa que o termo “eixo do mal” é utilizado pela administração Bush, portanto pelo governo norte-americano, para enquadrar, nas palavras do jornal, regimes hostis ao Ocidente, dentre os quais também figuraria a Coreia do Norte. Como já demonstramos no curso deste trabalho, o jornal incorpora este termo para indicar o tema de reportagens que envolvem tais países, classificando-as de antemão a partir de concepções advindas do governo norte-americano. Quanto ao corpo da reportagem, há indicação da aceitação do programa nuclear paquistanês, por exemplo, cujas finalidades militares foram claramente demonstradas, inclusive com a realização de testes nucleares em que ocorreu a efetiva explosão de uma bomba atômica. Sua condição de aliado no que a reportagem nomeia como luta contra o terrorismo islâmico parece servir como salvaguarda à manutenção do referido programa nuclear.

A notícia informando sobre a perspectiva de que o Irã não viesse a desenvolver artefatos atômicos e também sobre a manutenção pelo Paquistão de um programa nuclear com finalidades militares, envolvendo inclusive a realização de testes com bombas atômicas, divide espaço com duas peças publicitárias que destacam as vantagens em se adquirir pacotes de telefonia móvel e a possibilidade de se inscrever em um exame vestibular (ver imagem 5.10 acima). Por ocasião das festas de fim de ano, o primeiro anúncio utiliza a fotografia de uma modelo envolta em enfeites de natal. Há também imagens de telefones celulares exibindo o logotipo da empresa anunciante. A mensagem publicitária enfatiza a concessão de bônus a partir da compra de créditos em ligações, inserindo a informação sobre os valores desses bônus em figuras coloridas com formato de estrelas. Acima deste anúncio, outra peça publicitária divulga a prorrogação de um exame vestibular. A imagem utilizada mostra um grupo de estudantes sorridentes sobre um fundo azul claro, portando consigo materiais escolares. São informadas as instituições participantes e a data limite para as inscrições.

Além do objetivo precípua de uma peça publicitária, qual seja promover a comercialização de mercadorias, os dois anúncios acima mencionados trazem ao menos duas referências dignas de ênfase. A primeira delas são as festas de natal, em geral associadas à confraternização entre familiares, amigos e colegas de trabalho. A segunda diz respeito à perspectiva do futuro, sintetizada pela imagem dos jovens sorridentes sobre um fundo azul caminhando em direção à câmera. Ao menos do ponto de vista da apresentação dos estímulos, ambas convivem com a perspectiva do desenvolvimento de arsenais atômicos, os quais inegavelmente constituem uma grave ameaça à existência humana, ilustrando a cisão entre as matérias publicadas pelo jornal e os anúncios por ele veiculados.

Isto também ocorre nas demais imagens apresentadas acima (5.31 a 5.38). Assim, negociações em torno do programa nuclear iraniano dividem espaço com o anúncio de uma oferta de aparelho refrigerador. A mensagem publicitária exalta a facilidade do pagamento, afirmando que o consumidor não teria desculpa para não comprar (imagem 5.31). Já a suspeita por parte dos Estados Unidos de que Teerã desenvolvia um programa nuclear com finalidades militares divide espaço com o anúncio de um condomínio de apartamentos pronto para morar, apresentando imagens de itens de conforto tais como piscinas e quadras esportivas (imagem 5.32). As outras imagens reproduzidas (5.33 a 5.38) ilustram situações em que reportagens sobre os programas nucleares iranianos e norte-coreanos dividem espaço com propagandas de álbuns de figurinhas, programas televisivos, alimentos, automóveis, concursos públicos, agências de publicidade e pacotes turísticos, as quais em boa medida enaltecem o consumo e também o entretenimento, o prazer, o relaxamento e as relações interpessoais.

Algo semelhante se observa em seis das oito entrevistas sobre o tema “programas nucleares” que compõem a amostra do presente estudo (tabela 5.11.). Tomemos como exemplo a entrevista concedida em 18 de janeiro de 2005 por Mordechai Vanunu ao jornal Folha de São Paulo (ZANINI, 2005, p. A10), cuja página encontra-se reproduzida a seguir:

Imagem 5.39. – Reprodução das páginas A10, de 18 de janeiro de 2005, do jornal Folha de São Paulo.

O título da matéria destaca declarações do entrevistado sobre as relações diplomáticas entre Israel e a Palestina. Complementando a informação do título, a linha de apoio também menciona que o entrevistado denunciou o programa nuclear israelense. No preâmbulo da entrevista, informa-se que tal denúncia ocorreu em 1986. O entrevistado integrava o programa nuclear israelense, à época ainda secreto segundo informação do periódico. Como consequência, foi sequestrado pelo serviço secreto israelense, permaneceu dezessete anos preso, onze deles em uma solitária. Vanunu havia sido libertado em abril de 2004, menos de um ano antes da realização da entrevista. Segundo o jornal, é considerado um traidor por grande parte dos israelenses e um ídolo por pacifistas e ativistas antinucleares. A primeira pergunta trata do programa nuclear israelense:

Folha - Os defensores da bomba atômica em Israel argumentam que ela funciona como instrumento de dissuasão contra outros países, principalmente o Irã. Não é um bom argumento?

Mordechai Vanunu - O Irã já disse que está pronto para abrir suas instalações para inspeção e assinou o Tratado de Não-Proliferação, enquanto Israel não assinou. Israel usa esse argumento só para justificar suas armas nucleares. A

verdade é que é o único a ter bombas atômicas na região, o que é desestabilizador e apenas incentiva outros a buscarem também. (ZANINI, 2005, p. A10)

A pergunta apresenta um argumento que, segundo o entrevistador, seria utilizado pelos defensores da bomba atômica em Israel. Segundo esse argumento, a bomba atômica israelense seria um elemento de dissuasão, principalmente contra o Irã. O entrevistado, entretanto, contesta tal argumento elencando a possibilidade de inspeção das instalações nucleares iranianas, a assinatura do Tratado de Não-Proliferação por parte do Irã, o que não ocorreu em relação a Israel, e o fato deste último ser o único país a manter bombas atômicas na região. Além de ser um fator desestabilizador, isto incentivaria outros países a desenvolver armas atômicas. As questões formuladas a partir de então abordam principalmente questões envolvendo as relações entre Israel e a Palestina.

Ocorre que o debate sobre o programa nuclear israelense é acompanhado pela divulgação do resultado de uma promoção vinculada à realização de um evento de moda na cidade de São Paulo. O nome da ganhadora é divulgado, assim como as informações para a retirada do prêmio a que fez jus. Abaixo dessa peça publicitária há também uma série de anúncios institucionais. As propagandas em questão, especialmente a primeira delas, efetivamente dividem espaço com a matéria discutida, sendo certo que a temática de cada uma delas se contrapõe ao tema da entrevista.

As entrevistas apresentadas a seguir ilustram outras situações semelhantes, seja pela divisão de espaço, que em certo sentido parece caracterizar uma disputa, seja pela cisão temática. No primeiro caso, embora as entrevistas se encontrem posicionadas no topo da página, com destaque para o título da matéria em fontes maiores e com o preenchimento de boa parte colunas disponíveis, senão de todas elas, o emprego dos elementos usuais nas peças publicitárias, além do amplo espaço a elas destinado, tende a evidenciá-las. Observe-se nesse sentido as duas imagens abaixo:

O editorial de 20 de outubro de 2004 (FOLHA DE SÃO PAULO, 2004, p. A2), intitulado “A questão nuclear”, trata das negociações entre o governo brasileiro e a Agência Nuclear de Energia Atômica a respeito da realização de inspeções na usina de enriquecimento de urânio localizada em Resende, no Estado do Rio de Janeiro. Segundo o periódico, tais negociações envolveriam a revelação por parte do Brasil de mais detalhes de suas instalações. Em contrapartida, a AIEA deixaria de exigir acesso irrestrito às instalações brasileiras. Segundo

o periódico, não se justificariam as suspeitas sobre eventual uso militar das mesmas tendo em vista a Constituição brasileira só permitir o uso da energia nuclear para fins pacíficos. Também sustenta que o Brasil poderia assinar o Protocolo Adicional ao Tratado de Não-Proliferação Nuclear, que prevê a possibilidade de inspeções irrestritas. Mas para isso entende que seria razoável cobrar contrapartidas de outros países, em especial dos signatários do tratado que possuem armas nucleares. O periódico afirma que as assimetrias do acordo deveriam ser discutidas, questionando por que apenas Estados Unidos, Rússia, Reino Unido, França e China poderiam manter arsenais nucleares. Mesmo lembrando ser melhor para o mundo que poucos países disponham de armas nucleares, tendo em vista os riscos de sua efetiva utilização, sustenta que esse argumento não deveria legitimar o fosso jurídico mantido pelo Tratado ao estabelecer duas categorias de nações: aquelas que possuem armas atômicas e aquelas que nunca poderiam desenvolvê-las. Aquilo que o jornal chama de desfile de hipocrisias se agravaria em relação aos países que dispõem de armas nucleares e não são signatários do acordo: Israel, Índia e Paquistão. O editorial questiona as pressões norte-americanas contra o Irã para que encerre seu programa nuclear, por exemplo, ao mesmo tempo em que aceita as bombas nucleares israelenses. Também questiona as pressões dos Estados Unidos à Coreia do Norte, a qual se retirou do Tratado, não demonstrando o mesmo empenho em relação ao Paquistão e à Índia. O periódico defende que o Brasil permaneça como signatário do acordo, mas que vincule a assinatura do Protocolo Adicional a avanços em direção ao desarmamento, estabelecendo-se por exemplo um cronograma de desmantelamento de arsenais nucleares. Segundo o jornal, a existência de países com direito a arsenais nucleares e outros sem esse direito seria uma situação que só poderia ser aceita como transitória e excepcional, jamais como definitiva.

No que se refere aos editoriais sobre o programa nuclear norte-coreano, o primeiro, intitulado “Risco nuclear”, publicado em 11 de fevereiro de 2005 (FOLHA DE SÃO PAULO, 2005a, p. A2), discute o anúncio por parte do governo da Coreia do Norte de que disporia de armas nucleares, e que não mais participaria de um grupo de discussão formado por Coreia do Sul, pela China, pelo Japão, pela Rússia e pelos Estados Unidos, que desde 2003 negociava ajuda econômica em troca de dissuasão nuclear. Qualificando o governo de Pyongyang como paranóico, isolado e economicamente falido, o editorial especula sobre a possibilidade de o anúncio constituir um blefe, cujo objetivo seria obter vantagens. Informando que em 2003 o país havia se retirado do Tratado de Não-Proliferação Nuclear e também rompido um acordo com a Coreia do Sul para manter a península sem armas nucleares, o editorial reproduz a crença do serviço secreto dos Estados Unidos segundo a qual a Coreia do Norte teria reunido capacidade tecnológica suficiente para ter produzido de duas a seis ogivas nucleares. Afirma também que a situação teria se tornado complexa para o governo norte-americano, no seguinte sentido:

É difícil imaginar que Washington, em sua cruzada contra a “tirania” e o “eixo do mal”, reaja militarmente - pois não se invade um país que possui bomba atômica sem o risco de provocar um conflito nuclear. Bush queria o

congelamento incondicional do programa nuclear da Coreia do Norte para negociar a retomada da ajuda econômica. Agora, a estratégia norte-americana terá de ser revista, e é possível que a ONU ganhe mais importância como fórum decisório. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2005a, p. A2)

O segundo editorial sobre o programa nuclear norte-coreano foi publicado em 14 de março de 2013. O texto intitulado “Incógnita norte-coreana” caracteriza a Coreia do Norte como um país que “conserva um anacrônico regime comunista, insiste em se manter como um dos mais fechados do mundo e, com frequência inquietante, procura reeditar a tensão militar típica do século passado.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013, p. A2). Segundo o editorial, o país utilizaria o que chama de provocações bélicas, as quais incluem testes com armas nucleares, para arrancar vantagens do Ocidente. A recente escalada de hostilidades discutida pelo texto repetiria uma espécie de roteiro, abarcando a ruptura do cessar fogo com a Coreia do Sul e a interrupção da comunicação exclusiva entre esses países. Entretanto, dois fatores aumentariam a situação de incerteza: a mudança no comando da Coreia do Norte, assumido em 2011 por Kim Jong-un, e o apoio por parte da China ao agravamento de sanções aplicadas pela ONU em razão da realização de novos testes nucleares no início de 2013. De todo o modo, o editorial defende que o mais prudente seria negociar a interrupção do programa nuclear norte-coreano.

Quanto aos editoriais sobre o programa nuclear iraniano, o primeiro, intitulado “Ameaça nuclear”, publicado em 16 de março de 2005 (FOLHA DE SÃO PAULO, 2005b, p. A2), trata das ações por parte do governo norte-americano em face do programa nuclear do país persa. Segundo o texto, os Estados Unidos chegaram a autorizar que seus aliados europeus ampliassem concessões ao Irã caso o país abandonasse suas pretensões de enriquecer urânio, que poderiam levar tanto à geração de energia elétrica quanto à fabricação de uma bomba atômica. Mas uma nova abordagem sucedeu-se a uma declaração de George W. Bush, então presidente dos Estados Unidos, que afirmou que não permitiria que “Estados delinquentes possam produzir materiais nucleares utilizáveis na construção de bombas sob a cobertura de programas civis” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2005b, p. A2). De acordo com o editorial, a Casa Branca pretendia impor uma nova interpretação do Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP) alegando com isso evitar o desrespeito ao espírito do tratado, ainda que não à sua letra, pois o mesmo não proíbe o enriquecimento de urânio para fins pacíficos. O editorial defende que Irã e Coreia do Norte sejam impedidos de desenvolver armas nucleares. Ao mesmo tempo, repete quase que literalmente o argumento contido no editorial publicado em 20 de outubro de 2004. De acordo com esse argumento, o tratado não poderia servir para estabelecer e manter duas categorias de nações: as que possuem armas nucleares e as que jamais poderiam desenvolvê-las. O texto defende ainda que uma reformulação do TNP poderia ser aceita, mas deveria contemplar desarmamento nuclear das grandes potências.

O segundo editorial sobre o programa nuclear iraniano foi publicado em 12 de novembro de 2011 (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011, p. A2). Intitulado “A bomba iraniana”, o texto trata

de um relatório divulgado pela Agência Internacional de Energia Atômica da ONU segundo o qual o programa nuclear do Irã não se limitaria a fins pacíficos. De acordo com o editorial, a construção de uma bomba atômica pelo que chama de regime dos aiatolás seria uma questão de tempo, acirrando as preocupações dos países determinados em impedir que o Irã venha a fabricar armas atômicas. Nesse sentido, haveria duas opções em discussão: “aumentar as sanções econômicas e diplomáticas impostas aos iranianos ou lançar um ataque às instalações onde se imagina que o projeto atômico seja desenvolvido.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 20011, p. A2). Para o jornal, as sanções têm se mostrado pouco efetivas, lembrando que, mesmo em face de punições aplicadas pelo Conselho de Segurança em 2010, o país teria aumentado a sua capacidade de produção de urânio enriquecido em 2011. Por outro lado, argumenta que uma agressão militar implicaria riscos enormes, mencionando a conflagração da Primavera Árabe e a deterioração das relações entre israelenses e palestinos, além do risco de tal ataque revelar-se pouco eficaz na identificação de instalações e na efetiva eliminação da capacidade nuclear iraniana. Afirmando que a construção de uma bomba não implica em sua utilização, lembra que outros países da região possuem armas atômicas, notadamente Israel, Paquistão, Índia e Rússia. O texto defende que a comunidade internacional possa estimular o que chama de abertura política no Irã, o que favoreceria a ascensão de vozes menos beligerantes, a exemplo daquelas que se manifestaram em revolta ocorrida no país em 2009.

5.3.4. Relações diplomáticas

Dentre as matérias que integram esta pesquisa, encontramos artigos, reportagens, entrevistas e editoriais que abordam o tema “relações diplomáticas”. Concentraremos nossa análise nos artigos e nas reportagens.

Os artigos dedicados a esse tema somam sete textos (tabela 5.11.), o que representa 3,54% da amostra (tabela 5.12). Destacamos abaixo dois deles: o primeiro ilustra uma ocasião em que o artigo, além de se encontrar em uma página que usualmente não recebe anúncios publicitários, expressa opinião divergente em relação à posição aparentemente dominante sobre o programa nuclear iraniano; o segundo ilustra a situação em que o artigo, embora em posição de destaque, divide espaço com uma peça publicitária.

O artigo intitulado “Sufocar o Irã” (KALOUT, 2012, p. A3) sustenta que o Ocidente iniciou uma guerra econômica global contra o Irã, sendo até então imprecisos os resultados do bloqueio ao petróleo iraniano imposto pela União Européia. Segundo o autor, desde 1979, com o advento da Revolução Islâmica, o país convive com ameaças por parte das potências ocidentais contra a sua integridade territorial e sua autodeterminação. Apesar disso, teria avançado nos planos econômico, político, bélico e tecnológico, passando a exercer influência em todo o Oriente Médio. A estratégia norte-americana e europeia teria dois objetivos: pressionar o governo do então presidente Mahmoud Ahmadinejad até as eleições que ocorreriam em 2013, favorecendo a vitória de um líder mais pragmático e reformista; e aguardar os resultados das eleições nos

Estados Unidos e na França, protagonistas atuais do confronto com Teerã. Como consequência, segundo o artigo, o governo de Mahmoud Ahmadinejad poderia ampliar e diversificar suas alternativas econômicas, a exemplo da América Latina, além de incitar um forte e popular discurso interno antiocidental, o que contribuiria para a manutenção do poder. O autor afirma que, ao impedir a condução de processos políticos internacionais relevantes, sobretudo em zonas estratégicas sensíveis, os Estados Unidos e a União Européia teriam liquidado qualquer perspectiva de diálogo. Sustenta ainda que a diplomacia brasileira, por não apresentar a mesma retórica sobre questão nuclear iraniana, poderia oferecer uma proposta no âmbito dos Brics que teria maior consistência na busca de uma alternativa. O autor afirma também que, como demonstra a Coreia do Norte, o estrangulamento econômico do Irã não o fará abandonar seu programa nuclear, lembrando que os anos de pressão e hostilidades ao país asiático culminaram com a sua renúncia ao Tratado de Não-Proliferação Nuclear e com a fabricação da bomba atômica. Quanto aos iranianos, o tema nuclear teria se tornado uma questão de sobrevivência e autodeterminação.

O segundo artigo sobre o tema “relações diplomáticas” intitula-se “A aventura” (FREITAS, 2010, p. A3). O texto aborda o acordo diplomático envolvendo o programa nuclear iraniano mediado por Brasil e Turquia, e as reações contrárias manifestadas pelos Estados Unidos e pela União Européia. Segundo o autor, embora fosse necessário aguardar o envio de um relatório à AIEA submetendo-lhe os termos do acordo firmado, havia indicações de que a diplomacia brasileira teria realizado um trabalho muito positivo para a valorização do Brasil no âmbito mundial. Ao mesmo tempo, observa-se na página em questão, reproduzida abaixo, a inserção de uma peça publicitária em que se anuncia um veículo utilitário:

A6 **brasil** TERÇA-FEIRA, 24 DE MARÇO DE 2010

JANIO DE FREITAS

Aventura

Se pode considerar que tal é o caso de um acordo diplomático firmado entre Brasil e Turquia para o Irã, o trabalho positivo para o Brasil

Um acordo diplomático firmado entre Brasil e Turquia para o Irã, o trabalho positivo para o Brasil

Um acordo diplomático firmado entre Brasil e Turquia para o Irã, o trabalho positivo para o Brasil

Presidente 40 | **ELUCIO**

Serra roga ao padre Cícero para ser eleito

Pré-candidato ao Piauí diz que religioso era 'um homem açougado' e passa três vezes por baixo da mão de sua estátua

Um acordo diplomático firmado entre Brasil e Turquia para o Irã, o trabalho positivo para o Brasil

HYUNDAI

Drive your way

VERACRUZ 2010

3.8 V6 24V CVT 4X4 AWD

www.hyundai-motor.com.br

Imagem 5.44. – Reprodução das páginas A3, de 18 de maio de 2010, do jornal Folha de São Paulo.

Boa parte do anúncio é ocupado pela porção traseira do veículo, o que contribui para a percepção de sua grande dimensão. À esquerda, na parte inferior, são mencionados o nome do modelo e algumas especificações técnicas. Na parte superior, exibem-se a marca do fabricante e seu *slogan*, escrito em inglês, cuja tradução poderia ser “dirija à sua maneira”. Consumo e entretenimento parecem coexistir no anúncio em questão.

Algo semelhante ocorre em relação às reportagens ligadas ao tema das “relações diplomáticas”, que dividem espaço com anúncios publicitários de mercadorias variadas. Reproduzimos abaixo algumas das páginas do periódico que ilustram essa circunstância:

Imagens 5.45., 5.46. e 5.47. – Reprodução das páginas A22, de 08 de novembro de 2009; A13, de 09 de fevereiro de 2010; e A23, de 16 de outubro de 2011, do jornal Folha de São Paulo.

Nas páginas relacionadas acima, matérias a respeito das demandas norte-coreanas para que fosse suspenso o bloqueio econômico imposto ao país, sobre as relações diplomáticas entre os Estados Unidos e o Irã, bem como entre o Irã e Israel, encontram-se lado a lado com anúncios que destacam as qualidades de um determinado modelo de automóvel, divulgam o lançamento de um aparelho celular e planos de telefonia a ele vinculados, ou ainda com propagandas em que se anunciam de climatizadores para garrafas de vinho a eletrodomésticos e apartamentos.

6. Considerações finais

O que se pode esperar de práticas que representem mudanças em relação à determinada situação é que não estejam vinculadas aos fatores que em boa medida a sustentam. Dessa forma, se considerarmos os objetivos da exposição itinerante e da produção do jornal Folha de São Paulo, podemos estabelecer algumas distinções tendo em vista o que se expôs nos tópicos anteriores.

A exposição itinerante sobre os bombardeios a Hiroshima e Nagasaki, embora tenha sido organizada por uma comissão criada para esta finalidade, encontra-se vinculada ao Museu Memorial da Paz de Hiroshima. A exposição é disponibilizada sem custos a eventuais interessados, e sua produção não se vinculou à necessidade de promoção de produtos ligados a eventuais patrocinadores. Nesse sentido, cria-se um espaço de reflexão de certa forma independente da esfera do consumo. Além disso, ao percorrer os painéis, não nos parece haver referências ao entretenimento no sentido que apontamos ao longo deste trabalho, notadamente através de referências ao prazer, ao bem viver, ao relaxamento, à diversão. Na medida em que se busca um espaço para a reflexão, tais referências, do modo como são apropriadas pela indústria cultural, nos parecem um convite à alienação.

Talvez fosse possível apontar na exposição certa tendência ao esquematismo no trecho dedicado às ações para a abolição das armas nucleares no mundo. Embora seja possível reconhecer a importância da mobilização social em torno de causas como o desarmamento nuclear, as posições apresentadas pelo painel 27 parecem resvalar em certo voluntarismo. Em outras palavras, elas aparentemente desconsideram que, diante de questões como o desarmamento nuclear, as razões de Estado tendem a ser preponderantes. Problematicar esse tópico poderia aprofundar a reflexão sobre as formas de luta política a serem encampadas para alcançar o que se busca com a existência da exposição e do próprio Museu Memorial da Paz de Hiroshima. Acrescente-se que o referido painel parece sugerir que a abolição das armas nucleares poderia pacificar o mundo de maneira efetiva. Resta claro que este seria um passo significativo nessa direção, mas devemos também considerar que o avanço tecnológico no âmbito da produção de meios de destruição continua sua marcha, através da criação de inúmeros dispositivos que, mesmo não alcançando o poder de devastação das armas atômicas, possuem grande capacidade destrutiva. Veja-se nesse sentido a criação de aeronaves não tripuladas que podem permanecer em combate por dias a fio e o desenvolvimento de softwares destinados a ataques virtuais contra instalações civis e militares. Acrescente-se que, tal como sustentamos no início deste trabalho, as armas nucleares devem ser reportadas aos sistemas político-econômicos que desencadeiam as batalhas nas quais aquelas podem vir a ser empregadas, seja como elemento de ameaça, seja como instrumento efetivo de extermínio.

Por outro lado, no que se refere à amostra de notícias, a influência de características relacionadas à indústria cultural nos parece mais evidente. O fato de tais notícias serem produzidas por um veículo inserido no contexto da atividade capitalista cria as condições

para que a esfera do consumo, por exemplo, exerça grande influência. A aproximação que o próprio jornal propõe entre as informações que apresenta em suas matérias e o conteúdo dos anúncios publicitários que veicula diariamente tornam patente essa influência. Assim, podemos nos perguntar que tipo de transformação social poderia produzir um veículo de comunicação se boa parte dos conteúdos que dissemina estão impregnados de conformismo, no sentido de sugerirem a mera adesão aos esquemas da propaganda cujo objetivo precípua é fomentar o consumo irrefletido de mercadorias.

Além disso, consideramos que a cisão temática decorrente da presença de peças publicitárias destinadas à comercialização dos mais variados produtos em meio a notícias sobre as armas nucleares parece revelar algo da frieza a que se refere Adorno (1995c, 1973). Nesse sentido, a imagem de pessoas indo às compras ao mesmo tempo em que o mundo que habitam encontra-se ameaçado pela aniquilação parece se aproximar de outra imagem igualmente sombria, em que pessoas, ao caminhar, desviam de corpos para chegar ao seu destino.

Embora tenhamos encontrado na amostra de notícias momentos em que a reflexão a respeito das armas atômicas pareceu estimulada, procuramos apontar situações em que o direcionamento do entendimento foi evidente. A influência de concepções pautadas por julgamentos parciais, uma vez que advindos de partes interessadas, que por vezes implicou na reprodução do que se poderia caracterizar como fórmulas de pensamento, não nos pareceu propiciar condições para o aprofundamento da compreensão a respeito do tema discutido.

A partir das reflexões desenvolvidas neste trabalho, as quais certamente estão longe de esgotar a questão, pretendemos prosseguir no estudo dos limites ao esclarecimento, notadamente em face da influência da indústria cultural.

7. Referências

- ADORNO, T. W. How to look at television. *The Quarterly of Film Radio and Television*, Berkeley, v. 8, n. 3, p. 213-235, 1954.
- _____. Notas marginales sobre teoría y praxis. In: _____. *Consignas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1973. p. 159-180.
- _____. O que significa elaborar o passado. In: _____. *Educação e emancipação*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a. p. 29-49.
- _____. A educação contra a barbárie. In: _____. *Educação e emancipação*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995b. p. 155-168.
- _____. Educação após Auschwitz. In: _____. *Educação e emancipação*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995c. p. 119-138.
- _____. Teoria da semicultura. *Educação & sociedade*. Campinas, n. 56, p. 388-411, dez. 1996.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. Elementos do anti-semitismo: limites do esclarecimento. In: _____. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985a. p. 139-171.
- _____. Prefácio. In: _____. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985b. p. 11-16.
- _____. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: _____. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985c. p. 99-138.
- A NOVA ARMA SECRETA ALEMÃ ‘V-3’. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 08 out. 1945. p. 2.
- ANTUNES, C. Ações secretas aumentam pressão sobre regime de Teerã. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 05 jan. 2011. Mundo, Caderno A, p. 10.
- ANUNCIADAS A INVENÇÃO E AS EXPERIÊNCIAS DA BOMBA ATÔMICA. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 07 ago. 1945. p. 1.
- BENJAMIN, W. Paris do Segundo Império. In: *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 9-101.
- BROAD, W. País ainda está bem longe da primeira bomba. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 06 mar. 2006. Mundo, Caderno A, p. 6.
- CAMARGOS, M. Cortina de fumaça. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 nov. 2011. Opinião, Caderno A, p. 3.
- CARLOS, N. Contagem regressiva. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 01 fev. 2006. Mundo, Caderno A, p. 11.
- CARONE, I. A face histórica de “On popular music”. *Constelaciones: Revista de Teoria Crítica*, Madri, v. 3, p. 148-178, dez. 2011.
- _____. Indústria cultural e indústrias culturais: alguns apontamentos. *Impulso*, Piracicaba, v. 27, n. 57, p. 09-17, mail./set. 2013.
- EINSTEIN, A. [Carta] 30 jul. 1932, Caputh [para] Freud, S., (Viena). Discute sobre formas de afastar a humanidade da ameaça da guerra.
- _____. [Carta] 02 ago. 1939, Nassau Point [para] ROOSEVELT, F. D., Washington D.C.. 2f. Informa sobre a possibilidade de se criar reações nucleares em cadeia e sobre a produção de bombas a partir desses conhe-

cimentos.

EMPRESA FOLHA DA MANHÃ S.A. Tabela de Preços do Grupo Folha. Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/publicidade/2014/12/29/fsp-pt.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

FANTASTICO ENGENHO DE DESTRUIÇÃO: lançada sobre Hiroshima uma bomba atômica – 2000 vezes mais poderosa que o maior petardo aéreo. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 07 ago. 1945. p. 1.

FOLHA DE SÃO PAULO. A questão nuclear. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 out. 2004. Opinião, Caderno A, p. 2.

FOLHA DE SÃO PAULO. Irã abandona enriquecimento de urânio. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 15 nov. 2004. Mundo, Caderno A, p. 11.

FOLHA DE SÃO PAULO. Risco nuclear. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11 fev. 2005a. Opinião, Caderno A, p. 2.

FOLHA DE SÃO PAULO. Ameaça nuclear. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 mar. 2005b. Opinião, Caderno A, p. 2.

FOLHA DE SÃO PAULO. Teerã testa ao limite a paciência das potências mundiais. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 jan. 2006. Mundo, Caderno A, p. 13.

FOLHA DE SÃO PAULO. A bomba iraniana. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 nov. 2011. Opinião, Caderno A, p. 2.

FOLHA DE SÃO PAULO. Incôgnita norte-coreana. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 mar. 2013. Opinião, Caderno A, p. 2.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Manual da redação*. 18. ed. São Paulo: Publifolha, 2013. 388 p.

FOLHA DE SÃO PAULO. Folha amplia liderança multiplataformas. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 25 jan. 2015. Mercado, Caderno B, p. 7.

FREITAS, J. A aventura. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 mai. 2010. Mundo, Caderno A, p. 3.

FREUD, S. (1933). Por que a guerra? In: *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 417-435.

FRUTO DE LONGAS E PACIENTES PESQUISAS A SENSACIONAL DESCOBERTA – LANÇADO SOBRE HIROSHIMA O VIOLENTO EXPLOSIVO. *Folha da Manhã*, São Paulo, 07 ago. 1945. p. 1.

GAGNEBIN, J. M. O que significa elaborar o passado? In: _____. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006. p. 97-105.

HAMILTON, A. República islâmica não fez por enquanto nada condenável. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 jan. 2006. Mundo, Caderno A, p. 12.

HIROSHIMA PEACE MEMORIAL MUSEUM. *The Spirit of Hiroshima: an introduction to the atomic bomb tragedy*. Hiroshima: Hiroshima Peace Memorial Museum, 1999. 127 p.

HOBSBAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914 - 1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 598 p.

HORKHEIMER, M. Teoría tradicional y teoría crítica. In: _____. *Teoría crítica*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003. p. 223-271.

INTERNATIONAL CENTER OF PHOTOGRAPHY. Hiroshima: Ground Zero 1945. Disponível em: < http://www.icp.org/sites/default/files/exhibition_pdfs/icp_hiroshima_press.pdf >. Acesso em: 22 de jul. 2014.

LEVY, A. The ground zero they didn't want us to see. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/theguardian/2005/jul/16/weekend7.weekend2>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

KALOUT, H. A. Sufocar o Irã. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 04 mar. 2012. Mundo, Caderno A, p. 3.

MARCUSE, H. A paralisia da crítica: Sociedade sem oposição. In: _____. *A ideologia da sociedade industrial*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 13-20.

_____. Do pensamento negativo para o positivo: racionalidade tecnológica e a lógica da dominação. In: _____. *A ideologia da sociedade industrial*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 142-162.

_____. The closing of the universe of discourse. In: *One-dimensional man: Studies in the ideology of advanced industrial society*. 2. ed. Londres: Routledge, 1991. p. 87-123.

_____. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. In: _____. *Tecnologia, guerra e fascismo*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. p. 73-104.

MIYAKI, S. Introdução. In: _____. *Atomic Bomb Documents Hiroshima*. Hiroshima: The Chugoku Shim-bun, 1973. p. 09-15.

NOUGAYREDE, N. Ocidente ajudou o programa nuclear do Irã a ser o que é. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 abr. 2006. Mundo, Caderno A, p. 18.

PAQUISTANÊS DIZ QUE VAZOU SEGREDO NUCLEAR. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 05 fev. 2004. Mundo, Caderno A, p. 15.

PROGRESSOS DA AVIAÇÃO MILITAR. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 03 out. 1941. p. 4.

RISEN, J. Fantasmas do Iraque assombram a CIA. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 09 abr. 2012. The New York Times, p. 3.

ROSSI, C. A “solução final”, versão iraniana. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 21 ago. 2012. Mundo, Caderno A, p. 15.

SANGER, D. Por que não atacar o Irã? *Folha de São Paulo*, São Paulo, 02 fev. 2006. Mundo, Caderno A, p. 12.

SANGER, D. E.; SCIOLINO, E. Estratégia faz lembrar a Guerra Fria. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 01 mai. 2006. Mundo, Caderno A, p. 20.

SPEKTOR, M. Brasil nuclear. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 06 fev. 2013. Mundo, Caderno A, p. 11.

STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE. *Yearbook 2006*. Disponível em: <<http://www.sipri.org/yearbook/2006/files/SIPRIYB0613a.pdf>>. Acesso em: 01 de dez. 2014.

SZTULMAN, I. Regime é perigoso para o mundo todo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 nov. 2011. Opinião, Caderno A, p. 3.

TODOROV, T. A lancheira e a bomba. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17 ago. 2003. Caderno Mais, p. 3.

WAR DEPARTMENT. Memorandum for the Secretary of War. Disponível em: <http://www.trumanlibrary.org/whistlestop/study_collections/bomb/large/documents/index.php?pagenumber=1&documentdate=1945-07-18&documentid=2&studycollectionid=abomb>. Acesso em: 05 de set. 2011.

ZANINI, F. Dissidente de Israel critica tática palestina. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 jan. 2005. Mundo, Caderno A, p. 10.

APÊNDICE A

Incluimos a seguir imagens dos trinta painéis que compõe a exposição itinerante a respeito dos bombardeios atômicos contra as cidades de Hiroshima e Nagasaki.

Billowing Mushroom Cloud

Hiroshima: 8:15 a.m., August 6, 1945
Nagasaki: 11:02 a.m., August 9, 1945

▲ The Mushroom Cloud about 1 Hour after Detonation (Hiroshima)
Taken from an altitude of about 9,000 m (29,520 feet) and a distance of about 80 km (50 miles) from the hypocenter from one of the three US bombers that took part in the A-bomb mission. (August 6, 1945-Photo: US Army)

▲ The Billowing Mushroom Cloud (Nagasaki)
A round white puff of smoke, then instantly a crimson fireball began to swell. (August 9, 1945-Photo: US Army) Courtesy: The Japan Peace Museum

HIROSHIMA & NAGASAKI

The Vanished Cities

▲(Hiroshima) Taken from the roof of the Hiroshima Chamber of Commerce and Industry building 260 m (286 yards) north of the hypocenter.
(October 5, 1945-Photo: Shigeo Hayashi)

▲(Nagasaki) Taken 120 m (132 yards) east of the hypocenter near what is now the Nagasaki Atomic Bomb Museum.
(Mid-October 1945-Photo: Shigeo Hayashi)

HIROSHIMA & NAGASAKI

HIROSHIMA & NAGASAKI

Honkawa Elementary School
Kodo Elementary School
Aioi Bridge
Hiroshima Central Telephone Bureau, West Office
Honkawa River

Yamazato Elementary School
Urakami First Hospital
Nagasaki Main Line
Mitsubishi Nagasaki Shipyard Marumo Factory
Urakami River
Nagasaki Prison Urakami Branch
Shiroyama-machi 1-chome Hondori
Urakami Cathedral

▲(Nagasaki) Taken 900 m (990 yards) west of the hypocenter. The photo on the left is the view across the Urakami River in the opposite direction.
(Mid-October 1945-Photo: Shigeo Hayashi)

HIROSHIMA & NAGASAKI

Yokogawa Station Hiroshima Second Army Hospital Hiroshima Gokoku Shrine

Hiroshima Castle Remains Hiroshima Communication Bureau

Shiroyama Elementary School Nagasaki Medical College Nagasaki Medical College Hospital

HIROSHIMA & NAGASAKI

A-bomb Damage

Atomic bombs utilize the enormous energy released by nuclear fission to inflict massive and instantaneous destruction and slaughter. The energy is released in three forms: heat, blast, and radiation. The synergistic effects of these three produce unimaginable destructive power. Two such bombs utterly obliterated the cities of Hiroshima and Nagasaki.

Long after the bombings, survivors continue to suffer from the physical damage caused by radiation. They have been forced to carry the terrible burden of never knowing when

the aftereffects might manifest as a life-threatening disorder.

The atomic bombs inflicted massive human and property damage, resulting in intense psychological and emotional trauma, which was compounded by destruction of the entire fabric of those urban societies. The most distinctive characteristic of A-bomb damage is the complex interaction of destructive effects wrought by this broad spectrum of personal and social loss.

Profile of A-bomb Damage

Category	Hiroshima	Nagasaki
Time of explosion	8:15 a.m., August 6, 1945	11:02 a.m., August 9, 1945
Number of dead	About 140,000 (± 10,000) [350,000 people estimated to have been in Hiroshima at the time]	About 74,000 (± 10,000) [Total pop. 240,000]
Damage to buildings	No. of buildings at the time: about 76,000	No. of buildings at the time: about 51,000
% damaged	92 %	36 %
Totally collapsed and burned	63 %	23 %
Totally collapsed	5 %	2 %
Partially collapsed, partially burned, seriously damaged	24 %	11 %

Energy Released

▲ Map of Damage in Hiroshima

▲ Map of Damage in Nagasaki

HIROSHIMA & NAGASAKI

The Atomic Bomb

A single neutron colliding with the atomic nucleus of a fissionable substance like uranium 235 (or plutonium 239) can cause the nucleus to split, releasing 2 or 3 more neutrons and a large amount of energy in the forms of extreme heat and lethal radiation. These newly released neutrons collide with other nuclei, releasing more neutrons and more energy. Under proper conditions, this chain reaction spreads through the substance, releasing enormous energy instantaneously. The atomic bomb is a weapon designed to inflict massive destruction with the vast energy thus released.

▲ The First Atomic Test at Alamogordo
(July 16, 1945-Photo: US Army)

The Manhattan Project

During the Second World War, which began in 1939, US President Franklin Roosevelt ordered the development of the atomic bomb. This development effort, called the "Manhattan Project," began in August 1942. It was carried out in top secrecy and absorbed vast financial and human resources.

▲ The Atomic Bomb Dropped on Hiroshima (Little Boy)

▲ Cross-section Drawing of the Hiroshima Bomb

▲ The Atomic Bomb Dropped on Nagasaki (Fat Man)

▲ Cross-section Drawing of the Nagasaki Bomb

Profiles of Atomic Bombs

Category	Hiroshima	Nagasaki
Type	Gun-barrel uranium bomb (Nickname Little Boy)	Implosion plutonium bomb (Nickname Fat Man)
Weight	approx. 4 tons	approx. 4.5 tons
Explosive power (TNT equivalent)	approx. 16,000 tons	approx. 21,000 tons
Detonation altitude	approx. 600m (1,969 feet)	approx. 500m (1,640 feet)
Structure	Quantities of uranium 235, each less than a critical mass, were placed at two ends of a long, thin cylinder. A chemical explosion propelled the U-235 at one end forcefully into the piece at the other end, instantly creating a critical mass and starting a fission chain reaction. U-235 is present in natural uranium, but only in tiny amounts. This bomb thus required technology to increase that percentage.	Quantities of plutonium 239, each less than a critical mass, were placed around the inside of a sphere. A chemical explosion drove the pieces forcefully toward the center, compressing them instantly into a critical mass and starting the nuclear fission. P-239 does not exist naturally. This bomb thus required a reactor capable of creating this element.

Critical mass: The minimum amount of fissionable material required to sustain a nuclear chain reaction.

HIROSHIMA & NAGASAKI

Before the A-bomb

▲ Before the Bombing (Hiroshima) This photo shows, just left of center, the Hiroshima Prefectural Industry Promotion Hall (now, the A-bomb Dome). (June 13, 1936-Photo: Noboru Watanabe)

Hiroshima

The city of Hiroshima boasted two primary aspects. Its high concentration of army installations made it a "military city," while the Hiroshima Higher School of Education supported its reputation as an "education city."

▲ Hondori (Main Street) before the War (Hiroshima)
(Around 1935) Courtesy: Hiroshima Municipal Archives

▲ After the Bombing (Hiroshima)
This photo was taken after the bombing from the same location as the photo on the left. The A-bomb Dome can be seen in the center.
(Autumn 1945-Photo: Yoshita Kishimoto)

Nagasaki

As Nagasaki modernized, its main industry shifted from trade to shipbuilding.

▲ The Hamano-machi Streetcar Corner Before the War (Nagasaki)
Courtesy: Nagasaki Foundation for the Promotion of Peace

▲ Urakami Cathedral after the Bombing (Nagasaki)
(Mid-October 1945-Photo: Shigeo Hayashi)

▲ Before the Bombing (Nagasaki) The large building in the center is Urakami Cathedral.
Courtesy: Nagasaki Foundation for the Promotion of Peace

HIROSHIMA & NAGASAKI

Immediately After the Bombings

▲ **A-bomb Survivors Suffering from Burns and Other Injuries** (Hiroshima, about 2.3 km (1.4 miles) from the hypocenter)
Approximately 3 hours after the bombing (Around 11 a.m., August 6, 1945-Photo: Yoshito Matsushige)

◀ **Policeman Writing Disaster Certificates**

(Hiroshima, about 2.5 km (1.6 miles) from the hypocenter)
(Around 5 p.m., August 6, 1945-Photo: Yoshito Matsushige)

▶ **A Young Girl on a Relief Truck**

(Hiroshima, about 920 m (0.5 miles) from the hypocenter)
With red and oozing burns, this girl lacked even the strength to drink water.
(August 9-12, 1945) Courtesy: Asahi Shimbun Company

HIROSHIMA & NAGASAKI

▲ Stunned Survivors Watching Vacantly over the Injured (Nagasaki, about 1.1 km (0.7 miles) from the hypocenter) (August 10, 1945-Photo: Yosuke Yamahata)

▲ A Dead Horse and Wagon near the Hypocenter (Nagasaki)
(August 10, 1945-Photo: Yosuke Yamahata)

▲ Corpses of a Mother and Baby on the Platform at Urakami Station
(Nagasaki, about 1 km (0.6 miles) from the hypocenter) (August 10, 1945-Photo: Yosuke Yamahata)

▲ The Charred Corpse of Boy
(Nagasaki, about 700m (0.4 miles) from the hypocenter) (August 10, 1945-Photo: Yosuke Yamahata)

HIROSHIMA & NAGASAKI

▲ **Gathering Bodies** (Hiroshima) Bodies being gathered for cremation was a common sight throughout the city. (August 9-12, 1945) Courtesy: Asahi Shimbun Company

◀ **Relief Teams Carry the Severely Injured on Stretchers**

(Nagasaki, about 1.1 km (0.7 miles) from the hypocenter)
Taken the day after the bombing near Urakami Station. The people carrying stretchers are probably rescue team members from the factory.
(August 10, 1945-Photo: Yosuke Yamahata)

▼ **Crowded, Chaotic Relief Station**

(Hiroshima, about 1.2 km (0.7 miles) from the hypocenter)
Lacking medical supplies, applying zinc oxide and a layer of gauze to burned faces was the best they could do.
(August 7, 1945-Photo: Yotsugi Kawahara)

HIROSHIMA & NAGASAKI

Conditions Immediately after the Bombing as Drawn by Survivors

▲ August 6 (Hiroshima) (Picture: Kanemitsu and Chieko Ikeda)

▲ Destroyed Steel Mill (Nagasaki) (Picture: Hiroshi Matsuzoe)

▲ Dead Victims Clustered around a Fire Cistern (Hiroshima) (Picture: Akira Onoki)

▲ Children Crying as their Mother is Taken Away on a Stretcher (Nagasaki) (Picture: Sakae Ikeda)

▲ A Woman Trapped under a Collapsed House and Calling for Help (Hiroshima) (Picture: Shoichi Furukawa)

▲ The Urakami District after the Bombing (Nagasaki) (Picture: Mura Ashizuka)

HIROSHIMA & NAGASAKI

Heat Rays

When the A-bomb exploded, the temperature at the epicenter soared to over one million degrees centigrade. The fireball expanded to 280 m (308 yards) in diameter. The heat rays generated by the fireball brought temperatures on the ground near the hypocenter to 3,000 to 4,000 °C (5,432 to 7,232 °F).

▲ **Shadows of Railings Cast by the Heat Rays** (Hiroshima, 890 m (979 yards) from the hypocenter)
(November 1945-Photo: US Army)

▲ **Human Shadow Etched in Stone**
(Hiroshima, 260 m (286 yards) from the hypocenter)
The heat rays burned the stone steps white. Only the place where a person was sitting remained dark.
(End of 1946-Photo: Yoshito Matsushige)

▲ **Shadow of a Man and Ladder Remain on a Wooden Wall**
(Nagasaki, about 4.4 km (2.6 miles) from the hypocenter) Courtesy: Asahi Shimbun Company

▲ **Charred Remains of a Fence Ignited by the Heat Rays**
(Hiroshima, 2.1 km (1.1 miles) from the hypocenter)
The heat rays caused this crosstie fence along the Sanyo Main Line to burst into flame.
(End of August 1945-Photo: Isao Kita)

HIROSHIMA & NAGASAKI

Blast

The explosion generated super-high air pressure, reaching hundreds of thousands of atmospheres. The surrounding air expanded enormously creating an extremely powerful blast. The leading edge of the blast was a shock wave traveling faster than sound, followed by a powerful wind.

At the hypocenter, the maximum blast pressure was 35 tons per m². The maximum wind velocity was 440 m/sec (about 1,000 mph).

The shock wave and blast crushed all wooden buildings within 2 km (1.2 miles) of the hypocenter. Close to the hypocenter it crushed even ferro-concrete buildings.

▲ **Looking North from the Hypocenter** (Hiroshima)

In the foreground is Shima Hospital, at the hypocenter. To the right is the gate to Gokoku Shrine. (November 1945-Photo: US Army)

▲ **The Aioi Bridge Buckled by the Blast** (Hiroshima, 300 m (328 yards) from the hypocenter)

The Aioi Bridge, located in downtown Hiroshima, is said to have been the target of the bombing. This 30-cm (12-inch) thick concrete sidewalk was blown upward by the intense blast reflecting off the river.

(October 1945-Photo: Toshio Kawamoto)

▲ **Building Directly beneath the Epicenter** (Hiroshima, 210 m (231 yards) from the hypocenter)

This roof, punched in by the blast from directly above, is collecting rainwater. (1945-Photo: US Army)

▲ **Statues of St. Maria and St. John in the Ruins of Urakami Cathedral** (Nagasaki, 500 m (550 yards) from the hypocenter)

The cathedral was totally destroyed. All parishioners there at the time died. (1945-Photo: US Army)

▲ **Shiroyama National Elementary School in Ruins** (Nagasaki, 500 m (550 yards) from the hypocenter)

Because of an air-raid alert, the building was occupied by faculty, pupils, and a number of Mitsubishi Nagasaki Ordnance Factory employees, who were using the school. Nearly all died. (1945-Photo: US Army)

HIROSHIMA & NAGASAKI

Super-High-Temperature Fire

▲ **Burned Corpses Scattered near the Hypocenter** (Nagasaki, 110 m (121 yards) from the hypocenter) The buildings in this area were burned completely to ashes.
(August 10, 1945-Photo: Yosuke Yamahata)

The heat rays emitted by the fireball ignited houses and anything combustible near the hypocenter. Kitchen fires in collapsed houses around the city also spread out of control. Throughout the day, the entire city was engulfed in a sea of flame. The total area reduced to ashes was about 13 km² (8 ml²) in Hiroshima and 6.7 km² (4.2 ml²) in Nagasaki.

Though the total energy of the Nagasaki bomb was greater than that of Hiroshima, more of Hiroshima burned due to topography and the distribution of buildings.

▲ **Ruins of the Nagasaki Medical College Hospital** (Nagasaki, 700 m (770 yards) from the hypocenter) More than 1,000 staff, nursing students, patients, and visitors were in this hospital.
(1945-Photo: US Army)

▲ **Downtown Hiroshima in Flames**

Taken from the Army Ship Training Division Grounds, about 4 km (2.2 miles) south of the hypocenter.
(August 6, 1945-Photo: Gonichi Kimura)

▲ **The Burned Plain** (Hiroshima)

The view from the hypocenter extends unobstructed all the way to Ninoshima Island, about 10 km (5.4 miles) away in Hiroshima Bay.
(October 1945-Photo: US Army)

HIROSHIMA & NAGASAKI

Damage to Human Bodies

Acute Disorders

The symptoms inflicted by the A-bomb are broadly divided into acute disorders and aftereffects. Most acute disorders were caused by complex interactions of heat ray and fire burns, blast contusions and lacerations, and radiation damage.

"Aftereffects" refers to symptoms that manifested after the acute disorders. They are assumed to be caused mainly by radiation.

Burns from Heat Rays and Fire

The intense heat rays from the fireball inflicted normally inconceivable burns. In severe cases, the surface layer of skin was burned crisp and slid off the body, exposing the tissues beneath, sometimes down to the bone. The burns of victims directly exposed within 1.2 km (0.7 miles) of the hypocenter extended into internal tissues and organs. The vast majority of these victims died within a few days.

Nearly every building in the city collapsed, so thousands were trapped inside or under heavy debris. Unable to escape, they were burned alive by the sea of fire.

▲ **A Boy of 16 Exposed while Riding His Bicycle** (Nagasaki, 1.8 km (1.1 miles) from the hypocenter)
This boy survived, but spent an agonizing year and nine months lying face down in bed.
(January 1946-Photo: US Army)

▲ **Man Burned over His Entire Body** (Hiroshima, about 1 km (0.6 miles) from the hypocenter)
His unburned waist was protected by a waistband.
(August 7, 1945-Photo: Masami Onuka)

HIROSHIMA & NAGASAKI

Damage from the Blast

The blast hurled people through the air and crushed them under collapsed buildings. Many found their skin filled with glass fragments from shattered windows.

▲ **Patient with Hundreds of Glass Fragments in His Back** (Nagasaki)
(August 10, 1945-Photo: Masao Shiotsuki)

Damage from Radiation

The A-bomb released massive amounts of radiation, far beyond levels normally found in nature. This radiation is what made the A-bomb qualitatively different from conventional bombs. Victims exposed to radiation suffered serious injury, and even today, radiation damage continues to cause great suffering to many.

The immediate effects of radiation poisoning include the destruction of cells, damage to blood-forming and other organs, weakened immune functions, and loss of hair.

▲ **A Soldier on the Verge of Death** (Hiroshima, exposed 1 km (0.6 miles) from the hypocenter)
Subcutaneous bleeding, stomatitis, and hair loss.
(September 3, 1945-Photo: Gonichi Kimura)

▲ **Body with Eyes Popped Out by the Blast** (Hiroshima, 500 m (550 yards) from the hypocenter)
(August 10, 1945-Photo: Satsuo Nakata)

▲ **A Girl Who Has Lost Her Hair** (Nagasaki)
Suddenly, about two weeks after the bombing, large numbers of survivors began losing their hair. This symptom was prevalent for the following 1 to 2 weeks.
(Late August 1945) Courtesy: Asahi Shimbun Company

HIROSHIMA & NAGASAKI

Aftereffects

Most acute disorders either killed victims or healed in 4 to 5 months. However, the aftereffects, including a distinct increase in leukemia five or six years after the bombing, have continued to cause serious problems. The most common aftereffects include keloids (abnormally thick scar tissue over burns), cataracts, leukemia, as well as thyroid, breast, lung, and other cancers. Some in-utero survivors were born with microcephaly, often accompanied by mental and developmental impairment.

Even today we have much to learn about the full range of effects produced over the years by radioactive substances taken into the body. We do know that survivors continue to suffer from radiation aftereffects.

Years of Cancer Onset

▲ A Man with Skin Cancer on His Right Hip (Hiroshima, exposed 1.2 km (0.8 miles) from the hypocenter)
Courtesy: Hiroshima Red Cross and Atomic-bomb Survivors Hospital

▲ A Woman with Microcephaly and Her Mother (Hiroshima)

The A-bomb radiation had numerous adverse effects on fetuses exposed in their mothers' wombs. Those born with mental or physical impairment have survived thus far through the loving care of their parents. However, as these survivors age and their relatives die, many are unable to live independently. Their care has become a major issue.

(1975) Courtesy: Takaharu Narita

▲ A Man with Keloids on His Face and Neck (Nagasaki, exposed 1 km (0.6 miles) from the hypocenter)
(June 1970-Photo: Nagasaki Chapter of the Japan Realist Photographers)

HIROSHIMA & NAGASAKI

Sadako

A Young Girl's Death

▲ A Few of Sadako's Paper Cranes (May 20, 1997-Photo: Michio Ide)

▲ Children's Peace Monument (August 5, 2005-Photo: Michio Ide)

Sadako Sasaki was two years old at the time of the bombing. She grew up strong and healthy, but ten years later (1955), when she was in the sixth grade in elementary school, she was hospitalized with leukemia.

Sadako believed that folding 1,000 paper cranes would cure her illness. While in the hospital she folded cranes whenever she could, but her hope was in vain. She died after fighting the disease for eight months. Her death reveals the great horror of radiation –its ability to injure and kill many years after exposure.

Sadako's classmates were terribly shocked by her death and the story of her paper cranes, so they started collecting money to build a monument to comfort her soul and the souls of the many children killed by the A-bomb, and to express their hope that there would never be another war. This campaign spread to schools around the nation and around the world. In 1958, the Children's Peace Monument was erected in Hiroshima Peace Memorial Park, depicting a young girl lifting a paper crane high over her head.

Beneath the monument, carved in black granite, are the words, "This is our cry. This is our prayer. For peace in this world." The area around this statue is always full of paper cranes sent by peace-loving people throughout world.

▲ Sadako in the Sixth Grade
Courtesy: Chugoku Shimbun Company

▲Children Collecting Funds to Build the Children's Peace Monument (1956)
Courtesy: Chugoku Shimbun Company

Under the Mushroom Cloud

▲People Who Lived beneath the Epicenter
 Courtesy: Chugoku Shimbun Company

HIROSHIMA & NAGASAKI

Revival from Ruins

Getting Back on their Feet

▲ A Boy Carrying His Injured Brother (August 10, 1945-Photo: Yosuke Yamahata)

▲ Young Girls Hurrying Home with Bags of Rationed Food on Their Shoulders (Nagasaki)
(Early September 1945) Courtesy: Asahi Shimbun Company

The A-bombings were followed by a time of chaos and confusion. Japan's surrender and the Allied Occupation brought tremendous change. Despite dire shortages of food, capi-

tal, and materials of all kinds, the people of Hiroshima and Nagasaki fought off their despair and struggled to rebuild their lives.

▲ Shacks near Nagasaki Station (Nagasaki)
One month after the bombing. These shacks were built with any unburned materials available.
(September 1945-Photo: Torahiko Ogawa)

▲ Shacks near Yokogawa Station (Hiroshima)
The outskirts recovered more quickly than the center of town.
(October 15, 1945-Photo: Shunkichi Kikuchi)

HIROSHIMA & NAGASAKI

Reviving the Cities

▲ **Reconstruction of Aioi Bridge** (Hiroshima)

Workers making temporary repairs on Aioi Bridge. Its railings were blown away and much of the roadway was destroyed. (1949-Photo: Yoshita Kishimoto)

▲ **Building a Temporary Urakami Cathedral** (Nagasaki)

Surviving parishioners set about building a temporary cathedral. (August 1946-Photo: Yasuo Tomishige)

▲ **Replacing Streetcar Track** (Hiroshima)

A burned-out streetcar appears on the left. The A-bomb dealt a devastating blow to Hiroshima's streetcars, but three days later, service was restored to a portion of the line. Section after section was reopened and, though only a limited number of cars were running, operation resumed on all lines by the following October. (October 1945-Photo: Shunkichi Kikuchi)

HIROSHIMA & NAGASAKI

Assistance from Overseas

▲ **Norman Cousins and the Orphans** (Hiroshima)

Norman Cousins, editor-in-chief of the American magazine *Saturday Review*, proposed a Spiritual Adoption Movement. By the end of November 1951, he sent over \$12,000 to 263 children. On March 3, 1964, the city of Hiroshima made him an honorary citizen.
(January 9, 1951) Courtesy: Chugoku Shimbun Company

▲ **One of the Female Survivors Receiving Treatment in the US** (Hiroshima)

Twenty-five young women traveled to the US for treatment of their keloid scars.
(May 1955) Courtesy: Chugoku Shimbun Company

▲ **Orphans at Seibo no Kishi Children's Home** (Nagasaki)

Many children lost their families in the war and were abruptly left to fend for themselves. At Seibo no Kishien, these war orphans were warmly welcomed and cared for.
(May 1947) Courtesy: Seibo no Kishi, a friary of the Franciscan Friars

▲ **Children's Library** (Hiroshima)

This library was built with money sent from the Hiroshima Prefecture Association of California. It was later rebuilt but remains the Municipal Children's Library.
Courtesy: Chugoku Shimbun Company

HIROSHIMA & NAGASAKI

Recovery

▲ The City Seen from Hijiya Hill (Hiroshima)

The wide street stretching straight off into the distance is Peace Boulevard, then under construction. (April 1957-Photo: Yoshitaka Nakatani)

▲ South of the Hypocenter, Nine Years after the Bombing (Nagasaki)

This photo was taken from the International Culture Hall, then under construction (now the site of the Nagasaki Atomic Bomb Museum). In accordance with the Nagasaki International Culture City Construction Project, the area was laid out on a grid for redevelopment. (August 1954) Courtesy: Nagasaki Shimbun Company

HIROSHIMA & NAGASAKI

Hiroshima and Nagasaki Today

▲ **Hiroshima Today** (April 18, 1996-Photo: Michio Ide)

Hiroshima

Having learned much from its historic tragedy, Hiroshima is striving to offer hope and courage to struggling people around the world.

▲ **Peace Memorial Ceremony** (Hiroshima)
(Held annually on August 6-Photo: Michio Ide)

Nagasaki

Nagasaki is deepening its interaction with people around the world and utilizing the energy generated by diversity and exchange to advance the cause of peace.

▲ **Nagasaki Peace Ceremony** (Nagasaki)
(Held annually on August 9) Courtesy: The City of Nagasaki

▲ **Nagasaki Today** (July 1997) Courtesy: The City of Nagasaki

HIROSHIMA & NAGASAKI

Nuclear Weapons Now

Nuclear Warheads Possessed by the Nuclear Powers

Most experts believe that Israel is a nuclear weapon state, though the Israeli government has never admitted possessing nuclear weapons. North Korea reported a nuclear test on October 9, 2006.

Nuclear Testing

The nuclear arms race escalated rapidly during the East-West Cold War that followed World War II. One by one, the USSR, England, France, and China conducted nuclear tests and joined the US as nuclear powers. In May 1998, India conducted its first test in 24 years, and Pakistan conducted its first ever.

More than 2,000 nuclear tests have been conducted to date.

▲ 17-year-old Girl Born and Raised Near the Semipalatinsk Nuclear Test Site in the Former Soviet Union
(1994-Photo: Yuri Ivanovich Kuidin)

The Hidden Cost of Nuclear Testing and Development
Radiation poisoning derived from the process of developing, manufacturing, testing, and deploying nuclear weapons has resulted in death for many innocent people around the world, and many more still suffer the aftereffects. Furthermore, it will take far more time and money to decontaminate nuclear test sites and factories, deal with the vast amount of existing fissionable material, and store, dismantle and dispose of radioactive waste than was spent in developing the weapons. Controlling the waste, which will remain dangerously radioactive for tens of thousands of years, presents serious hazards of radiation leakage due to container corrosion and explosion.

Nuclear Deterrence Theory

The idea of nuclear deterrence is simple. "If I threaten my enemy with powerful weapons, I can keep him from attacking me." This idea requires that participating nations always have nuclear weapons powerful enough to destroy their opponent. Thus, for about 40 years after World War II, or until about 1985, the Soviet Union and the US led East and West camps in an ever-escalating nuclear arms race. During this race, they accumulated enough nuclear power to destroy each other many times over, and simultaneously created the potential for an all-out nuclear war that could annihilate the entire human race.

The international community has subsequently poured considerable energy into nuclear disarmament, but the nuclear powers still cling to their nuclear arsenals.

▲ After the Nuclear Test in the Desert in the Western State of Rajasthan, India
(May 11, 1998) Courtesy: Reuters Sun

▲ Drums Filled with Radioactive Waste Left Exposed to the Elements
(January 1994-Photo: US Dept. of Energy)

▲ Land Contaminated by Radioactive Waste Stored in Underground Tanks
(January 1994-Photo: US Dept. of Energy)

HIROSHIMA & NAGASAKI

Toward a Peaceful World Free From Nuclear Weapons

Expanding Nuclear-Free Zones

Nuclear-free zones are created through formal promises that countries within defined areas will never manufacture, test, acquire, or possess nuclear weapons. These treaties thus reduce the threat of nuclear war and ease international tensions.

Declaring a nuclear-free zone does not immediately solve the problem, but the spread of such zones reinforces the framework for preventing unclear proliferation. They are an effective means of moving the world toward nuclear abolition.

▲ Peace Parade to Protest Nuclear Testing

In September 1995, a meeting to protest and halt the resumption of nuclear testing by France in the South Pacific was held on the Island of Tahiti, French Polynesia. Legislators from many countries around the world attended the meeting, and local citizens held this parade.

(September 2, 1995) Courtesy: Kyodo News Service

▲ Protest Demonstration against Nuclear Testing

Held in Semipalatinsk in the Soviet Union in 1989, this was the first demonstration against testing at the Semipalatinsk test site. That test site was closed in 1991.

(1989-Photo: Yuri Ivanovich Kuidin)

Efforts by Citizens

The abolition of nuclear weapons cannot be left to nations alone. International public opinion must be formed to lead national policies toward disarmament. Individuals must be committed to peace and determined to build a society free from nuclear weapons. People engaged in a wide variety of related activities must strengthen their solidarity and work together with others around the world. The efficacy of such cooperation was amply demonstrated by the vital role played by non-governmental organizations (NGOs) in establishing the International Treaty Banning Anti-personnel Landmines and in promoting the World Court Project. The latter led to the advisory opinion from the International Court of Justice that says "...the threat or use of nuclear weapons would generally be contrary to the rules of international law." Only the collective power of an inspired populace can move nations, move the United Nations, and lead to a peaceful world free from nuclear weapons.

HIROSHIMA & NAGASAKI

20th Century - Negative Heritage

▲ After the World's First Nuclear Test

Dr. Oppenheimer (center, wearing a hat) examines the remains of a 30-m (33-yard) steel tower.
(1945) Courtesy: PPS

At 05:29:45 on July 16, 1945, a blinding flash and an incredible wave of heat scorched the desert near Alamogordo, New Mexico. This was the first atomic explosion in human history.

Most of those involved in this test felt tremendous relief and shouted for joy. But already some feared that the success of this test would cover the Earth with a dark cloud. J. Robert Oppenheimer, who led the scientific effort that culminated in this test, reportedly quoted a line from a sacred Hindu sutra. "I am become Death. Destroyer of Worlds." Today, we still have tens of thousands of nuclear weapons, most of which are incomparably more powerful than this first little atomic bomb.

The 20th century was one of amazing scientific and technological progress, but it was also a "century of war." We must make the 21st a "century of peace."

▲ A Petition from Scientists Opposed to Using the Atomic Bomb

Courtesy: National Archives

HIROSHIMA & NAGASAKI

Material Witnesses

Shigeru's Lunch Box

Shigeru Orimen (then 13) was a first-year student at Second Hiroshima Prefectural Junior High School. Every day, he and his classmates were mobilized to clear away demolished buildings. On August 6 he left home in a hurry as usual, carrying the lunch his mother had made. It was a simple lunch, but one she had gone to great effort and expense to make.

Shigeru's worksite was 500 m (550 yards) from the hypocenter. After the bombing, his mother walked around the destroyed city searching for him. Early in the morning of August 9, on the bank of the Honkawa River, she found Shigeru's body doubled up, clutching this lunch box to his stomach. The lunch he never ate was burned black.

▲ Lunch Box Courtesy: The City of Hiroshima

▲ Melted Rosary Courtesy: The City of Nagasaki

Mother's Rosary

On the morning of August 9, Misaki Ide's mother went to work at the home of a relative who lived near the Urakami Cathedral, about 600 m (660 yards) from the hypocenter.

After the bombing, Misaki headed for that relative's house to search for his mother. He found her dead at the cathedral. He found his mother's rosary at the relative's house. The glass beads had melted like taffy. Misaki kept this rosary for forty years in memory of his mother, then donated it to the Nagasaki Atomic Bomb Museum.

Shinichi's Tricycle

Shinichi (then 3 years and 11 months) loved to ride his tricycle. On August 6, he was riding in front of his house 1.5 km (0.8 miles) from the hypocenter. When the A-bomb exploded, both Shinichi and his tricycle were badly burned. He died that evening.

His father felt that laying a 3-year-old alone in a distant grave was too painful, so he buried Shinichi with his tricycle in the backyard.

Forty years later, his father dug up Shinichi's remains and transferred them to the family grave. He donated this tricycle, Shinichi's favorite playmate, to the Peace Memorial Museum.

▲ Tricycle Courtesy: The City of Hiroshima

Witnesses to History Conveying the Tragedy

▲ A-bomb Dome (Hiroshima) (January 1995-Photo: Michio Ide)

▲ One-legged Torii Gate of Sanno Shinto Shrine (Nagasaki) (October 19, 1995-Photo: Michio Ide)

HIROSHIMA & NAGASAKI

ANEXO A

O quadro abaixo, organizado por ordem cronológica, apresenta a relação das notícias selecionadas para este estudo. Além da indicação da data da publicação, são informados o tipo do texto, um breve resumo do seu teor, e o tema a que se referem. O código apresentado resume as informações sobre o tipo do texto e seu tema segundo a classificação proposta.

	DATA	TIPO	TEOR	TEMA	CÓDIGO
1	07 de julho de 2003	Artigo	Trata do caso Rosenberg, casal de físicos a serviço do governo americano acusados de espionagem.	Desenvolvimento das armas atômicas. Envolvimento de cientistas.	ATG/DB/ECT
2	24 de julho de 2003	Reportagem	Descreve brevemente a reportagem do jornalista John Hersey a respeito do bombardeio de Hiroshima publicada em 1946 pela revista New Yorker.	Bombardeio de Hiroshima e Nagasaki.	RPG/BHN/MMR
3	17 de agosto de 2003	Artigo	Reflexão de Tzvetan Todorov a respeito da memória relacionada aos bombardeios de Hiroshima e Nagasaki.	Bombardeio de Hiroshima e Nagasaki.	ATG/BHN/MMR
4	30 de agosto de 2003	Reportagem	Informação sobre a realização de reunião de cúpula para tratar do programa nuclear norte-coreano.	Armas nucleares nos dias atuais. Coreia do Norte	R P G / A N D / PGRN
5	11 de setembro de 2003	Reportagem	Informa sobre a morte do físico Edward Teller, defensor das armas nucleares.	Desenvolvimento das armas atômicas. Envolvimento de cientistas.	RPG/DB/ECT
6	11 de setembro de 2003	Artigo	Pequena biografia do físico Edward Teller, defensor das armas nucleares.	Desenvolvimento das armas atômicas. Envolvimento de cientistas.	ATG/DB/ECT
7	13 de setembro de 2003	Reportagem	Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) estipula prazo para que Irã que não mantém um programa nuclear sigiloso para fins militares	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
8	05 de outubro de 2003	Artigo	Trata da fuga de cientistas da Alemanha nazista.	Desenvolvimento das armas atômicas. Envolvimento de cientistas.	ATG/DB/ECT
9	10 de novembro de 2003	Reportagem	Informa que o Irã pretende suspender seu programa nuclear.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
10	21 de novembro de 2003	Reportagem	Retirada do banco de dados do jornal, informa que Canadá, EUA e Inglaterra começaram a trocar informações sobre os efeitos das explosões atômicas e sobre as experiências com bombas atômicas	Armas nucleares nos dias atuais. Testes nucleares.	RPG/AND/TNCL
11	06 de dezembro de 2003	Reportagem	Informa que o Reino Unido admitiu ter trazido armas nucleares em alguns dos navios que participaram da Guerra das Malvinas, em 1982.	Armas nucleares nos dias atuais. Reino Unido.	RPG/AND/GFR

	DATA	TIPO	TEOR	TEMA	CÓDIGO
12	06 de dezembro de 2003	Artigo	Analisa a revelação de que o Reino Unido enviou armas nucleares para as Malvinas	Armas nucleares nos dias atuais. Reino Unido.	ATG/AND/GFR
13	24 de janeiro de 2004	Reportagem	Informa que a Líbia entregou desenhos de armas nucleares à AIEA.	Armas nucleares nos dias atuais. Líbia.	R P G / A N D / PGRN
14	03 de fevereiro de 2004	Reportagem	Cientista nuclear paquistanês que desenvolveu bomba atômica admite venda de segredos para o Irã	Desenvolvimento das armas atômicas.	RPG/DB/ECT
15	05 de fevereiro de 2004	Reportagem	Matéria sobre cientista nuclear paquistanês, que teria repassado segredos nucleares à Coreia do Norte, ao Irã e à Líbia sem conhecimento do governo do seu país.	Desenvolvimento das armas atômicas.	RPG/DB/ECT
16	06 de fevereiro de 2004	Reportagem	Informa que ditador do Paquistão “perdoou” cientista que vazou segredo nuclear	Desenvolvimento das armas atômicas.	RPG/DB/ECT
17	13 de fevereiro de 2004	Reportagem	Informa que a AIEA encontrou desenhos nucleares no Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
18	31 de março de 2004	Reportagem	Retirada do banco de dados do jornal, informa que os EUA defendem as armas nucleares.	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos.	RPG/AND/GFR
19	24 de maio de 2004	Reportagem	Informa que, segundo o jornal The New York Times, a Coreia do Norte teria vendido urânio à Líbia	Armas nucleares nos dias atuais. Coreia do Norte. Líbia.	R P G / A N D / PGRN
20	02 de junho de 2004	Reportagem	Trata da possível venda de urânio do Brasil para a China.	Armas nucleares nos dias atuais. Brasil. China.	R P G / A N D / PGRN
21	29 de julho de 2004	Artigo	Texto destinado a vestibulandos a respeito da energia nuclear.	Desenvolvimento das armas atômicas.	ATG/DB/SGM
22	03 de setembro de 2004	Reportagem	Informa que a Coreia do Sul afirmou ter urânio para bomba atômica	Armas nucleares nos dias atuais.	R P G / A N D / PGRN
23	20 de outubro de 2004	Editorial	Trata do programa nuclear brasileiro e de possíveis inspeções por parte da AIEA.	Armas nucleares nos dias atuais. Brasil.	EDT/AND/PGRN
24	23 de outubro de 2004	Reportagem	Repercutiu artigo publicado na Revista Science pedindo uma inspeção cuidadosa da AIEA em Resende	Armas nucleares nos dias atuais. Brasil.	R P G / A N D / PGRN
25	15 de novembro de 2004	Reportagem	Informa que Irã abandonou enriquecimento de urânio	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
26	03 de dezembro de 2004	Reportagem	Informa que a AIEA quer poder para investigar Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN

	DATA	TIPO	TEOR	TEMA	CÓDIGO
27	18 de janeiro de 2005	Entrevista	Entrevista com Mordechai Vanunu, dissidente israelense que denunciou o programa nuclear do seu país.	Armas nucleares nos dias atuais. Israel.	ETR/AND/PGRN
28	11 de fevereiro de 2005	Editorial	Trata do programa nuclear da Coreia do Norte.	Armas nucleares nos dias atuais. Coreia do Norte.	EDT/AND/PGRN
29	12 de março de 2005	Reportagem	Informa sobre a proposta de recompensas econômicas oferecidas pelos EUA ao Irã caso este país suspenda seu programa nuclear para fins militares	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Irã.	R P G / A N D / PGRN
30	16 de março de 2005	Editorial	Aborda as negociações entre EUA e Irã a respeito do programa nuclear deste último.	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Irã.	EDT/AND/PGRN
31	31 de março de 2005	Reportagem	Informa que o Irã pretende retomar o enriquecimento de urânio.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
32	18 de abril de 2005	Artigo	Pequena biografia de Albert Einstein. Menciona seu envolvimento com o Projeto Manhattan e, posteriormente, seu envolvimento com instituições contrárias ao emprego de armas nucleares.	Desenvolvimento das armas atômicas. Envolvimento dos cientistas.	ATG/DB/ECT
33	04 de maio de 2005	Editorial	Aborda o Tratado de Não-Proliferação Nuclear.	Armas nucleares nos dias atuais. Tratados internacionais.	EDT/AND/TINT
34	07 de maio de 2005	Reportagem	Informa que os EUA teriam identificado preparativos de testes nucleares por parte da Coreia do Norte.	Armas nucleares nos dias atuais. Coreia do Norte.	RPG/AND/TNCL
35	02 de junho de 2005	Reportagem	Trata da descoberta, em um arquivo particular, do único diagrama até hoje conhecido de um projeto de bomba atômica alemã	Desenvolvimento das armas atômicas. Alemanha nazista.	RPG/DB/NZT
36	26 de junho de 2005	Reportagem	Informa sobre a possibilidade de a Coreia do Norte possuir a bomba atômica.	Armas nucleares nos dias atuais. Coreia do Norte.	R P G / A N D / PGRN
37	03 de agosto de 2005	Reportagem	Reproduz informação do jornal norte-americano The Washington Post no sentido de que o Irã estaria a dez anos de produzir a bomba atômica.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN

	DATA	TIPO	TEOR	TEMA	CÓDIGO
38	05 de agosto de 2005	Reportagem	Informa sobre a realização de exposição no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo com 86 reproduções de desenhos e relatos de sobreviventes da bomba atômica	Bombardeio de Hiroshima e Nagasaki.	RPG/BHN/MMR
39	05 de agosto de 2005	Entrevista	Depoimento de uma artista plástica japonesa nascida em Hiroshima dois anos após o bombardeio e que mudou-se para o Brasil.	Bombardeio de Hiroshima e Nagasaki.	ETR/BHN/MMR
40	06 de agosto de 2005	Reportagem	Informa que, segundo pesquisa feita nos EUA, 57% aprovam o uso das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, enquanto 38% desaprovam. Trata ainda das celebrações realizadas no Parque Memorial da Paz de Hiroshima.	Bombardeio de Hiroshima e Nagasaki.	RPG/BHN/MMR
41	06 de agosto de 2005	Reportagem	Informa sobre a possibilidade de os EUA aceitarem o programa nuclear do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã. Estados Unidos.	R P G / A N D / PGRN
42	07 de agosto de 2005	Artigo	Defende a abolição das armas nucleares.	Armas nucleares nos dias atuais.	ATG/AND/RDPL
43	07 de agosto de 2005	Artigo	Aborda a discussão a respeito da necessidade do emprego das bombas atômicas contra Hiroshima e Nagasaki.	Bombardeio de Hiroshima e Nagasaki.	ATG/BHN/ATQ
44	07 de agosto de 2005	Artigo	Trata do lançamento de bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki e de bombardeios convencionais contra cidades europeias e asiáticas ao longo da Segunda Guerra Mundial.	Bombardeio de Hiroshima e Nagasaki.	ATG/BHN/MMR
45	09 de agosto de 2005	Reportagem	Informa que o Irã retomou o seu programa nuclear.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
46	10 de agosto de 2005	Reportagem	O prefeito de Nagasaki aproveitou a cerimônia do 60º aniversário do bombardeio da cidade para criticar a política nuclear do governo dos Estados Unidos.	Bombardeio de Hiroshima e Nagasaki. Armas nucleares nos dias atuais.	RPG/BHN/MMR
47	10 de agosto de 2005	Reportagem	Informa que o presidente do Irã tem intenção de negociar os termos do programa nuclear do seu país.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN

	DATA	TIPO	TEOR	TEMA	CÓDIGO
48	02 de setembro de 2005	Reportagem	Informa sobre a morte de Joseph Rotblat, que integrou e depois veio a abandonar o Projeto Manhattan.	Desenvolvimento das armas atômicas. Envolvimento dos cientistas.	RPG/DB/ECT
49	23 de setembro de 2005	Reportagem	Informa que a Coreia do Norte dispensou a ajuda humanitária da ONU.	Armas nucleares nos dias atuais. Coreia do Norte.	R P G / A N D / PGRN
50	25 de setembro de 2005	Reportagem	Informa que a AIEA aprovou ontem uma resolução que condena as atividades nucleares do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
51	08 de outubro de 2005	Reportagem	Informa que a AIEA recebeu o Prêmio Nobel da Paz.	Armas nucleares nos dias atuais.	RPG/AND/RDPL
52	15 de outubro de 2005	Reportagem	Trata de declarações do Embaixador dos EUA na ONU sobre o programa nuclear iraniano.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
53	19 de novembro de 2005	Reportagem	Informa que o Irã entregou à AIEA documentos com instruções parciais para a construção do núcleo de uma bomba atômica	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
54	26 de novembro de 2005	Artigo	Discute questões relacionadas ao programa nuclear iraniano.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ATG/AND/RDPL
55	11 de dezembro de 2005	Reportagem	Informa sobre declarações do presidente da AIEA na cerimônia de entrega do Prêmio Nobel da Paz.	Armas nucleares nos dias atuais.	RPG/AND/RDPL
56	07 de janeiro de 2006	Reportagem	Trata de livro sobre as ações da CIA no que se refere ao programa nuclear do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
57	11 de janeiro de 2006	Reportagem	Trata da retomada do enriquecimento de urânio pelo Irã e de possíveis retaliações pelos EUA.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã. Estados Unidos.	R P G / A N D / PGRN
58	12 de janeiro de 2006	Artigo	Publicado pelo jornal Financial Times, analisa o programa nuclear do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ATG/AND/PGRN
59	12 de janeiro de 2006	Reportagem	Trata de possíveis retaliações ao Ira por parte do Reino Unido e outros países integrantes do Conselho de Segurança da ONU em razão do programa nuclear iraniano.	Armas nucleares nos dias atuais. Reino Unido. Irã.	RPG/AND/RDPL
60	13 de janeiro de 2006	Reportagem	Trata da possibilidade de negociações entre Irã e Alemanha, Reino Unido e França a respeito do programa nuclear do primeiro.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã. Alemanha. Reino Unido. França.	R P G / A N D / PGRN

	DATA	TIPO	TEOR	TEMA	CÓDIGO
61	14 de janeiro de 2006	Reportagem	Trata da possibilidade de bloqueio das inspeções da ONU por parte do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
62	14 de janeiro de 2006	Artigo	Publicado pelo jornal Independent, analisa o programa nuclear do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ATG/AND/PGRN
63	15 de janeiro de 2006	Entrevista	Presidente do Irã Mahmoud Ahmadinejad trata do programa nuclear do seu país.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ETR/AND/PGRN
64	27 de janeiro de 2006	Reportagem	Trata de negociações entre o Irã e governos ocidentais sobre energia nuclear	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
65	01 de fevereiro de 2006	Artigo	Analisa o programa nuclear do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ATG/AND/PGRN
66	02 de fevereiro de 2006	Artigo	Publicado pelo jornal The New York Times, analisa o programa nuclear do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ATG/AND/PGRN
67	02 de fevereiro de 2006	Reportagem	Trata do programa nuclear do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
68	09 de fevereiro de 2006	Reportagem	Decisão da justiça japonesa concedeu indenização a três vítimas da bomba de Hiroshima que vivem no Brasil.	Bombardeio de Hiroshima e Nagasaki.	RPG/BHN/VTM
69	12 de fevereiro de 2006	Artigo	Analisa o programa nuclear do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ATG/AND/PGRN
70	14 de fevereiro de 2006	Reportagem	Trata do anúncio por parte do Irã de que retomou o processo de enriquecimento de urânio.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
71	02 de março de 2006	Reportagem	Informa sobre negociações relacionadas ao programa nuclear do Irã	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
72	03 de março de 2006	Reportagem	Trata da assinatura de um pacto de cooperação nuclear entre Índia e Estados Unidos.	Armas nucleares nos dias atuais. Índia. Estados Unidos.	R P G / A N D / PGRN
73	05 de março de 2006	Reportagem	Trata da vista do presidente norte-americano George W. Bush ao Paquistão.	Armas nucleares nos dias atuais. Paquistão. Estados Unidos.	R P G / A N D / PGRN
74	06 de março de 2006	Artigo	Publicado pelo jornal The New York Times, analisa o programa nuclear do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ATG/AND/PGRN
75	10 de março de 2006	Reportagem	Trata do programa nuclear do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
76	03 de abril de 2006	Reportagem	Trata de possível ataque militar liderado pelos EUA contra o Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN

	DATA	TIPO	TEOR	TEMA	CÓDIGO
77	09 de abril de 2006	Reportagem	Repercute artigo publicado na Revista New Yorker a respeito do programa nuclear iraniano.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
78	14 de abril de 2006	Reportagem	Repercute reportagem do jornal The New York Times a respeito da possibilidade de o Irã dispor de uma bomba atômica.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
79	18 de abril de 2006	Reportagem	Traz declarações do presidente iraniano sobre o enriquecimento de urânio em seu país.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
80	29 de abril de 2006	Reportagem	Trata do programa nuclear do Irã e de possíveis sanções por parte da ONU.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
81	29 de abril de 2006	Artigo	Publicado pelo jornal Le Monde, analisa a história o programa nuclear do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ATG/AND/PGRN
82	01 de maio de 2006	Artigo	Publicado pelo jornal The New York Times, analisa o programa nuclear do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ATG/AND/PGRN
83	02 de maio de 2006	Reportagem	Trata do programa nuclear do Irã e de possíveis sanções da ONU.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
84	06 de maio de 2006	Reportagem	Trata do programa nuclear do Irã e de possíveis sanções da ONU.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
85	08 de maio de 2006	Reportagem	Informa que o Irã estuda retirar-se do Tratado de Não-Proliferação Nuclear.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã. Tratados internacionais.	RPG/AND/TINT
86	22 de maio de 2006	Reportagem	Retirada do banco de dados do jornal, informa que há 50 anos os EUA realizaram um teste com uma bomba de hidrogênio no atol de Biquíni.	Armas nucleares nos dias atuais. Testes nucleares. Estados Unidos.	RPG/AND/TNCL
87	17 de junho de 2006	Reportagem	Informa sobre negociações diplomáticas em torno do programa nuclear iraniano.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
88	01 de julho de 2006	Reportagem	Informa sobre documentos britânicos revelando que EUA e Reino Unido discutiram, em 1961, a possibilidade de usar armas nucleares contra a China caso o país comunista tentasse invadir Hong Kong	Armas nucleares nos dias atuais. Guerra Fria.	RPG/AND/GFR
89	09 de julho de 2006	Entrevista	Entrevista com o cientista político Frédéric Tellier programa nuclear iraniano.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ETR/AND/PGRN

	DATA	TIPO	TEOR	TEMA	CÓDIGO
90	21 de agosto de 2006	Reportagem	Informa sobre declaração do governo do Irã de que não suspenderá seu programa nuclear.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
91	18 de setembro de 2006	Reportagem	Informa sobre a visita do presidente do Irã à Venezuela.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	RPG/AND/RDPL
92	04 de outubro de 2006	Reportagem	Informa sobre a declaração da Coreia do Norte de que testaria em breve sua primeira bomba atômica	Armas nucleares nos dias atuais. Testes nucleares. Coreia do Norte.	RPG/AND/TNCL
93	02 de novembro de 2006	Reportagem	Informa sobre comunicado da Coreia do Norte em que diz esperar que o governo americano descongele seus depósitos bancários	Armas nucleares nos dias atuais. Coreia do Norte. Estados Unidos.	RPG/AND/RDPL
94	04 de novembro de 2006	Reportagem	Informa sobre site dos EUA sobre o Iraque que exporia segredos nucleares	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Iraque.	R P G / A N D / PGRN
95	10 de dezembro de 2006	Reportagem	Trata de um sobrevivente da bomba atômica de Nagasaki que vive na Grande São Paulo	Bombardeio de Hiroshima e Nagasaki.	RPG/BHN/VTM
96	14 de janeiro de 2007	Artigo	Publicado na revista Foreign Affairs, trata da política externa americana.	Armas nucleares nos dias atuais.	ATG/AND/RDPL
97	02 de fevereiro de 2007	Reportagem	Trata de declarações de presidente francês sobre a bomba atômica	Armas nucleares nos dias atuais.	RPG/AND/RDPL
98	08 de fevereiro de 2007	Reportagem	Trata de decisão da justiça japonesa de conceder indenizações a três vítimas da bomba atômica de Hiroshima que vivem no Brasil.	Bombardeio de Hiroshima e Nagasaki.	RPG/BHN/VTM
99	07 de março de 2007	Reportagem	Informa sobre ações de espionagem por parte dos EUA relacionadas ao Iraque.	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Iraque.	R P G / A N D / PGRN
100	15 de março de 2007	Reportagem	Informa que EUA começam a suspender sanções à Coreia do Norte.	Armas nucleares nos dias atuais. Coreia do Norte. Estados Unidos.	R P G / A N D / PGRN
101	07 de abril de 2007	Reportagem	Afirma que presidente do Irã anunciará avanço nuclear.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
102	15 de maio de 2007	Reportagem	Informa que inspetores da AIEA teriam constatado que o Irã começou a enriquecer urânio em uma escala consideravelmente maior do que a que vinha mantendo até então.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN

	DATA	TIPO	TEOR	TEMA	CÓDIGO
103	17 de junho de 2007	Reportagem	Informa que Coreia do Norte convida AIEA a inspecionar suas instalações.	Armas nucleares nos dias atuais. Coreia do Norte.	R P G / A N D / PGRN
104	01 de julho de 2007	Reportagem	Informa que EUA restringiram acordo nuclear brasileiro com a Alemanha.	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Brasil. Alemanha.	R P G / A N D / PGRN
105	12 de julho de 2007	Reportagem	Retirada do banco de dados do jornal, trata da declaração do presidente Dwight Eisenhower sobre os esforços dos EUA em construir bombas nucleares "limpas".	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Guerra Fria.	RPG/AND/GFR
106	06 de agosto de 2007	Reportagem	Trata de declarações do presidente do Afeganistão, Hamid Karzai, sobre o Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Afeganistão. Irã.	RPG/AND/RDPL
107	03 de setembro de 2007	Reportagem	Informa que o Irã anunciou expansão nuclear.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
108	03 de setembro de 2007	Reportagem	Informa que a Coreia do Norte aceita suspender seu programa nuclear.	Armas nucleares nos dias atuais. Coreia do Norte.	R P G / A N D / PGRN
109	21 de setembro de 2007	Reportagem	Trata de declarações do presidente francês Nicolas Sarkozy no sentido de ser inaceitável a intenção do Irã de produzir a bomba atômica.	Armas nucleares nos dias atuais. França. Irã.	R P G / A N D / PGRN
110	10 de outubro de 2007	Reportagem	Trata da divergência entre França e Rússia sobre o Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. França. Rússia. Irã.	R P G / A N D / PGRN
111	23 de outubro de 2007	Entrevista	Entrevista com Mohamed El Baradei, Diretor da AIEA, sobre a avaliação do órgão sobre o programa nuclear do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ETR/AND/PGRN
112	02 de novembro de 2007	Reportagem	Informa sobre a morte de Paul Tibbetts Jr., comandante e piloto do bombardeiro que lançou a bomba atômica contra Hiroshima	Bombardeio de Hiroshima e Nagasaki.	RPG/BHN/MMR
113	04 de dezembro de 2007	Reportagem	Informa que, segundo serviços de inteligência americanos, o Irã interrompeu seu programa para a produção da bomba atômica no segundo semestre de 2003.	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Irã.	R P G / A N D / PGRN
114	05 de dezembro de 2007	Reportagem	Informa que o relatório americano sobre Irã gera confusão mundial.	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Irã.	R P G / A N D / PGRN

	DATA	TIPO	TEOR	TEMA	CÓDIGO
115	06 de dezembro de 2007	Reportagem	Traz declarações de Mohamed El Baradei, Diretor da AIEA, sobre relatório americano a respeito do programa nuclear do Irã	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Irã.	R P G / A N D / PGRN
116	25 de dezembro de 2007	Reportagem	Informa que Irã prepara licitações para construir 19 usinas atômicas	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
117	04 de janeiro de 2008	Reportagem	Traz declarações do líder supremo do Irã, aiatolá Ali Khamenei, a respeito da possibilidade de retomada de relações diplomáticas com os EUA.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	RPG/AND/RDPL
118	23 de fevereiro de 2008	Reportagem	Informa que Brasil e Argentina assinam pacto para enriquecer urânio.	Armas nucleares nos dias atuais. Brasil. Argentina.	R P G / A N D / PGRN
119	04 de março de 2008	Reportagem	Informa que o Conselho de Segurança da ONU aprovou novo pacote de sanções contra o Irã	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
120	26 de abril de 2008	Reportagem	Trata do programa nuclear da Síria.	Armas nucleares nos dias atuais. Síria.	R P G / A N D / PGRN
121	11 de junho de 2008	Reportagem	Trata de críticas feitas pelo presidente americano George W. Bush ao Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Irã.	RPG/AND/RDPL
122	10 de julho de 2008	Reportagem	Informa sobre a realização de testes de mísseis por parte do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Testes nucleares. Irã.	RPG/AND/TNCL
123	11 de julho de 2008	Reportagem	Informa sobre a realização de testes de mísseis por parte do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Testes nucleares. Irã.	RPG/AND/TNCL
124	02 de agosto de 2008	Reportagem	Informa que a AIEA aprovou o acordo por meio do qual os Estados Unidos fornecerão à Índia urânio enriquecido e tecnologia nuclear	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Índia.	R P G / A N D / PGRN
125	24 de agosto de 2008	Entrevista	Entrevista com Hooman Majd a respeito do programa nuclear iraniano.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ETR/AND/PGRN
126	07 de setembro de 2008	Reportagem	Informa sobre a aprovação pelo Grupo de Provedores Nucleares do acordo nuclear firmado entre EUA e Índia.	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Índia.	R P G / A N D / PGRN
127	02 de outubro de 2008	Reportagem	Informa que o Senado dos EUA aprovou acordo nuclear com a Índia.	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Índia.	R P G / A N D / PGRN

	DATA	TIPO	TEOR	TEMA	CÓDIGO
128	29 de dezembro de 2008	Reportagem	Publicada pelo jornal The New York Times, apresenta livros que tratam da era nuclear.	Armas nucleares nos dias atuais.	R P G / A N D / PGRN
129	09 de janeiro de 2009	Reportagem	Informa que EUA cobram que Brasil aceite maior fiscalização de seu programa nuclear	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Brasil.	R P G / A N D / PGRN
130	03 de fevereiro de 2009	Reportagem	Informa sobre acordo entre a AIEA e a Índia para realização de inspeções nas instalações nucleares do país.	Armas nucleares nos dias atuais. Índia.	R P G / A N D / PGRN
131	05 de fevereiro de 2009	Reportagem	Informa que EUA e Rússia pretendem reduzir em 80% os respectivos arsenais nucleares.	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Rússia.	R P G / A N D / PGRN
132	09 de fevereiro de 2009	Editorial	Trata das relações diplomáticas entre EUA e Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Irã.	EDT/AND/RDPL
133	11 de março de 2009	Reportagem	Traz declarações do diretor nacional de Inteligência dos EUA no sentido de que o Irã não dispõe do urânio necessário para fabricar uma bomba atômica.	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Irã.	R P G / A N D / PGRN
134	09 de abril de 2009	Reportagem	Informa que os EUA aderiram a diálogo nuclear com Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Irã.	R P G / A N D / PGRN
135	18 de abril de 2009	Entrevista	Entrevista com François Géré, diretor do Instituto Francês de Análise Estratégica, sobre a situação das armas nucleares no mundo.	Armas nucleares nos dias atuais.	ETR/AND/PGRN
136	27 de maio de 2009	Artigo	Avalia a possibilidade dos EUA enfrentarem uma “crise nuclear”	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos.	ATG/AND/RDPL
137	18 de junho de 2009	Reportagem	Traz declarações do diretor da AIEA sobre o programa nuclear iraniano.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
138	04 de julho de 2009	Reportagem	Traz declarações de Yukiya Amano, do novo diretor da AIEA, sobre o programa nuclear iraniano.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
139	02 de setembro de 2009	Reportagem	Informa sobre declaração do governo do Irã de ter plano para novo diálogo nuclear	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
140	12 de setembro de 2009	Reportagem	Informa que potências aceitaram debater a nova proposta nuclear do Irã	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN

	DATA	TIPO	TEOR	TEMA	CÓDIGO
141	02 de outubro de 2009	Reportagem	Informa que potências e Irã sinalizam distensão nuclear	Armas nucleares nos dias atuais. Irã. EUA. França. Reino Unido. China. Rússia. Alemanha	R P G / A N D / PGRN
142	04 de novembro de 2009	Reportagem	Informa que Coreia do Norte diz ter elevado estoque nuclear	Armas nucleares nos dias atuais. Coreia do Norte.	R P G / A N D / PGRN
143	08 de novembro de 2009	Reportagem	Informa que o Irã sinaliza uma rejeição total ao plano da AIEA	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
144	17 de dezembro de 2009	Reportagem	Informa que Irã aprimora míssil capaz de atingir Israel.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã. Israel.	R P G / A N D / PGRN
145	20 de dezembro de 2009	Entrevista	Entrevista com Hooman Majd, intelectual iraniano radicado nos EUA, sobre o regime político do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ETR/AND/PGRN
146	13 de janeiro de 2010	Reportagem	Informa sobre a morte do físico iraniano Masoud Ali Mohammadi, alvo de especulações por sua suposta participação no programa nuclear do Irã.	Desenvolvimento das armas atômicas. Envolvimento de cientistas.	RPG/DB/ECT
147	03 de fevereiro de 2010	Reportagem	Informa que Irã se diz disposto a aceitar plano da ONU	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
148	09 de fevereiro de 2010	Reportagem	Informa que potências decretam fim de diálogo nuclear com o Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. França. Irã.	R P G / A N D / PGRN
149	11 de fevereiro de 2010	Reportagem	Informa sobre pesquisa de opinião com a população iraniana a respeito do programa nuclear do seu país.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
150	11 de fevereiro de 2010	Reportagem	Informa que EUA reforçam sanções unilaterais ao Irã	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Irã.	R P G / A N D / PGRN
151	04 de março de 2010	Reportagem	Informa que Brasil reage a pressão dos EUA sobre Irã	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Irã.	R P G / A N D / PGRN
152	06 de abril de 2010	Reportagem	Informa que o chanceler brasileiro Amorim rejeita arma atômica para o Brasil	Armas nucleares nos dias atuais. Brasil.	R P G / A N D / PGRN
153	12 de abril de 2010	Entrevista	Entrevista com Zbigniew Brzezinski sobre a questão nuclear.	Armas nucleares nos dias atuais.	ETR/AND/RDPL
154	03 de maio de 2010	Reportagem	Trata da conferência para revisão do Tratado de Não Proliferação Nuclear.	Armas nucleares nos dias atuais. Tratados internacionais.	RPG/AND/TINT

	DATA	TIPO	TEOR	TEMA	CÓDIGO
155	04 de maio de 2010	Reportagem	Trata da declaração dos EUA de que o seu arsenal atômico atual é de 5.113 ogivas.	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos.	ETR/AND/PGRN
156	18 de maio de 2010	Artigo	Trata das relações diplomáticas entre Brasil e Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã. Brasil.	ATG/AND/RDPL
157	11 de junho de 2010	Editorial	Trata das relações diplomáticas entre Brasil e Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã. Brasil.	EDT/AND/RDPL
158	08 de julho de 2010	Reportagem	Aborda o suposto elo nuclear entre EUA e Israel	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Israel.	R P G / A N D / PGRN
159	21 de agosto de 2010	Reportagem	Informa que o Irã inaugurou central de energia nuclear	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
160	07 de setembro de 2010	Reportagem	Informa que as sanções da ONU são inócuas contra Irã	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
161	28 de setembro de 2010	Reportagem	Informa sobre a realização de uma exposição a respeito das guerras ocorridas nos últimos 150 anos.	Bombardeio de Hiroshima e Nagasaki.	RPG/BHN/MMR
162	15 de outubro de 2010	Artigo	Trata do presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ATG/AND/RDPL
163	22 de novembro de 2010	Reportagem	Informa que a Coreia do Norte revelou uma instalação nuclear para enriquecimento de urânio.	Armas nucleares nos dias atuais. Coreia do Norte.	R P G / A N D / PGRN
164	30 de novembro de 2010	Reportagem	Trata de documentos secretos revelados pelo site Wikileaks relacionados ao programa nuclear iraniano.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
165	06 de dezembro de 2010	Reportagem	Informa que o Irã deu novo passo para alcançar autossuficiência em enriquecimento de urânio.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
166	05 de janeiro de 2011	Artigo	Sustenta que ações secretas aumentam pressão sobre regime iraniano.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ATG/AND/PGRN
167	11 de fevereiro de 2011	Reportagem	Informa que programa nuclear brasileiro coloca Argentina em alerta	Armas nucleares nos dias atuais. Brasil. Argentina.	R P G / A N D / PGRN
168	22 de fevereiro de 2011	Artigo	Breve comentário sobre o filme Dr. Fantástico, de Stanley Kubrick.	Armas nucleares nos dias atuais. Guerra Fria.	ATG/AND/GFR
169	09 de junho de 2011	Reportagem	Informa que Irã promete triplicar produção de urânio	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN

	DATA	TIPO	TEOR	TEMA	CÓDIGO
170	28 de julho de 2011	Reportagem	Trata do programa nuclear iraniano	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
171	23 de setembro de 2011	Reportagem	Trata da inclusão do filme Hiroshima, Mon Amour acompanhado de um livro sobre a obra do diretor numa coleção de filmes vendida pelo jornal.	Bombardeio de Hiroshima e Nagasaki.	RPG/BHN/MMR
172	16 de outubro de 2011	Reportagem	Informa que o presidente Barack Obama pressiona AIEA a revelar dados sigilosos sobre o Irã	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Irã.	R P G / A N D / PGRN
173	07 de novembro de 2011	Reportagem	Traz declarações do historiador Martin van Creveld sobre o programa nuclear iraniano.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
174	09 de novembro de 2011	Reportagem	Informa que relatório da AIEA indica que o Irã buscou desenvolver a bomba atômica.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
175	10 de novembro de 2011	Reportagem	Informa que o Irã acusa AIEA de servir aos EUA	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Irã.	R P G / A N D / PGRN
176	10 de novembro de 2011	Reportagem	Informa que especialistas divergem sobre que ações tomar em relação ao Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
177	12 de novembro de 2011	Artigo	Trata do programa nuclear iraniano.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ATG/AND/PGRN
178	12 de novembro de 2011	Artigo	Trata do programa nuclear iraniano.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ATG/AND/PGRN
179	12 de novembro de 2011	Editorial	Trata do programa nuclear iraniano.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	EDT/AND/PGRN
180	09 de dezembro de 2011	Reportagem	Informa sobre as declarações do Irã de que teria interceptado avião espião americano.	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Irã.	RPG/AND/RDPL
181	13 de dezembro de 2011	Reportagem	Trata do pedido de devolução por parte do governo americano de avião espião interceptado pelo Irã em seu espaço aéreo.	Armas nucleares nos dias atuais. Estados Unidos. Irã.	RPG/AND/RDPL
182	24 de janeiro de 2012	Reportagem	Informa que a Europa impôs embargo a petróleo do Irã	Armas nucleares nos dias atuais. Europa. Irã.	RPG/AND/RDPL
183	25 de janeiro de 2012	Editorial	Trata da instabilidade política decorrente do embargo ao petróleo iraniano por parte da Europa.	Armas nucleares nos dias atuais. Europa. Irã.	EDT/AND/RDPL

	DATA	TIPO	TEOR	TEMA	CÓDIGO
184	04 de fevereiro de 2012	Reportagem	Trata de declaração de líder supremo do Irã afirmando que Estado de Israel é um “câncer”	Armas nucleares nos dias atuais. Irã. Israel.	RPG/AND/RDPL
185	04 de março de 2012	Artigo	Trata do embargo econômico ao Irã	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ATG/AND/RDPL
186	09 de abril de 2012	Artigo	Publicado pelo jornal The New York Times, analisa o programa nuclear do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã. Estados Unidos.	ATG/AND/PGRN
187	26 de abril de 2012	Reportagem	Retirada do banco de dados do jornal, informa que há 50 anos os EUA retomaram a realização de testes nucleares, explodindo uma bomba no Pacífico	Armas nucleares nos dias atuais. Testes nucleares. Estados Unidos.	RPG/AND/TNCL
188	20 de maio de 2012	Reportagem	Relata a visita às instalações nucleares do Irã.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	R P G / A N D / PGRN
189	19 de junho de 2012	Reportagem	Informa que o Irã pede alívio das sanções econômicas.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	RPG/AND/RDPL
190	04 de julho de 2012	Reportagem	Informa que Irã faz teste de mísseis capazes de atingir Israel	Armas nucleares nos dias atuais. Irã. Israel.	RPG/AND/TNCL
191	18 de agosto de 2012	Reportagem	Trata de declaração do Irã afirmando que Israel é um ‘insulto à humanidade’	Armas nucleares nos dias atuais. Irã. Israel.	RPG/AND/RDPL
192	21 de agosto de 2012	Artigo	Trata do programa nuclear iraniano.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã.	ATG/AND/PGRN
193	11 de setembro de 2012	Reportagem	Informa sobre a morte de Kazumi Ogawa, sobrevivente de Nagasaki que residia no Brasil.	Bombardeio de Hiroshima e Nagasaki.	RPG/BHN/VTM
194	28 de setembro de 2012	Reportagem	Traz declarações de Binyamin Netanyahu, premiê israelense, na Assembleia-Geral da ONU a respeito do programa nuclear iraniano.	Armas nucleares nos dias atuais. Irã. Israel.	R P G / A N D / PGRN
195	10 de janeiro de 2013	Reportagem	Informa sobre a descoberta de nova foto da bomba de Hiroshima.	Bombardeio de Hiroshima e Nagasaki.	RPG/BHN/MMR
196	6 de fevereiro de 2013	Artigo	Trata do programa nuclear brasileiro.	Armas nucleares nos dias atuais. Brasil.	ATG/AND/PGRN
197	13 de fevereiro de 2013	Reportagem	Trata do terceiro teste de uma bomba atômica realizado pela Coreia do Norte	Armas nucleares nos dias atuais. Testes nucleares. Coreia do Norte.	RPG/AND/TNCL

	DATA	TIPO	TEOR	TEMA	CÓDIGO
198	14 de março de 2013	Editorial	Trata do programa nuclear da Coreia do Norte	Armas nucleares nos dias atuais. Coréia do Norte.	EDT/AND/PGRN